BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA
Série 5.ª ★ B R A S I L I A N A ★ Vol. 266-A

FRANCIS CASTELNAU

EXPEDIÇÃO ÀS REGIÕES CENTRAIS DA AMÉRICA DO SUL

Tradução de
OLIVÉRIO M. DE OLIVEIRA PINTO

TOMO II

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Exemplar Nº 0651

1949

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brasil

CAPITULO XV

VOLTA A GOIÁS PELO SERTÃO DOS XAVANTES.

A aldeia do Peixe fica distante da margem esquerda do Tocantins alguns tiros de espingarda. Suas casas, em número aproximado de setenta, acham-se espalhadas pelo campo, sem nenhuma ordem; toda a população não excede a umas 500 almas. Os habitantes vivem em extrema pobreza, mas nos pareceram bem dispostos. Há na povoação quatro ou cinco escravos, quando muito; o restante da população compõe-se de gente livre, da mais variada cor. Vivem todos do produto das plantações, sob o constante pavor de serem atacados pelos índios Canoeiros e Xavantes. Peixe não alcançou ainda o título de freguesia.

Armamos as nossas redes numa casa bastante espaçosa e limpa. E' nulo o comércio da aldeia, que tendo possuído outrora grandes embarcações na carreira do Pará, teve de suspender essas viagens em consequência dos selvagens. Apesar disso, pessoa empreendedora do lugar tinha em mente restabelecer aquele tráfico, por meio de um grande barco, que se construía no porto. As raras comunicações que esse miserável povoado tem com o mundo civilizado dependem dos barcos que sobem o Tocantins, até a Vila de Palma.

Pela *manhã* os *animais* passaram o rio com dificuldade, mas sem nenhum acidente; à tarde ocupei-me em contratar três guias, bem conhecedores do sertão por onde

íamos nos meter. Tínhamos como finda a nossa viagem, no que respeita aos perigos que devíamos correr. Entretanto, os filhos do lugar tinham sobre o assunto opinião muito diferente; constante terror lhes inspiravam as tribos inimigas e não se cansavam de dizer que o caminho por mim escolhido correspondia à divisa que separa as duas nações selvagens existentes na região, ou sejam as dos Xavantes e dos Canoeiros, e que, por conseguinte, estaríamos sempre expostos aos ataques dos guerreiros de ambas aquelas tribos. Os Canoeiros parece pertencerem à raça dos Bororos, afirmando-se que o nome a eles dado pelos brasileiros provém do hábito de estarem sempre navegando no rio com suas canoas, enquanto que os Xavantes sabem apenas construir balsas, para atravessar os rios. Encontramos muitas vezes, nas praias, construções deste gênero. Pertenciam a esta nação os índios que, trazidos para a região com o fim de ser aldeados, voltaram à vida selvagem, tornando-se inimigos dos civilizados, por falta de cuidados adequados por parte do governo e principalmente depois do desaparecimento das missões.

Todos os selvagens sacrificam sem piedade os prisioneiros; mas, entre os indígenas da América do Sul não se verifica geralmente o hábito de torturá-los antes de matar. Os Canoeiros, pelo contrário, a exemplo do que fazem os índios da América do Norte, sentem prazer em infligir tormentos às suas vítimas, sendo difícil imaginar-se o horrível espírito de invenção que revelam neste particular. Ora é uma mãe a que fazem devorar os miolos do próprio filho, ora é uma mulher que amarram à proa de uma canoa, fazendo-a alternativamente mergulhar e voltar à tona, num suplício que às vezes dura muitos dias. Também, embora esta tribo não seja antropófaga, é ainda mais temida do que os próprios Xavantes.

A 20, a chuva, que não tinha experimentado interrupção desde nossa estada no rio do Peixe, nos acompanhou

durante toda a jornada, que foi de quatro léguas. Se bem que o caminho fosse bom e plano como nos dias anteriores, tal era o estado de magreza de nossos animais, que tinham a aparência de estarem já exaustos de cansaço: era um começo bem triste para a viagem que tínhamos de fazer. A região continuava muito plana e apenas entrecortada, num ou noutro lugar, de trechos pantanosos. O terreno parece sempre de formação aluvial, mas em diversos pontos observam-se argilas. Reconhecemos também, em dois ou três lugares, cangas sotopostas a estas últimas e de aspecto igualmente argiloso. Acampamos perto de um pântano chamado Brejo das Canas. A paisagem era bastante pitoresca; a vista era limitada por um magnífico buritizal, de onde o nosso pessoal não tardou a arrancar as grandes palmas em leque, para construir uns sete ou oito ranchos à prova de chuva. Nesses campos, grande era a actividade da vegetação, não sendo isso devido sòmente às chuvas, mas também às queimadas feitas pouco tempo atrás. Entre outras plantas, havia uma grande quantidade de bonitas Malpiguiáceas de flores douradas e frutos vermelhos, várias Compostas de belas cambiantes róseas e purpurinas, Amarantáceas de capítulos prateados ou citrinos. Encontravam-se também em toda a região grande número de frutos silvestres; era aí abundante o caju (*Anacardium occidentale*), a cagaiteira, o puçá, a jabuticaba do campo, de polpa muito semelhante à do abricó europeu. Encontramos com muita frequência a mangabeira (*Hancornia speciosa*), cujo fruto açucarado só é bom depois que todo o leite se transformou num xarope transparente, e o piqui (*Caryocar brasiliense*), de fruto muito apreciado, apesar de o termos achado de sabor pouco agradável.

A 21, chegamos depois do meio-dia à fazenda de Santa Cruz dos Itãs, após três léguas e meia de marcha. Fomos aí muito bem recebidos pelo coronel Jubê, seu pro-

prietário. Esse velho é inglês, mas passou quase toda a sua vida no Brasil. As benfeitorias da fazenda eram constituídas de três casas pequenas, sòlidamente construídas de adobe e cobertas com telhas. Morava o coronel com um dos filhos, que era padre. Havia ao todo uns vinte habitantes nesse pequeno sítio, perdido em pleno sertão. Na antevéspera de nossa passagem, uma rapariga escrava tinha sido assassinada, à distância de um tiro de espingarda, pelos índios Canoeiros; ia a caminho da fonte, buscar água, quando a cercaram uns vinte daqueles selvagens, pintados de preto, ferindo-a a flechadas e acabando de matá-la a cacetadas. Os moradores da casa acudiram aos seus gritos, mas apenas chegaram a tempo de ver os índios em debandada, levando consigo as vestes da vítima. Desde então, nesta infeliz fazenda, os moradores a custo ousavam aparecer à porta de suas casas e ninguém se arriscava a ir à fonte sem escolta de homens armados. O coronel fizera muitas viagens pelo interior do Brasil; quando moço, tomara parte na talvez única expedição que subiu o Araguaia, com fins comerciais. Contou-nos que esta viagem tinha sido feita com uma embarcação de mais de 60 palmos de comprimento e capaz de transportar três mil arrobas de mercadoria. Só a subida do Araguaia havia exigido quatorze meses. À noite mostrou-me o coronel algumas das flechas retiradas do corpo da moça; tinham menos de 1 metro de comprimento, sendo por conseguinte muito mais curtas do que as que até então tínhamos visto.

A formação geológica é sempre um terreno de aluvião, superposto provàvelmente ao gnaisse, visto como esta rocha aparece no leito do rio de Santa Teresa, cuja largura é de 25 metros no ponto em que o atravessamos a vau. Este rio tinha uma profundidade apenas de 38 centímetros; entre ele e a fazenda dos Itãs foram vistos muitos fragmentos de canga, prismáticos e empastados.

Obtivemos do coronel as seguintes informações sobre a geografia deste sertão. O ribeirão dos Passos desemboca no córrego da Porteira e este no rio de Santa Teresa, que, por seu turno, desagua na margem esquerda do Tocantins, quatro léguas abaixo da aldeia de Peixe. Num morro situado cerca de uma légua a leste da fazenda do Pau a Pique e a pequena distância de Amaro Leite é que ficam as nascentes dos rios Santa Teresa e do Ouro.

Era na fazenda dos Picos, situada cinco léguas a leste do Descoberto e hoje abandonada, que em outros tempos se embarcava para descer o rio Santa Teresa, e chegar ao Tocantins.

O rio Cana Brava, que despeja no Santa Teresa a um meio quarto de légua dos Itás, nasce num outeiro chamado Morro Pintado, o qual está situado oito léguas a oeste-sudeste da referida fazenda. Contam os índios que cerca de seis léguas a oeste desse lugar há um morro que ronca continuamente, lançando às vezes jactos de fogo. A existência de um vulcão em tais circunstâncias seria facto muito extraordinário; no entanto, diz Cunha Matos (*Itinerário*, t. II, p. 314) que os índios lhe garantiram a existência de uma *montanha flamívoma, próximo às nascentes do Araguaia.* Os terremotos acompanham quase sempre os vulcões, mas são completamente desconhecidos nessas regiões centrais do Brasil.

Da fazenda do coronel, distante umas quatro léguas a sudeste, vê-se a cadeia de São Miguel, cuja direcção parece ser de este-nordeste para oeste-sudoeste; esta serra é segundo dizem, a morada habitual dos ferozes Canoeiros

O ponto em que o Tocantins fica mais próximo da fazenda de Santa Cruz dos Itás está cerca de seis léguas a sudeste.

No dia 22 prosseguimos em nossa marcha através do imenso sertão que se estendia à nossa frente. Tal era o

estado de nossas cavalgaduras que éramos forçados a fazer grande parte do caminho a pé. Passamos a vau o rio Cana Brava, fazendo cinco léguas e meia para chegar ao pouso chamado Tucuma, onde acampamos. Na primeira metade deste trajecto, encontramos cangas e seixos de gnaisse em grande quantidade; mas na segunda apareceram os gnaisses graníticos, que formam também, muito provàvelmente, a serra de São Miguel.

A 23 fizemos três léguas e meia, sempre através de campos cuja vegetação a muito custo nos abrigava dos ardentes raios do sol. A formação, a princípio inteiramente de gnaisse, não tardou que apenas mostrasse a descoberto as cangas de grossos fragmentos prismáticos, dispostos em massas arredondadas, sobre os cômoros que acidentavam a estrada. Por fim, nos últimos contrafortes da cadeia de São Miguel, por nós transposta, vimos aparecer o granito.

A 24 fizemos uma penosa caminhada através da serra de São Miguel, também conhecida como dos Canoeiros. Essas colinas, conquanto pouco elevadas, são de acesso difícil, por causa da falta de caminhos. Afora isso, a paisagem era das mais pitorescas, como nos dias precedentes, e a caça abundante. Diversos veados tinham sido já mortos pelos nossos caçadores, quando esbarramos sùbitamente com um bando de uma centena de porcos-do-mato, no fundo de uma profunda grota. Todos, tropeiros e soldados, pegaram instantâneamente as espingardas, deixando entregues a si mesmas as mulas, que começaram a se deitar ou a pastar, nas mais diferentes direcções. Todo o vale reboou sob os tiros, dos quais resultou a morte de dois ou três daqueles porcos selvagens.

Meu pequeno Catama depressa se acostumou à vida de viajante. Quando ele viu um cavalo pela primeira vez, dera gritos de pavor; mas não tardou a achar bem mais cómodo percorrer o sertão à custa das pernas destes ani-

mais do que com as suas próprias, tornando-se óptimo cavaleiro. Certo dia, nestas mesmas solidões, a pobre criança correu grave perigo. Ao atravessar uma mata muito fechada, o soldado da vanguarda avistou um índio escondido por entre a folhagem; sendo tomado por um espião, dez espingardas apontaram imediatamente contra ele e só por felicidade o soldado Patriarca reconheceu o pequeno Catama, que acudiu muito lampeiro, rindo-se, dizia ele, do medo que nos havia causado.

Fizemos cinco léguas e meia no dia 24. Na primeira parte do trajecto o caminho passa apertado entre duas cadeias de morros de granito, as quais, aproximando-se cada vez mais, acabam por formar a estreita garganta de que anteriormente falamos e cuja direcção é francamente para oeste. O terreno era, até aí, coberto de detritos de quartzito e de granito mais micáceo. Todos os rios que atravessamos eram afluentes do Santa Teresa; mas, desde a saída da garganta, todos quantos passamos, até o arraial do Descoberto, derramam no rio Cana Brava. Na última parte da viagem foi-nos dado observar massas enormes de pedras cangas, de forma arredondada e dando a impressão de um derrame sobre a superfície do granito. A direcção geral da estrada parece aproximadamente paralela às do Cana Brava, que corria a pequena distância.

No dia 25, continuamos a nossa marcha através do sertão. Foi com indescritível alegria que encontramos neste trajecto lindos bosquetes de laranjeiras, carregadas de excelentes frutos, aos quais nos atiramos àvidamente, para matar a ardente sede ocasionada pela soalheira excessiva. Entretanto, a estes legados de uma passada civilização, associavam-se os indícios de tristes acontecimentos, pois, mais de uma vez, encontramos ruínas de velhas moradias e de sítios, até agora enegrecidos pelos incêndios. Esqueletos mutilados ainda se achavam às vezes no meio daqueles destroços, indicando ao viajante que por ali havia passado a

pesada borduna dos Canoeiros. A cada passo, detinham-se os nossos guias, para nos contar a história de factos espantosos, e era com mudo respeito, a desfiar as contas dos rosários, que ouviam os gritos sinistros das aves nocturnas, garantindo-nos *provirem eles das almas dos que foram* massacrados nestes lugares. Os índios nossos amigos narraram-nos também casos tenebrosos. Certo dia, mostrou-nos o velho chefe Xavante umas pedras, pretas ainda pela acção da fumaça, contando-nos que, muitos anos atrás, tinha tomado parte numa expedição contra os Canoeiros comandada por um seu tio, e que nessa ocasião haviam queimado em fogo lento, amarrando-os uns aos outros, três prisioneiros, entre os quais uma rapariga moça. Desatava o índio em grandes gargalhadas, imitando os gritos daqueles desgraçados e as súplicas da moça. Nesse dia 25, apesar da chuva incessante, matamos diversos veados. O percurso foi de cinco léguas, mas nada de interessante acrescentou-se ao já observado na véspera, no que respeita à formação geológica.

Nas cinco e meia léguas de jornada feitas no dia 26, a canga nos apareceu por vezes em placas, mas, na generalidade dos casos, conservava as formas arredondadas verificadas nos dias anteriores. O caminho era entrecortado de morros, que tornavam a marcha bastante penosa. Próximo ao acampamento, observamos grandes blocos de granito, de superfície arredondada. Consoante nosso costume, tínhamos armado as nossas barracas perto de um córrego; mas não tardou que as sentinelas avistassem uma enorme coluna de fogo avançando em nossa direcção, tangida pelo vento. Era um estranho espectáculo o desta extensa língua de fogo e fumaça que marchava através da planície com medonha rapidez; os nossos animais, espavoridos, afluíam para o campo, correndo de todos os lados. Poderíamos, em poucos instantes, assistir à destruição de todo o nosso material e corrermos nós próprios o mais sério

perigo. Em tais circunstâncias era mister agir com a máxima presteza; tratamos de atear logo fogo ao capim que havia em volta de nós, apagando depois as labaredas com o auxílio de galhos molhados na água do riacho, de modo a descobrir uma área suficiente de chão, em frente do acampamento. Custou-nos isso alguns arranhões. Pouco depois, a uns vinte passos de nós, assistíamos ao encontro das duas colunas de fogo, que agora unidas retomavam a sua marcha célere, de maneira a circunscrever em torno de nós um oásis, levando a desolação para os campos distantes. Aos clarões desse incêndio sucedeu profunda obscuridade; mas, por muito tempo ainda acompanhamos com a vista o clarão da queimada, até que ele se sumisse no horizonte esbraseado.

Seis léguas de marcha em caminho bastante acidentado nos levaram, a 27, ao arraial do Descoberto. Começávamos a passar os contrafortes mais orientais da serra de Dona Luísa, nome pelo qual os moradores de Descoberto conhecem a cadeia que separa os afluentes do Araguaia dos do rio Tocantins. A oeste desta serra avista-se uma outra, chamada na zona Serra Azul e também pertencente ao sistema divisório das águas daqueles dois rios. E' no alto do espigão chamado dos Picos que se avista o começo da serra de Dona Luísa; para trás desta, a umas dez léguas do caminho, fica a Serra Azul. São, com toda certeza, as elevações destas serras que, com várias depressões, constituem toda a região chamada Entre-Rios, ou seja a península limitada pelos dois grandes cursos d'água. Em toda essa região o solo é formado, com segurança, pelo granito sotoposto às cangas, as quais, ordinàriamente, se mostram na superfície. Já havia várias horas que estávamos na aldeia e dois dos companheiros não tinham ainda chegado. Ao se aproximar a noite, como aumentasse muito a preocupação que isso me vinha causando, mandei ao

seu encalço alguns homens armados. Entretanto, dificuldades reais vieram se oferecer contra esta decisão, a principal sendo o grande cansaço dos nossos homens. Não foi coisa fácil convencê-los a entrar sob a escuridão da noite naquelas temidas solidões. Por felicidade, porém, os retardatários foram encontrados depois de pouco tempo de procura. Havendo as suas montarias se negado a ir mais para frente, tinham-se conformado em passar a noite ao relento e tiritando de frio, pois o medo dos índios não lhes permitia acender uma fogueira. À voz dos nossos cães, viram afinal que não se achavam tão longe dos companheiros, podendo então contar com uma noite bem menos desagradável do que a que lhes parecia estar reservada.

Passamos o dia seguinte em Descoberto, ocupando-nos na determinação de sua posição geográfica. Esta mísera povoação compõe-se de umas quinze ou dezoito casas, habitadas por cerca de sessenta indivíduos. Em outros tempos ela foi muito maior; mas, actualmente sua população está sempre decrescendo, em consequência do abandono das minas e, principalmente, do medo dos selvagens, que à noite chegam até às ruas do povoado. O lugarejo teve origem na descoberta de uma mina de ouro, metal que se encontra por toda parte no local, à superfície mesmo do solo, de mistura com uma terra formada dos detritos de rochas antigas, como o quartzo, a mica, o feldspato decomposto, etc. A esta espécie de cascalho dá-se na zona o nome de gorgulho; ele é encontrado debaixo de uma camada de terra vegetal de cerca de 16 centímetros de espessura e não tem também, ele próprio, mais do que isto de profundidade. Afirmaram-nos os moradores da terra que não é propriamente no gorgulho que o ouro é encontrado, mas na pasta a ele associada. O metal é encontrado também na terra sotoposta a essa camada, porém em menor quantidade; essa terra, aliás, afigurou-se-me da mesma natureza do gorgulho pròpriamente dito. Lava-se a princípio

a terra aurífera em pequenos *regos* cavados na superfície do chão, e depois concentra-se o ouro em grandes bateias. Nos arredores da cidade cresce abundantemente a bela Anona, que produz a fruta-do-conde, de polpa saborosa e semelhante a um excelente creme. Conseguimos também aqui novos guias e três bons cavalos.

O dia 29 se passou também na travessia do sertão deserto, onde continuamos a encontrar viçosos grupos de laranjeiras, restos da antiga prosperidade da região. No trecho inicial da jornada a formação geológica era a mesma dos arredores de Descoberto, a saber, detritos de terrenos antigos, dispostos em camadas arenáceas auríferas; não tardou, porém que aparecessem cangas, principalmente nos pontos eminentes; finalmente, na última parte do trajecto, apareceu a descoberto o granito. E' evidente que esta rocha existe em toda a região, mas em plano profundo e oculta sob as formações superiores. Transpusemos o leito seco do rio do Ouro, que desemboca no Santa Teresa, cinco léguas a leste de Descoberto, depois de receber o córrego do Areião. O riacho de Descoberto, também chamado das Laginhas, despeja no rio Cana Brava. No fim do percurso, que foi de quatro léguas e meia, vimos aparecer, a leste da estrada, a serra do Campo. A noite desabou temporal muito forte.

Em 30, fizemos cinco léguas e meia, encontrando ao longo de pouco mais de metade do trajecto os granitos a nu; apareceram depois as cangas, que se apoiam, com toda certeza, sobre essa rocha. Todas as águas atravessadas neste trecho correm para o rio do Ouro, que faz uma volta, a oeste da estrada. Ladeava o caminho, durante légua e meia, uma cadeia de montes chamada serra do Campo. Depois que esta ficara para trás, surgiu a leste da estrada, e a maior distância, a serra de Santa Teresa, que é bem mais importante do que a primeira e dá nascimento aos rios

Santa Teresa e do Ouro, ambos pertencentes à sua vertente ocidental, mas situados, aquele a leste, e este a oeste do caminho. Durante o trajecto os caçadores mataram uma grande anta, que pastava o capim tenro de um pasto recentemente queimado.

No dia 1.º de Outubro, até perto de Amaro Leite, a formação só nos apresentava cangas. Depois reapareceram os gnaisses, a princípio no rio Lambari, que é um afluente do Ouro e pode ser até considerado uma de suas nascentes, mais tarde nas imediações mesmas do arraial, onde aos gnaisses vêm juntar-se terrenos auríferos. O ribeirão dos Algodoeiros lança-se no rio do Ouro, o de Santo Antônio no Lambari, bem como o córrego da Estiva; o ribeirão do Baú corre para o de Amaro Leite, enquanto três ou quatro riachos que se atravessam entre Algodoeiros e Santo Antônio, devem ser, provàvelmente, afluentes de um ou outro destes dois rios. Chegamos ao arraial pouco depois do meio-dia. A região que acabávamos de percorrer era das mais belas e de ordinário muito pitoresca a maneira pela qual os córregos há pouco citados corriam nas suas virentes barrocas. Fomos acomodados numa casa grande, mas vazia, como todas nestes sertões; todavia, sua cobertura de telhas foi tanto mais apreciada por nós quanto tivemos uma noite muito chuvosa. Passamos dois dias nessa povoação, com a ideia de lhe determinar com exatidão a posição geográfica; este trabalho, porém, foi muito embaraçado pelo mau tempo, o céu tendo estado sempre coberto de nuvens pesadas. O povoado de Amaro Leite, como o de Descoberto, foi fundado pelos catadores de ouro; actualmente está quase completamente abandonado, em virtude dos ataques dos índios Canoeiros. Habitam-no ainda uns cem moradores, todos atacados de bócio e distribuídos pelo que ainda resta das trinta casas a princípio existentes. A exploração tem aqui por objecto um veio quartzoso quase vertical, incluso nos gnaisses argilosos. Nos pontos em que

nos foi possível observar este filão (que os mineradores chamam *a linha*), ele nos pareceu correr aproximadamente na direcção norte-sul, ou, mais precisamente, nor-nordeste para su-sudoeste. O veio tinha de espessura 20 a 22 centímetros e sua inclinação, conforme medimos, era de 72 graus sobre a horizontal, com mergulho para oeste. E' explorado dentro do próprio arraial, acreditando os trabalhadores que ele é tanto mais produtivo quanto mais da vertical se aproxima a sua direcção. Às vezes, dizem, mostra-se muito rico. Na construção dos alicerces das casas, usam-se no povoado duas espécies de pedra; uma é constituída de um xisto talcoso verde, a outra é um gnaisse muito duro. Os habitantes vivem na mais extrema pobreza, facto comum em quase todos os distritos em que se pratica a extracção dos metais preciosos. Houve outrora no lugar um homem possuidor de alguns recursos, mas como tivesse também a seu cargo a arrecadação dos impostos, assassinaram-no. E' mais do que provável que este miserável povoado desaparecerá dentro de pouco tempo sob as flechas dos Canoeiros ou o tacape dos Xavantes. A única moeda corrente na terra é o ouro em pó; aí compramos uma vaca pela soma irrisória de 5.000 réis (menos de 15 francos).

A 4 deixamos Amaro Leite; fizemos cerca de quatro léguas, em terreno muito montanhoso e através de caminho péssimo, obstruído de seixos. A tropa estava nas piores condições, não poucas vezes nos sendo necessário fazer uma parte das marchas a pé, não só por causa da fraqueza dos animais, como para poder transportar os nossos doentes, cujo número era grande. A formação geral é o gnaisse, sobre o qual apoiam os micaxistos, por sua vez cobertos pelas cangas. Estas são em geral as únicas rochas que se podem ver durante grande parte do percurso. Transpusemos este dia o divisor das águas entre o Tocantins e o Araguaia, pois o córrego do Buriti é um tributá-

rio do Tocantins por intermédio do ribeirão Amaro Leite, do Lambari, do rio do Ouro e do Santa Teresa, enquanto que, do outro lado, o ribeirão dos Poções corre para o Araguaia, através do ribeirão das Formigas, do rio dos Bois e do Crixás-Açu.

O rio dos Bois tem na última porção de seu curso o nome de Poço Falso, que corresponde justamente ao ponto em que ele se torna susceptível de navegação em canoas pequenas. Fica este ponto sete ou oito léguas ao sul do sítio da Cachoeira, em cujas proximidades tem ele as suas nascentes. E' pelo rio dos Bois que os habitantes de Amaro Leite chegam a Salinas, desembarcando em Carolina ou em Cana Brava.

O ribeirão de Amaro Leite e o Lambari são os formadores do rio do Ouro; o Jucuba é um dos afluentes do *rio das Formigas.*

À direita e à esquerda da estrada correm cadeias de montanhas; a da esquerda fica mais próxima e dirige-se de nordeste para sudoeste. Toma esta serra o nome da fazenda Cachoeira, onde pernoitamos, e contém as nascentes do rio dos Bois. A partir deste ponto, até a cidade de Goiás, todos os cursos d'água que se atravessam correm para o alto Araguaia.

As chuvas que caíam copiosamente desde alguns dias fizeram aparecer grande quantidade de coleópteros, facultando-nos, pela primeira vez no Brasil, coleccionar numerosas espécies destes lindos animais, na sua maioria pertencentes à tribo dos *Chrysomelinae.* Achamos também algumas magníficas clorimas (*Chlorima*) e bonitas ripíceras (*Rhipicera*) azuis e verdes. *As cigarras, durante o dia,* nos azoinavam os ouvidos com o seu canto estridente e os insectos luminosos, de sua parte, cintilavam na escuridão com um brilho extraordinário. Pertenciam estes últimos

ao gênero *Elater*, de que algumas espécies atingem considerável tamanho e produzem uma luminescência capaz de permitir, numa noite escura, a leitura de uma página escrita na mais miúda letra. A luz lhes vem de dois pequenos faróis arredondados existentes na parte superior do corselete, um de cada lado; entretanto, pudemos certificar-nos de que há um outro órgão luminoso, situado este no primeiro artículo do abdome, como se fosse um diafragma. Só destacando o abdome do tórax é possível vê-lo distintamente; vê-se então que ele conserva a sua propriedade luminosa até a morte do insecto, persistindo ainda durante algum tempo. Essa luz é, por assim dizer, intermitente, pois que às vezes cessa completamente; sua cor é variável, mas há ocasiões em que é quase vermelha. Esses insectos circulam no ar como fogos fátuos, emprestando brilho extraordinário às noites tropicais. Em certos lugares as mulheres enfeitam com eles os cabelos.

A 5 fizemos cinco léguas, através de caminhos coalhados de seixos, que tornavam a marcha muito difícil. Transpusemos o leito do rio dos Bois, num ponto em que ele estava inteiramente seco. Grande foi o desapontamento que isso nos causou, pois fazia calor insuportável e estávamos contando com a sua água para matar a sede. Os nossos índios puseram-se então pela mata, à procura de uma curiosa planta, a que chamam *cipó d'água*. Cortando este cipó em pedaços, destes escorre grande quantidade de água perfeitamente límpida. O líquido procede dos grossos vasos existentes no lenho e fáccis de reconhecer num corte transversal; é tão fácil fazê-lo sair por uma ponta da haste cortada, como pela outra. Todos os córregos que atravessamos em nosso trajecto são afluentes do rio dos Bois. O que se vê nas terras da própria fazenda da Cachoeira ou dos Bois é o gnaisse de granulação muito fina, fazendo transição para os micaxistos folhetados e muito solevados pelos granitos da cadeia de montanhas em cujo sopé fica

a fazenda. E' nesta serra que o rio dos Bois tem as suas cabeceiras. Os gnaisses, a que há pouco nos referimos, acham-se em posição quase vertical, em consequência do solevamento do terreno; eles mergulham para oeste. No curso da jornada, observamos por várias vezes cangas superficiais, abaixo das quais se acham provàvelmente os gnaisses, que passam aos micaxistos acima referidos, supostos ao gnaisse e por sua vez apoiados sobre o granito. Fizemos pouso na fazenda do Genipapo.

A 6 fizemos uma tirada de seis léguas, debaixo de um sol causticante, que todavia não nos impediu de admirar a grande beleza da paisagem; a cada momento atravessávamos lindos capões de mata virgem banhados por límpidos regatos, afluentes todos do rio dos Bois, exceptuado apenas o último, que se chama ribeirão do Magalhães e corre para o rio Vermelho do Pilar, tributário do Crixás-Açu. Coligimos perto da fazenda do Genipapo duas variedades de granito, provenientes de um mesmo bloco arredondado que emergia do solo. Estas duas variedades são evidentemente o produto de uma "liquação". Durante todo o trajecto as cangas foram a formação predominante, especialmente nos espigões e suas encostas. Observamos também gnaisses e micaxistos de diferentes espécies, solevados pelo granito. Às três da tarde chegamos a fazenda do Rio do Peixe. O Sr. Weddell, tendo ouvido dizer que o dono da casa costumava extrair vinagre de um coqueirinho existente nos arredores, saiu à procura desta palmeira, que acabou encontrando na beira de um riacho, situado a um quarto de légua. Produz este coqueiro frutos vermelhos, cor de vinho, e pertence ao gênero *Bactris*; sua denominação vulgar é *coqueiro de vinagre*. Contou-nos a gente do sítio que os Xavantes tinham vindo muitas vezes, ao som de suas trompas, dançar em frente à casa, durante a noite; mas que nunca se haviam mostrado hostis. Uma

ocasião tiveram a ideia de enfeitar toda a casa com galhos de árvores, indo-se embora depois dessa brincadeira, com grandes risadas.

No dia 7 a caminhada foi de quatro léguas, através de chão muito acidentado, onde, como no dia anterior, se viam gnaisses e micaxistos solevados pelo granito subjacente e cobertos pela canga, na superfície. Todos os cursos d'água transpostos durante o trajecto correm para o Araguaia, por intermédio do rio Vermelho do Fundão, chamado também do Sertão. Os rios do Peixe e o Taquara-Uaçu desembocam directamente neste último, após terem recebido as águas dos outros rios. Acampamos no lugar de uma recente queimada. Não havia dúvida de que nos achávamos nos contrafortes menos elevados da Serra dos Xavantes, que divide as águas do Maranhão das do Araguaia. Todos os ribeiros atravessados agora pelo caminho lançam-se no rio Vermelho do Sertão, cujas cabeceiras ficam na Serra de Pilar, assim como as do rio Vermelho de Pilar, que é necessário não confundir com o primeiro, pois enquanto o chamado do Sertão corre para o Araguaia por intermédio do Crixás-Açu, o outro se dirige para leste, em demanda do rio Maranhão, por intermédio do rio das Almas. De resto, as nascentes de cada um deles ficam situadas nas vertentes opostas da Serra de Pilar. Estas montanhas, cuja altura pode chegar a 300 metros, são formadas de uma espécie de itacolumito, com veios de gnaisse muito ricos em talco. A formação nos apresenta constantemente cangas superficiais e gnaisses talcosos. Um quarto de légua antes de chegar a Pilar passamos sob as ruínas de um grande aqueduto, outrora utilizado no transporte da água necessária à lavagem do ouro. Todas as colinas trazem ainda os vestígios das velhas escavações. A cidade, que é uma das mais antigas da província, perdeu hoje quase completamente o seu esplendor primitivo. Na-

da mais agradável e pitoresco do que a sua posição, entre morros cobertos de mata virgem.

Acabávamos apenas de entrar na cidade quando caiu uma de nossas mulas cargueiras, morta de cansaço; já nos acostumáramos, aliás, com os acidentes desta natureza. Paramos um dia nesse lugar, onde as febres estavam grassando com grande intensidade, embora não fizessem número muito grande de vítimas. Pilar possuiu outrora uma população de cinco mil habitantes livres e nove mil escravos; hoje, porém, não deve contar mais de mil e quinhentos habitantes. A cidade é muito bem edificada; as paredes das casas são de pedra e a cobertura de telha; algumas possuem um andar, além do térreo, mas as melhores se acham em ruínas. Nas janelas, em lugar de vidro, usa-se o mica-xisto de Trairas. As igrejas, em número de quatro, ocupam outras tantas elevações, que dominam a cidade. A catedral, ou matriz, é uma das mais belas da província; possui três sinos de bronze, fundidos nas vizinhanças, em épocas passadas. E' ela muito rica em ornamentos de ouro e prata, tendo chamado principalmente nossa atenção um enorme candelabro, suspenso em frente ao altar-mor. Numa das capelas vêem-se os crânios usados para ornar os catafalcos nas grandes cerimónias fúnebres.

As lavagens do ouro, que noutros tempos deram tão grande importância à cidade, estão hoje quase todas abandonadas. As escavações são em geral praticadas na terra vermelha que reveste o cabeço dos morros; mas, lavando-se a terra dos próprios jardins da cidade, pode-se em algumas horas retirar uma quantidade de ouro bastante apreciável (o equivalente a uma ou duas patacas, a pataca valendo aproximadamente 1 franco).

No dia 10, a perda de vários animais atrasou nossa partida até altas horas do dia; por isso, só fizemos duas léguas e meia, indo acampar na Fazenda Vieira, pequeno

sítio localizado em u'a mata fechada, e pertencente a um preto velho de Angola, conhecido na terra pelo nome de Mateus da Costa. Esta fazenda não fica situada no trajecto da estrada, mas um pouco à sua direita. O caminho era muito acidentado, tendo sido necessário galgar novamente a Serra do Pilar, que tendo uma direcção quase exactamente norte-sul, é cortada pela estrada no sentido aproximado de oeste-sudoeste. A serra serve de divisor entre os afluentes do Araguaia e os do rio Tocantins. A formação visível é o itacolumito, e o gnaisse talcoso, ou o talcoxisto folhado, com a aparência de solevamento pelo granito subjacente.

Os regatos que se transpõem até o ponto mais alto do caminho lançam-se no rio Vermelho de Pilar, o qual, como já informamos atrás, corre para o Tocantins por intermédio do rio das Almas, ao passo que os encontrados depois daquele ponto são tributários do Araguaia, por intermédio do rio Vermelho do Sertão e do Crixás-Açu.

A 11, vencendo enormes dificuldades, fizemos a viagem de Pilar a Carretão; foi preciso transpor uma série contínua de degraus no solo granítico, cuja aspereza era apenas suavizada pela beleza das matas virgens que o vestem nesta região. Nas cinco léguas e meia de trajecto feito, a formação era constituída de xistos talcosos vermelhos, e mais ou menos argilosos. Passamos de novo, ao meio-dia, o espigão divisor entre o Tocantins e o Araguaia. Todas as águas que atravessamos na primeira parte do trajecto correm para o Araguaia, por intermédio do Crixás; as encontradas na segunda dirigem-se todas para o rio das Almas, que é um dos formadores do rio Tocantins. Acampamos mais ou menos uma légua adiante de um sítio cujo dono nos presenteara com algumas canas-de-açúcar. No dia seguinte fizemos ainda uma caminhada de sete léguas, por uma estrada muito ruim, cheia de sufidas e cercada

de formidáveis rochedos. A estrada seguia uma série de morros subordinados à cadeia que separa o Tocantins do Araguaia. Nessa região o solo é formado de talcoxisto vermelho e, em certos lugares, de xistos mais argilosos. As águas atravessadas durante o percurso afluem para o rio das Almas, que as leva para o Tocantins; algumas chegam ao primeiro por intermédio do rio Carretão, que banha a aldeia deste nome, aonde chegamos ao cair da tarde. Os índios que levávamos conosco foram recebidos com alegria pelos companheiros, repartindo logo com estes seus amigos os panos de chita comprados em Porto Imperial.

Nesse povoado, como em todo norte de Goiás, a moeda de cobre é muito procurada, ao passo que as de prata e de ouro são recebidas com grande desconfiança e acentuada perda. A oitava de ouro em pó vale aqui 3.200 réis, ou sejam mais ou menos 8 fr. 50. Prosseguimos nossa viagem para a capital pelo mesmo caminho seguido anteriormente. Na noite do dia 15, nas proximidades do sítio do Água Limpa, observamos em pleno campo um vulto luminoso que nos despertou intensa curiosidade. Aproximando-nos dele, verificamos tratar-se de um ninho de cupim, do qual saía uma quantidade de pequenos focos luminosos. O fenómeno é produzido por uma infinidade de larvazinhas fosforescentes que prontamente se refugiavam em suas galerias quando se tentava segurá-las.

A 17 estávamos novamente de entrada em Goiás, onde nos recebeu o presidente com a sua habitual hospitalidade; dele recebi uma prova de consideração que nunca mais hei de esquecer: o inteiro perdão para o desertor Simão, que eu levava em minha companhia.

Durante minha estada no Rio, alguns descontentes da província assinaram uma violenta diatribe contra Dom José, reclamando a sua destituição. Como fosse porém o único deputado por Goiás presente à sessão da Câmara, a ele

próprio coube informá-la, o que fez em vibrante apostila, como homem inteligente que era. Pouco tempo depois foi chamado a exercer o cargo de Desembargador, um dos postos de maior relevo na magistratura do Brasil.

Durante nossa ausência, a cidade de Goiás tinha sido devastada por uma epidemia, que grassava também em todo Brasil central. Tomavam-na muitos por uma pneumonia; outros supunham-na com os caracteres da gastrite e da pleurisia. Fosse o que fosse, já bem grande tinha sido o número de suas vítimas. Não demorou sermos procurados pelos velhos amigos, que nos felicitaram cordialmente pelo êxito feliz de nossa expedição.

CAPITULO XVI

HISTÓRIA DE GOIÁS. — DIFICULDADES DA NAVEGAÇÃO NOS RIOS TOCANTINS E ARAGUAIA.

Acabávamos de percorrer, em menos de cinco meses, os lados do imenso triângulo formado pela junção dos dois grandes rios que banham a província de Goiás. Agora pretendo entrar em alguns pormenores da história do descobrimento desses rios, falar sobre as dificuldades apresentadas pela sua navegação e, finalmente, discutir os melhores meios para vencer estes obstáculos.

O "Araguay", Araguaia, ou Araragoa, foi descoberto no decurso de uma expedição enviada por Bernardo Pereira de Berredo, capitão geral do Pará e do Maranhão. Foram feitas várias tentativas à mão armada de penetração através do rio, por expedições vindas de Goiás ou de Mato Grosso, interessadas na captura e cativeiro dos índios; todavia, impelia também esses aventureiros a esperança de fazer grandes descobertas em metais preciosos. Só em 1791 é que, por ordem do capitão geral Tristão da Cunha, desceu o rio uma expedição comercial, sob o comando do capitão Tomás de Sousa Vila Real. Tendo embarcado no rio do Peixe, a pouca distância do arraial de Santa Rita, só à custa de enormes sacrifícios chegou ao Pará, onde iria receber o inaudito tratamento a que antes

nos referimos, não lhe sendo necessários menos de três anos de riscos e fadigas para chegar de volta a Goiás. Pela mesma época fizeram-se outras expedições, utilizando os rios Vermelho, do Peixe, das Tesouras e Crixás. Houve uma que partiu do Porto Rio Grande, estabelecimento fundado à margem da rota para Cuiabá, por ordem do general Fernando Delgado Freire de Castilho. A partir deste ponto o Araguaia é navegável em qualquer estação do ano; *quanto aos seus tributários, há pouco mencionados*, a navegação só é possível neles durante a estação chuvosa. Em todas estas expedições as más condições climáticas acarretaram muitos sofrimentos, ocorrendo muitas mortes por doença.

Em 1774, o capitão geral José de Almeida e Vasconcelos enviou o ouvidor António José Cabral d'Almeida para fundar um aldeamento na Ilhã do Bananal. Deram ao posto, cuja situação era no furo da direita do Araguaia, o nome de Nova Beira, em substituição à primitiva denominação de "*Angeja*", procurando desenvolver nele a agricultura. Era moda conferir nomes europeus a aldeamentos habitados exclusivamente pelos selvagens; daí a nomenclatura extravagante dos pretensos estabelecimentos encontrados nas velhas cartas portuguesas e ainda hoje reproduzidos nas modernas. Assim é que os três aldeamentos dos Xambioás receberam os nomes de *Bento*, *Almeida* e *Semancelho*.

Antigos moradores de Angeja falam de um grande lago que existiria no interior da ilha. O posto foi abandonado ao cabo de alguns anos, quando com ele já se haviam feito grandes despesas. Não obstante, em 1811, foram levados para lá alguns índios Bororos da aldeia de Pedras; parece, porém, que eles não tardaram muito a ir engrossar os bandos dos Canoeiros. O capitão geral Fernando Delgado, a que me referi antes, havia fundado sobre o Araguaia o presídio de Santa Maria, junto à cachoei-

ra do mesmo nome; este posto foi porém atacado em 1813 pelos índios Carajais e Xambioás, que dele se apoderaram, praticando horrível morticínio. A mulher do comandante Francisco de Barros, tendo presenciado a matança da maioria dos soldados, tomou os dois filhos nos braços e foi com o auxílio de uma canoa, em busca de seu marido, que os selvagens haviam arremessado no rio, depois de o haverem feito desfalecer a cacetadas. Conseguiu ela agarrá-lo pelos cabelos com uma das mãos e com a outra governar a canoa. Escondendo-se por entre as plantas aquáticas, essa corajosa mulher esperou a escuridão da noite, para subir o rio contra a corrente. Mataram-lhe a filha nos braços, mas salvaram-se com ela o marido e o filho, que é hoje o major Pacífico António Xavier de Barros, comandante das armas em Goiás, onde vim a conhecê-lo. Por esse mesmo tempo atacaram os selvagens algumas canoas na parte baixa do rio, exterminando em seguida as tripulações. Todos estes desastres tiveram origem no fuzilamento de vários índios Xambioás pelo comandante do forte de São Leão. Desde então o rio não mais foi frequentado pelos cristãos, a nós tendo cabido a satisfação de abri-lo novamente aos viajantes.

Passemos agora ao Tocantins. E' aos paulistas que os historiadores portugueses atribuem o descobrimento deste rio, a princípio explorado nos seus afluentes mais meridionais. Em 1625, um frade capuchinho, Frei Cristóvão de Lisboa, partiu de Belém, subindo o rio Tocantins. Em 1669, Gonçalo Pais e Manuel Brandão percorreram as duas margens do rio, desde a foz até a sua confluência com o Araguaia.

Em 1673, Pedro César de Meneses, governador do Pará, enviou uma expedição armada contra Pascoal Pais do Araújo, oficial paulista, que no ano anterior havia reduzido ao cativeiro uma tribo de Grajaús. Essa expedição foi pouco depois convertida em viagem de exploração de

metais preciosos nas margens do Tocantins, influindo nisso o próprio Pascoal Pais de Araújo, que chegou a assumir a direcção da emprêsa, mas não pôde levá-la ao fim, por ter morrido antes.

Dois corajosos aventureiros, Correia e Bueno, disputam a honra do descobrimento das nascentes do Tocantins. O certo é que, desde 1615, o rio era conhecido das pessoas que frequentavam o Pará. Dizem até que muitos anos antes, um padre, vindo de Pernambuco, tinha visitado as cabeceiras do Tocantins, encontrando depois a morte sob os ataques dos índios. quando descia o rio com uma bandeira.

Outros, finalmente, atribuem o descobrimento do Tocantins a um indivíduo de nome Gabriel Soares, que nele teria estado em 1603, reconhecendo todavia que antes disso já o rio era frequentado pelos franceses, a ponto de haver o capitão-mor Francisco Caldeira obtido destes informações sobre o seu curso, como ainda sobre o de outros tributários do Amazonas. De resto, sabe-se que desde 1594 os franceses viajavam em águas da bacia amazónica (cf. a relação de Claude Abbeville; Paris, 1612). O P. da Cunha, em 1640, fala de um francês que todos os anos ia ao Tocantins com vários navios, que ele carregava com areia do rio, com o fim de dela extrair ouro.

Segundo o *Ensaio corográfico sobre o Pará*, de Baena, António Raposo Tavares subiu em 1675 o Tocantins, até a região ocupada pelos Grajaús; em 1720, uma expedição enviada ao Araguaia subiu também o baixo Tocantins, coisa semelhante fazendo no ano seguinte o jesuíta Manuel da Mota. Em 1782 foi fundado o primeiro posto de vigilância sobre o Tocantins, posto que em 1797 foi transferido para a sua confluência com o Araguaia.

O infeliz resultado da expedição mandada ao Araguaia, já por nós referido, fez com que os comerciantes

de Goiás suspendessem durante muito tempo as viagens pelos rios da província. Também, em consequência da incrível rivalidade que, sob o deplorável regime da colonização portuguesa, existia entre os governos das diferentes províncias, assim como o Araguaia, ficou o Tocantins fechado à navegação, até a viagem do capitão Tomás de Sousa. Poucos anos depois, o capitão Miguel de Arruda e Sá foi incumbido pelo capitão geral Meneses de reconhecer as nascentes do Tocantins e de descer o rio até Belém do Pará. Afora o interesse geográfico contido nesta expedição, tinha ela ainda por fim procurar exterminar os bandos de índios Canoeiros, que desde esse tempo praticavam grandes devastações em toda a zona. Era composta de nada menos de oitocentos homens armados. De começo, verificou ela que o rio Urbu tinha suas cabeceiras a 16 graus e 13 minutos de latitude sul; depois, continuando com êxito feliz a viagem rio abaixo, pôde tornar conhecido todo o curso do Tocantins.

Se procurarmos averiguar as causas que se opunham à navegação por esses rios, veremos que elas são representadas tanto pelos obstáculos naturais encontrados nos respectivos leitos, como nas hostilidades dos selvagens e nas vicissitudes do clima.

Entre as dificuldades naturais os saltos e as corredeiras devem ser postos em primeira linha. Já descrevemos com minúcia os obstáculos deste género existentes no rio Araguaia; agora limitar-nos-emos a referir os que se encontram na parte do Tocantins por nós percorrida. Neste rio as quedas mais fortes são as de Itaboca, Santo António, Lageado e Mares; muito difíceis ainda, embora não tanto como as mencionadas há pouco, são as de Guaraíba, Cunava, Cajueiro, Salinas, Água da Saúde, Praia Alta, Mãe Maria, Três Barras, Santana e Pilões. O salto de Itaboca acha-se num braço estreitado do rio. Num trecho de cer-

ca de duas léguas de extensão, há três saltos, denominados Fortinho, José Correia e Cachoeira Grande. A última destas cachoeiras é de todas a mais difícil; parece impossível que uma embarcação possa subi-la, sendo necessário que o viajante utilize aí todos os meios que tenha à sua disposição. O barco, prèviamente descarregado, é puxado à corda por vinte ou trinta homens, muitos dos quais munidos de grandes varejões, destinados a evitar que a embarcação se choque de encontro às pedras. As cordas servem também para dirigi-la, o que não impede de ser frequentemente necessário que os homens se metam na água para sustentá-la ou fazê-la mudar de direcção. Com todo este trabalho, é-se ainda muito feliz quando se consegue fazer a varação em três horas, pois não é raro que estas penosas manobras se prolonguem pelo dobro deste espaço de tempo. As embarcações comerciais muito carregadas gastam semanas inteiras em vencer esses obstáculos. A lista das cachoeiras do Tocantins mostra como este rio é bem mais difícil de navegar do que o Araguaia. Entretanto, como este cai no primeiro, há sempre a necessidade de atravessar algumas das mencionadas corredeiras. Mas, ponderando que o Tocantins apresenta uma sucessão quase ininterrupta de cascatas, ao passo que o Araguaia é livre na maior parte de seu curso, concluiremos por achar a navegação pelo último muito mais vantajosa, mormente tendo presente o facto de que aqui, em qualquer época do ano, é possível embarcar a sòmente cinquenta léguas da capital. O Tocantins, pelo contrário, só se pode considerar navegável a partir de Porto Imperial, que fica a trezentas léguas de Goiás, em vista das curvas existentes na estrada.

Haveria vários meios de diminuir as dificuldades, ou mesmo de suprimi-las inteiramente. Para atingir o primeiro objectivo, poder-se-ia aproveitar a estação da seca, quando as águas ficam muito baixas, para remover, com

o emprego de alavancas ou da pólvora, as rochas formadoras das pequenas corredeiras ou itaipavas, enquanto que nas cachoeiras mais importantes haveria o recurso de estabelecer postos fixos com um número de homens bastante para auxiliar as embarcações nos embaraços da passagem, garantindo-se também o fornecimento, a preço cômodo, dos víveres necessários aos viajantes. Graças a estes meios poder-se-ia fazer com que as embarcações conseguissem vencer em poucas horas as dificuldades que actualmente as *obrigam a gastar, muitas vezes, vários dias. Construir-se-iam* também estradas à volta das cachoeiras, dando passagem aos viajantes e mercadorias, transportadas estas em carretas ou em lombo de burro.

O *segundo alvitre, exequível* porém apenas quando as facilidades precedentes houvessem permitido a existência de uma população numerosa nestas formosas regiões, consistiria em abrir canais laterais, contornando os lugares obstruídos pelas grandes cachoeiras.

Tem também muito peso, em se tratando da navegabilidade desses rios, a questão referente aos índios que vivem às suas margens. Se hostis, infligem eles aos viajantes os mais horríveis tormentos; quando, pelo contrário, nutrem inclinações amigas, tornam-se extremamente úteis tanto na passagem das corredeiras e baixios ([1]), como na remoção dos troncos de árvores que obstruem tantas vezes a navegação, e no fornecimento dos víveres de que em tais circunstâncias sempre precisam os viajantes.

Passemos agora pois ao estudo pormenorizado da distribuição das tribos que habitam a região.

---

(1) Os mais importantes são: Arroios, Tucumanduba, Piraicaba, São João, Santo Antônio etc.; o mais difícil é o de Tucumanduba.

O Araguaia tem as suas cabeceiras na vasta região habitada pelos Caiapós, índios cujo número é hoje muito menor do que no começo. Os bandos ainda existentes vivem na margem esquerda do rio, estendendo-se por trás de um aldeamento de Xavantes situado aproximadamente na altura de Salinas e a umas quarenta léguas da margem ocidental do rio, na província de Mato Grosso. Este aldeamento tem proporções consideráveis, os índios que a ele pertencem costumando uma vez ou outra passar o Araguaia, chegando até a *zona do Crixás. Os* Caiapós penetram também até por trás das três ou quatro aldeias de índios Carajá-is, situadas na margem do furo ocidental da Ilha do Bananal, bem como das dos Tapirapés, índios que habitam em Mato Grosso, mais ou menos à altura da ponta setentrional da Ilha do Bananal, nas margens de um ribeirão que desemboca no furo esquerdo. Ao norte deste ponto os Caiapós tomam o nome de Gradaós; trata-se porém do mesmo povo, falando a mesma língua. Apenas, uma vez expulsos para a porção mais baixa do rio, os velhos Caiapós foram fundar novas concentrações, muitas das quais ainda se encontram nas terras do interior. Apoiados provàvelmente sobre o Xingu, ter-se-ão estendido até por trás das três aldeias de índios Carajás-Xambioás; mas não ultrapassam o meio do espaço compreendido entre o salto de Santa Maria e os Martírios, no Araguaia. A partir deste ponto e até o forte de São João das Duas Barras, talvez mesmo um pouco além, há uma nação de índios que os brasileiros só conhecem pelo nome de grande nação, através das informações colhidas dos Xavantes. A margem direita do Araguaia é ocupada quase inteiramente por estes últimos, que são donos da margem norte do Crixás-Açu. Ocupam eles o espaço entre o Araguaia e o Tocantins até a altura de Boa Vista, onde esbarram com o território habitado pelos Apinajés, seus inimigos. Um dos principais aldeamentos dos Xavantes fica localizado cerca

de dez léguas a oeste de Salinas. Esta nação domina, aliás, com exclusão quase de outra qualquer, toda a vasta região limitada pelos dois grandes rios, fechando o pequeno território que ocupam os Java-is junto à margem do Araguaia numa distância de três ou quatro jornadas a leste do furo da direita, e de vinte e cinco ou trinta léguas ao sul da ponta setentrional da Ilha do Bananal. Os Xavantes comprimem também os Craós, tribo de Apinajés, hoje quase completamente extinta. Os Craós habitavam antigamente as duas margens do Tocantins, entre Boa Vista e Carolina; hoje se acham confinados em duas pequenas aldeias, sitas à margem esquerda do rio e compreendidas aproximadamente no espaço que acabamos de mencionar. Estão em permanente guerra com os Xavantes, que incessantemente os fustigam, do lado de oeste.

Os inimigos mais temíveis que têm os Xavantes na vasta península compreendida entre o Araguaia e o Tocantins são certamente os Canoeiros. Esta tribo habita as duas margens do Tocantins, desde, ao norte, a povoação do Peixe, até umas dez léguas ao sul de Amaro Leite, na margem esquerda, e São José do Tocantins, na margem direita do rio. Suas divisas com os Xavantes parece coincidirem com o caminho que vai de Porto Imperial a Goiás, passando por Peixe, Descoberto, Amaro Leite e Pilar. Na margem esquerda do Tocantins, eles percorrem todo o sertão do Paranã. Um platô de vinte e cinco léguas os separa dos Xerentes, da província da Bahia. Estes últimos habitam toda a margem direita do Tocantins, desde Carolina até a altura de Peixe, penetrando na província da Bahia. Eles são da mesma família dos Xavantes; mas acredita-se que as aldeias dos Xerentes estão situadas a leste do Tocantins, ao passo que as dos Xavantes ficam a oeste. O norte da península, a partir de Boa Vista, é ocupado pelos índios Apinajés, que se estendem de um rio a outro

Parece que em tempos idos eles atravessaram o Tocantins; hoje, porém, permanecem constantemente na margem esquerda.

À lista precedente é necessário acrescentar dois povos que habitam o baixo Tocantins, abaixo da confluência com o Araguaia. Refiro-me aos Jundiá-is, que habitam a margem ocidental, perto de Itaboca, e aos Jacundás, que ocupam a margem oposta e, segundo dizem, possuem tez muito clara. Estas duas tribos estão sempre em guerra uma contra a outra e igualmente hostis aos cristãos; aliás, só muito raramente as conseguem ver os viajantes. O Tocantins muda muitas vezes de nome; suas verdadeiras nascentes formam o rio Uruu; depois ele adquire o nome pelo qual o conhecemos, que novamente perde na parte média de seu curso, para chamar-se Maranhão; finalmente, de São João para baixo, ele readquire definitivamente o nome de Tocantins.

Os rios de que nos vimos ocupando, se bem que se devam considerar de segunda ordem num continente banhado por um Amazonas ou um Mississípi, em outra qualquer parte ficariam entre os de primeira categoria. Pois o Tocantins tem cerca de quatrocentas e quarenta léguas de curso e o Araguaia nunca menos de quatrocentas e vinte. Ora, como este último se reúne ao Tocantins, suas águas percorrem no leito deste último uma nova distância de cerca de cento e treze léguas. Por conseguinte, se considerarmos o Araguaia, que é o braço mais considerável, e talvez o mais directo, como rio principal, podemos dar-lhe um curso total de quinhentas e trinta e três léguas.

Do ponto de vista geográfico, nossa viagem terá como resultado retificar o traçado dos dois grandes rios de Goiás, traçado que nas cartas mais acreditadas é extremamente defeituoso, sem exceptuar as de Brué (1843) e de Arrow-

smith (1842). O Araguaia corre, de modo geral, de sul a norte, e o Tocantins, antes de se reunir com ele, forma um enorme circuito, que o leva a latitude mais ao norte do que a do seu ponto de junção. A direcção do Tocantins é depois daí francamente para oeste, tomando a seguir a de nor-noroeste, que ele conserva até sua foz. no rio Amazonas. (Vide meu trabalho, de título: *Coupe géologique et itinéraires à travers l'Amérique du Sud*, feito com o Sr. d'Osery).

O clima dessas regiões é geralmente muito temido, sendo a malária extremamente frequente entre os que habitam as margens dos rios. Entretanto esta moléstia é aqui raramente mortal, e muitos casos vimos ceder com fortes doses de sulfato de quinina. Os naturais usam, como remédio, simplesmente o café puro. Ademais, o estado sanitário varia muito conforme o ano, muitas estações podendo transcorrer sem que surjam antigas doenças. Cumpre também considerar a parte que toma nisso a má alimentação a que geralmente se é condenado nesses sertões ermos, e lembrar ainda que os remadores têm o hábito de se lançarem dentro d'água com o corpo aquecido ainda pelo trabalho e banhados de suor. E' lícito porém supor que com o progresso da civilização esta rica e formosa região se tornará uma das mais sadias do mundo. No que respeita aos índios, a longa permanência que fiz entre os selvagens levou-me à convicção de que não existe na espécie humana nenhum ramo incapaz de adquirir, não direi um grau avançado e completo de civilização, mas, pelo menos, a suficiente para vencer as primeiras etapas do progresso neste sentido, abandonando os recursos precários da caça e da pesca, para tirar do cultivo do solo os meios necessários ao seu sustento. Desta mudança de hábito decorrem muitas outras transformações; a família se organiza e nasce

o direito de propriedade, formando-se assim aos poucos uma sociedade onde até então havia individualidades esparsas, ou tendo entre si, quando muito, os liames da tribo. Aos missionários é que cabe promover esta regeneração, pois só o padre cristão, com o seu admirável devotamento e ilimitada abnegação, é capaz de, despreocupado de qualquer glória mundana, suportar tantas privações e afrontar tantos perigos. Só a ele é dado receber como uma graça suprema o martírio experimentado na defesa da causa sagrada de aliviar os sofrimentos da humanidade.

CAPITULO XVII

DESCRIÇÃO DA PROVÍNCIA DE GOIÁS.

A província de Goiás tem estado até aqui tão desconhecida dos geógrafos europeus que não me pareceu destituído de interesse dedicar um capítulo à descrição geográfica e à estatística comercial e industrial da região. Os documentos de que me servirei neste trabalho provêm tanto de nossas próprias observações e dos informes que pudemos colher nós próprios nos diferentes lugares, quanto de uma memória muito circunstanciada redigida em 1832 por ordem do governo da província e cujos originais se acham guardados nos arquivos de Goiás. Foi-me também de bastante utilidade o livro de Cunha Matos.

A única estatística completa que possuímos sobre a população da província data de 1824; por esta época orçava por 62.518 o *número de seus habitantes, assim distribuídos:*

Homens brancos casados	1.745	5.391	10.535
solteiros ..	3.646		
Mulheres brancas casadas	1.519	5.144	
solteiras	3.625		
Homens de cor casados	4.242	16.566	35.005
solteiros	12.324		
Mulheres de cor casadas	4.486	18.439	
solteiras	13.953		
Libertos casados	550	1.539	2.980
solteiros	989		
Libertas casadas	544	1.441	
solteiras	897		
Indios convertidos	304	....	623
Indias convertidas	319		
Homens escravos	7.329	....	13.375
Mulheres escravas	6.046		
Total			62.518

O número de fogos ou famílias em toda a província é de 12.119. Havia outrora em Goiás 100.000 escravos ocupados exclusivamente na exploração do ouro. Quanto aos índios selvagens que erram pelos sertões, é impossível fazer ideia exacta de seu número; é porém provável que não excedam hoje a umas 15 ou 20 mil almas, ao contrário do que acontecia na época do descobrimento, quando a região era habitada por uma população indígena muito numerosa. Em 1830 havia na província duzentos e quarenta e nove engenhos de açúcar, a maioria porém nas mais miseráveis condições. Desnecessário dizer que a máquina a vapor nunca foi empregada nessas regiões longínquas, sob qualquer forma. O número total das fazendas, no tempo a que nos estamos reportando, era de três mil quinhen-

tos e setenta e oito; o das destinadas à criação era de seiscentos e sessenta e sete. O número das minas de ouro em actividade não ia além de quarenta e um, enquanto que o das abandonadas era de duzentos e trinta e dois. Havia, finalmente, mil quinhentas e oitenta fiações de algodão.

No que diz respeito ao comércio, em 1823 haviam entrado na província vinte e cinco contos de produtos diversos; entraram também, durante o mesmo ano, noventa e oito escravos, os quais, valendo, termo médio, quatrocentos mil réis, perfizeram um total de trinta e nove contos e duzentos mil réis. Isso significa que no ano em questão entraram ali sessenta e quatro contos e duzentos mil réis, ou sejam, aproximadamente, duzentos e catorze mil francos. No mesmo período foram exportadas quatro mil e oitocentas cabeças de gado, o que, juntamente com quatrocentos couros, representa o valor de vinte e nove contos quatrocentos e cinquenta mil réis, ou sejam noventa e seis mil francos. Houve, portanto, para a província, durante aquele *ano, um saldo desfavorável de trinta e quatro contos* setecentos e cinquenta mil réis, ou sejam cerca de cento e quinze mil francos. Dever-se-ia entretanto computar também o ouro em pó e os diamantes do Rio Claro, que são enviados para o Rio de Janeiro.

Em 1844 a receita da província era apenas de dezesseis contos de réis, para uma despesa de cento e vinte contos, ao passo que em 1824 as despesas não tinham ultrapassado cinquenta e três contos, para uma renda de oitenta e um contos. O montante efectivo destas importâncias chega à província quase inteiramente sob a forma de moedas de cobre. Acredito que, no tocante às exportações, a província deve ter realizado grande progresso; mas como *não existe nenhuma documentação a este respeito, foi-me* impossível verificar o facto. Direi apenas que hoje se exporta muito couro de boi tanto para o Rio de Janeiro co-

mo para Belém, que grandes quantidades de açúcar são exportadas para Cuiabá e que para Minas Gerais é mandado muito fumo, além das manadas de porcos.

O descobrimento dos sertões meridionais *da província* de Goiás data de *1670, sendo geralmente atribuído a* Manoel Correia, natural de São Paulo. Dois anos depois, Pascoal Pais de Araújo, filho desta mesma província, atravessou inteiramente Goiás e foi penetrar em terras do Piauí e do Pará. Em 1682, Bartolomeu Bueno da Silva entrou em contacto com os índios de Goiás, juntamente com seu filho Bartolomeu Bueno, o qual voltou à região em 1722, à testa de uma expedição, percorrendo grande parte da província. Como os seus predecessores, ia este aventureiro à procura particularmente do ouro, chegando a obter uma certa quantidade desse metal no rio Vermelho, que ele próprio descobrira. Tendo, passados três anos, precisado voltar para São Paulo, alguns de seus companheiros, em 1726, construíram algumas choças às margens do rio Vermelho, lançando assim as fundações da futura cidade de Goiás. Levados pela sua desapiedada cobiça, não tardaram muito a exterminar os índios cujo nome foi dado ao local, de modo que actualmente deles não resta o menor traço.

A província de que nos ocupamos fica na parte mais central do Império do Brasil; é limitada ao norte pela do Pará, embora as suas fronteiras deste lado estejam ainda mal definidas, não se sabendo se ela termina no rio Pucuruí ou no Tacanhunas. Da província do Maranhão é ela separada pelos rios Manuel Alves Grande e Tocantins. A Serra Geral separa-a do Piauí, de Pernambuco e de Minas Gerais. Essa cadeia de montanhas começa no Maranhão e vai terminar na comarca do Rio das Mortes, recebendo várias denominações ao longo de sua extensão, tais como Serra de Gucaruaguas, das Figuras, das Mangabeiras, do Duro, de Tabatinga, etc. Do lado de Minas Gerais o limite corresponde às serras de São Domingos, de Santa Ma-

ria, Lourenço, Castanho, Arrependidos, Andrequicé, etc.; continua pelo pequeno rio Jacaré e finalmente pelo rio Paranaíba, até o rio Grande, que a separa de São Paulo. Com a província de Mato-Grosso seus limites são a princípio constituídos pelo rio Pardo, desde sua foz no rio Grande, até o rio Vermelho, perto de Camapuã; depois pelo próprio rio Camapuã, até as suas cabeceiras, a partir de onde se continuam por uma cadeia de colinas, que se estende até as nascentes do rio Araguaia, rio que por sua vez constitui toda a fronteira ocidental da província de Goiás. Como seja ainda quase completamente desconhecida uma grande parte das regiões acima citadas, compreende-se que daqueles limites só uns poucos são certos, e que haja a maior dificuldade em apreciar a superfície da província, ainda que de modo muito aproximativo. E' todavia certo que a sua área não é inferior a vinte e cinco mil léguas quadradas. Conclui-se, portanto, existirem cerca de dois habitantes e meio por légua brasileira quadrada. Na descrição circunstanciada que se segue, contentamo-nos geralmente em traduzir a memória oficial referida por nós, páginas atrás; mas o leitor não deverá esquecer que depois da época em que foi ela redigida a região experimentou um declínio constante. Faz-se mister observar ainda que algumas das informações ministradas nesse trabalho sobre a geografia do país não se acham de acordo com as colhidas por nós nos lugares respectivos. Não obstante, pensamos que em se tratando de uma região tão pouco conhecida valeria a pena mantê-las, toda vez que nos tenha sido impossível a verificação dos factos.

Até estes últimos anos a província de Goiás esteve dividida em duas comarcas, a do sul, ou de Goiás, e a do norte, ou de São João das Duas Barras. Embora esta divisão judiciária não seja a dos dias actuais, conservá-la-emos para maior clareza da descrição.

A comarca de Goiás era dividida em seis julgados [1], dos quais o primeiro corresponde à cidade do mesmo nome, capital da província. Tem este a extensão de sessenta e duas léguas e meia, de leste a oeste, e oitenta de norte a sul. E' separado do julgado de Meia Ponte, a leste, pelo rio Sucuri, do de Santa Cruz, a sudoeste, pelo rio Meia Ponte; da província de Mato Grosso, a oeste, pelo rio Araguaia; do julgado de Pilar, ao norte, pela floresta da Extrema; finalmente, ao sul, é limitado pelo sertão desabitado de Camapuã.

O julgado de Goiás se subdivide em três freguesias (paróquias), a saber: a da catedral de Santana, ou da Capital, a do Senhor Bom Jesus, a do Arraial da Anta e a de missão dos Caiapós, na aldeia de São José de Massamedes.

As igrejas que dependem da catedral são: a capela de São João, no arraial do Ferreiro, distante uma légua a leste de Goiás; a de Nossa Senhora do Pilar, no arraial de Ouro Fino, distante três léguas, na mesma direcção; a de Nossa Senhora da Abadia, no arraial do Curralinho, que fica sete léguas a sudeste de Goiás; a de São Francisco de Assis, no arraial de Anicuns, doze léguas ao sul; a da Conceição, no arraial de Campinas, trinta léguas ao sul; a de Bom Jesus do Rio Claro, dezoito léguas a sudoeste; finalmente a do Rosário, no arraial da Barra, cinco léguas a noroeste.

A freguesia do Senhor Bom Jesus da Anta, abrangendo o território hoje quase despovoado da destruída freguesia de São Miguel das Tesouras, tem vinte léguas de norte a sul e catorze de leste a oeste. Esta paróquia possui como única dependência a igreja de Santa Rita, no arraial

(1) Julgado, circunscrição sujeita à jurisdição de um tribunal.

do mesmo nome, que fica situado a quatro léguas do da Anta. Todavia, dentro mesmo deste último há ainda a capela de Nossa Senhora do Rosário e a ermida da Boa Hora. Quanto à freguesia de São José de Massamedes, que continha *outrora dois aldeamentos de Caiapós*, ela já não contém hoje mais que uns poucos índios reunidos e um pequeno número de outros, dispersos em suas terras.

As cadeias de montanhas mais importantes do julgado de que nos ocupamos são:

A Serra Dourada, assim chamada por causa da grande quantidade de ouro que dela se extraiu durante o governo de Dom Luís de Mascarenhas; frente a Goiás ela corre de leste para oeste, descrevendo leve curva;

A Serra de Cantagalo, que se acha também a pouca distância da cidade e corre para o noroeste, a começar do Pico do Carneiro;

A Serra da Carioca, que domina a cidade de Goiás e também se dirige para o noroeste;

A Serra das Canastras, que se dirige para o norte, tendo como ponto culminante o Morro da Pipa;

A cadeia dos Macacos, no distrito da Anta, dirigindo-se para o noroeste e tomando diversos nomes, conforme os lugares que atravessa;

A Serra da Jibóia, no distrito das Campinas, dirigida para o sul e de pequena altura;

Finalmente, a cadeia das Divisões do Rio Claro, de altura muito variável e cuja direcção é também para o sul.

Dos rios que banham o julgado de Goiás citarei os principais, a saber:

O rio Vermelho, que nasce na vizinhança do arraial de Ouro Fino, *corre para noroeste e atravessa a cidade de* Goiás, sete léguas abaixo da qual ele começa a ser navegável. Suas águas são a princípio engrossadas pelas de

vários riachos, e pelo rio dos Bugres; depois, tendo recebido sucessivamente os rios Tapirapuã e Ferreiro, torna-se bastante volumoso, indo lançar-se no Araguaia, após um curso total de quarenta léguas. O trecho navegável facilitava muito em outros tempos as comunicações comerciais entre Goiás e Belém.

O rio do Peixe, que sai do Morro da Pipa, corre para noroeste, e depois de receber numerosos afluentes pequenos, se torna navegável durante a estação das chuvas, a partir do arraial de Santa Rita. Tem quarenta léguas de curso e lança-se no Araguaia, depois de se haver reunido ao rio Tesouras, cujas nascentes ficam nas montanhas de Carretão.

O rio dos Pilões sai da chapada denominada Estreito, corre para o ocidente, unindo-se ao rio Claro. Este último tem suas cabeceiras numa crista que as separa das águas que correm para o sul, dirigindo-se no começo para noroeste e depois para oeste, antes de desembocar no rio Grande, ou Araguaia.

O Caiapó nasce no mesmo espigão que o precedente, lançando-se como ele no rio Grande.

O rio Uruu nasce no distrito de Curralinho, corre para o norte e, após vinte e cinco léguas de curso, une-se ao rio das Almas, afluente do Tocantins. Em 1789, Tristão da Cunha Meneses tentou abrir uma nova via de comunicação com Belém, descendo o Uruu, onde embarcou a doze léguas de Goiás, no Engenho de Capimbeba. Achava ele vantajoso fazer a rota por entre as populações com as quais era fácil estabelecer relações por meio de diferentes rios; mas, nas proximidades de Água Quente, esbarrou com a cachoeira do Falcão, sendo forçado a transportar a embarcação com o auxílio de carretas. Embora esta viagem tivesse ido até o fim, ninguém mais procurou utilizar o mesmo caminho.

O rio dos Bois vem da vertente oposta àquela de onde nasce o Uruu; corre para o sul, reunindo-se ao rio Turvo, por intermédio do qual oferece um caminho fluvial para a província de São Paulo. Quanto ao Turvo, ele nasce na Serra das Divisões e desagua no Paraná.

O rio Verde tem suas nascentes nas vizinhanças do do precedente, com o qual se une; é navegável, porém encachoeirado.

Todos estes rios são abundantes em peixe, com exceção todavia do rio Uruu, que é menos bem dotado sob este ponto de vista.

Entre as dificuldades que se opõem à livre navegação por esses rios, devemos contar, afora as cachoeiras, os índios inimigos, a carência de moradores capazes de prestar socorro aos viajantes em caso de necessidade, e as epidemias ocasionadas pelas águas estagnadas que se formam durante o período das chuvas e se convertem em pântanos infectos na estação das secas. Seria possível fazer desaparecer em parte todos estes inconvenientes; mas para isso seria necessário que a província despendesse somas que estarão durante muito tempo além de seus recursos e, por outro lado, uma administração diferente da que lhe rege o destino.

Há numerosos lagos na subdivisão de que nos ocupamos; contam-se os seguintes entre os mais notáveis:

O lago dos Tigres, conhecido pela sua extensão e pela sua abundância em peixe. Consta terem sido pescados nele exemplares com o peso de oito a dez arrobas (provàvelmente pirarucus). Esse lago fica situado a oeste do rio Vermelho, com o qual ele se comunica por meio de um canal navegável, a cerca de vinte e cinco léguas de Goiás.

O lago do Araçá, situado um pouco abaixo do precedente, é também muito piscoso.

O lago das Tartarugas, assim chamado por causa da grande quantidade de tartarugas que nele se pescam para

serem levadas ao mercado de Belém do Pará; está também situado a oeste do rio Vermelho.

Os lagos Vermelho, do Campo, do Jacaré e da Barra, todos de grande extensão e muito ricos em peixe.

Finalmente, o lago Furado, a leste do rio do Peixe, que contém notável quantidade de mexilhões (*itãs*) de concha muito semelhante à da ostra peroleira.

Dizem existir no distrito de Anta, aberta em rocha calcária, uma espaçosa caverna, conhecida pelo nome de Morro dos Macacos. Segundo informam ainda os habitantes da zona, a abóbada dessa gruta, durante o mês de Agosto, deixa minar uma substância oleosa e de sabor picante, que seria curioso examinar. No distrito de Ouro Fino há, diz-se, uma gruta de que se pode extrair o salitre. Outras cavernas, sobre as quais não se possuem informações precisas, parece existirem ainda no distrito de Rio Claro.

Todas as terras desse julgado são férteis, excepção feita de algumas partes pedregosas e áridas. Nos distritos de Anicuns, de Campinas, de Pilões, de Curralinhos, de Canastras, e nas vizinhanças do lago dos Tigres, estendem-se grandes matas virgens, onde o solo é muito apropriado ao crescimento das plantas mais cultivadas no país, tais como o algodão, o café, o fumo, a cana-de-açúcar, o arroz, o milho, o feijão, a mamona, a mandioca, etc. As ribas dos rios Turvo, Verde, Meia Ponte, Claro, Uruu e do Peixe oferecem aos criadores extensas pastagens, boas tanto para o gado bovino como para os cavalos. O trigo, o centeio e a cevada cultivam-se também em alguns lugares.

No termo de Goiás foram feitas muitas concessões de terras; não obstante, muitos habitantes se apropriaram de áreas que não podiam cultivar, do que resulta ficarem os vizinhos mais próximos a distância de três, quatro, cinco ou mais léguas. Encontram-se também muitas taperas, ou sítios abandonados, bem como, em alguns lugares, restos de antigas catas de ouro, sob a forma de grandes escava-

ções, hoje solitárias: triste espectáculo que relembra a cada passo a riqueza dos tempos que sucederam à conquista!

Poucas concessões estão demarcadas judiciàriamente, não havendo no julgado mais do que oitenta e oito. *A maioria dos moradores não possui outros títulos de posse* além de uma ocupação antiga ou das concessões feitas pelos antigos capitães gerais. Quase todas as terras se acham mal cultivadas, por falta de métodos convenientes, de braços e de indústria. Há no julgado quinhentos e sessenta sítios, em alguns dos quais se planta a cana-de-açúcar, o café, o algodão e a mandioca; mas, o que em todos eles se cultiva é o milho, o feijão e o arroz, produtos que constituem a base da alimentação doméstica.

O único método de aproveitamento da terra conhecido pelos lavradores consiste em derrubar a floresta ou queimá-la, lavrando depois, grosseiramente, a enxada, o solo assim desbravado; logo a seguir plantam, para recolher o produto ao cabo de alguns meses, na proporção de cem ou duzentos por um, às vezes mais, às vezes menos, de acordo com a fertilidade do solo ou conforme a estação tenha corrido mais ou menos favorável. Por esse processo destrutivo, mudando sempre o lugar das plantações sob o pretexto de dar descanso ao solo, desaparecem as matas, que se transformam em capoeiras compactas, por sua vez destruídas também ao cabo de algum tempo, ficando apenas o campo.

As fazendas de criação não ultrapassam o número de trinta e seis. Os animais delas provenientes atendem quase que tão sòmente as necessidades da região. Por ano não se exportam mais do que uns quatrocentos bois, os quais, ao preço médio de cinco mil réis por cabeça, representam um valor total de dois contos de réis.

Todos os terrenos do julgado de Goiás, salvo muito raras excepções, são auríferos. Os rios Vermelho e Bagagem, a Serra Dourada com a maior parte de suas ramificações,

todo o distrito da Barra do Ouro Fino, o Morro do Calisto, Batatal, o distrito da Anta, a serra que corre a noroeste e os trinta e quatro rios que dela vertem, todos contêm ouro, o mesmo acontecendo com o terreno do rio Tesouras. Além disso, no distrito de Rio Claro, ao lado do ouro, encontram-se também diamantes. Tira-se porém pequeno partido dessas riquezas, não havendo em todo o julgado senão cinco *estabelecimentos ocupados na* extração destas matérias preciosas e dando, assim mesmo, trabalho a não poucas pessoas. E' bem verdade que, afora estes estabelecimentos, há ainda alguns mineradores que trabalham isoladamente e são chamados na terra de faiscadores; estes, contudo, não exercem uma actividade permanente, retirando-se logo que obtêm alguma coisa e indo dissipar *na ociosidade o fruto dos* sacrifícios feitos. De todos os postos de mineração, o mais importante é a Pedreira do Arraial da Anta, explorado em escala um tanto grande pela sociedade dos Seis Amigos.

Existem minas de ferro em Ouro Fino, em Anta, no Rio Claro e na aldeia de São José; elas não são, porém, objecto de exploração. O naturalista Pohl, que viajou pela província, descobriu, dizem, grandes quantidades de cromo perto de Ouro Fino.

Afora o ouro e o diamante, o termo de Goiás produz ainda ipecacuanha, salsaparrilha, que dizem ser tão eficaz quanto a do Rio Negro, anil, urucum, tabaco, café, algodão, óleo de copaíba, açúcar, aguardente, toicinho, carnes salgadas e couros.

Não há em Goiás nenhum estabelecimento regular de fiação e tecelagem do algodão; existe, porém, em todo o julgado, mais de trezentas oficinas, assaz imperfeitas, é verdade, ocupadas em fiar grosseiramente o algodão, seja manualmente, seja por meio de fusos muito ordinários. Fabricam-se assim tecidos que servem apenas para vestir os escravos ou as pessoas demasiado pobres.

Contam-se no termo trinta e quatro engenhos de açúcar, movidos a água ou à força de bois. Fabrica-se neles o açúcar, geralmente vendido a mil e oitocentos réis a arroba; a *aguardente*, que vale *três mil réis o barril de doze* garrafas; rapaduras, cujo preço é de quatro mil e duzentos réis a carga de oito arrobas. O fumo, o café e o algodão são colhidos apenas para o uso doméstico ou para o consumo local. O valor ordinário desses produtos é, para o *fumo, mil e oitocentos réis o rolo de trinta varas*; para o café, dois mil e quatrocentos réis a arroba, e, para o algodão, seiscentos réis.

As mercadorias importadas pelo julgado de Goiás são: tecidos de seda, de lã, de linho e de algodão; o ferro, o aço e todos os instrumentos utilizados na agricultura e na exploração das minas; pólvora, chumbo, sal, vinho, azeite de oliveira, aguardente, licores, louças, chapéus, chá, chocolate, drogas medicinais e quinquilharias francesas. Todas estas mercadorias vêm pelos portos marítimos e dão um lucro líquido de pelo menos 25 a 30%. A soma dessas importações, avaliada pelos direitos de entrada, elevava-se na época de maior prosperidade da província a quarenta e três contos cento e vinte mil réis, cabendo só ao sal de cozinha a parcela de cento e vinte mil réis.

As mercadorias exportadas são: ouro, algum gado, couros crus e um pouco de tecidos grosseiros de algodão. Estes dois últimos artigos *perfazem uma importância de cerca* de quatrocentos e oitenta mil réis. A saída do ouro e dos diamantes está sujeita ao pagamento de direitos. As rendas municipais provêm seja dos impostos lançados sobre pesos e medidas, posturas, talhos e cabeças de gado, seja *das concessões do município, aliás em progressiva diminuição*, em virtude da decadência geral da província. Para a travessia dos rios, que não é possível efectuar sem o emprego de barcos, paga-se ao Estado quarenta réis por pessoa e vinte réis por animal de carga.

Os moradores desse julgado costumam alugar as tropas que vêm de Minas Gerais, carregadas de artigos procedentes dos portos marítimos. O preço do frete é de doze mil e oitocentos réis por mula, às vezes até mais, visto a escassez que há destes animais.

Existem na cidade de Goiás vinte e quatro lojas, cada uma das quais paga ao Estado um imposto anual de doze mil e oitocentos réis. Há ainda uma centena de botequins, onde se vendem os produtos da terra. Nas diferentes povoações do julgado contam-se ainda trinta e quatro estabelecimentos do mesmo gênero.

Partindo de Goiás saem estradas, seja para Mato Grosso e demais províncias do Império, seja para os julgados de Meia Ponte, Santa Luzia e Santa Cruz, para Anicuns e Campinas, para Pilar e Crixás. Todos estes caminhos poderiam ser encurtados, se se suprimissem as suas sinuosidades, removendo os obstáculos formados pelos rios, pelas florestas e pelas montanhas.

O segundo julgado da comarca do sul é o de Meia Ponte. Tem vinte e cinco léguas de extensão norte-sul e é separado, ao norte, das regiões de Traíras e de Pilar, pelos rios Maranhão e dos Bois; ao sul, do julgado de Goiás, pelo rio Meia Ponte, e, do de Santa Cruz, pelo ribeirão de Jurubatuba; a leste, os rios das Areias, dos Macacos de Cima e Verde limitam-no com Santa Luzia e Angicos; a oeste, finalmente, onde confina com o de Goiás, tem como divisas os rios Sucuri e da Lagoinha.

O julgado de Meia Ponte é atravessado ao sul pela grande cadeia de montanhas chamada comumente Espigão Mestre, donde gozarem os arredores da sua principal cidade de clima muito temperado; ali nunca se é incomodado pelo calor nem pelo frio, o ar é puro e bafejado à noite por uma brisa constante. Os ventos gerais começam em Maio e duram até Setembro; sopram de leste para oeste e

das quatro horas da madrugada às onze da manhã. Só no Morro Grande, que faz parte do *Espigão Mestre*, se vêem nevoeiros, chegando às vezes a gear, segundo dizem. E' este, todavia, fenómeno meteorológico que raramente se *observa*.

A zona situada a leste e ao sul de Meia Ponte possui clima frio e ar saudável; ventos gerais sopram nela durante todo o ano; é frequente a cerração entre Maio e Agosto, ocorrendo geadas em Junho e Julho. As partes situadas a oeste e norte do próprio arraial possuem clima ameno e são isentas de nevoeiros e geadas; os ventos são variáveis e quentes. Essa região é, de modo geral, menos sadia do que o resto do julgado, mas a nordeste é ainda mais insalubre do que a oeste. As chuvas começam normalmente em Outubro, acompanhadas de tempestade, e duram até Abril.

O arraial de Meia Ponte está situado quase no centro do julgado, pois as suas fronteiras de leste e oeste ficam a igual distância, as do sul distam treze léguas e as do norte vinte e duas. Seus arredores são montanhosos, oferecendo à vista formosos vales cuja fertilidade se revela na exuberância da vegetação. A porção setentrional, geralmente baixa e entrecortada de lagos, é coberta de campos que oferecem boas pastagens em todas as estações. A sul e a leste o solo é em geral plano, bastante *elevado, limitado* de bordas abruptas e ravinas com a aparência de cadeias de montanhas. Nesses extensos platôs acham-se densas *florestas, onde o solo, húmido e muito fértil, pode produzir* o trigo, a aveia, a cevada, marmelos, maçãs, romãs, etc., plantas que não conseguem vingar nas outras partes do julgado. A região de oeste é constituída de um terreno desigual, coberto de grandes matas virgens, donde lhe veio o nome de Mato Grosso, que vulgarmente lhe dão. As terras aí são férteis e próprias à agricultura.

Este julgado compreende várias cadeias de montanhas, como a seguir vamos enumerar.

O Morro Grande, já antes referido, começa na província de Minas, serve em alguns pontos de limite entre esta e a de Goiás, entra nesta última ao sul do Registo dos Arrependidos, dirigindo-se para Meia Ponte em linha recta e formando a base do grupo de montanhas conhecido pelo nome de Pireneus. Três quartos de légua a leste de Meia Ponte esta serra vira para o sul e separa com o seu espigão as águas que correm para o norte das que se dirigem para o sul. Acham-se nessa cadeia as cabeceiras de alguns dos grandes rios do Brasil. A serra passa depois entre Goiás e Anicuns, dando origem ao rio Araguaia, e entra na província de Mato Grosso. São muito variáveis o aspecto e a elevação dessas montanhas, cujos pontos culminantes ficam perto de Furnas. Em Gongo sua altitude diminui consideràvelmente e em certos pontos não são mais do que colinas. Essa serra cobre-se quase sempre de nevoeiros entre Maio e Setembro, havendo às vezes geadas; quase toda ela é revestida de matas; o terreno, húmido e fértil, produz tudo quanto se encontra nas partes sul e norte do julgado.

A Serra Negra começa ao norte de Meia Ponte, perto do rio do Peixe, e corre sempre para o norte, até o rio Maranhão; tem dezessete léguas de comprimento, apresenta muitas cavernas e ostenta densa mataria, donde lhe vem o nome.

A Serra de Miguel Ribeiro, ou do Cocalzinho, é uma ramificação da dos Pireneus; dirige-se para o norte e termina inclinando-se levemente para leste. No ponto em que ela sofre esta mudança de direcção é que recebe o nome de Cocalzinho; é elevada, despida de vegetação e semelhante a uma muralha. Sua extensão é de seis léguas.

A Serra das Mangabas corre para o norte e termina junto ao pequeno arraial de Peixe; tem de comprimento duas léguas e meia, é elevada, despida de vegetação e árida.

A Serra das Mamoneiras é, como a precedente, uma *ramificação da dos Pireneus*; nasce ao pé do rio Corumbá e termina junto ao Sítio das Mamoneiras; tem duas léguas e meia de comprimento e é coberta de campos.

A Serra de Papoia sai da cadeia geral, forma o tombador conhecido pelo nome de Caxambu e termina nas margens do córrego do Padre Sousa, próximo às lavras do Ildefonso; sua extensão é de duas léguas e um quarto e sua direcção é para o noroeste. Estas montanhas têm o cume desnudo e as encostas cobertas de mataria.

A Serra de Tapanboacanga é também uma ramificação da cadeia geral; ela corre para oeste numa extensão de cinco léguas e meia, terminando no riacho de Pinheiros; sombreiam suas encostas matas espessas.

A Serra dos Pinheiros começa no sítio do mesmo nome e corre para oeste até o rio Padre Sousa; é coberta de campos em toda a sua extensão e não tem mais de três léguas de comprimento.

A Serra Matutina começa em frente ao arraial de Meia Ponte, num grande planalto, distante uma légua; ela se avantaja em altitude às outras montanhas e apresenta aspecto majestoso desde o arraial, que fica a leste; para oeste ela vai até o rio de Santa Rita, onde termina, após um percurso de uma légua e meia apenas. Esta serra é despida de matas e tira o nome do facto de ser o seu cume, para quem a vê de Meia Ponte, o primeiro ponto a receber os raios do sol levante.

A Serra de Jaraguá começa perto do rio das Almas e se prolonga para oeste, até o rio Pari; tem duas léguas de comprimento e passa por ser bastante elevada; é completamente do lado do norte, onde fica o povoado do mesmo nome.

O Morro do Frota é uma continuação dos Pireneus; fica a muito pouca distância ao norte de Meia Ponte e se dirige quase para oeste deste arraial, para terminar em Taquaral, situado na mesma direcção. Tem de comprimento total duas léguas; apresenta altura variável e aspectos muito diversos. Estes montes estão cobertos de capim e de árvores, muito separadas umas das outras.

O Morro de Santa Bárbara, que é um ramo da cadeia geral, fica situado ao sul de Meia Ponte; corre para oeste e não tem mais de três quartos de légua de comprimento; toda a sua superfície é coberta de matas espessas e ininterruptas.

Os morros dos Pireneus entroncam-se na serra geral, três léguas a leste de Meia Ponte; formam um grupo de montanhas bastante elevadas, semelhantes a enormes torres e separadas umas das outras por vales profundos; são cobertas de matas e pastagens, e cortadas por córregos que escachoam em numerosos saltos. Aí estão, segundo dizem, os picos mais altos de toda a província.

Os morros do Mendonça são formados por uma série de montanhas situadas ao norte de Meia Ponte e próximas do sítio chamado Olhos d'Água; não têm mais do que uma légua de norte a sul e são inteiramente cobertos de campos.

Os morros do Descanso e do Retiro, assim denominados dos nomes de sítios que lhes ficam a pequena distância, ficam ambos ao norte de Meia Ponte; o primeiro, se estende de sul a norte, numa extensão de três léguas, exclusivamente de campo; o segundo corre de leste a oeste, paralelamente ao rio Maranhão, e tem um comprimento de seis léguas.

Os morros de Santo Antônio ficam a oeste de Meia Ponte; começam na capela de Santo Antônio e terminam no rio das Almas. Sua direcção é de leste a oeste, e o comprimento, de duas léguas e meia. Nos cumes destes mor-

ros existem sòmente campos, ao passo que em suas encostas há bela mataria.

Diversos rios banham as terras do julgado de que vimos tratando; vamos dar-lhes a descrição geográfica.

O rio Corumbá nasce um pouco ao norte dos Pireneus, a três léguas de Meia Ponte; cinco léguas abaixo de suas nascentes, na margem ocidental, fica a povoação a que o rio deu o nome. Ele recebe, pela margem ocidental, o Capitinguinha, o rio das Areias, o do Ouro e o das Galinhas, e, pela oriental, os rios da Fazenda, Bagagem, Baião, Capibari, das Antas e Piracanjuba. Entra depois no julgado de Santa Cruz, sendo navegável por canoas desde a barra do rio Baião, um pouco acima da aldeia de Corumbá. Forma este rio, antes de sair do julgado de Meia Ponte, uma corredeira de 400 braças de comprimento, passando todas as águas através de um canal que de largura, não tem mais de uma braça. Há ouro no seu leito e as suas águas são tidas como bastante saudáveis. E' ele o mesmo rio que toma o nome de Paranaíba, ao juntar-se com o rio Grande, ou Paraná. Além dos afluentes anteriormente mencionados, ele recebe ainda, dentro do julgado, dezoito pequenos regatos.

O rio das Areias tem suas cabeceiras no começo dos Pireneus, a seis léguas de Meia Ponte; ele recebe, afora oitenta e oito córregos menores, os rios Ponte Alta e Capitenga, lançando-se no Corumbá, após um curso de quinze léguas. Tem então 10 braças de largura com uma profundidade que não permite atravessá-lo a vau.

O Piracanjuba nasce ao sul de Meia Ponte; corre para leste e recebe pela margem meridional o Jurubatuba, que serve de limite, numa extensão de três léguas, entre os julgados de Meia Ponte e Santa Cruz; pela margem septentrional recebe o rio dos Patos, que ali serve também de limite ao julgado. O Piracanjuba começa a ser navegável

ao entrar no termo de Santa Cruz, onde se junta ao Corumbá, após um curso de vinte léguas.

O rio do Peixe tem suas nascentes ao norte dos Pireneus, a seis léguas de Meia Ponte, na vertente oposta à que dá origem ao rio das Areias. Corre para oeste, banha o pequeno povoado do mesmo nome, situado na margem sul, e desemboca no rio das Almas, depois de ter recebido, através de um curso de doze léguas, os rios Miguel Ribeiro, Matamatá, Gago, Dois Irmãos e Santa Família.

O rio do Ouro nasce na cadeia principal, a oeste dos Pireneus; corre para o sul, paralelamente ao rio Congonhas, que ele recebe depois de se ter engrossado com as águas de vinte e um ribeirões; mais tarde, tendo recebido o concurso de mais trinta e cinco afluentes pequenos, lança-se no Corumbá. Tem cinco léguas de curso, é em parte navegável e abunda em peixe. Há ouro nas areias de seu leito.

O rio Verde nasce a oeste dos *Pireneus*, na contravertente do rio dos Macacos, servindo, como este último, de limite entre os julgados de Meia Ponte e Santa Luzia. Depois de um curso de doze léguas em direcção ao norte, recebe o rio de Oliveira Costa, tornando-se então navegável, até a sua foz, no rio Maranhão.

O rio de Oliveira Costa nasce ao norte dos Pireneus, próximo ao rio das Areias e ao rio do Peixe; corre para o norte, recebendo os rios Funil, de quatro léguas de curso, e o Cocalinho, de três léguas. Destes dois rios, o primeiro recebe doze regatos, e o segundo, oito. Assim avolumado, o rio de Oliveira Costa vai desaguar no rio Verde, após um curso de oito léguas e com uma largura de sete braças. As águas deste rio arrastam ouro; mas suas margens vivem infestadas de tantos mosquitos e borrachudos, que ainda não se pôde desbravar as belas matas nelas existentes.

O rio das Almas tem as cabeceiras nos montes Pireneus; banha a parte setentrional de Meia Ponte, passa a uma meia légua de Jaraguá e constitui o mais meridional dos formadores do rio Tocantins. Tem como afluentes os *ribeirões do Inferno, de Tapanhoacanga*, de Santa Rita, do Padre Sousa, de Pari, e os rios dos Patos, de Ana Maria, do Peixe e do Securi. No distrito de Pilar, onde se reune ao Tocantins, é bastante caudaloso, conservando sempre a sua direcção para o norte.

O rio Matamatá nasce na cadeia geral, perto dos Pireneus; corre para oeste, recebe oito regatos e lança-se na margem sul do rio do Peixe, após oito léguas de curso.

O rio dos Dois Irmãos tem suas nascentes também próximo aos Pireneus, na vertente oposta à em que nasce o Corumbá; corre para o norte, desembocando na margem sul do rio do Peixe, depois de haver recebido as águas de dez ribeiros, num percurso de três léguas e meia.

O rio de Santa Rita vem do Morro de São João, na serra dos Pireneus; dirige-se para o ocidente, recebendo, afora mais oito regatos, o rio Conceição, e lançando-se no rio das Almas, após quatro léguas de curso.

O rio do Padre Sousa corre da cadeia principal, onde nasce na vertente oposta à das cabeceiras do Meia Ponte, que serve de limite meridional do julgado, com a Campanha; dirige-se para o norte, recebendo o rio das Pedras e mais quarenta e dois pequenos riachos; tem doze léguas de curso e desemboca na margem ocidental do rio das Almas.

O rio dos Patos do Poente, assim denominado para distingui-lo do rio dos Patos do Norte, nasce na mesma serra que o precedente e corre para o norte; depois de ter recebido, no julgado de Meia Ponte, catorze riachos, lança-se no rio das Almas, pela margem ocidental.

O ribeirão do Inferno sai dos Pireneus, correndo em direcção ao norte; recebe águas de quatro afluentes e des-

peja na margem oriental do rio das Almas, após um curso de três léguas.

O Tapanhoacanga procede da cadeia geral, ao sul de Meia Ponte; recebe onze tributários e, após um curso de apenas duas léguas, desemboca no rio das Almas, pela margem ocidental.

O rio das Pedras corre da vertente oposta à de onde sai o Capivara, na mesma serra que o precedente, ao sul de Meia Ponte; tem seis léguas de curso, recebe trinta e cinco riachos e despeja na margem oeste do rio Padre Sousa.

O rio Ana Maria sai dos morros de Santo António e desemboca na margem oriental do rio das Almas, depois de haver recebido o contingente de doze regatos, num percurso de quatro léguas.

O rio Conceição tem suas cabeceiras próximo aos morros de São João, que fazem parte dos Pireneus; correndo para o ocidente, recebe seis córregos e une-se ao Santa Rita, pela margem oriental, depois de quatro léguas de curso.

O Pari nasce na Serra Grande, perto dos rios Padre Sousa e Meia Ponte; é formado pelas águas da Lagoa e da Lagoinha, recebe trinta e seis pequenos afluentes e, seguindo sempre para o norte, lança-se no rio das Almas, pela margem ocidental, a uma meia légua do arraial de Jaraguá.

O rio Gago nasce na vertente oposta à que dá nascimento ao rio dos Patos do Norte; recebe as águas de doze ribeirões e desemboca na margem oriental do rio do Peixe, após um percurso de três léguas, em direcção ao ocidente.

O rio da Santa Família origina-se na Serra Negra; seguindo sempre em direcção ao oeste, desemboca na margem oriental do rio do Peixe, após ter recebido quinze afluentes, num percurso de seis léguas.

O Salobro nasce no lago do mesmo nome, ao norte de Meia Ponte e perto do rio Fidalgo, em cuja margem oci-

dental desemboca, após haver recebido quatro riachos, num percurso de duas léguas em direcção ao norte.

O rio Miguel Ribeiro vem da serra do mesmo nome; recebe seis afluentes e corre paralelamente ao rio do Peixe, ao qual se une, depois de um trajecto de légua e meia.

O Fidalgo sai da vertente oposta à do Cocalinho; une-se ao Salobro, depois de receber as águas de doze córregos e vai terminar na margem oriental do rio dos Patos do Norte, ao cabo de três léguas de curso total sempre em direcção ao norte.

O Bagagem vem da cadeia geral, ao sul dos Pireneus, e corre para o oriente; em duas léguas de curso, ele recebe seis afluentes, indo desembocar na margem ocidental do rio Corumbá.

O Capitinguinha sai da Serra Grande; correndo em direcção ao sul, vai juntar-se ao Corumbá, pela margem ocidental, após três léguas de curso.

O Congonhas nasce no mesmo ponto que o Capitinguinha e segue a mesma direcção; recebe trinta e oito afluentes e, após um curso de quatro léguas, vai despejar na margem setentrional do rio do Ouro, com uma largura de duas braças.

O rio Ponte Alta tem suas nascentes a leste das do rio precedente; recebe trinta e quatro riachos e vai desembocar na margem ocidental do rio das Areias, com duas braças de largura e depois de cinco léguas de curso.

O Mamoneiras começa a leste do precedente; tem légua e meia de comprimento e desagua no rio das Areias, depois de receber as águas de onze regatos.

O Capitinga nasce a leste do Mamoneiras; possui quarenta e oito afluentes e desemboca também no rio das Areias, pela margem ocidental, após três léguas de percurso, em direcção ao ocidente.

O Baião sai do Morro Grande, reunindo-se ao Corumbá, após seis léguas de curso.

O Funil tem suas nascentes a leste do rio de Oliveira Costa, entre os morros do Quilombo; dirige-se para o norte e vai desaguar na margem oriental do rio de Oliveira Costa, depois de receber as águas de doze afluentes, num percurso de quatro léguas e meia. Há em sua margem oriental, quinhentas braças abaixo das cabeceiras, *uma profunda gruta*, com mais de quatro braças de largura.

Existem no julgado setecentos e trinta e dois rios de tamanho aproximadamente igual ao dos que acabamos de enumerar. Ao norte e a oeste do arraial de Meia Ponte existem muitos lagos, vinte e oito dos quais possuem mais de cem braças de comprimento, aí incluídos dois maiores, que têm setecentos e cinquenta; oitenta e oito têm o comprimento de cem braças, ou menos.

Vêem-se grandes matas virgens nas terras desse julgado. No lugar chamado Mato Grosso, cobrindo a cadeia principal, existe uma que mede cinco léguas de leste a oeste por duas de norte a sul. Ao norte ficam as florestas da Serra Negra, onde ainda não chegou o *machado*; dão-lhes dezessete léguas de norte a sul e três de leste a oeste. A leste se acham as fertilíssimas matas do Oliveira Costa e do rio Verde, que têm mais de cinco léguas de extensão.

Perto da aldeia de Meia Ponte, na margem oriental do rio das Almas, há uma pedreira de onde se extraem pedras flexíveis e elásticas, que se deixam curvar quase em semicírculo e voltam depois à forma natural. Do lado do rio do Peixe consta existirem pedras calcárias e, ao norte do mesmo rio, na Serra Negra e na de Oliveira Costa, várias cavernas de onde outrora se extraía o salitre e hoje servem de refúgio às onças, muito abundantes nesta região.

O rio das Almas apresenta duas importantes cachoeiras, antes de chegar a Meia Ponte; uma tem, segundo dizem, cem pés de altura e a outra nada menos do dobro.

Em baixo desta última fica um grande poço, muito profundo.

O ribeirão do Salobro passa por gozar da virtude de petrificar ràpidamente todo corpo estranho que caia em suas águas.

As águas do arraial são boas, mas as do rio das Almas são melhores.

O arraial de Meia Ponte fica situado numa planície um pouco inclinada para o norte, na margem esquerda do rio das Almas; ela é cortada por dois córregos, o Lavapés e o Prata, o primeiro com uma ponte de madeira, e o segundo com duas pontes de pedra. Há uma quarta ponte sobre o rio das Almas.

A aldeia mede setecentas e trinta e uma braças de leste a oeste, e quatrocentas de norte a sul; há nela oito ruas principais, três praças, seis igrejas e duas fontes públicas. Das igrejas, a maior é dedicada à Virgem, sob a invocação do Rosário; é construída de taipa sobre alicerces de pedra.

Meia Ponte possui uma biblioteca pública. O distrito se dividia antigamente em dois comandos gerais, o de Meia Ponte, abrangendo o norte, o leste e o sul, e o de Jaraguá, formado pela porção ocidental; era a sede do quartel-general do regimento de cavalaria, duas companhias do qual ficavam em Meia Ponte e uma em Jaraguá. Era também a residência de um batalhão de caçadores, do qual três companhias estavam aquarteladas em Meia Ponte e uma em Jaraguá. Tudo isso vai ser mudado, depois da criação das guardas nacionais e municipais, não completadas ainda hoje.

Afora a igreja principal, há no termo dez capelas filiais, duas das quais são curatos; uma é a de Nossa Senhora da Penha de Corumbá, a outra é a de Jaraguá, sob a mesma invocação da primeira.

Meia Ponte é a cidade principal do julgado; nela reside o Juiz de Órfãos, nomeado por três anos, e três juízes comuns. Conta, além disso, com três juízes de paz, dos quais apenas um mora em Meia Ponte; os outros dois residem fora, um em Corumbá e o outro em Jaraguá. Meia Ponte possui uma cadeia, no primeiro andar de cujo edifício fica a câmara do conselho municipal.

Os transportes são feitos a cavalo, não sendo ainda neste termo muito usadas as carroças.

A renda pública ascende anualmente, em média, à soma de três contos cento e quarenta e oito mil réis; quanto à municipalidade, ela arrecada apenas duzentos e cinquenta e dois mil réis.

Meia Ponte foi fundada em 1731; seu primeiro capelão foi José de Frias Vasconcelos, que em Março de 1732 assinava os primeiros registros de baptismo. Sua igreja, que era ainda simples capela filial de Goiás, tornou-se independente com a fundação da paróquia em 1736, sendo o padre Pedro Monteiro de Araújo o primeiro vigário. Meia Ponte foi elevada à categoria de capital do julgado em 1739, sendo Agostinho Pacheco Teles auditor e corregedor geral de Goiás. A povoação conta trezentos e vinte fogos e mil e quatrocentos e sessenta e dois habitantes.

O julgado de Santa Cruz se estende desde a ponta da serra que separa a leste a comarca de Paracatu, em Minas Gerais, e se vê entre o Paranaíba e a cadeia principal (Serra Mestra), até a confluência do rio Meia Ponte com o Paranaíba, quando ela vira para o sul. Nessa direcção o julgado tem menos de sessenta léguas, ao passo que de norte a sul sua largura é de quarenta léguas, desde o Jurubatuba, que o separa do julgado de Meia Ponte, até a foz do rio Veríssimo, no rio Paranaíba.

A freguesia de Nossa Senhora da Conceição ou Santa Cruz é a única que possui o julgado, tendo os mesmos limites do último; possui duas capelas filiais, a de Nosso

Senhor do Bonfim, no arraial do mesmo nome, e a de Madre de Deus, na aldeia de Catalão. Finalmente, no arraial de Santa Cruz, há a capela do Rosário.

Se bem que o terreno deste julgado seja bastante desigual e não existam matos extensos, o solo é susceptível de cultura; mas, são muito mais abundantes as zonas de campo, próprias à criação de toda espécie de gado. As plantas cultivadas no distrito são as mesmas encontradas no julgado de Goiás.

As principais cadeias de montanhas do termo de Santa Cruz são as que abaixo menciono.

A Serra das Caldas, que se estende do norte para o sul, num comprimento de três léguas e largura de uma e meia. Brotam desta serra numerosas fontes, sendo especialmente digna de nota as chamadas Caldas Novas e Caldas Velhas, situadas ambas a uma légua de distância de Santa Cruz; a água sai aí em vários graus de temperatura a ponto até de não ser possível suportar-lhe o contacto. Algumas dessas fontes mais quentes têm sido utilizadas vantajosamente no tratamento das moléstias da pele.

A Serra de Maratá, que corre de norte a sul; as águas que descem de suas alturas precipitam-se em grandes cascatas.

Finalmente, os morros do Masagão e do Cuscuzeiro ambos cobertos de espessas matos.

Embora a relação entre a superfície deste julgado e número de seus habitantes possa fazer supor que existem nele muitas terras devolutas, nada disso acontece. Os moradores do distrito, juntamente com os vindos de Minas Gerais, apoderaram-se àvidamente de todos os terrenos, conservando-os sob seu domínio, apesar de não se acharem em condições materiais de explorá-los e cultivá-los, senão em parte. Há no termo quase trinta e sete concessões mais ou menos cultivadas, de acordo com os recursos dos proprietários.

Os rios mais importantes do termo são:

O rio Corumbá, que vem de Meia Ponte, corre para o sul, lançando-se no Paranaíba, com o qual se parece nos obstáculos oferecidos à navegação.

Os outros cursos d'água que banham o distrito, como o Piracanjuba, o Sòzinho, o rio das Caldas, o Vermelho, o Parapitinga, o Passaquatro, o Brito, o rio dos Bois, o do Peixe, o Brumado, etc., fazem no *julgado trajecto demasiado* curto para que com eles tenhamos de nos deter.

Há no termo de Santa Cruz uma grande lagoa salina, que atrai grande número de animais. Pelo exame de algumas amostras impuras do sal amargo dela extraído, supõe-se que em sua água devem abundar principalmente o sal de Glauber e os sais de magnésia. Afora esta, existem ainda outras lagoas *pouco importantes*.

O julgado conta com oitocentos e dezesseis sítios mais ou menos extensos, alguns dos quais sem nenhum valor. Estão incluídos naquele número dezenove engenhos de açúcar, onde se fabrica aguardente e rapadura. Estes engenhos nunca estão todos em funcionamento.

Os lavradores plantam um pouco de algodão, milho, feijão, arroz, mandioca e outras raízes comestíveis; fumo e café plantam apenas o necessário para o seu uso particular.

As fazendas de criação ficam entre as outras concessões; seu número cresce de ano em ano, em consequência da vinda constante de imigrantes de Minas Gerais. Todos os lavradores também criam animais, na medida de suas posses.

Há minas de ouro nos povoados de Bonfim e de Santa Cruz. São também auríferos os rios Corumbá e do Peixe; no leito do rio Brumado o ouro aparece acompanhado de pedras preciosas, o mesmo acontecendo, conforme se assegura, com os córregos do Brito e do Veríssimo.

O Morro do Clemente, perto de Santa Cruz, é bastante rico em ouro; falta-lhe porém a água para lavar o metal. Aliás, todas estas minas são pouco exploradas, por falta de braços. Há no julgado minas de ferro, mas de pouca importância económica.

Os principais artigos de comércio são o ouro, o gado bovino e o cavalar, estas últimas fontes de riqueza aumentando constantemente.

Existem no termo trezentas e oitenta e sete tecelagens, muito primitivas, onde se fabricam panos grosseiros de algodão, usados no vestuário dos escravos e das pessoas pobres. Exporta-se um pouco destes tecidos, à razão de cento e sessenta réis a vara. Fabricam-se também tecidos de algodão um pouco mais finos e cobertas para cama, enfeitadas de lãs de diversas cores; estes artigos, porém, reservam-se ao consumo dos moradores do lugar, visto que as lãs de cor são muito escassas, sendo necessário para obtê-las, abstracção feita das que são tingidas com o anil e a ruivinha, únicas substâncias tintoriais existentes na terra, desfiar os tecidos de sarja pintada importados da Europa, cardá-los e fiá-los de novo. Para fiar usam-se rodas movidas a pé, de que há no julgado trezentas e trinta e oito, cada uma das quais vale três mil réis; quanto aos fusos, deles há tantos quantas mulheres no distrito.

Como já dissemos antes, há no termo dezenove engenhos; dos produtos neles fabricados, o açúcar branco, de boa qualidade, é vendido de duzentos a mil e quinhentos réis a arroba; a aguardente a dois mil e quatrocentos réis o barril de dez garrafas; as rapaduras a dois mil e quatrocentos réis a carga de oito arrobas. Esses produtos, enviados para a cidade, alcançam melhores preços. Nos próprios sítios, o fumo é vendido a novecentos ou mil e duzentos réis o rolo de trinta e duas varas. O algodão bruto, contendo ainda as sementes, vale seiscentos réis a arroba, e o café sem casca, mil e oitocentos.

O comércio interno é constituído pelo gado e pelos produtos das lavouras, tais como a farinha, o feijão, o arroz, toicinho, carne-seca, açúcar, aguardente, rapadura, sementes de mamona, etc. O lucro que os produtores tiram deste comércio basta-lhes apenas para viver.

Tira-se pouco ouro, por falta de escravos, vendo-se apenas, ocupados neste trabalho, alguns faiscadores; também só uma pequena quantidade do precioso metal é exportada pelo julgado.

Os outros artigos exportados são o algodão em bruto, ou o tecido, porcos, e o toicinho salgado, que vai para Goiás e para a vila de Paracatu. Calcula-se o valor desse toicinho em um conto de réis, o do gado em pé, em quatro contos e o dos couros cortidos de boi e de peles outras, em duzentos mil réis. A exportação anual, ao todo, é calculada em cinco contos e duzentos mil réis.

Importam-se todos os anos quase mil alqueires de sal, dez quintais de ferro e três de aço, enxadas, foices, machados, chumbo, pólvora, enxofre, drogas medicinais, papel, panos de lã, chapéus, salitre, tecidos de seda e de algodão, quinquilharias, vinho, aguardente, louças e vidraria. Não se pode, por falta de dados, indicar o montante destas importações, em dinheiro; mas sabe-se que ele excede bastante o das exportações.

O ouro paga um direito de saída.

As rendas municipais cifram-se ùnicamente nos impostos cobrados sobre os pesos e medidas e as cabeças de gado. Essas contribuições não produzem anualmente mais do que cinquenta e três mil e quatrocentos réis, não só por causa da decadência geral da região, como porque sòmente os revendedores, cujo número é pequeno, pagam a taxa sobre pesos e medidas, dela estando isentos os agricultores.

Como os rios do termo não se prestam à navegação, paga-se sòmente a travessia dos que se é obrigado a pas-

sar em barco ou canoa. A arrecadação desta renda é feita pelo Tesouro Nacional.

No termo não existem mais de vinte e uma mulas de carga, valendo em média trinta e seis mil réis; mas devem contar-se também oitocentos e quarenta cavalos, valendo em média dezessete mil réis. Todos estes animais são da propriedade particular de quem os utiliza, motivo pelo qual nada pagam ao Estado.

Há doze lojas no julgado e trinta e um botequins; mas também nestes últimos se vende sal, vinho e aguardente. Alguns vendedores ambulantes não têm residência fixa.

Duas estradas principais partem deste distrito para a capital do Império: a de São Paulo e a de Minas Gerais; além destas, outras vias de comunicação ligam-no a todas as partes da província.

Não há dados oficiais sobre o julgado de Santa Luzia; mas, de acordo com as informações obtidas de particulares, ele se estende por um planalto elevado, cujas dimensões são de quarenta e duas léguas de leste a oeste e de quarenta e seis de norte a sul. E' limitado, ao norte, pelo julgado de Traíras, no rio Maranhão; a les-nordeste, pela lagoa Feia, no lugar chamado Terra Vermelha; a leste, pelo território dos Arrependidos e pelo julgado de São Romão, no ponto denominado Extrema; ao sul, pelo julgado de Santa Cruz, no lugar chamado Covas de Mandioca; a oeste, pelo de Meia Ponte, no rio das Areias, e, finalmente, a noroeste, pelo de Flores.

O povoado de Santa Luzia goza de clima sadio e ameno; o ar é puro e as águas abundantes. A igreja paroquial está sob a invocação de Santa Luzia, nome que passou primeiro para o arraial, e depois se estendeu a todo o julgado. O lugar foi descoberto por António Bueno de Azevedo, em 1746.

Afora a igreja principal, há ainda no julgado mais duas, a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a de Nossa Senhora das Dores, esta última de construção recente. Existem ainda duas capelas filiais, a de Santo Antônio dos Montes Claros, situada no povoado do mesmo nome e construída sobre uma notável elevação, e a de Nossa Senhora da Abadia, no arraial de Couros.

O solo deste julgado é plano, com excepção de alguns lugares montanhosos, situados na periferia; possui muitas terras cultiváveis, onde crescem bem legumes e árvores frutíferas. Existe ouro em diversos pontos e as vastas planícies oferecem pastos excelentes à criação do gado. Os habitantes parece terem mais inclinação pelo cultivo do solo do que pela cata de minerais preciosos, visto como em toda a zona aurífera não há uma só instalação fixa, mas apenas alguns faiscadores. A criação de bois e cavalos é praticada em várias fazendas; a fabricação de tecidos de algodão é usual entre os habitantes, que sabem tingir os fios com cores permanentes, *tiradas do anil e da ruivinha*.

Este termo é nada mais nada menos do que uma das *tombadas* do planalto onde fica Santa Luzia e descamba para a Contagem de São Marcos; sua principal cadeia de montanhas é a Serra dos Cristais, assim denominada por se ter encontrado nela, cavando o chão, cristais brancos, amarelos, verdoengos e tirantes a violeta. Estes cristais são levados para os portos do litoral e exportados para o estrangeiro; os de cor, justamente os que alcançam melhor preço, têm-se tornado difíceis de descobrir, ao passo que os brancos, qualquer que seja a sua limpidez, perderam o seu valor comercial.

Os principais rios encontrados no julgado de que agora nos ocupamos são: o Corumbá, que corre para o Paranaíba, o Montes Claros, o Ponte Alta, o Macacos, o rio Preto, que nasce perto do arraial de Couros e corre para o rio São Francisco, e, finalmente, o ribeirão de Saia Ve-

lha, que sai do planalto de Santa Luzia. Além desses rios principais, banham ainda a região inúmeros córregos.

Devemos ainda mencionar na geografia desse distrito a Lagoa Feia, cujo horrível aspecto lhe torna o nome muito merecido. Tem de comprimento uma légua, mas ignoram-lhe a profundidade; suas águas parecem negras, acham-se cobertas em parte por uma espécie de musgo, e são povoadas de jacarés e excelentes peixes, principalmente *traíras*.

Ao norte do julgado, próximo ao rio Maranhão, encontram-se algumas grutas muito ricas em salitre.

Entre os produtos naturais conhecidos e utilizados na região temos: a poaia (ipecacuanha) branca e preta, a quina do campo, uma espécie de alcaçuz e o anil, que cresce espontâneamente. Nalgumas partes do julgado. cultiva-se, com resultado. o trigo, a cevada e a aveia.

Os artigos de importação são os mesmos de Santa Luzia. A exportação consiste em cerca de oitocentas arrobas de marmelada, quinhentas de açúcar, mil de café e quinhentas de fumo, que se remetem para a cidade de Goiás e para as vilas de França e Paracatu. Exportam-se também bois, cavalos, couros e peles curtidas.

Do arraial de Santa Luzia partem várias estradas; uma para o Rio de Janeiro, outra para a capital da província, e outra para a Bahia, Pernambuco, Maranhão e São Paulo.

O julgado de Pilar tem trinta e seis léguas de norte a sul e dezessete de leste a oeste; limita-se ao norte com o julgado de *Traíras*, ao sul com o de Goiás, a sudoeste com o de Meia Ponte e a oeste com o de Crixás. Está dividido em duas paróquias, a de Nossa Senhora do Pilar, na aldeia do mesmo nome, e a da aldeia do Carretão. que é chamada de Pedro Terceiro. A primeira confina ao norte com a paróquia de São José de Tocantins, a leste pela

de Traíras, ao sul pela de Carretão, a sudoeste pela de Meia Ponte, e, a oeste, pela de Crixás. Possui duas capelas filiais, a de Nossa Senhora da Penha de Garinas, distante três léguas e quase destruída, e a de São Sebastião de Lavrinhas, a oito léguas de Pilar. A paróquia do Carretão é constituída exclusivamente de índios convertidos, pertencentes às nações dos Xavantes e dos Xerentes, só uma parte dos quais se encontra aldeada. Esta paróquia é limitada ao norte e a leste pela de Pilar, ao sul pela de Goiás, e a oeste pela de Nosso Senhor Bom Jesus, da aldeia da Anta.

O clima desse julgado é são e temperado; o solo é fértil e produz em abundância milho, feijão e toda espécie de cereais; dá também mandioca, cana, banana, laranja, jaca, abacaxi e outras frutas saborosas. Abundam ainda muitas madeiras de construção e plantas medicinais, sendo extraída grande quantidade de mel de abelhas silvestres e de óleo de copaíba. Consta ser possível cultivar o trigo, a vinha, o linho e o anil.

O julgado conta com extensas matas e vastos campos apropriados à criação do gado. As cadeias de montanhas *mais notáveis são* as serras de Pendura e Pedreira, que nascem na parte oriental do distrito, uma em frente à outra e circundam a povoação de Pilar, correndo para o norte, sempre paralelas. Destas duas cadeias saem ramificações que tornam muito montanhoso todo o solo do julgado.

Nesse termo existem muitas concessões de terras, só algumas sendo objeto de exploração: as restantes vivem no abandono, seja por parte dos primitivos donos, seja por falta de braços para cultivá-las.

Os rios principais são:

O rio das Almas, que nasce no lago dito do Pai José, situado nas cercanias de Meia Ponte, do lado de leste, e desemboca no rio Maranhão. Esse rio, pobre de peixe, permite em qualquer época do ano a descida até Belém

do Pará, embora apresente, a doze léguas do arraial de Pilar, entre rochedos escarpados. uma perigosa corredeira, conhecida pelo nome de cachoeira do Facão. Uma meia légua adiante, existem corredeiras ainda maiores que tornam a *navegação de facto impraticável* e só com enormes despesas poderiam ser suprimidas.

O rio São Patrício, cujas cabeceiras ficam ao sul de Carretão e que se lança no rio das Almas, a dez léguas de Pilar.

O rio Vermelho, que nasce na serra do Pedreira, perto de Pilar; só permite navegação durante as cheias, contém pouco peixe e é muito perigoso, por causa das febres que reinam em suas margens.

O rio Crixás, muito rico em peixe, que vem do antigo termo de Tesouras, situado ao sul, e desagua no Araguaia; pode-se descê-lo em qualquer estação até o Pará, partindo de um ponto situado a catorze léguas de Pilar.

Os *rios do Peixe e do Poço Falso* nascem na parte oriental da serra supracitada e correm para o Crixás, onde desembocam, o primeiro a catorze, e o segundo a vinte léguas de Pilar. Ambos só podem ser navegados durante as enchentes.

Finalmente, o Calhamares, que nasce ao sul de Pilar, e desemboca no Crixás, a oito léguas desta povoação.

As margens de todos estes rios são insalubres, por causa das inundações.

Os sítios de cultura deste termo são em número de sessenta; planta-se neles milho, feijão, arroz, favas, mandioca, batatinha, cará, amendoim, cana, café e algodão. Para o plantio da cana abrem-se no chão regos de um palmo de profundidade, fincando as mudas à distância de quatro palmos, ou três pés, umas das outras.

A criação de gado bovino e de cavalos é praticada apenas em quinze fazendas. Em 1828 estes estabelecimen-

los exportaram trezentas cabeças de gado, parte das quais foi vendida a dinheiro, e o restante em troca com certas mercadorias, como o chumbo, a pólvora e o sal, ou senão de cavalos, de que há falta para a guarda dos rebanhos.

Conhecem-se no distrito catorze minas de ouro, das quais só uma é explorada, já pela falta de escravos, já pelo desconhecimento de um processo fácil de extração do minério. Há ainda numerosas minas de ferro, de que não se tira nenhum proveito.

Os tecidos comuns de algodão fabricam-se numa centena de oficinas muito primitivas existentes no termo.

Nove engenhos produzem o açúcar de cana, que é vendido à razão de mil e oitocentos a dois mil e quatrocentos réis a arroba. A aguardente vale trezentos réis a canada.

Cultiva-se também no julgado o fumo, o algodão e o café, o primeiro sendo vendido ao preço de mil e oitocentos a dois mil e quatrocentos réis a arroba.

O principal artigo de comércio é o algodão tecido, que se vende a dinheiro ou se troca por objectos de primeira necessidade; dele se exporta ainda, nos anos comuns, cerca de oito mil varas, à razão de cento e cinquenta réis a vara, o que perfaz a soma total de um conto e duzentos mil réis. Exportam-se, além disso, duzentas arrobas de algodão em rama, à razão de seiscentos réis, ou sejam cento e vinte mil réis; trinta arrobas de café, a dois mil e quatrocentos réis cada uma, ou sejam setenta e dois mil réis; cento e cinquenta arrobas de açúcar branco, a mil e oitocentos réis a arroba, o que equivale a duzentos e setenta mil réis; cinquenta barris de aguardente, a dois mil e quatrocentos réis o barril, ou sejam cento e vinte mil réis. Essas mercadorias são de boa qualidade e representam um valor total de um conto setecentos e oitenta e dois mil réis; esta importância, adicionada a um conto e oitenta e dois mil réis, proveniente das trezentas cabeças de gado vendi-

das ao preço médio de três mil e seiscentos réis, perfaz a soma de dois contos oitocentos e sessenta e quatro mil réis, correspondente ao total das exportações do julgado.

Todos os anos importam-se nesse distrito cerca de duzentos alqueires de sal, num valor de um conto novecentos e vinte mil réis; seis quintais de ferro, no de duzentos e trinta e quatro mil e quatrocentos réis; três arrobas de aço, no de quarenta e três mil e duzentos réis; seis arrobas de cera, no de cento e setenta e dois mil e oitocentos réis; dois barris de vinho, no de setenta e dois mil réis; quatro arrobas de pólvora, com a quantidade de chumbo correspondente, no de duzentos e trinta mil e quatrocentos réis; oito arrobas de farinha de trigo, no de trinta e oito mil e quatrocentos réis; drogas, papel, tecidos, etc., no valor de quatrocentos mil réis. Isso perfaz, para o total das importações, a soma de três contos, cento e sete mil e duzentos réis, ou sejam duzentos e quarenta e três mil e duzentos réis a mais do que o total das exportações.

A maior parte das mercadorias importadas são vendidas a dinheiro; aí estão, principalmente, o sal, o ferro, o aço, a cera, o vinho, as drogas.

As rendas municipais são quase nulas, visto como grande número de famílias se retirou do distrito, à falta de escravos para cultivar a terra.

No único rio permanentemente navegável desse julgado, paga-se ao Estado, para cada cem passos, a taxa de 75 réis por quintal, outro tanto por pessoa, e o dobro por animal.

Animais de aluguel não há no julgado. As boticas são em número de três e as tabernas onze. Cinco estradas vão ter respectivamente a Goiás, a Meia Ponte, a Traíras, a Amaro Leite e a Crixás; o comprimento de cada qual sendo trinta e oito, trinta, vinte e cinco, vinte e doze léguas. Poder-se-ia encurtar a de Meia Ponte, derrubando uma mata e construindo pontes.

O julgado de Crixás tem trinta e oito léguas de norte a sul e vinte e duas de leste a oeste; há nele apenas uma paróquia, a de Nossa Senhora da Conceição, no arraial de Crixás, com duas capelas filiais, que são a de Nossa Senhora da Abadia e a de Nossa Senhora do Rosário.

Neste julgado o terreno é em parte plano e em parte montanhoso, mas susceptível de toda espécie de cultura, excepção feita do trigo e da vinha. Belas matas cobrem o solo da região, do lado de Salinas, a uma distância de catorze léguas; há, além disso, em vários pontos, bosques mais ou menos extensos e bons para a lavoura. Também não faltam campos apropriados à criação, especialmente a do gado bovino.

Quase todas as terras do termo foram objecto de concessões; mas as doenças e o desânimo decorrente da carência de meios para cultivá-las acarretaram o seu despovoamento, desde que cessou a primitiva abundância de ouro. Há ainda em exploração sete dessas concessões; em duas delas cria-se gado, nas demais fazem-se diversas plantações.

Entre as principais cadeias de montanhas conta-se a Serra da Bocaina, que corre de norte a sul, e a de Poço Grande, que se dirige para leste.

Dos rios, merecem referência: o Crixás-Açu, que nasce ao sul, nas montanhas do Tesouras, e corre para o norte, desembocando no Araguaia; o Calhamar, que nasce na Serra de São Patrício e despeja no primeiro, a três léguas da cidade de Crixás; o Crixás-Mirim, que tem suas origens na Serra dos Caiapós e despeja no Araguaia.

Todos estes rios são muito abundantes em peixes de diferentes qualidades e bem aproveitados pela gente da terra. Em pleno inverno, até o mês de Junho, o Crixás-Açu é navegável por barcos de tamanho médio, ao passo que na estação das águas até mesmo alguns botes têm conseguido descer até Belém. Durante a seca a navegação é

dificultada pelas cachoeiras e baixios, sem falar no perigo das doenças.

No caminho de Salinas há uma grande lagoa, bastante profunda e piscosa; ela é navegável em qualquer estação, mas no inverno os insectos nocivos importunam terrìvelmente, ao passo que as febres intermitentes infestam-lhe habitualmente as margens.

A sete léguas de Crixás, na margem do rio Vermelho existe uma profunda gruta, ainda não examinada.

Contam-se no termo quarenta sítios de cultura, onde se planta milho, arroz, feijão, mandioca, café, algodão, fumo, amendoim, batatinha, cará e mamona. Durante a seca faz-se a derrubada das matas, em Agosto ou Setembro lança-se-lhes fogo e, assim que caem as primeiras chuvas, planta-se o milho, deixando cinco palmos de distância entre os pés; depois, no mesmo terreno, planta-se a mamona, um pé em cada dez palmos.

Alguns lavradores, em vez de mamona, plantam feijão, fava ou mandioca; as outras plantas são cultivadas em terreno à parte, pois assim é maior a sua produção.

O arroz exige solo húmido; semeiam-se de quinze a vinte grãos, em buracos separados dois ou três palmos um do outro.

O algodão é semeado em buracos espaçados de dez a vinte palmos.

Cria-se o gado em dezoito fazendas, algumas das quais dedicadas também à agricultura.

Todas as minas do distrito se acham abandonadas por falta de braços; algumas, todavia, contêm ainda trechos susceptíveis de ser explorados com grande proveito. Das dezessete minas, só em duas se faz ainda algum trabalho: a de Barriga, explorada por alguns homens livres, e do Calisto, trabalhada pelo próprio dono.

Os produtos capazes de ser negociados são, afora o ouro, a cera, a resina e as plantas medicinais.

Não há produção de açúcar no termo; esse artigo é trazido de fora, ao preço de dois mil e quatrocentos réis a arroba, ou, mais raramente, de mil e oitocentos. A aguardente vale, em média, três mil réis o barril. A principal cultura é a do algodão, cujo preço de venda varia entre seis e nove mil réis. Há muito pouco quem se ocupe com o café e o fumo.

As mercadorias importadas são, em primeiro lugar, *tecidos, víveres, ferro, aço, etc.*, num valor anual de um conto e duzentos mil réis. Outros artigos, que se podem considerar também de primeira necessidade, somam um conto e noventa e dois mil réis, a saber: cem alqueires de farinha de mandioca, à razão de noventa mil réis; quantidade idêntica de feijão, a cento e vinte mil réis; quarenta alqueires de sal, a trezentos e oitenta e quatro mil réis; vinte arrobas de açúcar, a quarenta e oito mil réis, cinquenta barris de aguardente, a cento e cinquenta mil réis; cinquenta cargas de rapadura, a cento e oitenta mil réis; finalmente, cem rolos de fumo, a cento e vinte mil réis. *O total das importações ascende assim a dois contos duzentos e noventa e dois mil réis.*

Os artigos de exportação são: o ouro, a elevado preço; o gado vacum, de que se exportam anualmente trezentas cabeças, ao preço médio de três mil e seiscentos réis a cabeça, ou seja a importância global de um conto e oitenta mil réis; os couros de boi curtidos, à razão de mil e duzentos réis por unidade, e os couros crus, a quatrocentos e cinquenta; couros curtidos, de bezerro, de cabra, de onça, de lontra; peixe salgado, e o próprio sal obtido na região. Ignora-se a importância correspondente a estes últimos artigos de comércio. Poder-se-ia obter no próprio julgado todos os alimentos que se manda vir de fora, se nele a agricultura estivesse mais desenvolvida; o excedente que porventura fosse deixado pelo consumo, encontraria colocação fácil no Pará, utilizando os rios.

A navegação fluvial é muito pequena, motivo pelo qual o Estado nenhum imposto lançou sobre ela. Não existem muias cargueiras para alugar, não as existem.

Em Crixás não há mais do que duas tabernas, e outras duas em Calixto; lojas, não existe uma sequer.

Dois caminhos conduzem de Crixás a Pilar; um por Guarinar, com dez léguas de extensão, e outro para Ouro Fino, com onze. Este último é o melhor e o mais frequentado. O encurtamento destas vias de comunicação é dificultado pela natureza do terreno. Uma outra via comunica Pilar com Carretão; tem doze léguas e passa pelo Morro Agudo, que não tem mais de uma. Um quarto caminho, longo de trinta léguas, leva a Salinas. As principais dificuldades que este apresenta provêm dos rios a atravessar, coisa que chega a ser impossível na estação das águas. Um quinto caminho, finalmente, é o de Crixás a Amaro Leite; tem vinte léguas e não oferece outro obstáculo além da passagem dos rios, durante a estação chuvosa.

Os julgados de que agora nos vamos ocupar formam a comarca do Norte ou de São João das Duas Barras. O primeiro é o da vila de São João da Palma, com trinta léguas de norte a sul e setenta e quatro de leste a oeste; é limitado ao norte pelos julgados de Conceição e Natividade; a leste pelo de Arraias; ao sul pelos de Cavalcante, São Félix e Traíras, e, finalmente, a oeste pelos de Porto Imperial e Araguaia. Esta circunscrição forma única paróquia, que outrora era bem maior, abrangendo quase todo o julgado de Conceição, cuja capela dependia da igreja da vila de São João da Palma.

A região situada na confluência dos rios Paranã e Palma é elevada, batida pelos ventos, arenosa, mas excelente para a criação do gado. O julgado é em parte coberto de belas florestas, de solo apropriado à lavoura; entretanto disso não se tira nenhum partido, por causa dos índios que assolam a região.

A principal cadeia de montanhas do distrito é um galho da cordilheira que separa de Goiás as províncias de Pernambuco, da Bahia e de Minas Gerais; tem direcção norte-sul e adquire vários nomes, de acordo com os lugares existentes na sua imediata vizinhança, tais como Serra de Santa Maria, dos Cristais, do *Mucambo* e de Ouro Fino; ela separa o termo da vila de São João da Palma dos de São Félix e Cavalcante.

Uma outra cadeia, orientada no mesmo sentido da precedente, tem o nome de Serrinha. Aí se cultiva, com êxito, cana, milho, arroz, feijão, algodão, fumo e café. Existem ainda no distrito outras montanhas isoladas, tais como o Morro da Vila, o dos Picos, o do Moleque, o do Príncipe, de São Domingos, de São João, de São Dionísio e de Bananal.

Toda a região a oeste do rio Maranhão é deserta, excepção feita da faixa que do Barro do Espírito Santo se dirige para o centro, subindo o rio Santa Teresa; nesta parte encontram-se algumas fazendas de criação, adjacentes ao julgado de Traíras, no Descoberto de Amaro Leite. O restante corresponde a posses adquiridas por compra ou recebidas em herança, porém sem concessões.

Os rios merecedores de menção particular são o Paranã, que é um *afluente do Tocantins e não deve ser confundido* com o seu homónimo, pertencente à bacia do rio da Prata, o Maranhão e o Palma [1]. Este último nasce na serra geral, a leste; tem por afluentes, na margem oriental, os rios das Palmeiras e do Inferno, e na ocidental o do Mosquito, indo unir-se ao Paranã próximo à vila de São João, para formar o chamado rio Paranatinga.

---

(1) Para o Paraná, afluente do Tocantins, temos adoptado nesta tradução a grafia Paranã, que sobre evitar a confusão referida pelo Autor, é talvez a mais encontradiça na cartografia antiga. (Nota do trad.).

O Paranã sai de uma cadeia de montanhas, na altura da Chapada de Urucuia, próximo ao Registo da Lagoa Feia; ele atravessa o julgado de Flores, separa o de Arraias do de Cavalcante, entra no distrito da vila de São João da Palma e, sete léguas abaixo, desemboca no Maranhão.

No julgado de Flores, o Paranã recebe os rios Crixás, Praim, Corrente e dos Macacos, todos vindos de leste; no distrito de Arraias engrossa-se com as águas do rio São Mateus, do São Domingos e do Bizerra, oriundos do mesmo lado. No termo de Cavalcante recebe, pela margem ocidental, o rio das Pedras; finalmente, no julgado de São João da Palma, o Paranã recebe pela margem oriental o São Domingos e, pela ocidental, o Corrente, o Prata e o Boaventura. O Maranhão sai da Lagoa Formosa, chamada também dos Veadeiros; separa, até a confluência com o rio das Almas, a comarca de São João das Duas Barras da de Goiás, entrando depois na primeira destas comarcas, que atravessa, até a sua reunião com o Araguaia, a duzentas e doze léguas abaixo da vila de São João da Palma. O rio proveniente desta reunião, até sua foz na província do Pará, é chamado Tocantins. Os afluentes do Maranhão, pelo lado oriental, são os rios Traíras, Bagagem, Tocantins, Preto, Paranatinga, São Valério, Manuel Álvares, Surubim, Areias, do Sono, Manuel Alves Grande e Farinha: pela ocidental, o rio das Almas, o Santa Teresa, o Santo António, o Crixás e o Matança. Todos estes rios abundam em peixe e permitem a navegação em qualquer tempo, o Maranhão até o porto de Água Quente, o Paranã até Flores, e o rio da Palma até vinte léguas acima da vila, no termo da Conceição.

As cidades de São João da Palma, Porto Imperial, São Félix e Flores ficam nas margens dessa rede fluvial, estando assim em comunicação directa com o Pará e com o interior da comarca. Traíras fica a sete léguas apenas

do rio Maranhão, e Cavalcante a nove do Paranã; Arraias a doze do Paranã e a outras tantas do rio de Palma; Conceição fica a quatro léguas do rio da Palma e Natividade a cinco léguas de Manuel Álvares. Destas cidades, a de São João da Palma é que fica em situação mais vantajosa, por isso que têm de passar por ela todas as embarcações que sobem para os termos de Cavalcante, Flores, Arraias e Conceição.

Nessas paragens é possível navegar em qualquer estação, muito embora existam obstáculos materiais em todos os rios acima enumerados.

Já dissemos que esses obstáculos poderiam em parte ser destruídos ou contornados. Nas regiões que nos ocupam acham-se perfeitamente indicados os trabalhos a fazer. Há nelas, com efeito, vários canais pouco profundos; melhorando-os, facilitar-se-ia muito o transporte por água nos lugares em que se é forçado a deixar o leito dos rios, para evitar os perigos neles existentes. Este grave inconveniente é encontrado no trecho do Tocantins, conhecido com o nome de canal de Tanari, o qual se inicia quatro léguas abaixo da cidade de São João das Duas Barras, e se prolonga numa extensão de dezoito léguas. Torna-se aí necessário deixar o leito do rio por causa dos obstáculos que encerra, e ir por terra, margeando a borda ocidental, numa travessia bastante penosa por entre as árvores da mata.

No estio, com o chão completamente a seco, seria fácil e urgente abrir um caminho para que as embarcações passassem sem perigo, aproveitando a estação, que de todas é a mais propícia para as viagens deste gênero.

Todos esses rios são insalubres durante a estação das águas, por causa das matérias em decomposição que eles arrastam e dos lagos deixados a seco pelo verão.

Há no julgado muitas lagoas, porém de pequena extensão. Sua utilidade como bebedouros para o gado im-

pede que se procure secá-las definitivamente, não obstante sejam elas, nos meses de verão, responsáveis por muitas doenças.

Diz-se terem sido descobertas no Sítio de Bananal, a cinco léguas de São João da Palma, grutas contendo salitre e calcário. Uma caverna semelhante vê-se perto das nascentes do rio São Boaventura, a seis léguas de São João, contendo águas termais muito benéficas no tratamento das afecções cutâneas e reumatismais.

O termo conta com oitenta e cinco sitiantes lavradores, que muito pouco produzem. Há setenta fazendas de criação de gado bovino e cavalar, sendo de bois exportados cerca de mil cabeças, valendo cada uma, termo médio quatro mil réis; cavalos, são exportados em número de cinquenta, à razão de dez mil réis a cabeça, o que, no tocante a estes dois artigos, dá para as exportações do distrito a soma de quatro contos e quinhentos mil réis.

Não foram ainda descobertas minas de ouro no termo de que nos vimos ocupando; sabe-se, contudo, através da experiência, que procurando este precioso metal no leito do Paranã e do Maranhão, poder-se-ia conseguir entre trezentos e seiscentos réis por dia, na estação seca. Apesar disso, ninguém no julgado se ocupa com semelhante trabalho.

Também não faltam plantas medicinais, mas não se faz delas objecto de comércio, pelo facto de existirem igualmente nos distritos vizinhos.

O julgado possui sòmente catorze pequenas tecelagens de algodão; mesmo assim, nem todas se acham em atividade.

Quatro engenhos, movidos a bois, produzem açúcar rapadura e aguardente, o primeiro a três mil réis a arroba, a segunda a duzentos e vinte e cinco réis por oito libras de peso, e a última a nove mil e seiscentos réis o bar

ril de vinte e quatro garrafas. Colhe-se um pouco de fumo, que é vendido a três mil réis a arroba, café, que é vendido por preço análogo, e algodão, que é pago a duzentos réis a arroba. Os principais artigos de comércio são bois, cavalos, couros crus e curtidos, carne de porco, aguardente de cana, açúcar e fumo, artigos que deixam aos exportadores um lucro de cento por cento. Os mercados para onde vão estes produtos são a Bahia, para os *cavalos e bois*; o Pará, para os couros curtidos ou crus, para o toicinho e o açúcar; a província do Maranhão, nas imediações de Carolina, para a aguardente e o fumo.

Juntando aos quatro contos e quinhentos mil réis, provenientes da exportação dos bois e cavalos, trezentos mil réis de cerca de mil couros crus, seiscentos mil réis de couros curtidos, outros seiscentos mil réis de duas mil peles de veado e cento e vinte mil réis de quarenta peles de onça, teremos um montante de seis contos cento e vinte mil réis, valor total das exportações do julgado, durante o ano.

As importações são constituídas por todas as mercadorias procedentes do estrangeiro e cujo fabrico não se pode esperar tão cedo seja introduzido na região.

Os artigos importados pagam-se a dinheiro ou se trocam com os produtos locais. Não é possível lhes calcular o valor total, visto como não há nenhum lugar especial em que sejam vendidos, mas, pelo contrario, o comércio sendo exercido por negociantes ambulantes, que percorrem o distrito, distribuindo os seus artigos e recebendo em troca cabeças de gado. O mais que se pode dizer é que o total das exportações parece ultrapassar o das importações em cerca de dois contos de réis, diferença que poderia ainda aumentar vantajosamente se alguns melhoramentos fossem introduzidos na cultura das terras e na criação do gado. Os únicos impostos municipais são os arrecadados sobre a verificação dos pesos e medidas.

Nos rios navegáveis são cobrados impostos apenas sobre as mercadorias que entram no julgado, com excepção do sal. Na descida dos rios o frete é de mil e oitocentos réis por quintal; na subida, é de oito mil réis. A distância que separa a vila de São João da Palma de Belém é de trezentas e vinte léguas. O termo não possui mulas de aluguel, mas cerca de cinquenta animais desta espécie trabalham a serviço dos respectivos donos.

Em São João não há mais do que duas lojas e quatro vendas.

Várias estradas ligam a vila a todos os julgados da comarca, de onde em seguida é possível seguir por terra para qualquer província do Brasil, com excepção do Pará, a que só se pode ir pela via fluvial. Dista São João da Palma vinte e quatro léguas dos limites do termo de Porto Imperial, onze do distrito de Natividade, dez do julgado de Conceição, catorze do de Arraias, dezesseis das fronteiras do julgado de Cavalcante e, finalmente, doze das de São Félix. Todos estes caminhos se ressentem da falta de serviço de conserva, e nas condições actuais estão longe de permitir livre circulação em qualquer tempo.

O julgado de Conceição tem dezesseis léguas de norte a sul e vinte e seis de leste a oeste; é limitado ao norte pelo julgado de Natividade, a oeste pelo de São João da Palma, ao sul pelo de Arraias e a leste pela província da Bahia. Divide-se em duas paróquias, a de Nossa Senhora da Conceição, situada na principal aldeia do distrito, e a de São José do Duro, dezoito léguas distante da primeira. No próprio povoado de Conceição há ainda a capela de Nossa Senhora do Rosário, ao passo que na aldeia do Príncipe, que fica a dez léguas, existe uma igrejinha dedicada a Nossa Senhora das Neves.

Parte do julgado fica na tombada de uma pequena serra, em terreno enxuto e sem água; a parte restante, porém, é formada de planaltos de terra vermelha. De re-

to, todo o termo é eminentemente próprio à criação do gado, seja ele qual for, as matas sendo muito poucas.

A principal cadeia de montanhas do distrito é a serra geral que separa a leste e em direcção norte-sul a província de Goiás da da Bahia, tomando várias denominações conforme os registros que nela se instalaram, tais como o de Tabatinga e o do Duro. Próximo a este último, é ela coberta de matas entrecortadas de córregos e cultivada por numerosos moradores.

A Serra de Santana segue direcção semelhante à da que acabamos de mencionar, separando o termo de Conceição do de São João da Palma; ela começa a duas léguas do rio Manuel Álvares e termina a uma légua do rio da Palma. Nos cumes crescem florestas e nos platôs encontraram-se jazidas de ouro.

Todo o solo está repartido entre proprietários, que receberam por herança ou adquiriram por compra, quando não por efeito de uma longa ocupação; não há porém concessões e, excepção feita da parte habitada pelos Xerentes, ao nível de Duro, está aproveitado pelas culturas.

Os rios de maior importância são: o Manuel Álvares, que sai da Serra do Duro, recebe a leste o ribeirão da Taboca, separa os julgados de Conceição e Natividade, serve em seguida de limite entre este último e o de São João da Palma, e lança-se finalmente no rio Maranhão; o rio da Palma, que corre de leste a oeste, separa os distritos de Conceição e Arraias, atravessa o de São João da Palma e despeja no Paranã, perto mesmo da vila, depois de ter recebido, pela margem oriental, os rios das Palmeiras e do Inferno e, pela margem oposta, o Mosquito.

Todos os rios acima citados dão peixe, embora em quantidade insuficiente para que dele se faça objecto de comércio.

Os rios Manuel Álvares e da Palma são navegáveis em parte de seu curso, mas apresentam muitas corredeiras.

As margens desses rios são insalubres, por causa da putrefacção verificada nas lagoas quando secam, durante o verão. As doenças mais comuns são as febres intermitentes, tratadas com refrescantes, com o emético ou a quina. A despeito porém desses inconvenientes, seria muito prejudicial à criação o dessecamento completo e definitivo dessas lagoas.

As grutas salitrosas e as rochas calcárias são muito comuns, dizem, na serra geral. Há no distrito trinta e cinco lavradores que plantam tudo quanto na terra se cultiva, mas em tão pequena quantidade que durante a maior parte do ano se vêem forçados a comprar víveres em Serrinha e no bairro alto do julgado de São João da Palma.

As cinquenta e três fazendas de criação existentes no julgado exportam, anualmente, dois mil e cem bois, ao preço médio de quatro mil e cem rêis a cabeça, e duzentos cavalos, ao preço de dez mil réis, uns pelos outros.

No próprio arraial de Conceição e num perímetro de cinco léguas de raio à sua volta, encontram-se ricas minas de ouro, hoje abandonadas, já por causa da falta de água para a lavagem, já pela grande quantidade que delo se acumulou nos buracos abertos pelas escavações. São elas as do Buraco de João Soares, de Morro das Chagas, de Morro do Tatu, de Córrego do Coxo, de Córrego da Pindoba, do Gambo, do Carrapato, do Bacopari, do Buraco das Pedras, da Lagoa, do Morro da Cajàzeira, do Boqueirão do Benedito, das Lavras do Engenho Velho e de Periarra.

Os únicos produtos de que se poderia fazer comércio seriam algumas plantas medicinais; mas não seria fácil conseguir para elas preço vantajoso, visto abundarem também no resto da província.

Há no distrito cinquenta e oito tecelagens, muitas delas em inactividade. Três engenhos, tocados a bois, produzem açúcar, rapaduras e aguardente: o primeiro é ven-

dido à razão de dois mil e quatrocentos réis a arroba, as segundas a duzentos e vinte e cinco réis por pedaço de oito libras de peso, a última a nove mil e seiscentos réis o barril de vinte e quatro garrafas. O café e o fumo são trazidos dos julgados vizinhos, ao passo que o algodão é colhido no próprio julgado de Conceição em quantidade apreciável e ao preço de mil e duzentos réis a arroba.

Os principais artigos de comércio são o gado, os couros crus, que valem, cada um, trezentos réis, e os couros curtidos, cujo preço é seiscentos réis. Quando as mercadorias são exportadas pelos próprios habitantes, elas proporcionam a estes grandes lucros. A totalidade das exportações anuais é de duas mil e cem cabeças de bois, duzentos cavalos, mil e quinhentos couros crus e quinhentos couros curtidos. Pelos preços há pouco indicados, estas exportações correspondem a uma receita de onze contos cento e cinquenta mil réis.

As importações são constituídas por todas as mercadorias que a região não produz, e procedentes dos portos da costa. Estes artigos são pagos em dinheiro ou trocados com os produtos da terra. E' difícil avaliar-lhes a importância, por causa do grande número de negociantes ambulantes que correm o termo, propondo a troca de seus artigos com bois e cavalos; pode-se todavia calcular em quatro contos de réis o excesso das exportações sobre as importações.

Os direitos municipais arrecadados pelo julgado são constituídos pela taxa sobre os pesos e medidas. O fruto desta arrecadação é administrado pelo conselho da municipalidade ou os lavradores. Não há imposto sobre a navegação. Possui o termo duas lojas e três vendas.

Vários caminhos partem de Conceição para todas as subdivisões da comarca, podendo-se por eles viajar para qualquer das províncias do Brasil, com excepção do Pará, que só tem comunicação por água; assim é que um cami-

nho de dezoito léguas leva ao Registro do Duro, de onde se pode seguir para a Bahia, para Pernambuco, Maranhão ou Piauí. Um outro, de vinte e duas léguas, vai ao Registro de Tabatinga. Uma estrada de seis léguas conduz aos limites do julgado de Arraias, enquanto dois outros de dez léguas cada um, levam finalmente às divisas de São João da Palma e de Natividade, respectivamente. Poucas obras seriam suficientes para tornar livres estas estradas em qualquer estação do ano.

O julgado de Natividade tem trinta e seis léguas de norte a sul, e trinta de este a oeste. Seus limites são: ao norte, o lugar chamado da Oliveira; ao sul e a leste, o rio Manuel Álvares; a oeste o ribeirão da Formiga. Compreende duas paróquias, a de Natividade e a de São Miguel e Almas; a primeira tem vinte e seis léguas de norte a sul, e vinte e quatro de leste a oeste; a segunda, nove de norte a sul e oito de leste a oeste. A igreja de Natividade tem sob sua dependência a capela da Chapada, distante duas léguas, e a de Bonfim, a quatro léguas de distância.

Este julgado é bastante rico em matas, principalmente na parte setentrional, mas possui também muitos campos. A agricultura pode assim prosperar nele, tanto quanto a criação de gado.

São em número de quatro as principais cadeias de montanhas do distrito:

1.ª — a serra do arraial de Natividade, dirigida para o norte;

2.ª — a serra do arraial das Almas, que vem do norte e se reune à precedente. Desta serra provêm os rios Manuel Álvares Grande, das Balsas e do Sono; este último despeja no Tocantins, em terras ocupadas pelos Xerentes;

3.ª — a serra que vem do lugar chamado Farinhas e corre para o sul até Bonfim;

4.ª — Finalmente, a serra que começa ao norte no lugar chamado *Limpeza* e *termina na margem* de um rio Manuel Álvares Grande, que todavia não é nem o Manuel Álvares Grande, nem o Manuel Álvares Pequeno.

Há no distrito muitos terrenos baldios e não mais de duas concessões e três propriedades, aliás não cultivadas, por falta de braços.

Dos rios que banham a região, o maior é o Manuel Álvares Grande, que nasce a leste no planalto da Mangabeira e derrama no Maranhão.

O rio do Peixe tem suas nascentes numa das pequenas serras há pouco mencionadas e desagua no precedente, a seis léguas do arraial de Natividade. O rio Bagagem, depois de receber o rio das Pedras, desemboca no Manuel Álvares, a dez léguas de Natividade.

Na estação chuvosa, é possível descer o Manuel Álvares até Belém, embora este trajecto seja muito penoso, por causa das corredeiras e das pedras que se encontram no leito do rio.

Todos estes rios são muito piscosos; mas suas margens são grandemente insalubres, sendo tão comuns as febres intermitentes, que ninguém mais lhes presta atenção.

Existem no termo grande número de cavernas, todas contendo salitre; uma delas, dizem, é bastante espaçosa para abrigar uns trinta cavaleiros; uma outra, situada a pequena distância de Natividade, tem a forma de um templo de cerca de sessenta côvados de largura e quarenta de altura; o comprimento, no trecho conhecido, é de duzentos e quarenta côvados. Esta caverna é tão profunda que não foi até agora possível chegar à sua extremidade, pois as

luzes necessárias para penetrar nas partes mais escuras apagam-se depois de certo ponto.

Duzentos sítios de cultura plantam milho, mandioca, mamona, arroz, feijão, cana-de-açúcar, algodão, amendoim e outros legumes.

Criam-se bois e cavalos em sessenta e duas fazendas; mas os últimos não são exportados, servindo apenas às necessidades do distrito. Quanto aos bois, são exportados cerca de trezentas a quatrocentas cabeças no valor de um conto e oitenta mil réis, e até mais.

Há várias minas de ouro; mas, não estão sendo exploradas, por falta de escravos, uma vez que os libertos não querem trabalhar e a polícia a isso não os obriga. Outro motivo disso é a falta dos conhecimentos necessários à exploração fácil e vantajosa daquelas jazidas.

Contam-se no julgado catorze oficinas que fiam o algodão *para o público, mediante uma paga; além disso, umas* duzentas famílias fiam também, para satisfazer às suas próprias necessidad

O açúcar é produzido em oito pequenos engenhos, ao passo que em cerca de dezesseis se fabricam principalmente rapaduras, as quais valem cento e cinquenta réis por oito libras de peso. O *açúcar é vendido à razão de dois mil* e quatrocentos réis a arroba; a aguardente a oito mil e quatrocentos réis o barril.

Embora as terras sejam boas para o cultivo do algodão e do fumo, quase ninguém se ocupa destes dois produtos. O preço do primeiro é oitocentos réis a arroba, o do segundo dois mil e quatrocentos. Já o café não se desenvolve bem no termo de que tratamos.

Resumindo, os principais artigos de comércio são: fumo, algodão, açúcar, aguardente, *rapadura, carne de porco* e tudo quanto produz a agricultura em matéria de comestíveis. Como o que se planta é pouco, a produção total é de pequena importância.

Consistem as exportações em: trezentos ou quatrocentos bois, a três mil e seiscentos réis por cabeça; seiscentos couros curtidos, valendo cada um de quatrocentos a seiscentos réis; *seiscentos a setecentos couros crus, a trezentos* réis cada; mil varas de tecidos de algodão, a cento e sessenta réis a vara; oitenta alqueires de farinha de mandioca, a duzentos réis o alqueire; sessenta alqueires de milho, a setecentos e cinquenta réis; oitenta a cem arrobas de toicinho, a três mil e seiscentos réis; oitenta arrobas de açúcar a dois mil e quatrocentos réis; cinquenta barris de aguardente, a oito mil e quatrocentos réis. O valor total destas exportações pode ser avaliado, termo médio, em três contos e setenta e dois mil réis anuais.

Importam-se no julgado tecidos, comestíveis, ferro bruto ou trabalhado, aço, sal, fumo, farinha de trigo, café, marmelada (¹), etc. De todos estes artigos, só o tabaco poderia ser fornecido pela região, onde ele é produzido em pequena escala, mas de boa qualidade. O valor geral das *importações ultrapassa o das exportações. Todos os* artigos importados da Bahia são pagos em dinheiro, e em mercadorias quando procedem do Pará, província com a qual é feita a maior parte deste comércio.

Nos rios paga-se ao Estado apenas o direito de *contagem*, de que é isento o sal. O preço do frete para Belém é de três mil e duzentos réis o quintal; na volta, até Porto Imperial, é de seis mil réis para os tecidos, etc., e de quatro mil réis para os comestíveis líquidos, etc.

O julgado possui, para o uso dos respectivos donos e livres de imposto, umas vinte mulas cargueiras, valendo em média trinta e seis mil réis. Todo o comércio do dis-

---

(1) Espécie de doce feito com uma fruta chamada *marmelo, que é muito parecida com o marmelo europeu; faz-se* no Brasil grande comércio com este artigo.

trito é feito por negociantes ambulantes, e nada existe que possa merecer o nome de loja.

Cinco caminhos saem de Natividade; um para a aldeia de São Miguel das Almas, distante catorze léguas; outro para Conceição, a quinze léguas de distância; outro, de dezoito léguas, para São João da Palma; outro, de vinte e nove léguas, para a aldeia do Carmo e daí para Porto Imperial; outro, finalmente, para Amaro Leite, longo de dezoito léguas, até a passagem do rio Maranhão. Estas estradas poderiam ser encurtadas em certos trechos, pela rectificação do traçado; não obstante, elas em geral são planas e boas.

Não se têm dados oficiais sobre o julgado de Porto Imperial, que tem por cabeça a vila do mesmo nome, criada faz poucos anos, na margem do Tocantins. Essa localidade está em frequente comunicação com o Pará, por meio do rio a cuja margem fica situada.

Duas *estradas conduzem de Porto Imperial a Goiás*: a primeira, que é a mais garantida, passa por Arraias; tem cento e sessenta e duas léguas de extensão e percorre sempre rota ocupada pelos cristãos; a segunda tem sòmente cento e dezenove léguas de percurso, mas expõe os viajantes aos ataques dos índios Canoeiros.

O julgado de Vila Carolina fica na margem do Tocantins; confina a noroeste com o de Cametá e a sudeste com o de Porto Imperial. Seus limites, aliás, ainda não estão bem demarcados; tem setenta e oito léguas de comprimento, desde a cachoeira de Santo Antônio até a serra existente em frente a São Pedro de Alcântara, e sua largura, de noroeste a sudeste, mede cinquenta léguas, desde o alto Tocantins, até o rio Araguaia. A capela não possui vigário residente. Esse novo distrito é em grande parte arenoso, mas possui também matas e campos, próprios à lavoura e à criação do gado. E' atravessado, apenas

por uma cadeia de montanhas, que se estende das florestas do Araguaia ao rio Tocantins.

Nesse julgado há muita terra abandonada e população muito escassa. Os moradores vivem espalhados pelas margens do rio, numa extensão de dezoito léguas; o centro é inteiramente habitado por várias tribos. Concessões não existem; os moradores que aí se fixaram gozam dos privilégios outorgados pela Carta Real de 7 de Janeiro de 1806.

O rio mais importante do termo é o Tocantins, cujas nascentes já foram antes indicadas. Ele desemboca na província do Grão-Pará, oferece facilidades à navegação e abunda em peixe. O afluente principal do Tocantins é o Araguaia, cuja confluência fica no Registro de São João das Duas Barras, onde o Pará mantém um destacamento de soldados.

O Araguaia é navegável em qualquer tempo, mas apresenta muitas cachoeiras que não seria fácil destruir. Nas suas proximidades há um lago de uma légua de comprimento por vinte e cinco braças de largura. Deste lago, cujas margens são muito insalubres durante as enchentes, saem em direcções diferentes dois ribeiros, que cercam a vila de Carolina e correm para o Tocantins. Oito sírios produzem mandioca, arroz e feijão, ao passo que em dezesseis fazendas se cria o gado. Consta que os índios cultivam algodão, fumo e cana-de-açúcar.

O único artigo de comércio são os couros curtidos, cujo preço é na terra de seiscentos e quarenta réis, mas alcançam de mil e oitocentos a dois mil réis em Belém do Pará.

Importa-se no julgado, pagando-se em dinheiro, o sal, a aguardente e o vinho. O Pará exporta para esse distrito muito mais do que o que dele recebe.

Uma estrada liga Carolina à cidade de Maranhão; ela tem cerca de trezentas léguas e não apresenta nenhum obs-

táculo de monta. Afora esta estrada não existem outras vias de comunicação, além dos rios que descem para o Pará.

O julgado de Flores tem cinco léguas de norte a sul e trinta de leste a oeste; tem como localidade principal o lugarejo do mesmo nome. A paróquia está sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário e tem sob sua dependência as capelas de Santa Rosa, distante doze léguas e servida por um vigário, e a de Nossa Senhora da Piedade, situada a dezoito léguas, na província de Mato Grosso.

Há no julgado muito mais campos do que matas. Não obstante, estas últimas bastariam para a abertura de sítios onde com facilidade se produziria o milho, feijão, arroz, mamona, cana-de-açúcar, fumo, algodão, uva, mandioca. Os campos, próprios para a criação do gado, produzem trigo e café nas vizinhanças das serras que da Chapada dos Couros e do Registro da Lagoa Feia se dirigem para o noroeste, em dois ramos paralelos, um a leste, pelo Registro de Santa Maria, servindo de limite à província de Minas Gerais, e outro a oeste, separando o julgado dos de Santa Luzia de Traíras e de Cavalcante.

Não há neste julgado terras concedidas; os proprietários possuem, recebidas em herança ou adquiridas por compra, fazendas de grandes dimensões.

Os rios mais importantes são:

1.º — O Paranã, que sai da Lagoa Feia, nos limites do distrito, a leste e desemboca no Maranhão, oito léguas abaixo de São João da Palma; ele tem como afluente, pela margem ocidental, o Praim, que deságua duas léguas e meia acima do arraial de Flores, e é navegável numa extensão de doze léguas, durante as enchentes.

2.º — O rio dos Macacos, navegável num trecho de cinco léguas, nas mesmas circunstâncias.

3.º — O rio Corrente, que durante as chuvas, num percurso de cinco léguas, pode ser também navegado em grandes canoas, ao passo que durante a seca só pequenas embarcações o podem descer.

4.º — Os rios da Prata, São Mateus e Santa Maria, todos capazes de serem navegados por pequenas embarcações e muito abundantes em peixe, embora de margens insalubres na estação das águas.

O rio Paranã pode ser descido em canoa até Belém; no trajecto que faz no termo só tem uma cascata, situada duas léguas e meia abaixo do arraial de Flores. Os lagos são numerosos e abrigam, além de muito peixe, cobras, jacarés e mexilhões (*itãs*). Entre estes lagos, destaca-se a Lagoa Grande, que tem três léguas e um quarto de comprimento e recebe diversos ribeirões; ela está em comunicação com o rio Santa Maria.

O salitre é encontrado em quatro grutas, situadas, uma a meia légua do Registro de Santa Maria, outra um pouco mais acima, uma terceira no lugar chamado Bandeira, e uma última nas proximidades do rio Corrente. Estas cavernas estão abertas, dizem, em rocha calcária.

Cento e noventa e cinco plantações fornecem milho, mandioca, arroz, cana-de-açúcar e algodão, mas em quantidade insuficiente para atender às necessidades da região. O gado é criado em cento e trinta fazendas, de onde anualmente são exportados três mil cento e vinte e quatro bois e quatrocentos e cinquenta cavalos, valendo respectivamente quatro e seis mil réis a cabeça.

Não há neste julgado minas de ouro em exploração, muito embora se tenham descoberto jazidas desse metal na fazenda dos Meninos e na do Tremedal.

Tecelagens de algodão são raras e produzem apenas para os seus donos. Dezoito engenhos fabricam rapaduras, cada uma valendo cento e sessenta réis. A produção des-

te último artigo pode garantir, ao todo, um lucro de duzentos e cinquenta e três *mil* réis.

Se bem que as terras se prestem muito ao cultivo do fumo, só se planta o necessário ao consumo particular de cada proprietário. Planta-se também muito pouco algodão, que aliás prospera muito bem; quanto ao café, *não é objecto de cultivo.*

O principal artigo de exportação é o gado, bovino e cavalar, cujo valor anual ascende a cerca de dezenove contos de réis. Para se ter a soma total das exportações, que atinge cerca de dezenove contos de réis, faz-se mister acrescentar o valor de quinhentos e cinquenta couros curtidos, a seiscentos e quarenta réis cada, ou sejam trezentos e cinquenta e dois mil réis; o de quatro mil e duzentos e cinquenta couros crus a trezentos e vinte réis, ou seja um conto trezentos e sessenta e um mil réis; finalmente, o de dois mil e seiscentos couros curtidos de veado, à razão de oitocentos réis cada um, ou sejam dois contos cento e trinta e dois mil réis. Os criadores cuidam muito pouco de seus rebanhos; deixam-nos entregues a si próprios nos campos, sujeitos às bicheiras e às mordeduras dos morcegos. Reune-se o gado apenas uma vez por ano, para a marcação, de modo que se perde um terço e às vezes a metade das crias. Além disso, os fazendeiros abatem muitas vacas prenhas para o seu consumo particular, reservando os bois para a venda.

As mercadorias importadas pelo distrito são constituídas por tecidos, comestíveis, ferro em bruto ou trabalhado, aço, sal, etc. Não foi possível, por falta de dados, fazer o cálculo, mesmo aproximado, do montante destas importações; supõe-se, todavia, que ficam aquém das exportações.

Não há neste termo impostos municipais, todos quantos antigamente eram pagos havendo cessado pela falta de produção dos artigos importados. A navegação pelos rios

é inteiramente isenta de direitos, visto ser muito pequena, uma vez que todo o comércio de gado se faz com a província da Bahia e às vezes com o Araxá. Não há no distrito tropas cargueiras de aluguel.

O arraial de Flores não possui senão uma loja; mas percorrem-no muitos vendedores ambulantes. Diversos caminhos saem da vila em demanda das divisas do julgado; um, com vinte léguas de extensão, vai a Goiás; outro, com vinte e nove segue para Minas Gerais; um terceiro, com dezessete, dirige-se para a fronteira com a Bahia; o quarto, de catorze léguas, vai para o julgado de Arraias; o quinto, de dezessete, para São Domingos; o sexto, de dez léguas, para Cavalcante e o sétimo, de cinco léguas, para Traíras.

O julgado de Arraias tem trinta léguas de extensão norte-sul e quase vinte e uma de leste a oeste. Ele confina ao norte com o termo de Conceição, a oeste com o de São João da Palma, ao sul com os de Cavalcante e Flores; a leste é limitado pela Serra Geral. Compõe-se de duas paróquias, a de Nossa Senhora dos Remédios e a de São Domingos. A primeira tem por limite: ao norte, a freguesia da Conceição, distante oito léguas, na ponta da Serra do Policarpo, depois daí, em linha recta, a Serra Geral e, finalmente, as nascentes do ribeirão do Sobrado; ao sul, a freguesia de São Domingos, distante três léguas, da igreja principal ao ribeirão de Montes Claros; a leste a Serra Geral, a dezessete léguas de distância; a oeste, a paróquia de São João da Palma, da fazenda Formosa à embocadura do rio Bezerra, no Paranã, em Goiano. Na parte oriental desta paróquia há alguns oratórios: no Saco, a treze léguas de Arraias e em Santa Maria de Taguatinga, a oito léguas do Saco e a vinte e duas de Arraias.

Santa Maria é uma localidade rica, onde há muita água, abundantes florestas e campos próprios à criação; ela mantém um comércio muito importante com as pro-

víncias do Pará, Maranhão, Pernambuco e Bahia; possi
trinta e dois fogos e crescerá ràpidamente se for favore
da pelas circunstâncias.

A segunda freguesia deste julgado está sob a invoc
ção de Nossa Senhora. *Ela confina, ao sul*, com a de Fl
res, distante dez léguas da povoação do mesmo nome;
oeste, com a de Cavalcante, pela serra chamada O Magar
situada a vinte léguas de São Domingos; *ao norte*, com
de Arraias. Fica sob sua dependência uma capela vota
ao culto de Santo António e situada no Morro do Chapé
a sete léguas de Arraias e a doze de São Domingos.

O solo deste julgado é banhado por muitas nascente
mas é pedregoso e batido pelos ventos, visto que fica to
ele numa serra. *A oeste, no sopé das montanhas, há po*
cas florestas; mas, em compensação, existem excelentes pa
tagens para a criação do gado, como também acontece n
maior parte do resto do distrito.

A principal cadeia de montanhas é a serra geral q
separa a província de Goiás das de Minas Gerais, Bah
Pernambuco e Maranhão; ela corre de norte a sul e em
várias ramificações, tais como a serra que vem do julga
de Flores, rodeia o de Arraias e corre em linha recta pa
São João da Palma.

Algumas outras ramificações conhecem-se pelos nom
de Serra da Prata, da Bocaina, Morro do Chapéu, Ser
da Água Fria, Atalaia, Serra da Bezerra e Serra dos G
rais. Das cercanias de Arraias sai uma ramificação ch
mada Serra Talhada, a qual se dirige directamente pa
São João da Palma; uma outra, denominada do Coto
entra no julgado de Conceição. O Morro do Chapéu, me
légua distante do arraial de São Domingos, tem perímet
muito pequeno, mas é mais elevado do que a Serra Ger

O povoado de Arraias, lugar principal do julga
contém noventa casas, uma igreja paroquial em ruínas
três capelas, sob a invocação respectivamente de Nossa S

nhora do Rosário, São Benedito e Nossa Senhora da Conceição.

O arraial de São Domingos é composto de trinta e três casas e possui uma igreja, também em mau estado. O vilarejo de Morro do Chapéu tem doze casas e uma capela.

Os rios mais importantes deste termo são o Paranã e o Palma. Nasce o primeiro na Serra Geral, ao nível do planalto de Urucuia, próximo ao Registro da Lagoa Feia; ele corta o julgado de Flores, separa este último do de Cavalcante, entra no de São João da Palma, une-se aí ao rio da Palma, despejando em seguida no Maranhão, ou Tocantins, a sete léguas da vila. O Paranã recebe, por intermédio do São Domingos, os rios São Bernardo, Cachoeira, São Mateus, Angélica e Lapa, todos provenientes da Serra Geral e com parte de seu curso debaixo da terra (mais ou menos uma meia légua). O rio da Palma nasce na Serra Geral e desemboca no Paranã, depois de receber o Mosquito, o Sobrado, o Abreu, o Palmeira e o Conceição.

Os rios Manso, Vermelho, Galheiro e Cais saem da Serra Geral e vão desaguar no São Domingos.

O Atalaia nasce perto do Morro do Chapéu, com o nome de Sucuriú; o Gameleira e o Moraro saem da Serra Magano, a leste, e derramam no Paranã.

O Bezerra, de margens muito paludosas, sai da Serra das Arraias, correndo para oeste, até desaguar no Paranã.

O rio Montes Claros nasce a leste do julgado, nos campos da fazenda Bom Jesus, reunindo-se ao Bezerra.

O rio de Arraias é formado pelos três ribeirões Cachoeira, Maravilha e Córrego Rico, que nascem nas rochas do planalto de Ouro Podre; ele corre para o norte e despeja no rio da Palma.

Todos estes rios são piscosos e alguns deles navegáveis. No número dos últimos estão o Paranã, até acima

de Flores e o da Palma, até Palmeiras. Mas o leito de ambos contém muitas pedras e cachoeiras que tornam a navegação difícil. Verdade é que se poderia destruir estes obstáculos, mas só à custa de muito tempo e grandes despesas. A queda mais importante do Paranã é chamada de Funil, fica pouco acima da passagem dita dos Bois.

As margens de todos estes rios são insalubres, como também é o caso das numerosas lagoas existentes na região, não obstante serem de grande recurso para a criação do gado. Algumas grutas têm a aparência de edifícios subterrâneos e são ornadas de colunas esmaltadas de florões brancos, vermelhos ou de outras cores, provenientes da cristalização do soluto salino que mana das abóbodas. Extrai-se destas grutas sal e salitre.

Deu-se o nome de Camisa e de Boca do Inferno a um poço situado no lugar chamado Côncavo, da paróquia de São Domingos do Norte; é êle bastante profundo e de considerável largura; quando se lhe lança uma pedra ouve-se forte ruído e é a custo que se percebe no fundo uma água esverdeada.

Em doze sítios principais cultivam-se as plantas habituais, inclusive até o trigo e o café, embora as terras não se prestem bem para estes últimos.

Contam-se neste julgado cento e cinquenta fazendas de criação; elas exportam anualmente dois mil e quatrocentos bois, a quatro ou seis mil réis por cabeça, e uma centena de cavalos, no valor de dez ou doze mil réis.

A maior parte dos habitantes só se ocupa na criação e no comércio do gado; nenhum partido se procura tirar das ricas minas de ouro existentes na região. No lugar chamado Água Boa encontra-se uma espécie de metal pesado, semelhante na cor à liga de prata e de aparência cristalina; consegue-se fàcilmente fundi-lo, mas não é possível forjá-lo, pois que ele se quebra ao choque do martelo. O termo contém, além disso, minas de ferro, de aço e cris

tais muito límpidos; extrai-se também muita caparrosa verde das margens do rio São Domingos, pelo mês de Agosto. Há muitas plantas capazes de fornecer úteis produtos à indústria; conhece-se, entre outras, uma que dá uma tinta vermelha e outra que produz tinta amarela, não se tendo todavia conseguido ainda o fixador para elas.

Trinta e duas tecelagens trabalham em tecido grosseiro de algodão, porém não em carácter permanente. Em dez engenhos, movidos a bois, fabrica-se açúcar, aguardente e rapadura, valendo o primeiro três mil e seiscentos réis a arroba, a segunda nove mil e seiscentos réis o barril de vinte e quatro garrafas, e as últimas cento e sessenta a duzentos e quarenta réis o pedaço.

O fumo é vendido à razão de dois mil e quatrocentos réis o rôlo. e o algodão a mil e duzentos réis a arroba; estas duas plantas são pouco cultivadas no julgado.

Afora os bois, os cavalos, o açúcar, a aguardente, as rapaduras, o fumo e o algodão, cujo preço já foi indicado, os principais artigos de comércio são: os couros crus, valendo quatrocentos e oitenta a seiscentos e quarenta réis cada um; os couros curtidos, a setecentos e cinquenta réis; carne de porco salgada, a três mil e seiscentos réis a arroba; carne de boi fresca, a seiscentos e quarenta réis a arroba, e carne-seca, a mil e novecentos e vinte réis.

Os bois e os cavalos que o julgado exporta para a província da Bahia dão um lucro de cento por cento; os couros de boi e de veado, vendidos em bruto no Pará, dão duzentos por cento, e os couros curtidos cinquenta a setenta por cento.

Importam-se todas as mercadorias que vêm pelos portos marítimos, tais como tecidos, bebidas, ferragem, etc. E' difícil calcular o valor total deste comércio, visto que ele está nas mãos de vendedores ambulantes, que percorrem a região, trocando as suas mercadorias pelos produtos

locais. Assegura-se, *todavia*, que a *soma* das exportações sobrepuja a das importações, e poderia ainda mais avantajar-se se os habitantes se dedicassem ao fabrico de queijos e manteiga, ou à salga do peixe.

As taxas sobre pesos e medidas são as únicas cobradas pela municipalidade, afora o imposto de trezentos e vinte réis lançado sobre cada cabeça de gado vendido para o imediato consumo.

Só há no julgado quatro lojas, faltando-lhe qualquer botequim devidamente sortido, uma vez que os lavradores costumam vender eles próprios todos os seus produtos.

Há estradas que dão acesso a todos os julgados da comarca e às outras províncias do Império, excepção feita do Pará, com o qual todas as comunicações são por água.

Quanto ao julgado de São Félix, não se pôde até aqui obter nenhuma informação positiva.

O julgado de Cavalcante mede de norte a sul vinte e duas léguas e de leste a oeste dezesseis. Confina ele ao norte com a freguesia de São Domingos, pertencente ao distrito de Arraias; ao sul com a de São José, do termo de Traíras; a leste com o julgado de Flores e a oeste com os de São Félix e São João da Palma. Possui uma única paróquia, a de Santana, de que são dependências as capelas de Nossa Senhora da Boa Morte e do Rosário, no próprio arraial de Cavalcante. O solo é ordinàriamente montanhoso e os campos têm extensão maior do que as matas. O terreno é apropriado ao cultivo fácil das plantas usuais na província, como o trigo, a cevada, o linho, a aveia, o café, a videira, o marmelo, o algodão, cana-de-açúcar, mandioca e o fumo. Poder-se-ia obter nele todas as frutas européias. Numerosos riachos banham os campos, sempre sombreados de verdejante vegetação. O gado cria-se muito bem.

As montanhas do distrito são todas ramificações da Serra Geral.

Há sòmente quatro concessões cultivadas; as outras pertencem aos proprietários que as adquiriram por herança ou compra.

O único rio verdadeiramente importante é o Paranã, cujas nascentes e cuja direcção já indicamos. Acrescentaremos agora que este rio passa apertado entre montanhas nos lugares chamados Santa Clara e Os Bois, ambos no julgado de Cavalcante. Tanto num como noutro as águas vão de encontro a cataipavas e corredeiras, aliás muito fáceis de destruir. Na época das cheias, os botes carregados de três mil arrobas podem subir o Paranã até Flores, ao passo que na vazante ainda podem navegá-lo as igarités de duzentas a quinhentas arrobas. O Paranã tem como afluentes, a leste, o ribeirão das Almas, que nasce nas montanhas e passa próximo de Cavalcante, e o rio das Pedras, que vem do mesmo lado.

Os rios Claro e Preto, que separam ao sul este julgado do de São Félix, lançam-se no Tocantins. Os peixes abundam em todos estes cursos d'água, cujas margens são infelizmente pestilentas.

Pequenas lagoas encerram, afora peixe, cobras, jacarés e mexilhões; são elas frequentadas por numerosas aves e desempenham papel importante como bebedouros para o gado.

São conhecidas no distrito que nos ocupa três fontes termais, já utilizadas com êxito, segundo dizem, na cura de várias enfermidades. Foram também descobertas quatro cavernas ricas em salitre e, segundo se diz, abertas em rocha calcária, principalmente as que se acham na fazenda de Santa Clara.

Em cento e vinte lavouras produz-se o trigo, o arroz, a mandioca, o milho, feijão, cana-de-açúcar, café, fumo, algodão, mamona. A criação de gado é feita em vinte e

nove fazendas. O quadro abaixo resume a produção d[illegible] todos estes estabelecimentos:

Trezentos bois, a quatro mil réis por cabeça	1.200$0[illegible]
Cinquenta e oito cavalos, a dez mil réis	580$[illegible]
Setecentas e sessenta e duas arrobas de farinha de trigo	1.82[illegible]
Duzentas arrobas de café	460$[illegible]
Trinta e oito arrobas de fumo	136$[illegible]
Cento e trinta couros crus	41[illegible]
Duzentos e oito couros curtidos	133[illegible]
Trezentos e trinta couros de veado curtidos	105[illegible]
Duzentas peles com o pêlo	64$[illegible]
Total das exportações	4.568[illegible]

Além de tudo quanto vem pelos portos da costa marítima, entram no número das mercadorias importadas o toicinho, o açúcar, a aguardente, o fumo, os tecidos de algodão e o sal, artigos que a região também produz em boas condições, mas em quantidade insuficiente às necessidades da população.

Alguns particulares mantêm para uso doméstico pequenas tecelagens. Em oito engenhos fabricam-se cada ano cerca de quinhentas arrobas de açúcar, à razão de dois mil e duzentos réis a arroba, vinte e quatro cargas de rapadura, no valor de quatro mil e oitocentos réis a carga, e quarenta barris de aguardente, valendo cada um quatro mil duzentos réis. O café é vendido à razão de dois mil e quatrocentos réis a arroba, o algodão a seiscentos, e o fumo a três mil réis. As mercadorias importadas são pagas em dinheiro ou trocadas por produtos da terra. O gado é exportado para a Bahia e os outros artigos para todas as províncias limítrofes. Admite-se que o total das importações ultrapassa o das exportações. Não há em todo o julgado mais do que quatro vendas e duas lojas. Não há impostos municipais e a navegação é livre de direitos.

Contam-se no termo seis minas de ouro, quase de todo inexploradas; além disso, quase todos os córregos provenientes das montanhas apresentam vestígios de velhas catas em que se extraiu esse metal. Nada menos de vinte e três destas últimas jazem no abandono, por falta de escravos.

Entre as plantas medicinais existentes na zona, merecem menção quatro variedades de ipecacuanha, o alcaçuz, a quina, a calumba, o mate, a jarrinha, o velame, o sene, a cássia, a pequena centáurea, etc.

As estradas são: uma para Arraias, com dez léguas de extensão, até o Paranã; a de Flores, com dez léguas, até os limites do julgado; a de Meia Ponte, que mede catorze léguas, até a fronteira; a de Traíras, com doze léguas; a de São Félix, com seis, e a de São João da Palma, com onze.

O julgado de Traíras tem trinta léguas de norte a sul, desde o Tocantíns, que o separa do termo de São Félix, até o ribeirão dos Bois, que lhe serve de limite ao sul e a oeste, do lado do distrito de Pilar. E' separado do de Meia Ponte pelo ribeirão do Retiro e pelo Maranhão, e do de Santa Luzia pelo ribeirão de Mangabeira. Este julgado se estendia outrora pelo sertão de Amaro Leite o qual foi depois reunido ao distrito de Vila Nova do Pilar.

O termo de Traíras compreende duas paróquias, a de Nossa Senhora da Conceição e a de São José do Tocantins. A primeira tem como dependências as capelas de São Bom Jesus e do Rosário, no próprio arraial de Traíras; as de Nossa Senhora do Juramento e de São Sebastião, na aldeia de Água Quente; a de São Joaquim e de Nossa Senhora das Mercês, no de Cocal. A segunda, situada a uma légua e meia de Traíras, compreende as capelas do Rosário, da Boa Morte e de Santa Ifigênia; a

de Santa Rita, no arraial do mesmo nome, a quatro léguas e meia de São José; finalmente a de Nossa Senhora da Abadia, no arraial do Moquém, o de Nossa Senhora da Piedade, no descoberto de Gungá, a de Santo Antônio de Amaro Leite, no arraial deste nome, situado dezoito léguas a oeste de Traíras.

O terreno deste julgado é parte pedregoso e parte arável: são poucas as matas e bem assim os campos.

As cadeias de montes mais importantes do distrito são: a Serra Negra, que é pouco extensa e começa na margem direita do Maranhão, acompanhando este rio até a embocadura do rio Bagagem; a Serra das Violas, que vem das cabeceiras do rio do Peixe, dirige-se para o norte e termina junto à barra do rio Traíras, depois de um trajecto de seis léguas.

Há neste julgado muitas terras dadas em concessão, umas já aproveitadas pela lavoura, outras baldias, como as que ficam entre o Maranhão e o Araguaia.

Dos rios, o mais importante é o Maranhão, que sai da Lagoa Formosa, sob a denominação de Feliz da Cata. Ao entrar no distrito, onde corre a princípio de este para oeste, é já bastante volumoso, porém cresce ainda mais ao reunir-se com o rio das Almas; a duas léguas da aldeia de Água Quente ele volta para o norte e vai aumentando sempre graças ao concurso de vários afluentes, tais como o Traíras, o Bagagem e o Tocantins. Todos estes rios são piscosos e é possível descer por eles até Belém do Pará. O Maranhão corre sobre ricas minas de ouro, de onde, durante a vazante, os mergulhadores conseguem retirar grandes palhetas do referido metal.

O rio Traíras nasce na serra chamada Acaba a Vida, passa seis léguas adiante na povoação de seu nome e dez léguas além deságua no Maranhão.

O rio Bagagem sai das mesmas montanhas, lançando-se também no Maranhão, após um trajecto de vinte e quatro léguas.

O Tocantins tem suas cabeceiras na Serra de Paranã, no lugar chamado Os Veadeiros; corre para leste, e após trinta léguas de curso reúne-se ao Maranhão.

A uma légua e meia de Traíras há uma caverna espaçosa, ornada de colunas e figuras outras, formadas pela água que corre das paredes e abóbodas; ainda não se chegou ao fundo desta gruta.

Duzentas e quarenta lavouras produzem milho, feijão, alguma mandioca, arroz, mamona, cana-de-açúcar e uma pequena quantidade de algodão. Trinta e seis fazendas criam o gado bovino; mas a criação de cavalos não prospera na zona, excepção feita do lugar chamado Corrente, aliás abandonado por causa dos ataques dos índios Canoeiros. O distrito exporta por ano, com apreciável lucro, oitocentos bois; os outros produtos bastam apenas para o consumo local.

Há no termo oitenta e cinco tecelagens de algodão, das quais cinquenta e cinco pertencem à paróquia de Traíras e trinta à de São José.

O açúcar é fabricado em doze engenhos, à razão de mil e oitocentos réis a arroba; a aguardente é produzida à razão de três mil réis o barril de dez garrafas. Cinco outros estabelecimentos do mesmo género estão abandonados, ou fabricam simplesmente rapaduras. Cultiva-se um pouco de café e de algodão, mas em quantidade insuficiente ao consumo do distrito, ao passo que não se planta nenhum fumo, artigo que é importado de fora.

Todo o julgado é aurífero; mas a falta de escravos impede a exploração das minas, por isso abandonadas em sua grande maioria.

As mercadorias importadas são o sal e todos os arti-
gos de fabricação europeia.

O único *imposto municipal* é *o cobrado* sobre os pe-
sos e medidas; assim mesmo a renda correspondente nã.
cessa de diminuir, com o decréscimo da população. Nos
rios paga-se imposto apenas quando se necessita de embar
cação para atravessá-los, taxa que aliás é muito módica.

Traíras possui três lojas e sete vendas, enquanto qu
São José tem quatro das primeiras e sete das últimas. Exis
tem caminhos para fora da província e para os seus pró
prios recantos, mas nada se faz para melhorá-los.

Acrescentaremos a estes dados, extraídos da obra d
General Cunha Matos, o resumo da relação de uma viage
feita em 1816 por ordem do governador e capitão gen
Fernando Delgado Freire de Castilho, aos rios que banha
o sul da província de Goiás. Esse relato aparece també
na referida memória.

Fora mal sucedida uma expedição tentada em 181
por *Estanislau da Silva Gutierrez*, em companhia de de
homens. Reduzidos a sete, pela deserção dos demais, o
viajantes viram-se dentro em pouco privados de mais qu
tro companheiros, que se afogaram na passagem de u
corredeira. Finalmente, em vista da perda das embarca
ções, os três sobreviventes não tiveram outro recurso senã
procurar alcançar a zona habitada, varando através da m
ta. Dois somente conseguiram fazê-lo, ao passo que o te
ceiro, que outro não era senão o próprio capitão Gutierre
morreu abandonado no sertão.

Em 1816 nova expedição foi organizada sob a chefi
de João Caetano da Silva e José Pinto da Fonseca. Pa
tiram eles de Anicuns em 22 de Agosto, seguindo para
sul *ao* longo *do* rio *dos Bois*, até cerca de dezoito *légu*
do ponto de partida; a 3 de Setembro começaram a desc
o mencionado rio, chegando a 16 de Outubro ao rio Tu

vo, após um percurso de umas sessenta léguas. A 20 a expedição chegou à confluência do rio Verde, que entra à direita e *fica a nove léguas do rio dos Bois*. A 24, após terem percorrido uma distância de doze léguas, entraram no Corumbá, que nesse lugar é largo e semeado de rochedos, os últimos dos quais formam entre si canais estreitos, onde a correnteza é muito forte. Apesar de tudo, as embarcações conseguiram vencer essa passagem sem muita dificuldade. Um pouco abaixo da boca do Turvo o Corumbá tem uma pequena ilha. Depois da foz do rio Verde o solo é fortemente inclinado para o sul. A 26 continuaram a descida do Corumbá e a 28, após uma jornada de cerca de oito léguas, chegaram a uma cachoeira a que deram o nome de Salto de São Simão. Cinco léguas acima deste ponto, na margem esquerda, tinham passado pela barra de um rio que o chefe da expedição supôs ser o Paranaíba, mas que, segundo Cunha Matos, outro não era senão o Tijuco.

Na passagem do salto perderam-se as embarcações, sendo necessário um mês para construir outras e arrastá-las por terra para baixo daquele obstáculo. A 27 de Novembro a expedição se pôs novamente em marcha. Passou a princípio entre duas elevadas muralhas de rochas, entre as quais o rio corre com grande rapidez; mais tarde, depois de haver percorrido dez léguas, chegou ela abaixo de uma segunda cachoeira, que foi chamada de Santo André. Esta corredeira tem uma légua e meia de comprimento e não é muito difícil de passar. Entre as duas quedas o Corumbá recebe quatro afluentes, dos quais o rio Dourados e o rio Perdição entram pela margem direita, e um pela margem esquerda. No dia 2 de Dezembro, a seis léguas abaixo da cachoeira de Santo André, chegou-se ao rio Grande, da província de Minas Gerais; sete léguas abaixo desse ponto *foram encontrados* índios que fizeram baldado empenho para que os viajantes lhes fossem visitar o acampa-

mento. O medo impediu que fosse aceito tal convite. Três léguas mais abaixo chegaram à cachoeira de Urubu-Pungá; para transpor este obstáculo, as embarcações foram arrastadas pela margem esquerda, não tardando a aparecer, meia légua a jusante da cachoeira, a barra do rio Tietê, que se teria de subir. A 8 de Dezembro chegaram ao Salto de Itapura, que fica a três léguas do rio Grande e tem uma altura de mais de dez metros.

Na subida do Tietê, cinco pessoas vieram a morrer de fome ou por moléstia, de modo que foi no mais triste estado que a expedição alcançou a freguesia de Piracicaba a 25 de Março de 1817.

Após se terem refeito das fadigas neste lugar, os viajantes dirigiram-se por terra para o rio Mogi-Guaçu, onde embarcaram na cidade de Mogi-Mirim, seguindo rio abaixo, até o rio Grande, e vencendo neste trajecto os saltos de Pirassununga e de São Bartolomeu, ambos pequenos. Doze dias gastaram-se nesta descida. Da foz do Mogi-Guaçu a expedição seguiu o curso do rio Grande, até a confluência do Corumbá, através de cerca de trinta léguas de percurso. Além das cachoeiras de Santo Estêvão, Santo António e São Matias, cuja passagem não oferece sérias dificuldades, há ainda a de Palma, que é quase equidistante das duas embocaduras e obriga a arrastar as embarcações por terra, num percurso de cerca de cem braças.

Da boca do Corumbá a expedição rumou para Goiás.

CAPITULO XVIII

VIAGEM DE GOIÁS AO RIO GRANDE.

Estacionamos em Goiás desde o dia 18 até o dia 29 de Outubro de 1844. Empregamos este tempo em pôr em ordem e encaixotar as coleções destinadas ao Jardin des Plantes, e em organizar os preparativos da nossa viagem para Cuiabá. As chuvas tinham-se tornado muito frequentes e aumentavam cada dia de intensidade, motivo pelo qual eu tinha muita pressa em atravessar os vastos sertões que separam as duas províncias centrais do Brasil, antes que as enchentes tornassem os caminhos impraticáveis. No dia 29 só pudemos partir bastante tarde; passamos toda a manhã em carregar e descarregar os animais, os quais, na sua maioria, completamente descansados, haviam readquirido o carácter insubmisso próprio dos muares. Um deles fugiu no momento da partida, não nos sendo mais possivel encontrá-lo. Na noite anterior tínhamos perdido um cavalo, o qual, conquanto estivesse preso no quintal da tesouraria, em plena cidade, fora mordido por uma cobra venenosa. Finalmente, pelas duas horas, deixamos a cidade. Compunha-se nossa equipagem de trinta cavalos ou cargueiros e de quinze homens, cinco dos quais eram soldados de infantaria fornecidos como escolta pelo presidente. Nessa ocasião observamos um facto muito curioso, que vem a ser irem geralmente no interior do Brasil, os soldados de cavalaria a pé, e os de infantaria a cavalo. Com efeito,

todos os nossos soldados iam em mulas de sua propriedade particular. Numa terra em que todos os viajantes vão a cavalo, os soldados de infantaria sabem que têm de arranjar animais de sela às suas custas, ao passo que os de cavalaria, supondo naturalmente que o governo lhes devia fornecer uma montaria, estão expostos a marchar a pé, se for esquecido este pormenor. Fomos em nossa partida acompanhados pela maioria dos nossos amigos, e foi com pesar que os deixamos, tal tinha sido a maneira pela qual nos trataram.

Até o nosso acampamento deste dia acompanharam-nos os fiéis soldados da guarda policial de Minas, para onde deveriam regressar; não foi também sem aperto no coração que me separei do furriel Magalhães e do soldado preto de nome Patriarca.

Como quase sempre, bem sombrias eram as cores de que se revestia a nossa partida, pois, mal tínhamos feito uma légua, e um dos animais fugiu pelo mato a dentro, não nos sendo possível descobri-lo senão à noitinha. Nossa aflição fora tanto maior quanto era ele o portador dos fundos da expedição. Tendo feito três léguas de jornada, fizemos alto, para acampar no lugar chamado Caxambu, junto ao miserável povoado. A estrada, bem traçada, mas muito pedregosa, apresentava uma formação de granito, com veios de talcoxistos. As pedras do caminho são de quartzo ou quartzito, em seixos angulosos. No leito dos rios Bagagem e Agapio, vêem-se enormes massas de granito. Todos os cursos d'água atravessados durante a jornada são afluentes do rio Vermelho de Goiás. A Serra Dourada esteve constantemente à vista, a uma distância de umas duas léguas ao sul da estrada. Durante a viagem encontramos uma grande tropa que vinha do Rio de Janeiro e se dirigia para Cuiabá. Essas tropas gastam em geral de cinco a seis meses para fazer aquele percurso e são muitas vezes compostas de duzentos e até trezentos animais

E' surpreendente a variedade de mercadorias que elas transportam; na tropa a que acabo de me referir vimos várias mulas carregando balcões de ferro, provenientes de alguma fábrica da Inglaterra ou da Bélgica. Também é muito notável a organização dessas tropas, tanto pela ordem perfeita que nelas se observa, como seu aspecto militar. A vanguarda é constituída de vários cavaleiros armados de carabinas; vem em seguida a longa fila de burros, repartida em lotes de dez animais, se os camaradas estão a cavalo, e de sete, no caso de irem a pé. *Cada um* desses homens traz constantemente o fuzil ao ombro e uma comprida faca à cintura. O chefe da tropa, ou tropeiro, bem como os arrieiros, galopam incessantemente percorrendo a fila, desde a ponta até à cauda; em último lugar vêm os homens da retaguarda, igualmente bem armada. Pela manhã, ao raiar o sol, partem os camaradas à procura das mulas, com a espingarda em mãos e reunidos em grupos de quatro ou cinco; enquanto isso os cozinheiros preparam a refeição, que é composta de feijão, carne-seca, farinha de mandioca e toicinho. Durante este intervalo os arrieiros compõem os arreios e examinam cuidadosamente as cangalhas: das últimas, nos pontos em que o animal foi ferido pelo atrito, eles retiram a palha suficiente para deixar uma cavidade. Assim que os animais chegam ao acampamento, examinam-se-lhes as ferraduras, substituindo-se as que se tenham desprendido. Nos campos extensos do interior onde há muito pouca pedra, é costume não ferrar os animais, pelo menos nas patas traseiras. E' surpreendente a habilidade que demonstram os camaradas para encontrar os animais transviados; para seguir-lhes o rasto, às vezes em léguas de distância, basta-lhes o menor rasto deixado no chão, a mais pequena escoriação num tronco, ou o mais leve desarranjo na vegetação. Terminados os preparativos fazem todos o seu almoço, passando-se depois a carregar as mulas. Para isso, associam-se os camaradas

de dois lotes, pois é necessário colocar ao mesmo tempo *as duas cargas no lombo do animal, o qual, por seguran-*ça, a menos que seja completamente manso, é prèviamente amarrado e mantido com olhos vendados. Por cima da carga joga-se um grande couro cru, o que *até certo ponto* a protege da acção do sol e da chuva. E' raro que uma tropa, sendo grande, possa se pôr *em marcha antes das nove ou dez horas da manhã, para fazer até a tardinha de* três a cinco léguas de caminhada. Tem-se sempre o cuida-do de escolher para acampamento as proximidades de al-gum córrego. *À medida que se* descarregam os animais os volumes são dispostos em linha e distribuídos em lotes. Cada camarada dorme junto do que lhe pertence e deve ao retirar as cangalhas, *marcar os pontos em que elas te-nham* maltratado os animais. Enquanto isso os arrieiros *examinam as mulas, fazendo curativos nas que estejam fe-ridas. Então os animais são levados para o pasto, ou seja* para o ponto do campo em que o capim se mostra mais verde, e aí são deixados para passar a noite. *Entretanto no caso de temerem-se* ataques de índios ou de animais fe-rozes, deixam-se quase sempre no local alguns guardas. Há de causar certamente admiração que se consiga, mesmo *à custa de dificuldades*, achar depois os animais meio sel-vagens que se deixam ficar, assim sem precaução, naque-les pastos cujos limites são os que à Providência aprouve conferir à América do Sul. O facto requer uma explica-ção. À frente de toda tropa, seja qual for o número de animais de que ela se compõe, costuma-se levar sempre um *cavalo velho, que se denomina madrinha.* Este cavalo, a quem o amor próprio dos tropeiros enfeita às vezes de or-namentos ridículos, não transporta nenhuma carga, mas apenas, pendurados ao pescoço, *uma sineta* e vários gui-zos. Ele desempenha na tropa papel importante, goza-do de singular ascendência sobre os animais de carga, que o seguem com grande respeito, as mulas mais velhas se

guindo neste particular o exemplo das novas. Todas o cercam e o acompanham, graças à sua experiência das estradas e ao conhecimento instintivo de onde ficam as melhores pastagens. Nas noites mais escuras, sabe descobrir a distância o lugar das aguadas. Havendo na tropa outros cavalos, estes a princípio procuram manter um certo espírito de independência, mas, reconhecendo-se logo isolados, não tardam a se acercar da *madrinha* e a se submeter à sua ilimitada autoridade. Este chefe da tropa sabe aliás impor o seu poderio por meios enérgicos; hesite uma das bestas a segui-lo, ou dê mostras de independência, e não tardará que um vigoroso par de coices, ou violenta dentada, a chame ao cumprimento do dever. Se, à noite, alguma onça se acerca da tropa, todos os animais procuram se aproximar da *madrinha*, unindo todas as cabeças, de modo que o carnívoro não consegue descobrir uma abertura para penetrar no círculo, de onde partem incessantemente tenebrosas patadas.

Em parte alguma da América do Sul pude encontrar cavalos selvagens, isto é, sem dono; quase todos os animais, embora marcados pouco após o nascimento, pastam livremente pela vastidão dos campos, sendo necessário o emprego do laço para capturá-los e em seguida domá-los. Muitas vezes, ao percorrer os sertões distantes de Goiás e Minas Gerais, deparei com grandes bandos de poldros à sombra das *figueiras gigantescas*. Ao nos aproximarmos, algum cavalo velho dava o sinal e toda a tropa disparava para o campo aos pinotes, desaparecendo por entre o capim alto.

Para terminar estas notas sobre os animais domésticos, acrescentarei que existe nas regiões centrais do Brasil duas raças de bois, fáceis de distinguir pelo tamanho dos chifres. Duma, própria de Minas Gerais, adquirem estes enormes dimensões, sua extraordinária envergadura chegan-

do a ultrapassar muitas vezes dois metros. Esta raça é óptima para o trabalho, mas a sua carne é talvez inferior à da outra, cujas pontas são menores e habita particularmente a província de Goiás.

Fora muito para desejar a introdução do camelo em Mato Grosso; ele seria capaz de prestar enormes serviços nas vastas planícies que cobrem a maior *parte da superfície* dessa província.

Passamos o dia 30 no acampamento, à espera que voltassem os tropeiros mandados no encalço de uma das mulas, que se transviara. Fazia excessivo calor e era em vão que procurávamos na mofina vegetação dos campos abrigo capaz de nos defender dos raios ardentes do sol. À tardinha chegou o animal procurado, com a carga respectiva.

No dia 31 pusemo-nos de novo a caminho, para experimentarmos a mesma série de contratempos a que já estávamos habituáramos. Mal tínhamos feito uns 200 metros, quando um dos camaradas teve o desplante de estrangular uma das mulas, que tombou morta sobre a estrada; pouco depois, outro animal teve os rins estrompados. Só depois de muito tempo me vieram dar parte do primeiro desastre, sendo então necessário, para trazer a carga que jazia em terra, mandar de volta um animal e vários homens. Um destes desertou, nunca mais sendo visto. Durante todo este malfadado dia percorremos uma região regularmente coberta de mato. A vista é limitada à esquerda pela Serra Dourada, que é elevada e quase sempre talhada a pique. Ao cair da tarde, chegamos a uma légua de cadeia de montes; a formação geológica continuava a mesma e todos os rios que atravessamos eram tributários do rio Vermelho. O rio Buriti lança-se neste último, por intermédio do rio dos Índios.

Durante a jornada do dia 31 passamos por duas ou três choças habitadas por pretos. Fizemos um desca-

numa delas, chamada Barreada, nome que significa a maneira por que era construída, pois os seus antigos donos, conforme nos informaram, tinham tido em mente, ao construí-la assim, torná-la menos fácil de ser incendiada pelos indígenas.

Eu seria incapaz de descrever todos os aborrecimentos e dissabores por que passei neste dia. Debaixo do mais estafante calor, tínhamos de percorrer sem descanso a tropa, de ponta a ponta; ora era um dos animais que fugia, ora outro que atirava, por terra as cargas mais preciosas, quebrando os instrumentos. Acabávamos de pôr ordem numa parte da tropa, e já íamos encontrar outra no mais lamentável estado; ora tínhamos de fazer levantar os animais que se deitavam no chão, ora precisávamos perseguir os fugitivos, correndo através do campo cheio de vegetação. Era de tal ordem o desmazelo dos nossos camaradas novos, que era real o nosso desespero ao pensar que estávamos fadados a realizar com semelhantes homens uma das viagens mais arriscadas que se podem fazer na América do Sul. A despeito porém de todos estes percalços e obstáculos, conseguimos fazer ainda quatro léguas e meia, indo acampar junto de um risonho córrego.

No dia 1.º de Novembro, pela manhã, verificamos que o nosso melhor camarada havia fugido durante a noite, levando consigo armas e provisões. O atraso decorrente deste sucesso deu motivo a que só pudéssemos fazer neste dia uma pequena marcha de duas léguas e meia. Tivemos sempre à vista, ao sul, a Serra Dourada, que ia ficando cada vez mais *próxima da estrada*, a *ponto* de não distar mais de uma légua do ponto em que fizemos pouso, à tardinha. Os caminhos que vínhamos percorrendo desde a saída de Goiás são muito ruins e cheios de pedras; eles se estendem por sobre os últimos contrafortes da serra por nós perlongada e são cortados por muitos córregos. Pas-

samos por muitas matas, e encontramos duas casas estragadas, distantes uma légua uma da outra. A primeira, conhecida por *Indios Pequenos*, estava abandonada; nela encontramos um grande cesto de arroz e muitas lagartixas. A segunda, chamada dos *Indios Grandes*, era habitada apenas por uma preta velha. Passamos a noite nesta última casa, cuja situação era muito pitoresca, próxima ao riacho do mesmo nome. Mal tínhamos apeado aí, quando passou por nós o correio, vindo de Cuiabá; eram três soldados, que acabavam de fazer a pé essa enorme viagem em vinte dias.

Ao cair da tarde, um dos cavalos que desaparecera e os tropeiros afirmavam ter visto morrer, alcançou-nos em rápido trote. Este facto nos deu grande satisfação, mas deixou os camaradas bastante confusos.

A 2, fizemos quatro léguas e meia. A Serra Dourada, sempre ao sul da estrada, parecia agora mais baixa e de desenho menos nítido do que nos dias anteriores; chegava mesmo a desaparecer momentâneamente em certas ocasiões, recuando para o sul. Os morros transpostos pelo caminho pertencem aos contrafortes transversais da mesma cadeia. Todos os cursos d'água que atravessamos correm para o rio Vermelho. A formação é granítica, com abundantes quartzitos disseminados pela superfície. - Pernoitamos numa casa chamada Guarda-Mor, por ter sido outrora a moradia de um oficial dessa categoria. O tempo mantinha-se chuvoso. Encontramos neste lugar um negociante que havia partido pela manhã do Rio Claro e que retirou das botas, para no-los mostrar, vários embrulhinhos contendo pó de ouro e diamantes. Os diamantes maiores dêles tinham tamanho maior do que uma ervilha. Contou-nos êle que a maior pedra deste minério encontrada na localidade referida pesava uma oitava e meia, e fora vendida no Rio de Janeiro por um conto e trezentos mil réis, ou sejam quatro mil francos, mais ou menos.

A 3 tivemos chuva durante o dia; mas, apesar disso, fizemos cinco *léguas* de caminhada, quase sempre através da mata. O caminho corria invariàvelmente por entre morros e o chão era muito pedregoso. A formação é o granito puro, com quartzitos na superfície. A estrada de Guarda-Mor a Boa Vista transpõe uma sucessão de morros pertencentes a uma série de cadeias perpendiculares à direcção geral dos montes Dourados. Estes serrotes, que *principiáramos a encontrar* ao sair de Guarda-Mor, desapareceram ao chegarmos a Boa Vista. Os rios Bocanha e dos Porcos, que atravessáramos durante a viagem, vertem separadamente no rio Claro, abaixo da confluência do rio dos Pilões. Deixando Guarda-Mor, deixamos para trás os últimos afluentes do rio Vermelho de Goiás, que desemboca no Araguaia oito ou nove léguas abaixo da barra do Crixás-Açu, isto é, *na altura de* Malícias ou de Piedade. Durante a viagem, passamos por um casebre chamado Mamoneiras, morada de uma velha atacada de bócio, indo pousar num grupo de choças, chamado Boa Vista. A casa que tínhamos a *princípio escolhido para ficar* era tão suja, que achamos preferível passar a noite debaixo do alpendre.

A 4, fizemos ainda três *léguas* e um quarto, através de caminhos um pouco menos pedregosos do que os dos dias anteriores. Partimos muito cedo. A formação era sempre granítica. Depois de atravessarmos uma grande mata, chegamos pelo meio-dia ao rio dos Pilões, que na estação das chuvas é bastante profundo e se precisa atravessar em canoa. Agora, todavia, ele *não tinha mais* de meio metro de *profundidade* e dava passagem a vau. Nas margens do rio, vimos várias pessoas ocupadas na extracção de ouro; aí achamos belos exemplares de *Megacephala*, o que para nós era muito mais interessante do que as buscas incertas daquela gente. O rio dos Pilões, cuja largura é de cerca de 40 metros no ponto em que o atraves-

samos, despeja no rio Claro, duas léguas abaixo do arraial do mesmo nome, medidas com exactidão. A temperatura das águas do rio, à 1 hora da tarde do dia 4 de Novembro, era de 27°,3 centigrados. Uma légua e três quartos mais adiante, alcançamos as primeiras casas da aldeia do Rio Claro, onde fomos bem recebidos pelo subdelegado, que nos arranjou uma casa e quase em seguida nos levou às margens do rio, conforme o nosso vivo desejo de conhecer esse curso d'água, tão célebre pelos diamantes nele contidos. Suas águas se nos mostraram extremamente límpidas; mas o leito estava obstruído por uma grande quantidade de pedras, por entre as quais os negros, curvados, procuravam o precioso minério. O rio Claro, cuja largura é de 60 metros, é um afluente do Araguaia, onde faz barra seis léguas abaixo da chamada passagem do Rio Grande (estrada de Goiás para Cuiabá). A 4, fizemos uma caminhada de três léguas e três quartos.

Passamos o dia 5 em Rio Claro, miserável povoado de uma única rua, correndo perpendicularmente à direcção do rio e formado por umas vinte e cinco ou trinta casas de barro, quase todas caindo em pedaços, onde mora uma população de cento e cinquenta a duzentos habitantes. Verdade é que quantidade aproximadamente igual vive em torno do arraial, num raio de cerca de dez léguas, ocupada na extracção de ouro e diamantes. Há no arraial uma capelinha, cujo capelão é o principal negociante de diamantes da terra. O comércio ocupa todas as pessoas livres do lugar, as quais constituem aliás a maioria, visto como se calcula que o número de escravos existentes no povoado não deve exceder a uma quarentena.

Tempos atrás, cerca de duzentos negros captivos, pertencentes ao governo, trabalhavam o dia todo na extracção do diamante, debaixo da mais severa disciplina. Havia então ali um posto militar, sob o comando de um oficial chamado Guarda-Mor, cuja função era impedir q[illegible]

outros procurassem diamantes, além dos escravos mantidos pelo Estado. Contou-nos um preto velho que era de tal modo temida a *inquisição do Guarda-Mor, que se faziam* grandes rodeios sòmente para não passar nesse lugar. Algum homem que fosse visto a tomar banho no rio, era preso por uns sete ou oito dias, sendo durante este tempo alvo de todas as pesquisas, a fim de verificar se não teria alguma pedra em seu poder. Cortavam-se os dois punhos dos que eram surpreendidos tirando diamantes. O negro que isso nos contou, tinha sido ele próprio surrado a chicote, e de modo bastante cruel para que, passados já bastantes anos, ainda estivessem presentes os vestígios daquele castigo. O crime de que o acusaram foi o de haver lavado os pés na beira do rio.

Actualmente não existe mais guarda-diamantes, sendo a exploração praticada livremente. Assim, durante a estação *seca, que é só quando esse trabalho é praticável*, toda a população do lugarejo vive acampada próximo às margens, ocupando-se na extracção do ouro e do diamante. Dois moradores do povoado foram morar no sertão, retirados umas cinco léguas mais ao sul. Embora ameaçados sempre pelos Caiapós, que por várias vezes cercaram as suas palhoças, ali continuaram a viver, na esperança *de maiores lucros*.

Há nada menos de cinquenta ou sessenta anos que se começou a exploração do ouro e dos diamantes no Rio Claro. As pedras são encontradas principalmente na areia que se acumula entre os rochedos de granito espalhados pelo leito do rio. Dizem que os pontos mais ricos são aqueles em que esses rochedos dão lugar à formação de pequenos saltos. As areias são lavadas numa grande gamela cónica e muito achatada, que tem uns 70 ou 80 centímetros de diâmetro e é chamada bateia. Começa-se por verificar se essas areias pertencem à formação diamantífera, a qual se caracteriza pela presença dos chamados cap-

tivos do diamante, pequenos seixos rolados, que se distinguem uns dos outros por diferentes nomes. Dá-se assim o nome de ferragem aos que provêm das piritas de ferro roladas e polidas pelas águas; outras são ágatas, pedaços de grés ou de quartzo, turmalinas pardas, de formato e colorido particulares. Toda vez que se encontram estes indícios da formação diamantífera, pode-se estar quase certo de encontrar o mineral precioso. O garimpeiro, para afugentar os mosquitos, tem o cuidado de entreter tições fumegantes. Conta-se que no começo houve ocasiões de virem na mesma bateia umas catorze ou quinze pedras pequenas.

Hoje o Rio Claro está longe de ser tão rico; mas, mesmo assim, ainda se podem encontrar diamantes junto até do povoado.

A estação seca, que é aquela em que se trabalha, estende-se de Junho a fins de Outubro, ou começos de Novembro. Agosto e Setembro são os meses em que há mais actividade; em compensação, durante as chuvas os trabalhos são suspensos, por causa do enorme volume e da correnteza das águas do rio.

Os diamantes são vendidos a peso. A unidade usada nas transacções é o vintém, equivalente a dois grãos e um quarto da libra portuguesa, a qual se divide, como a velha libra francesa, em dezesseis onças. A onça vale oito oitavas e a oitava setenta e dois grãos; *consequentemente*, oitava vale trinta e dois vinténs, e dois vinténs valem meio grão menos do que o quilate, unidade usada na Europa para pesar o diamante.

Eram os seguintes os preços correntes do diamante na nossa passagem pelo Rio Claro: uma pedra de vintém, vendida antigamente por três ou quatro mil réis, conforme a qualidade, valia agora de seis mil a oito mil e quinhentos réis; uma de dois vinténs valia dezesseis mil réis; uma de

quatro, trinta e quatro mil réis. A que vimos ser vendida por este último preço tinha um pequeno defeito.

Em 1842, uma pedra de catorze vinténs (7 quilates 3/8) tinha sido vendida a cento e cinquenta mil réis, enquanto que alguns anos antes de nossa passagem um diamante de vinte e dois vinténs (12 quilates 3/8) tinha sido pago a trezentos e cinquenta mil réis, ou seja quinze mil réis por vintém, valor mais alto já alcançado no Rio Claro. A maior pedra encontrada neste lugar desde alguns anos pesava vinte e nove vinténs; fora achada, não no rio, mas junto ao pé de uma palmeira, na planície que cerca a povoação. Como não fosse perfeita, não se alcançou por ela mais de duzentos e quatro mil réis. Uma pedra de dez vinténs vale actualmente cem mil réis, ou seja dez mil réis o vintém.

Os diamantes extraídos da areia são vendidos aos negociantes, os quais os revendem aos comerciantes de Goiás, ou aos tropeiros de Cuiabá em viagem para o Rio de Janeiro. Estes últimos conseguem fazer somas avultadas com essa mercadoria.

Encontram-se diamantes nos rios Claro, dos Pilões e dos Caiapós, bem como em todos os córregos que afluem para estes três rios. Acredita-se comumente que o Araguaia, para onde todos convergem, deverá também contê-los; mas as dificuldades que oferece a exploração deste rio têm impedido a verificação do facto. De modo geral, parece que o rio Claro é o mais rico de todos, mas é no rio dos Pilões que se têm encontrado as maiores pedras, constando até que nele foi achada em tempos idos uma com o peso de uma oitava e três quartos. Em compensação, o rio dos Caiapós é dos três o que contém maior quantidade de ouro. Este metal valia, por ocasião de nossa passagem, de três mil a três mil e duzentos réis a oitava, constando que um trabalhador é capaz de extrair sòzinho, num

dia, até duas oitavas do referido metal. Quando se reflecte na simplicidade dos processos usados na extracção, é-se forçado a admitir que a região deve ser extremamente rica.

O rio Caiapó, cujo curso é conhecido numa extensão de pelo menos cinquenta léguas, nasce na serra do mesmo nome. Sua direcção é, de modo geral, para o noroeste e sua foz no Araguaia fica duas léguas acima da passagem da estrada para Cuiabá. E' um dos afluentes principais do alto Araguaia, excedendo até em tamanho o próprio rio Claro.

A 6 nossa partida foi retardada pelos trabalhos com o arranjo da tropa, muitos de cujos animais se tinham dispersado pelos pastos. Passamos o rio Claro a vau e entramos depois na Chapada, através de uma estrada muito boa. Encontramos neste trajecto um homem que voltava do rio Caiapó, acompanhado dos seus escravos. Havia passado um ano à procura de diamantes, sem encontrar porém grande coisa; em compensação, trazia consigo boa quantidade de ouro em pó. Tinha-se, apesar de tudo, por muito mal pago pelos sofrimentos que experimentara e lamentava a perda de vários escravos. Tencionava regressar para Diamantina, em Minas Gerais. Ao longo de todo o caminho, num percurso de quatro léguas, o terreno era formado de granito, vendo-se morros à direita e à esquerda, não unidos porém em cadeia. Todas as águas que atravessamos durante a jornada correm para o rio Claro.

Fizemos acampamento à beira do córrego dos Mutuns. A noite, em passeio, achamos no capim uma pequena larva fosforescente, notável pelo brilho de sua coloração; a cabeça era de um vermelho rubi e o corpo do mais admirável azul. Dir-se-ia que esta última cor brotava, em cintilações, de inúmeros pontos.

No dia 7 jornadeamos sempre por sobre a Chapada. Depois de fazermos uma légua, passamos em frente de um

tapera (casa abandonada), e, três léguas e meia adiante. fomos pousar numa casa chamada Os Poções, onde a muito custo nos venderam um pouco de milho para os cavalos, e por preço exorbitante. Tivemos à nossa frente o dia todo uma cadeia de montanhas conhecida pelo nome de Serra de Lambari. Esta serra corre para o nor-noroeste e dá nascimento ao rio das Almas, um dos principais afluentes do rio Araguaia. Durante todo o trajecto observamos a mesma formação granítica dos dias anteriores. Assim que nos instalamos, parou em frente à casa o coronel Pimentel, ex-presidente da província de Mato Grosso, que vinha do Rio de Janeiro; vendo, porém, que a casa já estava cheia de viajantes, ficou sob o alpendre. Tratamos logo de entabolar relações com ele; mostrou ser distinta pessoa e deu-nos boas informações sobre a província que acabara de administrar. Entre outras coisas, contou-nos que um oficial francês, a serviço do Brasil, o capitão de navio Laverger, acabava de entrar na capital do Paraguai.

No dia 8 viajamos oito léguas, através de medonhos caminhos muito desiguais, quase sempre dentro da mata virgem. Passamos a noite numa casinhola ordinária chamada Matrinchã, habitação de um desertor. Na estrada a formação geral era o granito; mas, a partir do córrego das Cangas, começaram a aparecer as pedras que têm este nome. O campo era chato, os morros que tivemos de atravessar sendo ramificações da Serra de Lambari, a qual termina ao nível da casa d'Os Poções. O caminho estava coberto de um pó vermelho, que parecia proveniente das cangas.

A 9, por vários motivos, nossa tropa se achava completamente desorganizada; os tropeiros, descontentes, deixaram que os animais se perdessem; por cúmulo, aumentaram as chuvas, tornando-se quase contínuas. Só depois do meio-dia conseguiu-se reunir os animais e era perto de duas horas da tarde quando deixamos o acampamento. Após

fazermos aproximadamente uma légua, começamos a galgar a Serra da Rapadura, cuja elevação é pequena, mas cujo acesso é dos mais difíceis. Em muitos lugares é-se obrigado a subir rochedos quase a pique e às vezes nos parecia impossível fazer com que os animais galgassem os degraus de pedra talhados pela Natureza por entre os enormes blocos de rocha que se encontram espalhados por todos os lados. Era este, creio, o pior dos caminhos por que tínhamos passado no Brasil ([1]). Esta serra é formada de grés vermelho, às vezes em massas talhadas a pique e recortadas de maneira extravagante, ou onduladas na superfície. Como na véspera, antes de chegarmos à serra, deparamos com massas de canga, passadas as quais encontramos de novo a poeira vermelha que parece provir da desagregação desta rocha. Todos os rios que atravessamos correm para o rio Claro. A cor avermelhada do grés, com cambiantes de anil, fez com que os tropeiros, os únicos a frequentar estes caminhos, o comparassem ao açúcar grosseiro fabricado na terra (rapadura), donde o nome dado à serra. Fizemos este dia duas léguas e meia, indo acampar na planície, perto de um bonito riacho, chamado da Extrema.

No dia 10, pela manhã, ficamos sabendo que haviam desertado dois camaradas. Um deles tinha sido ferido no dia anterior por um soldado, cuja rede ele deixara perder-se. Também tinham desaparecido vários animais, ficando-me a desconfiança de que houvessem sido levados

---

(1) No relatório anual do presidente da provincia de Goiás, para 1837, lê-se o seguinte: "A provincia de Goiás é talvez a única cujas estradas não tenham sido melhoradas; todas elas se encontram no mais horrível estado, e causa espanto o perigo a que continuamente está exposto em suas jornadas quem em tempos d'águas faz qualquer viagem, ainda mesmo nas vizinhanças da capital".

pelos fugitivos. Mandei então diversos homens no encalço dos últimos, mas voltaram eles depois do meio-dia, trazendo consigo as mulas, encontradas do outro lado da serra, mas sem haver encontrado nenhum traço da passagem de pessoas. Foi dos mais quentes o dia que aqui passamos e não foi pouco o que padecemos sob os ardores do sol, no campo despido de árvores. Como a maioria dos nossos tropeiros, por este ou aquele motivo, nos haviam abandonado, entrei em entendimento com os soldados para que eles tomassem as funções. Esse arranjo trazia todavia um sério inconveniente, que vinha a ser ficarmos sem guardas à noite, precaução que nos parecia indispensável nessa estrada.

A 11 partimos cedo, percorrendo uma região despida de vegetação. A estrada serpenteava agora em solo plano, por entre lagoas e brejos pouco extensos. Acampamos à tardinha junto de uma legoa cercada de um bonito tanque de buritis e onde fizemos as seguintes observações: a 11 de Novembro, às cinco horas da tarde, a temperatura da água exposta ao sol era de 34°, e a 12, às seis horas da manhã e à sombra, era de 26°,5.

Não nos foi possível esse dia fazer mais de quatro léguas, sendo necessário parar por causa da falta absoluta de pasto desde a Boca do Cerrado, nome do local em que acampamos, até o Rio Grande. Matou-se um veado, mas as aves eram extremamente raras, o mesmo acontecendo com os insectos, cujo número era bastante grande ao norte de Goiás. Encontramos larvas luminosas, que reconhecemos pertencer a coleópteros do gênero *Elater*. Não observamos cortes, mas é provável que a formação seja sempre o granito, em baixo, e a canga, em cima. Tanto o córrego da Extrema, como o outro que se lhe segue, são

afluentes do rio das Areias, que por sua vez é tributário do rio Claro.

A 12, saindo do campo, entramos em moitas de mangabeiras carregadas de fruta. A mangaba se parece com a ameixa verde; é muito boa para comer crua e serve para o preparo de excelente compota. Continuamos muito admirados com a falta completa de aves, facto notável num sertão como esse. Passamos o *rio* das *Almas*, cujas margens são elevadas e que derrama no Araguaia, duas léguas abaixo da Passagem do Rio Grande, depois de receber os rios das Águas Belas e da Ponte Alta, ambos transpostos por nós mais adiante. Destes rios, o último é muito mais fundo do que o rio das Almas, embora menos largo. O nome lhe veio de um estreito pontilhão muito alto e de 1[illegible] metros de comprimento. Suas águas são muito claras, deixando ver as numerosas plantas aquáticas que atapetam o fundo. A seguir, entramos no campo e, uma légua e meia adiante, alcançamos o rio Grande, ou melhor, o Araguaia. A formação geológica continua a ser a canga e o solo se manteve invariàvelmente plano em todo o trajecto, que foi de seis léguas.

Passamos o dia 13 no lugar a que chegáramos na véspera, com o fito de fazer várias observações sobre a posição geográfica do posto militar ali instalado pelo governo de Goiás. Visto que o rio, como já dissemos antes, marca a fronteira entre Goiás e Mato Grosso, o governo desta última província mantém também um destacamento de soldados do lado oposto àquele em que estavamos. Nessa ocasião, as duas guarnições reunidas perfaziam um efectivo de cinco homens, constando que estavam prestes a ser retirados de comum acordo, visto como uma guarda [illegible]

débil se via por demais exposta aos ataques dos índios Caiapós. Não foi com pequena alegria que tornamos a ver o Araguaia, rio em que já havíamos experimentado tão diversas emoções. Medimos trigonomètricamente a largura do rio, verificando que, tendo a nossa base 63m,3, um dos ângulos do triângulo media 101°0'45" e outro 68°3'20". A velocidade da correnteza era de 63m,30 em 0h1'55" de tempo.

Chega-se à margem do rio por uma rampa cuja formação parece ser uma aluvião muito recente, com alguns pedaços de cangas na superfície. A barranca da direita deu-nos *uma espécie de pórfiro*. Na *margem esquerda há* um pequeno número de moradores habitando sete ou oito ranchos, o maior dos quais serve de oratório. As observações barométricas feitas nessa passagem acusaram 212 metros, o que significa uma diferença de nível de 150 metros entre este ponto e o forte de São João das Duas Barras, ou seja um declive de aproximadamente 5 decímetros por légua, equivalente a uma inclinação de 1/80.

Merece registro a ausência de piranhas no alto Araguaia, o que permite aos habitantes banharem-se impunemente nas suas águas. Faz-se a travessia do rio em três ou quatro barcos, amarrados conjuntamente para suportar um estrado grosseiro de tábuas, sobre o qual podem se acomodar uns oito animais, de cada vez. Entre as plantas encontradas neste lugar, merece referência uma bonita espécie de cacto, muito comum nos campos vizinhos e que costuma rastejar por cima dos ninhos de cupim.

A propósito destes últimos insectos, quero lembrar uma crença *muito generalizada entre os sertanejos. Afirmam* eles que em cada casa de cupim vive uma cobra, alimentando-se dos insectos. Com grande espanto dos habitan-

tes, fiz abrir vários ninhos desses, sem conseguir encontrar nunca um só reptil. Contudo, não duvido que, em certas circunstâncias, possam os ofídios procurar neles um abrigo (¹).

---

(1) Na crença popular vejo a generalização de um fato que não podia ter passado despercebido ao homem do campo, e vem a ser a frequência com que se podem encontrar nos formigueiros as chamadas "cobras de duas cabeças". Zoològicamente, não são cobras, mas sim uma família (Amphisbaenidae) de lagartos ápodes, de aspecto serpentiforme e tegumento anelado. A grande semelhança entre as duas extremidades explica a suposição absurda de possuírem "duas cabeças", ao passo que das particularidades de seu habitat lhes veio o nome de "mãe de saúva", por que também são conhecidas. (Nota do trad.).

CAPITULO XIX

VIAGEM DO RIO GRANDE A CUIABÁ.

No dia 14 de Novembro, depois de atravessar o rio pela manhã muito cedo, visitamos o pequeno arraial que existe na margem esquerda e é constituído de casas de barro, cobertas de palha de coqueiro. Fizemos este dia cinco léguas, sempre em chão de areia grossa, que nos queimava a planta dos pés. Neste deserto, só lá uma vez ou outra encontrávamos algum arbusto entanguido. A meio caminho veio ao nosso encontro uma menina de oito ou nove anos, pedindo-nos que a levássemos para Cuiabá, onde, segundo dizia, estavam os seus pais. Apesar das ponderações que lhe fiz sobre as dificuldades de atender o seu desejo, diante de sua insistência concordei em deixá-la ficar conosco: entretanto, no dia seguinte ela tinha desaparecido e eu nunca mais soube dela.

De noite, passamos perto da lagoa de Nundi. Desde que entramos na província de Mato Grosso os caminhos ficaram bem melhores do que os encontrados por nós até então, o chão não sendo mais esburacado pela pata das mulas. Na primeira parte da jornada, encontramos ainda algumas cangas superficiais. De resto, o solo parece ser uma aluvião, coberta por uma camada de areia muito fina. O córrego da Ponte Alta, junto ao qual nos encontrávamos, é um afluente do Araguaia, por intermédio de um outro riacho.

No dia 15 fizemos sete léguas, debaixo de forte chuva e através de campos, para chegarmos a uma tapera, de nome Taquaral, por causa dos bambus existentes nos arredores. As casas em que nos acomodamos haviam sido abandonadas pouco antes por causa dos índios; ficam elas muito próximas da Serra de Taquaral, cujo pico mais elevado se via imediatamente acima delas. Uma moenda de cana ainda se achava ali em bom estado. Ficamos surpresos de encontrar três homens no canavial que a cerca eram soldados do serviço do correio de Cuiabá. Os encarregados deste serviço andam a pé e devem fazer a viagem em trinta dias, sob pena de serem castigados com cinquenta vergastadas.

Pela manhã encontramos um oficial acompanhado de vários homens, que acabavam de conduzir para Cuiabá o doutor Sabino, célebre conspirador baiano, banido a princípio para Goiás e que agora tinha sido mandado para o exílio em Forte do Príncipe. A estrada é boa e atravessa vários morros. Vêem-se à direita e à esquerda cadeias de colinas elevadas. A de Taquaral acompanha o caminho, à esquerda, e pode ser considerada como sendo a encosta de um vasto planalto, que tínhamos de galgar nos dias seguintes.

A formação nos pareceu a mesma dos dias anteriores, traços de xistos argilosos tendo vindo acrescentar-se às cangas, em vários pontos. Todos os rios que atravessamos são tributários do Araguaia; são eles o Taquaralzinho e o ribeirão das Arraias, por intermédio do Taquaral Grande, o Fogácio e o Jatobàzinho, por meio do Insua.

A 16 galgamos a Serra de Taquaral, numa subida extremamente difícil e abrupta. O tope é constituído por um vasto planalto, o qual se dilata por uma grande extensão da província de Mato Grosso; dele se descortinam as mais belas paisagens. Aos nossos pés estendiam-se vastas

campos verdejantes; ao norte e ao sul erguiam-se elevadas montanhas; no fundo, a mais de vinte léguas de distância, via-se a Serra da Rapadura. O caminho passa pelo cume da montanha e coleia por entre altos rochedos.

A *Serra de Taquaral* não me parece ser outra coisa senão o talude de um grande planalto de grés, cujos flancos teriam sido lacerados e batidos por um mar que outrora cobrisse a planície que acabávamos de atravessar. Com efeito, à direita e à esquerda da estrada pela qual se galga a serra, vêem-se estender-se serrotes de grés, *achatados no tope e corroídos nos flancos da maneira mais curiosa.* Os vértices destas serras dão a impressão de estar no mesmo plano horizontal do próprio planalto, o que nos leva a acreditar que a serra não se formou por solevamento, mas que o planalto seria preexistente e que um cataclisma o houvesse degradado e desbarrancado. E' que nos próprios cumes se encontram camadas horizontais de *xistos argilosos, alguns deles aglomerando seixos rolados e outros pequenos fragmentos angulosos.* Estes xistos parecem muito contornados e mergulham para o sul e sudeste; mas este acidente é talvez parcial, ou pode ser ainda que seja o contorno das linhas de xistosidade que produz essa aparência. Sotopostos a estas camadas, vê-se um grés perfeitamente semelhante ao da Serra da Rapadura. Mas no ápice mesmo da serra só se encontra grés branco de dureza variável, mais ou menos rico de quartzo e vizinho do itacolumito.

Estas massas de grés formam lajedos muito curiosos, sobre os quais embatem as águas das duas torrentes que por causa dessas pedras receberam o nome de Lajes. Chegados ao platô, tivemos de atravessar grandes extensões de capim, cuja única vegetação arbórea era representada por elegantes grupos de buritis. A paisagem, em suma, era de *extraordinária beleza. Passamos, próximo às cabeceiras,*

duas torrentes, que a pouca distância, no vale, se reúnem para formar o rio do Peixe, afluente do rio das Mortes; ambas se precipitam em bonitas cascatas imediatamente abaixo do ponto em que as atravessa a estrada. Depois de uma caminhada de cinco léguas, chegamos no lugar chamado Lajes. Em meio a estas rochas, dispostas em lajedos, ergue-se um rochedo muito digno de nota; é êle cortado a pique de todos os lados e ostenta vegetação no cume; em toda a volta distribuem-se lindos buritizais.

No sopé das Lajes corre a fonte principal do rio das Mortes; suas águas, frescas e límpidas, precipitam-se com grande violência por entre os rochedos, formando uma infinidade de cascatas, cujo ruído nos feria os ouvidos durante toda a noite passada no acampamento. Os morros espalhados em torno do ponto em que estávamos exibiam os mais esquisitos aspectos, tais como acontece com o grês quando é escavado pelas águas.

A 17, durante a noite, as nossas mulas se dispersaram, com certeza em consequência do aparecimento de alguma fera. Não obstante, saímos muito cedo, prontos para escalar a garganta das Lajes, a despeito da chuva torrencial. O caminho coleia por entre enormes rochedos, formando uma escada cujos degraus têm mais de um metro de altura. Todas estas trilhas devem sua existência apenas às tropas que por aí passam, pois nunca foi traçada qualquer estrada nem em Goiás, nem em Mato Grosso. Nos pontos em que era de todo impossível fazer os animais passarem, os tropeiros se contentam em deslocar algumas pedras. Prosseguimos, depois daí, através de campos ondulados, e em seguida atravessamos uma mata virgem, tendo sempre montanhas à vista.

Nossos cães levantaram qualquer animal grande, provàvelmente uma onça; durante longo tempo seguimos-lhe o rastro. Pouco mais além, no tronco de uma velha árvore

pegamos uma porção de exemplares de um *Prionus* de tamanho gigantesco. Pernoitamos num lugar chamado Campo Alegre. Aqui foi-nos de todo impossível obter água; por isso os companheiros todos se dispersaram pelos arredores à sua procura, deixando-me e ao cabo que comandava a escolta sòzinhos no acampamento. Não tardou muito que ouvíssemos os miados de um grande felino, cujo vulto, apesar da escuridão, chegamos a entrever por entre os garranchos. Dei-lhe um tiro de espingarda, sem outra coisa conseguir. Todavia, a não ser a volta imediata dos companheiros, que imaginaram estarmos sendo atacados pelos índios. Toda a nossa marcha de três léguas fez-se em caminho acidentado, por entre rochas de grés itacolumítico, sobre as quais apareciam, num ou dois lugares, alguns restos apenas de canga. Nos dias anteriores tivemos de passar vários rios; hoje, porém, não atravessamos nenhum.

A 18, sob chuva ininterrupta, viajamos o dia todo por campos ondulados, alternando com lindos capões onde se viam muitas touças de taquaras. Dois riachos foram atravessados a vau; ambos têm o nome de Passa-Vinte. Num destes córregos era tão forte a correnteza, que vários animais nossos por pouco iam sendo por ela arrebatados. O nome destes córregos lhes vem de que a antiga estrada para Cuiabá atravessava um deles vinte vezes. Nessa jornada encontramos maior quantidade de animais do que de costume. Na própria estrada, estava dormindo um magnífico teiú, lagartão de cores vivas, cuja pele aproveitamos para a nossa colecção; belas araras vermelhas, azuis e violeta sobrevoavam frequentemente as nossas cabeças, soltando gritos ensurdecedores; finalmente, obtivemos vários exemplares de uma espécie de gerifalte de cauda bifurca, que andava à caça das grandes formigas aladas do gênero *At-*

ta [1]. A propósito deste insecto, tive ocasião de observar várias vezes um facto muito curioso. E' sabido que os animais desta classe o crescimento se processa todo durante o período de larva, isto é, antes de ter ele experimentado a metamorfose final; uma vez no estado perfeito, ele para de crescer. O tamanho destes artrópodes não varia com a idade, e embora se observem, no que toca ao tamanho, diferenças individuais, todos os indivíduos pertencentes a uma mesma espécie apresentam aproximadamente as mesmas dimensões. Nas *Atta*, pelo contrário, observei indivíduos cinco ou seis vezes menores do que outros, embora a estes inteiramente semelhantes. Um homem do lugar, notável pelo seu espírito observador, garantiu-me que estes insectos cresciam. Embora essa opinião tenha para mim muito pouca importância, pareceu-me interessante referir o facto.

As chuvas tinham feito sair muitos insectos, e era para nós grande divertimento coleccionar os lindos coleópteros que apareciam em chusma na corola das flores brilhantes que ostentam os arbustos do campo. As velósias entre outros, davam-nos magníficas espécies de rutelíneos de colorido verde-dourado, e muitos pelidnotas de avantajado porte. Nesse mesmo caminho coligimos dez ou doze espécies diferentes de *Megacephala*, enormes estafilínidas espécies numerosas de *Macraspis*, de *Gymnetis*, capricórnios reluzentes, etc., etc. Eram também muito abundantes os insectos incómodos, tendo os borrachudos se tornado verdadeiro tormento. Foram vistos também muitos pés de salsaparrilha. Estávamos em pleno domínio dos Caiapós.

---

(1) Trata-se do chamado gavião-tesoura, Elanoides forficatus yetapa (Vieillot), ave eminentemente útil pela perseguição que move a inúmeros insectos daninhos, nomeadamente às larvas de borboletas (Cf. Pinto, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª pte., pág. 104). (Nota do trad.).

cujos rastos os nossos camaradas acreditaram ter reconhecido várias vezes. Fala-se também aqui de uma outra nação indígena a que dão o nome de Coroados, cujos bandos guerreiros frequentariam também a região. Suponho tratar-se dos índios Xerentes. A formação era constituída de xistos argilosos, provàvelmente superpostos ao grés branco. Além dos rios Passa-Vinte, atravessamos também o rio da Fartura, o qual, reunido aos primeiros, se lança no Araguaia, acima da boca do rio Caiapó, por intermédio do rio dos Barreiros. O trajecto percorrido neste dia 18 foi apenas de três léguas.

No dia 19, pela manhã, quando eu quis me levantar, verifiquei que as minhas roupas e botas tinham sido inteiramente devoradas por uma horda de cupins que invadira a tenda; a muito custo poder-se-ia achar um pedaço de polegada quadrada que não estivesse inteiramente roído. Nada é capaz de resistir à acção destruidora destes insectos minúsculos; caia algum gigantesco tronco, derrubado pela tempestade ou por outro qualquer motivo, através do caminho por onde aqueles costumam passar, será ele minado e destruído no espaço de alguns dias, mostrando-se aqui os insectos mais industriosos do que o homem do trópico, que se contentaria em evitá-lo, fazendo um rodeio.

A nossa comitiva percebeu o espanto que me produziu a perda de minhas roupas e daí por diante atribuíam sempre a causa semelhante o desaparecimento de qualquer objecto. Certo dia em que não foram encontradas algumas moedas de cobre, chegaram eles ao ponto de declarar que deveriam ter sido devoradas pelos cupins.

Fizemos duas léguas por uma mata muito fechada, atravancada de taquaras e em chão muito irregular e montuoso; passamos depois o rio Barreiro ou dos Barreiros, que já havíamos ladeado pelo percurso de uma meia légua. Do outro lado, fomos encontrar campos muito ondulados,

que atravessamos num percurso de duas léguas, para chegar ao lugarejo chamado das Antinhas, moradia de quatro homens apenas, que levam vida de completo isolamento nesta solidão, sempre atemorizados pelo perigo dos índios. À noite, como estivéssemos aproximadamente no centro do continente sul-americano, fizemos um jantar quase à européia, graças às latarias e conservas que trazíamos de longo tempo conosco, reservadas para essa ocasião. Apesar de terem sido preparados muitos anos antes, esses alimentos estavam tão bons como se houvessem sido guizados naquele mesmo momento.

A formação geral da zona é o grés vermelho. em enormes massas dispostas em platôs arredondados no ápice e separados uns dos outros por meio de barrocas de flancos muitas vezes talhados a pique e rasgados por grandes fendas horizontais. No alto dos morros aparecem argilas vermelhas; finalmente, em vários pontos, viam-se ainda cangas. O primeiro córrego que atravessamos ao deixar o acampamento é um afluente do rio Matrinchá, ele próprio tributário do rio Barreiros, bem como os riachos da Buziga e do Portão de Pilatos. O Barreiros, como já tive ocasião de informar, derrama suas águas no Araguaia. Quanto ao ribeirão das Antinhas, suas águas correm também para este último rio, mas por intermédio do Roncador e do rio das Mortes. O rio Roncador corre sobre a tombada meridional de uma cadeia de montanhas, que ficava à nossa direita quando atravessamos a Serra de Taquara; é uma corrente muito rápida, que passa, segundo me disseram, a cerca de uma légua e meia do sítio de Antinhas, até onde chega o ruído de suas águas. Com toda probabilidade, o nome lhe veio desta circunstância. Esse rio, *a partir daí, afasta-se da estrada que seguíamos*, de modo que ele passa a umas cinco ou seis léguas do sítio de Jutobá, onde, neste dia 20, fizemos alto, após uma marcha de quatro léguas e meia. através de campos muito ondula-

dos. Em Jatobá existe apenas um miserável casebre. Uma légua incompleta antes de a ele chegar, passamos no meio de uma formação muito curiosa, constituída de rochas cortadas a prumo, que têm a aparência de fortificações e são conhecidas pelo nome de As Torrinhas. Aliás, durante toda a jornada, eram sempre de grés vermelho as rochas que se nos apresentavam. Os córregos das Torrinhas, dos Mutuns e do Pau-Furado, lançam-se no Jatobá, afluente do Roncador e aonde vêm ter as águas do Porteira, engrossadas pelas do Carioca. O dono do sítio de Jatobá era um velho, doente, que desde muitos anos vivia com os filhos nesse ermo. Sempre com medo de ser, mais dia menos dia, massacrado pelos selvagens, não tinha, apesar de tudo, a coragem de abandonar esses lugares em que havia passado grande parte da existência. E' curioso ver-se como, em circunstâncias como estas, procura o homem tranquilizar-se com garantias ilusórias: pois que durante tanto tempo se viu poupado pelos perigos, está certo de que também para o futuro se achará livre deles. De resto, o velhote se nos mostrou muito mal humorado, recebendo-nos com má cara. Queixava-se de ser constantemente importunado naquela beira de estrada, isso apesar de se passarem às vezes três meses sem que nela aparecessem viajantes. Entretanto, chovia a cântaros e por isso nos decidimos a passar a noite no local, a despeito da má vontade do dono da casa. À noite chegaram do campo os seus filhos entre eles uma mulher, com uma espingarda ao ombro, de acordo com a regra. A casa fica num imenso campo, quase despido de árvores.

A 21, continuamos a percorrer uma região semelhante à da véspera, com a diferença de apresentar alguns buritizais. Pelo meio-dia alcançamos enormes rochedos de grés, junto aos quais corre um bonito regato. Fomos acampar junto de um amontoado de rochas chamado As Lajinhas, tendo feito um trajecto de quatro léguas.

Observamos em alguns pontos, superpostos ao grés vermelho que dominava já há alguns dias, xistos argilosos de cor vermelha e granulação muito fina. Sobre a laje formada por essas argilas é que se estende o leito, bastante largo, mas pouco profundo, do rio das Lajes, por nós é atravessado. Recebe este rio as águas dos rios das Lajinhas e das Areias Pequenas; ele se lança no rio das Mortes, depois de haver ainda se engrossado com as águas do rio das Areias Grandes, que passa a uma légua do caminho.

A 22, a vegetação do campo tornou-se um pouco mais fechada e o chão mais plano do que nos dias anteriores; mas o solo da região mantinha-se constantemente arenoso, tornando a marcha enormemente fatigante. Às três da tarde passamos um córrego que, depois de ter corrido por cima de um imenso rochedo plano, forma abaixo da estrada um salto de uns 2 metros de altura. A formação é ainda o grés e os xistos argilosos; em certos pontos ela aparece na superfície, mas, ao longo de uma grande extensão, ela está escondida por baixo dos areões a que me referi. Os cursos d'água atravessados durante essa jornada foram o Torradinha e o Anandi, ambos confluentes do rio das Areias; o das Furnas e o da Cachoeirinha, que corre para o rio das Mortes.

Depois de uma jornada de cinco léguas, acampamos no sopé de uns rochedos gigantescos situados no meio da planície sem limites e altos de cerca de 100 metros. A cor vermelha do grés de que são formados contrasta agradàvelmente com o verde sombrio da mata virgem, formada principalmente de palmeiras, existentes à volta de sua base. Serpeava próximo ao acampamento um riacho de margens sombreadas por bela mataria. Bandos numerosos de soberbas araras vermelhas vinham se esconder aos gritos por entre a folhagem. Esse lugar, que é conhecido

pelo nome de Os Paredões, tornou-se célebre em toda a região por causa da matança feita aí pelos índios Caiapós, numa caravana que se descuidara de guardar-se durante a noite. Corre que os selvagens, para surpreender os viajantes, haviam escorregado do alto das rochas, agarrando-se aos cipós.

No dia 23, tivemos chuva ininterrupta. A vegetação era densa e o solo muito arenoso. Fizemos três léguas e meia, e fomos acampar junto ao ribeirão do Tijuco Preto, que é um afluente do rio dos Macacos. A formação continuava a mesma da véspera. O rio d'Os Paredões une-se ao Samambaia, que é provàvelmente um tributário do rio das Mortes.

No dia seguinte a marcha foi ainda mais penosa do que nos anteriores; a areia era de tal modo solta e espessa que os cavalos, já enfraquecidos pela falta de milho, davam a impressão de não querer ir mais adiante, ora resistindo obstinadamente a todos os esforços feitos para tocá-los, ora deixando-se cair ao chão, de lado, forçando-nos a dar-lhe uma ou duas horas de descanso. Em tais circunstâncias, não nos era possível fazer jornadas curtas, e ainda na necessidade frequente de, uma vez montado o acampamento, fazer voltar alguns homens, para trazer animais e cargas deixados pelo caminho. Se a esses percalços juntarmos a chuva, que não cessava de cair, o constante perigo de sermos atacados pelos índios e a carência de alimentos, não será difícil calcular as dificuldades com que deverá contar o viajante nesta região central do continente. Mais de metade da caminhada era feita a pé, o que, de resto, nos deu ensejo de obter algumas lindas plantas e magníficos insectos, que doutro modo nos teriam de certo escapado à vista. Entre os últimos, citarei apenas uma *Cicindela* de colorido metálico tão vivo que pode ser encarada como uma das espécies mais belas deste gênero notável. O campo continuava coberto de espessa vegetação.

Passamos em frente de uma casa abandonada, conhecida pelo nome de Cabeça de Boi, tendo ocasião de ver aí dois espécimes do abutre real, ou urubu-rei. Esta esplêndida ave anda sempre solitária ou aos pares, sendo de tal modo temidas pelos urubus comuns, que estes últimos, assim que ela surge, se apressam em ceder-lhe o lugar, postando-se respeitosamente nos galhos de alguma árvore próxima, até que se retire a sua grande rival [1]. Nossa jornada foi neste dia de quatro léguas e meia. A formação continuava a mesma. Além do Tijuco Preto, a que já me referi, o rio dos Macacos recebe ainda os rios Corisca, Torresino, Cabeça de Boi e Lagoa, indo depois desembocar no rio das Mortes.

Ao nos levantarmos, na manhã do dia 25, verificamos que as barrancas tinham sido completamente inundadas pela chuva torrencial que não cessara de cair a noite toda. Depois de uma marcha de três léguas, sempre debaixo de aguaceiro pesado, chegamos ao pequeno posto de Sangradouro, onde o governo mantém uma guarnição de cinco soldados e um furriel, com a obrigação de proteger os viajantes, mas que em verdade a muito custo se decidem a sair fora das três ou quatro casas de barro de que se compõe o posto. Encontramos neste lugar vários viajantes, entre os quais uma mulher que montava a cavalo da maneira mais masculina, e que trazia um fuzil de través sobre a sela e pistolas no arção. Havia mais de um ano que a guarnição não sabia o que era farinha, motivo

---

(1) Há muita restrição a fazer na afirmação aqui feita relativamente ao urubu-rei, provàvelmente com base nos informes dos sertanejos, entre os quais a convicção é corrente. Pude observar que as duas espécies eventualmente aparecem lado a lado junto da carniça, com a particularidade de evitar aparentemente o urubu-rei as que se acham em estado muito avançado de decomposição. (Nota do trad.).

pelo qual recebeu como presente inestimável algumas miseráveis raízes de mandioca que lhe demos. Tinha-se tornado muito difícil a travessia dos córregos, engrossados enormemente pelas chuvas. Como no dia anterior, a formação geológica era a princípio escondida inteiramente pela areia; depois camadas de argila tomaram o lugar desta última. O rio da Mortandade, que aliás é bastante largo, lança-se no Sangradouro.

A 26, continuando a chover, foi com dificuldade que atravessamos o rio Sangradouro, agora muito cheio e, depois de vingar três léguas e meia de campo, fomos pousar além do Sangradorzinho. Estes dois rios são debruados de mata. Há entre eles diversos regatos, sobre os quais os tropeiros armaram pinguelas, uma espécie de ponte muito estreita, feita com paus. Como o Sangradorzinho, estes riachos desembocam no Sangradouro, o qual por sua vez é um dos formadores do rio das Mortes. Do lado oposto do Sangradorzinho, cuja passagem aliás nos foi muito penosa, estende-se um pantanal, comprido de um meio quarto de légua, e semelhante a uma floresta submersa, cheio de plantas aquáticas, de folhas grandes. Foi-nos muito difícil atravessá-lo naquelas circunstâncias. A formação geológica se manteve durante muito tempo escondida; apenas, o que víamos na superfície era uma terra preta, argilosa, e areias, provàvelmente superpostas a xistos argilosos.

Durante essa jornada, sobreveio-nos um acidente muito grave. Desde que ficamos sem Eugênio, o portador de nosso barômetro, que não quis sair de Goiás, para casar-se com uma preta velha que ele dizia ser muito rica, fomos compelidos a conferir aquelas funções ao cabo de nossa escolta. Este homem levou porém um tombo, quebrando o nosso precioso instrumento. Toda a manhã do dia 27 passamos a reparar este contratempo, partindo só depois do meio-dia. Tivemos de atravessar um riacho perigoso chamado Sapé, afluente do Sangradouro, indo acampar ao

cabo de duas léguas e meia de marcha. Os panos de n..s-
sas barracas, completamente encharcados e rasgados em m..
lugares, não mais serviam para nos abrigar; ademais, co-
mo tinham de ser sempre dobrados sem secar, exalava
um cheiro nauseabundo, que era apenas ultrapassado pel.
dos couros húmidos em que nos deitávamos. De temp..
a tempos tirávamos as nossas roupas para torcê-las, a
passo que à noite não tínhamos remédio senão nos cobri-
mos com panos tão molhados quanto as nossas vestes. Nã.
era assim de admirar que a maioria dos nossos companhe-
ros acusassem ligeiros acessos de febre. Quanto a mim
a minha saúde a tudo resistiu, pois do Rio de Janeiro a
Lima, no Peru, fui de todos o que melhor suportou as fa-
digas e privações da viagem. A formação não pôde se
reconhecida, mas era provàvelmente composta de argila
recobertas por uma camada superficial de areia. Ao pa-
sarmos o rio Sapé, tive ensejo de observar areias argilosa
pretas. A estrada atravessa um platô arenoso, quase se.
ondulações.

No dia 28 tivemos uma manhã muito chuvosa; m..
tarde, porém, o tempo começou a melhorar, fazendo o ..
suficiente para nos secar. Tendo tomado a dianteira, c..
o Sr. Deville, a fim de procurarmos insetos, fomos t..
ao cabo de duas léguas e meia de campo, na extremid..
do planalto sobre o qual vínhamos viajando desde Taqu..
ral. A paisagem que tínhamos à nossa frente era realme..
te admirável; estávamos no último rebordo de um eleva..
rochedo, vendo na profunda baixada situada aos nossos p..
estender-se, até o horizonte, uma planície sem limites. De..
te e daquele lado, erguiam-se montanhas de forma co..
com o cume cortado em mesa horizontal, no mesmo n..
do planalto principal. De todos os lados não se viam s..
não barrocas e precipícios, tudo nos representando um r..
levo abrupto e atormentado, como se tivéssemos acaba..
de atravessar um imenso promontório, que nas épocas g..

lógicas houvesse formado um extenso cabo, ao nível do oceano. Procuramos, debalde, um caminho para descer o despenhadeiro, mas não nos foi possível descobrir nenhum. Começamos então a pensar que tínhamos errado o caminho, e íamos já de volta quando encontramos um dos companheiros de viagem, que nos garantiu não ter encontrado outra estrada. Recomeçamos então todos a investigar, sem melhores resultados, até que resolvemos esperar pacientemente a chegada da caravana, sentados no meio daquelas rochas pitorescas, cujo espectáculo selvagem não cessava de despertar a nossa admiração. A estrada que procurávamos estava bem ali, mas era de tal maneira íngreme que nos parecia de todo impossível fazer passar por ela os cargueiros, e até intransponível para nós próprios. Era uma escavação aberta numa profunda ravina pelas águas pluviais e tornada praticável pelos tropeiros, confiantes no pé firme das mulas. Descendo esta penosa trilha, descobri, num caminho coberto, um dos insectos mais raros: era uma espécie nova de *Oxycheila*, de que em poucos instantes conseguimos reunir mais de cem exemplares, procurando nas fendas existentes na escarpa do precipício. Estes insectos abrem na areia argilosa pequenos canais circulares, que conduzem a galerias, terminando quase sempre debaixo de grandes pedras. Levantando estas, encontram-se às vezes grupos de cinco ou seis *Oxycheila*, que no primeiro momento se fingem de entorpecidas, mas que logo depois se põem a correr, embora menos ràpidamente do que a *Megacephala*. Quando são capturadas, fazem ouvir uma espécie de ruído, mas não espalham odor algum. Tivemos a satisfação de descobrir a larva deste belo insecto; ela se parece muito com a de *Cicindela*, mas é maior e de cor branca; a cabeça é côncava e preta; o quinto segmento abdominal é giboso no lado de cima; o primeiro torácico, as mandíbulas e as patas são ruivas. Até aqui tenho deixado de contar que achei nas margens do Araguaia, abriga-

das em pequenos canais abertos na areia húmida, as lar-
vas de duas *outras* espécies muito interessantes da mesma
tribo. Pertencem ambas ao gênero *Megacephala*. A pri-
meira (*Megacephala grossa*) tem perto de 4 centímetros
de comprimento; o corpo é deprimido, a cabeça quadra-
da e o corselete quase da mesma forma, porém arredonda-
do do lado de trás; os segmentos do abdome, excepção fei-
ta dos dois primeiros e do penúltimo, apresentam apêndi-
ces laterais. A outra (*Megacephala taciturna*) é alongada
e quase cilíndrica; a cabeça, aproximadamente triangular,
é mais comprida do que o corselete, também arredondado
na parte posterior; o abdome não tem apêndices, mas apre-
senta uma gibosidade no lado superior do sétimo segmento.

Até o ponto da estrada conhecido pelo nome de Água
Branca, a formação era a mesma dos dias anteriores, e é
simulada sob areias mais ou menos argilosas. Quanto à
serra em si, para dizer a verdade, ela é antes o outro
bordo do planalto que começamos a atravessar depois de
Taquaral, do que mesmo uma cadeia distinta. Com efeito,
víamos por toda parte em volta de nós, nitidamente re-
tadas a pique, baías e cabos geológicos em tudo semelhan-
tes aos que observáramos em Taquaral, no outro flanco do
planalto. Apesar dos desmoronamentos, vê-se muito
bem nestes dois lugares que todas as grimpas das espécies
de ilhas destacadas do planalto superior, estão no mesmo
plano horizontal que a superfície deste último. A barranca
por onde se desce foi em parte escavada pela mão do ho-
mem e tem uma declividade de mais de 40 graus. Essa
ravina nos deu ensejo de observar as diferentes camadas
superpostas que constituem a formação do planalto. À
superfície, fica uma camada de terra vermelha, cor de ti-
jolo, misturada com areia e argila, e espessa de 6 a 7 me-
tros; em baixo, acha-se outra camada horizontal de 30 a
40 centímetros de espessura, formada pela canga em frag-
mentos numa massa marnosa e arenácea, e apoiada num

terceira camada de marna muito arenosa, de cor branca e amarela, cortada de veios vermelhos. Esta camada domina *no platô inferior, até a base da escarpa, e fica superposta a rochas cinzentas muito duras, com lascas de sílex na sua contextura.* A crista do platô superior separa as águas que correm para o norte das que se dirigem para o sul. Todas as que se encontram no vale são tributárias do rio Cuiabá, um dos principais afluentes do Paraguai, ao passo que as que saem do próprio planalto demandam o Araguaia.

No fundo do vale passa o ribeirão de Água Branca, cuja cor é claramente indicada pelo nome que lhe deram; suas águas têm, aliás, um mau gosto de sulfato de cálcio. Logo em seguida, encontramos um precipício em que quase todos os nossos cavalos tombaram e que só atravessamos à custa de muita dificuldade. Fizemos depois daí uma légua e três quartos por *campos arenosos, atravessando três ribeiros,* próximo ao último dos quais acampamos, junto *de altos morros cobertos de mato.*

A 29, quase logo depois da partida, alcançamos o ribeirão do Inferno, nome muito bem dado a uma torrente que se precipita com fúria no fundo de uma barroca escarpada e sombreada de mata virgem. Tanto a subida, como a *descida, são feitas por caminhos tenebrosos.* E' este um dos lugares em que costumam os selvagens preparar as suas tenebrosas ciladas; também, não poucas caravanas já foram nele inteiramente trucidadas. Atravessando o campo, passamos por uma cruz abandonada. Antigamente, havia no lugar uma casa, mas os selvagens que vagueiam pela região a destruíram completamente, respeitando-lhe apenas a cruz. *Passamos diversos córregos e fomos acampar numa* casa abandonada, dita das Vertentes, após termos feito três léguas e três *quartos de marcha.*

Em parte alguma se mostra a formação geológica em evidência; é todavia provável que ela seja constituída de

grés, oculto sob camadas de areia. Ao norte e ao sul da
estrada, vê-se o rebordo mais ou menos escarpado do pla-
nalto de Água Branca; no primeiro sentido, ele se apro-
ma da estrada até uma distância de duas ou três léguas
mas ao sul ele fica muito mais distante.

A 30, pela manhã, descobrimos vestígios de que os
índios estiveram a nos observar durante a noite. Depois
de atravessarmos o campo, chegamos a uma profunda vala
atravessada por uma espécie de calçada natural de um meio
quarto de légua de comprimento e formada de uma série
de colinas. Não tem esta calçada mais de 10 metros de
largura e às vezes menos. Do vértice do espigão que se
segue ao valado, oferece-se aos olhos do viajante esplên-
dida paisagem, sob a forma de colinas cobertas de mata
virgem a se sucederem umas às outras como as vagas do
oceano, alternando as mais variadas cores, desde o verde
carregado dos primeiros contrafortes, até as cambiantes vio-
leta e vaporosas que a custo se destacam do horizonte.
Formosos regatos coleiam ao longe por entre essas colinas
enquanto nos planos distantes se desenham as restingas de
buritis. Jamais contemplaram meus olhos cenário mais so-
ridente e mais selvagem.

Os numerosos morros que se nos apresentaram ao lon-
ge da estrada pareceram-me formados de grés, superficial-
mente revestidos por seixos de quartzito. O ribeirão das
Vertentes Pequenas lança-se no das Vertentes Grandes. O
córrego de São João Grande, que parece ser a origem do
último, recebe o São Joãozinho e o ribeirão Pintinha. O
Sucurizinho se une ao Sucuri.

Era agora completa a desorganização de nossa tropa;
esgotados pela fome e pelo cansaço, os animais sentiam
maior dificuldade para transportar as cargas; a maioria
deles marchava penosamente, uns atrelados aos outros, for-
çando-nos a fazer a pé a maior parte do percurso. Que

do o meu indiozinho Catama ficava por demais cansado, eu o punha sobre a minha mula; mas não tardou que o pobre animal não mais aguentasse nem mesmo esta leve carga. Diversos homens apareceram com febre, aumentando *ainda as nossas dificuldades*, de modo que foi a muito custo que conseguimos fazer nesse dia quatro léguas e um quarto.

A 1.º de Dezembro, como tivessem ficado atrás vários cargueiros, foi preciso esperar que fossem à sua procura; a seguir, arrastamo-nos penosamente até duas casas que se diria abandonadas de pouco, visto como se achavam em muito bom estado. O grupo de casas chamado de Lavrinhas fica situado numa colina dominada por um pico muito *pontiagudo*. Pouco além, deparamos com uma cruz; tinha sido erguida pela última caravana, para assinalar o ponto em que foram encontrados os cadáveres dos correios de Cuiabá, assassinados poucos meses antes. Uma légua mais adiante, passamos próximo às nascentes de um rio, que corria para o sul. Durante todo o dia, não conseguimos andar mais do que duas léguas. Às fadigas de toda a sorte, veio acrescentar-se agora a perseguição que sofríamos por parte dos enxames de uma abelha muito miúda (*Mellipona*), que nos atacava os olhos e penetravam pelo nariz, causando-nos dor insuportável. As grandes içás (*Atta*) também nos incomodavam bastante, pousando a cada momento em cima de nós. Estes insectos nos carregavam a farinha e não poupavam nem mesmo o papel em que escrevíamos. Sabe-se que em poucas horas eles são capazes de despir inteiramente de folhas uma árvore, folhas que levam depois para os seus buracos, a fim de se alimentarem do cogumelo que então nelas se desenvolve. São grandemente curiosas as construções subterrâneas feitas por estes insectos; compõem-se de uma série de cavidades esféricas, das quais as mais superficiais são relativamente pequenas; estas cavidades alcançam às vezes gran-

da Estiva, constituído de umas poucas casas de barro, habitadas por dez soldados famintos.

Toda a região que vínhamos de percorrer era recoberta de espessos areões. A formação maciça é sempre o grés, embora em alguns pontos se vejam, muito superficialmente, camadas de xistos argilosos. O rio Paraíva engloba as águas do ribeirão Alecrim e do riacho da Estiva.

A 3 de Dezembro, pela manhã, achamos o pequeno Catama extremamente debilitado, em consequência da mordedura de um morcego, durante a noite. Nossa caravana percorreu três léguas e meia através de campos ininterruptos, e quase sem água; à tardinha, porém, acampamos num lugar chamado Cercadinho, junto de uma formosa nascente, onde também havia acampado uma outra caravana, vinda de São Paulo e aí retida havia já uns oito dias, por causa da perda de alguns dos animais. Essa expedição era composta de cento e cinquenta mulas divididas em treze lotes; cada animal carregava geralmente de seis a oito arrobas; algumas das cargas eram constituídas por caldeiras para açúcar, bastante grandes para cobrir o animal. Contou-nos o pessoal da caravana haver perdido três animais, dois por picada de cobra, e o terceiro por ter sido devorado por uma onça. Durante a jornada, matamos um magnífico teiú, coberto de marmorizações occeladas, de cor preta; tinha sobre a cabeça uma placa sombria, e lutou durante algum tempo com os cães que o tinham levantado. Durante todo o trajecto, a formação geológica se manteve escondida sob detritos vegetais.

Passamos o dia 4 neste mesmo lugar, por causa do extravio de algumas das mulas. Neste intervalo, trouxe-nos um dos camaradas um lindo lagarto de espécie próxima à dos estélios, tendo a cauda alargada e guarnecida de espinhos. Tinha sido achado debaixo de um tronco caído e movia-se com muita lentidão. A gente da terra tem muito medo destes reptis, acreditando serem mortais as suas

mordeduras. Seguramo-lo com as mãos, mas nem assi
os nossos tropeiros adquiriram maior confiança no inofe
sivo bicho.

A 5, partimos muito cedinho. A estrada passa p
uma região montanhosa de campos cobertos por uma v
getação enfezada. Quatro léguas diante nuns espes
areões, fomos encontrar indícios da ocupação permane
por civilizados. Trata-se de um pequeno sítio, frente
qual passamos, para seguirmos uma légua mais adian
onde fica o engenho de Joaquim da Silva, conhecido pe
nome de Engenho do Buriti.

A consistência da terra superficial do caminho leva
crer que a formação deve ser argilosa; entretanto, as arei
reaparecem em vários pontos. A pouca distância do aca
pamento de Cercadinho encontram-se grandes placas supe
ficiais de grés muito rico em óxido de ferro; as argil
brancas ficam logo abaixo. O mesmo grés aparece na de
cida que conduz ao rio Buriti, em cujo leito se vêem xis
argilosos e vermelhos, que parecem estratificados horizo
talmente.

Os ribeirões do Capim Branco e do Buriti despeja
no São Lourenço, que é um afluente do rio Cuiabá [1].

O engenho de que falamos há pouco fica na baixa
próxima de uma colina, em terreno descoberto. De lon
seu aspecto é agradável, vendo-se a rua formada pelas c
sas dos escravos, e os dois edifícios principais, um d
quais constitui o engenho pròpriamente dito, e o outro

---

(1) Hoje, por influência do Gal. Rondon, assim são i
terpretadas as relações entre os rios Cuiabá e São Lourenç
Não obstante, a opinião corrente até pouco tempo atrás era
de que o São Lourenço devia ser considerado o rio princip
e o *Cuiabá seu afluente*, o que aliás parece mais acertado
quem, como eu próprio, conheça a ambos em sua confluênci
(Nota do trad.).

residência dos proprietários. De perto, porém, desaparece esta ilusão; verifica-se que todas as construções se acham em ruínas, apresentando, como sem excepção acontece nesta mal favorecida zona, a aparência da mais completa destruição e miséria.

Nosso pessoal se acomodou debaixo do rancho; mas, só depois de muitos entendimentos e à vista de nossos passaportes, é que conseguimos que nos abrissem a porta de um quarto, onde afinal nos aboletamos. Tanto tempo fazia que dormíamos em barraca, que uma construção humana, fosse ela qual fosse, parecia-nos objecto de luxo; escusa portanto dizer que achamos muito confortável a nossa nova situação. Alguém que não estivesse tão afeito como nós à vida no sertão, teria de certo notado que o nosso quarto, baixo e húmido, não possuía janelas, recebendo luz apenas pelas frestas da porta; que outro soalho não possuía além do chão coberto de capim e de cogumelos; que a sua mobília se limitava a quatro moirões, próprios para armar as redes, e dos ganchos enfiados nas paredes de barro, onde se penduravam as selas. Quanto a nós, muito satisfeitos por nos vermos tão bem acomodados, não pensávamos noutra coisa senão obter algo para comer. Tínhamos emagrecido incrivelmente sob o peso das fadigas e das privações, e era com olhos compridos que contemplávamos os frangos e os patos que pareciam querer nos desafiar no terreiro. Fiz diversas tentativas, a princípio sem resultado, para conseguir que os donos da casa me vendessem algumas coisas indispensáveis. O dono da plantação havia morrido pouco tempo antes, e o filho mais velho de dezoito anos de idade, herdeiro dos bens, achava-se ausente na ocasião. A viúva, que estava só em casa, declarou-me não ter autoridade bastante para dispor sòzinha, fosse do que fosse. Tal é a importância que desfrutam as mulheres no interior do Brasil. Apesar de tudo, resolvi

insistir, conseguindo finalmente que nos fornecessem aquilo de que necessitávamos, isso depois de muitas negociações, entaboladas por intermédio dos escravos, visto que a dona da casa não se resolveu a aparecer. Pagamos porém pelo que adquirimos quatro vezes o seu valor corrente. Foi assim que obtivemos para nós algumas provisões, cachaça para o pessoal e um pouco de milho para os animais.

A aguardente deste engenho tinha um gosto muito agradável, devido à folha de uma mirtácea, chamada araçá. É ela remetida para Cuiabá, em pequenos barris de duas aduelas apenas, unidos por arcos de ferro. Estes barris são fabricados a facão, com pedaços de uma madeira muito dura chamada cumbari. Um só homem é capaz de fabricar dois ou três por dia, sendo seu preço aqui trinta e seis mil e seiscentos réis, enquanto que a aguardente neles contida orça por quarenta e oito mil réis.

Tendo descansado no dia 6, partimos do engenho a 7, deixando alguns volumes que não nos era possível levar para diante e deveríamos mandar buscar quando estivéssemos em Cuiabá. Fizemos quatro léguas, através de campos planos, cuja vegetação se limitava a pequenas plantas herbáceas, entremeadas de arbustos pertencentes à família das mirtáceas, ou das euforbiáceas. O solo continuava a ser muito arenoso. Deixamos ao norte da estrada três nascentes sombreadas de buritis, donde corre a água para o rio Manso, a cuja margem instalamos o nosso acampamento.

Passamos o rio Manso sobre uma pequena ponte. O rio merece, aliás, bem pouco o nome que lhe deram, pois é como uma rápida torrente que ele se precipita para o norte, no fundo de um vale coberto de mata. Nada de certo se conhece relativamente ao seu curso; uns dão-no como afluente do Paranatinga ou do Cuiabá, ao passo que outros vêem nele a origem do rio das Mortes e o final de

curso do rio Roncador das cartas [1]. O terreno nos pareceu argiloso, cobrindo-lhe a superfície uma camada de terra vermelha e escorregadia.

No dia 8 fizemos quatro léguas, através de campos quase despidos de árvores, fazendo alto numa pequena nascente, situada no lugar conhecido com o nome de Caveiras. Como na véspera, tomamos chuva o dia todo. Tanto quanto pude observar, a formação era uma terra vermelha e argilosa. As nascentes encontradas durante o trajecto derramam as águas para o rio Manso.

No dia 9, visto que só depois do meio-dia foram achados alguns dos animais, saímos bastante tarde, fazendo apenas uma légua e um quarto. Passamos a noite debaixo de um rancho situado num lugar muito pitoresco, junto à entrada de uma profunda grota, cujos lados eram formados por imensas muralhas de grés. Aos nossos pés estendiam-se a distância vastos campos, cortados por filas de buritizais, que indicavam o curso dos ribeiros; no fundo do quadro, a vista era limitada pelo flanco dos rochedos talhados perpendicularmente, e por trás dos quais se viam apenas a névoa que dava à paisagem a aparência de um oceano sem limites. Nossa curiosidade se concentrava apenas num pico de cor azulada, pois que sabíamos ficar a seus pés a cidade de Cuiabá. O nome de Tombador dado ao local em que acampamos vem com certeza dos numerosos saltos de um córrego cujas águas serviram para dessedentar a nossa comitiva. À noitinha, capturamos uma porção de exemplares do magnífico insecto *Phanaeus ensifer*, um dos lamelicórneos mais bonitos que se conhecem. A estrada continuava sobre planaltos, cuja base era constituída pelo grés

---

(1) A segunda versão provou-se depois ser a verdadeira, o rio Manso não sendo outra coisa senão a porção mais alta do rio das Mortes, que, como vimos, é um afluente da margem esquerda do Araguaia. (Nota do trad.).

branco, coberto superficialmente por uma camada de terra argilo-arenosa.

A garganta de que falei linhas atrás parece ter sido escavada pelas águas nas rochas que formam o planalto, resultando desta acção linhas alternativamente brancas e cinzentas, à semelhança de uma estratificação regular do grés. O córrego das Caveiras despeja no rio Casca, que vai juntar-se ao Cuiabá abaixo da cidade deste nome. Próximo ao acampamento do Tombador, observamos uma nascente cujas águas corriam para *o sul e acusavam*, às oito horas da manhã de 10 de Dezembro, uma temperatura de 24°,3.

A 10, fizemos três léguas em terreno de campo, para chegar repentinamente no vale profundo que se estende até Cuiabá. Era soberba a paisagem; a desmedida planície que tínhamos diante dos olhos era interrompida apenas pelos contrafortes *perpendiculares à cadeia principal*, perdendo-se na distância. Nalguns pontos, as rochas são talhadas a pique, noutros, as encostas, mais ou menos íngremes, apareciam vestidas de rica vegetação. Essa tenebrosa descida tinha mais de uma *légua de* extensão; a princípio corta a mata, cujo solo é um verdadeiro precipício; depois, na porção restante, circula em torno de colinas. Dão-lhe o nome de Serra de Manuel António. O caminho por onde agora transitávamos era, com segurança, dos mais difíceis que jamais nos foi dado percorrer; mas, no que respeita ao lado pitoresco, terá sido também talvez o mais rico em acidentes e cheio de curiosidades. Segue-se durante algum tempo pelo fundo de uma barroca, através de uma série de degraus cortantes, interrompidos por trechos muito inclinados. E' *impossível descrever o efeito* produzido pelas massas prodigiosas de rocha que vemos erguer-se acima de nossa cabeça. A cada momento os nossos cargueiros afundavam em poças lamacentas, ou escorregavam até as bordas

do despenhadeiro; às vezes pulavam, ou melhor, deixavam-se cair do alto dos enormes degraus daquela escadaria de pedra. Por entre as massas de nuvens e os nevoeiros que cobriam o vale, divisávamos de quando em quando os edifícios de algum formoso sítio, para o qual nos dirigíamos; mas logo nos surgiam novos obstáculos, fazendo durar horas a descida que nos pareceu a princípio poder ser concluída em poucos minutos. Íamos quase todos a pé, puxando pelas rédeas a nossa cavalgadura, numa caminhada tanto mais penosa quanto, além de precisarmos fazer muito força para vencer a resistência do animal, devíamo-nos agarrar nós mesmos aos rochedos próximos, torcendo a cada passo o pé entre os blocos cortantes de grés. Era já quase noite quando alcançamos a Fazenda Sant'Ana, que fica situada nos últimos contrafortes da serra. Fomos aí muito bem recebidos pelo casal de velhos, quase octogenários; ambos estavam deitados em suas redes, a velha fumando um comprido cachimbo, cujo cabo era sustido por uma escrava de cócoras. Tanto mais apreciamos a boa acolhida que nos dispensaram, quanto desde longo tempo era a primeira vez que púnhamos à prova a hospitalidade humana. O dono da casa chamava-se Manuel António; era um português estabelecido na região havia muitos anos, e dos poucos que escaparam milagrosamente ao morticínio de europeus ocorrido por ocasião da independência em muitos pontos do Brasil, inclusive nestas regiões centrais.

A casa estava em bom estado; o engenho de açúcar era movido a água, graças a um riacho cujo curso se modificou. Encontramos neste lugar vários negrinhos idiotas. Tanto quanto nos foi possível verificar ao longo do percurso, a formação do planalto que acabávamos de descer era, em toda a parte superior e até ao nível da torrente da Estiva, uma espessa camada de grés; depois, até perto do Engenho de Sant'Ana, surgem os xistos argilosos, ordinà-

riamente cinzentos ou violáceos, inclinados 30 ou 35 graus sobre o horizonte e com mergulho para norte e nordeste. Encontram-se ainda, mas talvez só por acidente, traços de grés na superfície dos xistos. Finalmente, mesmo no vale vêem-se no solo massas de uma canga particular, com seixos prismáticos engastados. A torrente da Estiva lança-se no ribeirão do Sumidouro, que é um afluente do rio Arica. Ainda aqui, na fazenda Sant'Ana, fomos forçados a deixar cinco das nossas cargas.

A 11, fizemos três léguas em caminho muito bom e através de um bonito campo, não obstante um ou outro ponto inundado. Durante toda a marcha tivemos, à nossa direita, a serra encontrada na véspera. Passamos a noite no pequeno arraial conhecido pelo nome de Médico. É habitado por negros, cuja principal ocupação consiste em procurar o ouro, que parece abundar nos arredores. O povoado é constituído de umas vinte casas de barro, cobertas de palha de coqueiro. Como quisesse escrever, trouxeram-me algumas lindas penas de arara e um soluto de anil. Enquanto os tropeiros descarregavam os animais perto de um péssimo rancho passou uma fila de bois carregados, guiados por três pretos munidos de grandes sabres. À noite, mandei à frente o cabo da escolta, com cartas para o presidente da província, para o bispo e alguns outros altos personagens de Cuiabá.

Tivemos durante toda esta caminhada um solo muito plano, onde só se viam xistos argilosos cinzentos e violáceos, mergulhando de 30 a 35 graus norte e nordeste. De cada lado da estrada víamos folhas de ouro, peculiares a um terreno encontrado muito frequentemente no Brasil e já por nós reconhecido em vários pontos do norte da província de Goiás. Compõe-se de uma terra avermelhada com veios amarelos e brancos de grãos muito finos, e em

dentemente formado por detritos de rochas antigas, tais como o quartzo e a mica em pequenas lâminas fragmentadas. Apresenta também esta terra traços de um cascalho muito rico em argila e em ferro, o qual parece derivar essencialmente dos detritos da canga observada no dia anterior. Outrora extraiu-se muito ouro deste lugar; hoje, porém, esta exploração está quase abandonada, assim como em Médico, cuja população não ultrapassa sessenta pessoas.

O rio das Pedras recebe o ribeirão Urubamba e o dos Barreiros, lançando-se em seguida no rio dos Couros, que é um afluente do Cuiabá, por intermédio do rio do Médico e do rio Aricá.

No dia 12 fizemos duas léguas através de um pantanal; depois de atravessarmos vários córregos, chegamos ao rio Aricá, que se atravessa numa pequena ponte, perto da qual existiam algumas casas.

Fomos acampar duas léguas mais adiante, a alguns tiros de espingarda do rio Coxipó, cujas águas tinham crescido muito, cobrindo toda a redondeza. Estávamos agora bem perto de Cuiabá, cidade que me despertava viva curiosidade, e até onde eu tinha o maior desejo de estender a nossa marcha.

Para ter ideia exacta da maior ou menor facilidade que teríamos em atravessar o rio, fiz com que nele entrasse um homem; mas ele quase imediatamente não encontrou mais pé. Convenci-me então, com tristeza, de que teríamos de ficar alguns dias naquele brejo, à espera de que as águas baixassem. Já acidente análogo nos havia perturbado a marcha, na entrada de Goiás. Nada prova melhor o abandono em que se acha o interior do Brasil do que a existência, às portas mesmo das capitais, de obstáculos desse género, obstáculos que seria tão fácil vencer

por meio de pontes, numa região em que a madeira é tão abundante.

Felizmente para nós, passou-se a noite sem chuva, podendo nós na manhã de 13 atravessar o rio, com água pela cintura. Chegando a duas léguas e meia de Cuiabá, fomos encontrar o cabo, acompanhado de um oficial, mandado pelo presidente para nos receber. Assim escoltados, dirigimo-nos prontamente para a cidade, que aliás só se avista quando se entra nela.

Durante os dois últimos dias observamos a mesma formação do dia 11; os mesmos xistos argilosos, a mesma terra aurífera e cangas.

CAPITULO XX

CUIABÁ, DIAMANTINO DE MATO GROSSO.

Chegando a Cuiabá, fomos logo conduzidos ao palácio do Governo, onde o presidente, Coronel Gomes Jardim, nos recebeu com toda a amabilidade; passamos com ele todo o resto do dia. A residência desse funcionário fica num grande largo, mas o edifício é exíguo e compõe-se apenas de um pavimento térreo. A sala de visitas é pequena, muito bem mobiliada, vendo-se nela um bom retrato do Imperador; só é grande a sala de jantar. À tardinha, levaram-nos para a casa da Câmara, que fora aparelhada para nos receber.

No passeio que fizemos pela manhã do dia seguinte tivemos a prova de que a cidade de Cuiabá é muito maior e, sob todos os pontos de vista, muito mais adiantada em civilização do que a de Goiás. As ruas são rectas, largas, bem calçadas e providas de lampiões. As casas têm aparência europeia, coisa que muito admira; na sua maioria, possuem um, ou mesmo dois andares; são caiadas de branco, trazendo-se a cal do rio Paraguai; várias possuem nas janelas balcões de ferro.

A casa em que estávamos era espaçosa e bem mobiliada. A esta primeira atenção, que muito nos cativou, o presidente acrescentou ainda a de nos fazer sentar à sua mesa durante todo o tempo em que estivéssemos em Cuiabá.

A cidade está construída no vale do rio que lhe deu o nome, por entre vários morros, cuja terra foi durante muito tempo revolvida pelos mineradores de ouro. A formação se compõe de xistos argilosos cinzentos, dos já encontrados por nós nos dias anteriores; são sempre inclinados sobre o horizonte e recobertos, mormente nas partes menos elevadas, de uma camada ondulada de canga, misturada a blocos de quartzo branco, pedra usada na pavimentação da cidade. A canga é usada ainda nas construções grosseiras. A terra vegetal é vermelha, cor que ela deverá provàvelmente aos detritos da canga; contém uma certa quantidade de ouro, motivo pelo qual os negros e as crianças vivem sempre a lavá-la, especialmente por ocasião das grandes chuvas. O metal precioso é também encontrado com abundância nas cangas. Acredita-se que na própria cidade, nos lugares em que se acham construídos o quartel e a catedral, existe um *filão aurífero* de grande riqueza.

O terreno sobre o qual assenta Cuiabá foi *por nós* estudado no curso de um córrego que atravessa a cidade de norte a sul, passando debaixo de três ou quatro pequenas pontes de madeira.

Fundada em 1716, a vila de Cuiabá, erigida mais tarde à categoria de cidade, tornou-se em 1820 a capital da província de Mato Grosso. Sua população é de seis a sete mil habitantes, enquanto a paróquia possui ao todo de a doze mil, aí compreendidos os da freguesia do porto de Cuiabá. Só o porto possui umas seiscentas almas, mais ou menos; mas o número total das da freguesia de que ela faz parte sobe a cerca de dois mil.

Depois do palácio da presidência, de que já falamos, e em cuja contiguidade fica o edifício do tesouro, outras *construções dignas de nota não existem, sem falar* nas igrejas, senão: um hospital militar, aliás bastante grande para o lugar, construído pelo General João Carlos; o

senal de guerra, vasto edifício de forma quadrangular, construído de pedra e tendo no centro um espaçoso pátio. Neste último prédio são guardadas as armas e munições enviadas a Cuiabá pelo governo central, para a defesa das fronteiras. A guarnição da cidade compõe-se de: 1.º) duas companhias de soldados de infantaria, uma de caçadores e outra de artilheiros, com um quadro de duzentos homens cada uma, mas com um efectivo que não excede à metade; 2.º) de um corpo de cavalaria, somando setenta homens; 3.º) uma guarda policial de quarenta soldados de infantaria.

Entre as casas particulares existentes na cidade, destacam-se algumas mais bonitas, estando neste número a do bispo.

Das cinco igrejas da cidade, merece menção particular a catedral, que, embora menos suntuosa do que a de Goiás, é bastante grande e construída de pedra, além de possuir belos sinos de bronze. As outras quatro, sem nenhum interesse, são conhecidas pelos nomes de Bom Despacho, Boa Morte, Rosário e Nosso Senhor dos Passos. O bispado de Cuiabá foi criado em 1826; compõe-se de cinco divisões eclesiásticas, a saber: Cuiabá, Mato Grosso, Diamantino, Albuquerque e São Pedro del Rei.

Uma rua bem alinhada com um comprimento de mais de um quarto de légua levou-nos ao porto de Cuiabá, que fica a oeste da cidade; visitamos aí o arsenal de marinha, fundado por ordem de D. João VI, com o fim de fazer os reparos na flotilha que foi preciso manter no rio, para guardar essa fronteira fluvial. O arsenal era constituído principalmente por um hangar, sob o qual repousavam, quase concluídas, duas canhoneiras, enquanto uma terceira estava amarrada na margem do rio, cuja largura nesse ponto *é aproximadamente igual à do Sena, em Rouen.* Segundo nô-lo informaram, havia ainda uma quarta, ocupada nesta ocasião em fazer a guarda do rio. As duas últimas

tinham sido construídas por ordem de D. João VI, na época mesma em que foi edificado o arsenal. Há ainda nesse edifício dezesseis canhões de bronze, de calibres diferentes, trazidos do Pará.

A correnteza do rio é fraca, o que se explica pela pequena elevação do lugar acima do nível do mar, elevação que não ultrapassa a do *forte de São João das Duas Barras* (65 metros, aproximadamente).

No domingo, 15, tivemos o ensejo de ver, na igreja, algumas mulheres; é a única ocasião em que aparecem, a não ser por entre as rótulas de gradeado em losangos, usados em toda a região, como substituto das vidraças. Seus trajes são semelhantes aos das mulheres de Goiás, consistindo também numa vasta peça que envolve a cabeça e cai até os pés; apenas, esta, em vez de ser branca, é preta, moda que dá às mulheres de Cuiabá a aparência de religiosas.

Todas as tardes observamos um facto assaz curioso sobre que *já me haviam feito referência os moradores*: *caindo a noite, de todas as casas*, especialmente das igrejas, saem morcegos aos milhares, formando como que uma verdadeira nuvem, aliás de breve duração, visto que aqueles animais se dispersam logo, em todas as direcções. Informaram-nos igualmente que todos os anos, depois da terceira chuva, havia no rio uma descida extraordinária de peixe.

As ruas de Cuiabá eram curiosas principalmente pela quantidade de índios, pertencentes a várias tribos, mas na sua maioria procedentes das margens do rio Paraguai. A maioria deles apresentava costumes muito curiosos, como veremos quando chegar o momento de descrever a visita que fizemos aos seus aldeamentos.

Em Cuiabá os costumes são ainda piores do que nas outras partes do Brasil central; é desagradável ser-se forçado

do a declarar que, neste particular, o mau exemplo é dado pelos padres, os quais não se arreceiam, para satisfazer as suas brutais paixões, de usar da influência conferida pela sua posição, como ainda de pôr ao serviço delas as cerimónias mais santas da religião. O jogo é vício generalizado em Cuiabá, o que dá lugar a frequentes desavenças, não raro resolvidas a faca. Outros desregramentos graves pesam sobre esta população, a defesa policial sendo insuficiente para impedir que ela se entregue frenèticamente ao batuque e às mais vergonhosas orgias.

Pouco antes de nossa chegada, a cidade tinha sido devastada por uma epidemia, morrendo grande número de habitantes, particularmente das classes pobres, ou entre os escravos. A doença, a que veio juntar-se a má estação, tinha feito subir o preço dos víveres a um nível extraordinário, a despeito da fertilidade maravilhosa da região. À vista destas circunstâncias, a câmara municipal tinha chegado a impor aos camponeses a entrega dos produtos à casa comum, a fim de que a concorrência viesse manter os preços em níveis razoáveis, afastando o monopólio dos açambarcadores.

Entrarei em alguns pormenores sobre este assunto, indagando dos preços das diversas mercadorias nessa cidade central.

A farinha de mandioca, que custa habitualmente mil e oitocentos réis o alqueire, era actualmente vendida a três mil e setecentos; a de milho, a quatro mil e oitocentos, em vez de dois mil réis; o toicinho, a catorze mil réis a arroba, em lugar de três mil e setecentos; o arroz com casca a três mil réis o alqueire, em vez de novecentos réis; o sem casca a seis mil e duzentos, em lugar de três mil e setecentos. A carne seca passou de mil e oitocentos réis a dois mil e setecentos; a carne fresca, de novecentos réis a mil e oitocentos; o feijão, de mil e oitocentos o alqueire, a sete mil

e oitocentos. Os demais artigos conservavam o preço cos-
tumeiro, a saber: o café pilado a duzentos e quarenta réis
a libra; o chá a quatro mil réis; o couro cru a mil réis
cada um, em vez de trezentos e vinte a quinhentos réis (¹).
O açúcar não valia mais do que dois mil réis a arroba,
ao passo que em certas ocasiões chega a alcançar sete mil
e duzentos réis; o vinho do Porto e o Madeira eram ven-
didos a mil e quinhentos réis a garrafa; o Moscatel a mil
e oitocentos; o Champanha a três mil réis; a aguardente
européia e o azeite de oliveira a mil e oitocentos réis; a
genebra a mil e quinhentos e a cachaça a dois mil réis a
canada. O sal valia novecentos réis a medida (²), donde
o saco, contendo trinta e duas medidas e pesando três ar-
robas e um quarto, valer vinte e oito mil e oitocentos. Um
boi, capaz de dar em média dezessete arrobas de carne
fresca e cinco de carne-seca, valia de seis a oito mil réis,
e às vezes não alcança mais de dois ou três. O preço dos
cavalos era de vinte mil réis em média, e os burros, pro-
cedentes em geral de São Paulo ou Rio Grande do Sul,
custavam sessenta ou setenta. Comprava-se um frango por,
mais ou menos, duzentos e cinquenta réis; um pato, pela
terça parte deste valor; os ovos, por quarenta réis; a fa-
rinha de trigo por oitocentos ou mil réis; a manteiga eu-
ropeia, por dois mil e quinhentos réis a libra, e a da terra
a setecentos réis. O pano de boa qualidade custava de
nove mil e setecentos a dez mil réis o côvado; o mais or-
dinário, três a quatro mil réis. Os panos de algodão de
fabricação local custavam duzentos réis a vara; os da Eu-
ropa valiam o dobro. Os chapéus de seda finos valiam

(1) No Rio de Janeiro os couros de boi valem aproxima-
damente 3.000 *réis; os de veado, que custam em Cuiabá* 200
réis o par, valem o dobro no Rio.

(2) O alqueire tem vinte e quatro medidas.

de doze a dezessete réis. O papel valia oitocentos réis e, às vezes, até mil e quinhentos réis as dezessete mãos; o ferro, quinhentos réis a libra; o cobre, cujo preço corrente é de mil e duzentos ou mil e quinhentos réis a libra, valia agora mil e oitocentos. Os pratos mais ordinários custavam quatrocentos réis e os de boa qualidade oitocentos ou mil réis; as garrafas de cristal, dez mil réis o par; as garrafas vazias, cerca de cento e sessenta réis cada uma. A cera valia três mil réis a libra, mas às vezes podia ser adquirida por mil e quinhentos. O preço de um copo comum era de setecentos réis e o dos de cristal dois mil e quatrocentos; o do sabão de fabrico nacional quatro mil e oitocentos réis a arroba, o do europeu mil e quinhentos. Vendia-se a dois mil e quinhentos réis a libra de pólvora de primeira qualidade, e a mil e quinhentos a ordinária. O veludo custava *dez mil réis o côvado; a seda, de quatro mil* e duzentos a oito mil réis e a baeta cerca de mil réis. A ipecacuanha valia de seis mil e duzentos a nove mil e setecentos réis *a arroba;* a rapadura, cerca de oitenta réis cada duas libras. Um escravo custava de setecentos a oitocentos mil réis. Alugava-se uma boa casa por cerca de dez mil réis mensais, e comprava-se uma por um conto e duzentos, mais ou menos.

Há cerca de quinze tropas fazendo o comércio regular entre Cuiabá e a costa, variando entre cinquenta e duzentos o número de animais de que cada uma se compõe. O custo da viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro atinge a cerca de *quarenta mil réis por animal, aí compreendida a despesa* com a compra de milho e o salário dos arrieiros e camaradas. A carga de uma mula varia, conforme a força do animal, entre seis a oito arrobas, havendo casos em que ela chega a nove arrobas. Quase todas estas tropas vão para o Rio de Janeiro, o ouro alcançando ali maior preço do que em qualquer outro lugar. Antigamente era pelos rios que se fazia quase todo o comércio, sendo muito mó-

dico o frete pago pelos produtos que se mandavam para São Paulo. Essa rota, que era chamada *das canoas*, hoje está completamente abandonada. Persiste ainda apenas, aliás em condições muito precárias, a navegação pelo Arinos, ou Tapajós, rio que as embarcações sobem até próximo às cabeceiras, situadas nas cercanias de Diamantino, onde as mercadorias chegam em lombo de burro. Por esse caminho vêm do Pará o vinho, o sal, a pólvora, o chumbo, o azeite, etc. Cuiabá exporta também alguns produtos para Mato Grosso. Há na primeira destas cidades uma aparência de actividade comercial que muito surpreende quando se pensa na sua posição central. Aliás, é de crer que a sua localização à margem de um rio navegável que a comunica com o Paraguai e os países do Prata, a vizinhança de um dos maiores afluentes do rio Amazonas, e ainda a rota fluvial para São Paulo, dela farão um dia uma importante praça, principalmente depois que a república do Paraguai, libertando-se da administração anti-social de Francia e seus sucessores, abrir seus portos ao comércio livre.

Entre os produtos que o povo de Cuiabá importa do Amazonas está uma droga de nome *guaraná*. E' enorme o consumo que fazem deste artigo, que tem a aparência de chocolate e é trazido em pães de forma quase cilíndrica, pesando de duas a três libras. Fazem com ele uma infusão que é tomada à maneira do chá, e a que se atribuem todas as virtudes possíveis. E' certo que esse produto é muito salutar nos casos de diarreia e de disenteria. A exportação de Cuiabá para a costa consiste principalmente em couros de boi, peles de onça e de veado, ouro em pó, diamantes e ipecacuanha. Voltarei a tratar deste último produto com maior minúcia quando me ocupar de Vila Maria, que é o centro do comércio respectivo. Por agora, direi apenas que até 1837 a exportação deste artigo era de quatro a oito mil arrobas, valendo cada uma de vinte

vinte e um mil réis, mas que nestes últimos anos a exportação não foi além de oitocentas arrobas, à razão de mil e duzentos réis a arroba. O produto é acondicionado dentro de recipientes de couro, cada um contendo duas arrobas e meia. Cada cargueiro transporta dois volumes desta espécie. Para o Rio de Janeiro, o frete da ipecacuanha, ou poaia, como a chamam aqui, é sòmente de seis a sete mil réis a arroba, ao passo que todos os outros produtos pagam dez mil réis. A ipeca é vendida actualmente no Rio por seiscentos ou setecentos réis a libra, ao passo que outrora ela alcançava de mil a mil e duzentos réis. O ouro em pó, cujo preço é comumente de três mil réis a oitava, era vendido então a três mil quatrocentos e cinquenta réis. O diamante, de diferentes qualidades, subiu de cento e cinquenta e cento e oitenta mil réis a oitava, a duzentos e oitenta mil réis.

Desde muito tempo havia eu concebido o plano de fazer duas excursões, com o fim de percorrer uma grande parte da província de Mato Grosso, até aqui tão pouco conhecida. Uma ao norte, até a cidade de Diamantino, onde ficam as minas de diamante e as cabeceiras dos rios Paraguai e Tapajós; a outra, muito mais extensa, consistiria em descer o rio Cuiabá e depois o São Lourenço, para sair no rio Paraguai, e penetrar, se possível, na república do mesmo nome. Esta última viagem reclamava grandes preparativos, pelo que, enquanto o Sr. Deville se ocupava desta parte, segui para as minas de diamante, em companhia dos Srs. d'Osery e Weddell. Esta excursão só apresentava riscos do ponto de vista da saúde, visto como a região, como é regra em todas que produzem o precioso mineral, é tida por muito insalubre, especialmente na estação das chuvas, que era aquela em que estávamos. Também, todos os nossos amigos de Cuiabá muito se esforçaram para nos segurar, dizendo que nessa quadra os caminhos eram completamente intransitáveis.

A 20 partimos, porém bastante tarde, pois os tropeiros têm sempre longas despedidas a fazer. Na estrada fomos encontrando muitos viajantes. O tempo nos favoreceu, e era com satisfação que víamos secar-se ràpidamente o caminho saturado de humidade, sob os raios ardentes do sol. Depois de termos percorrido três léguas, passamos a vau, embora com dificuldade, o rio Bandeira e, meia légua mais adiante, um outro. Como caísse a noite, armamos as nossas redes sob uma pitoresca ilha de mato, e dentro de pouco dormíamos sono profundo. Neste trajecto, vimos pela primeira vez uma linda palmeira vizinha do buriti, conhecida pelo nome de *carandá*. O limbo de suas folhas, cortado em finas tiras, é usado no fabrico de chapéus. Essa planta, que só raramente encontramos ao norte de Cuiabá, forma, pelo contrário, o principal elemento da vegetação do baixo Paraguai e do Grão-Chaco. A formação consiste em xistos argilosos muito contorcidos e com mergulho nordeste. A superfície do caminho é formada de quartzo leitoso. Na margem do rio Cuiabá, no lugar chamado Capela, vêem-se apontando da terra blocos de granito, sob a forma de massas arredondadas. À direita da estrada e a uma distância de três a quatro léguas, estende-se o planalto da Serra Azul, transposta por nós, quando viemos de Goiás. Os rios por nós atravessados durante o trajecto são afluentes directos do Cuiabá, que a cerca de acompanha.

No dia 21 a nossa partida atrasou-se em virtude da perda de alguns animais. Atravessamos de começo campos molhados; depois, vencidas umas três léguas, passamos o rio Coxipó-Açu, que se mostrava bastante largo e fundo, de modo que só com muita dificuldade conseguimos vadeá-lo. Mantêve-se aqui, noutros tempos, uma canoa; mas essa canoa foi depois abandonada, como se faz no centro do Brasil com tudo que é de utilidade geral. A barranca direita do rio é muito difícil de galgar; ela conduz a um

povoado em que existe uma capela dedicada a Nossa Senhora da Guia e muito célebre na zona. Tornam-na muito curiosa uma série de desenhos coloridos, obra de um pintor local, que neles representou vários milagres realizados pela madona, especialmente bois e cavalos curados de diversas doenças.

A aldeia contém umas doze ou catorze casas, e possui cerca de sessenta habitantes. Estavam construindo nela uma pequena igreja. Fomos fazer pouso meia légua mais longe, perto do ribeirão das Pedras. Aí nesse lugar ocorreu-nos singular aventura. O povo, vendo-me coberto com o manto e envergando um enorme chapéu de abas largas, e, acima de tudo, verificando que éramos escoltados por soldados, imaginou que eu era o bispo. Assim, não tardou que toda a população se reunisse, resolvendo acompanhar-nos, para que lhe déssemos a nossa bênção. Levávamos já considerável dianteira a essa gente, quando fomos surpreendidos por uma multipão de homens, mulheres e crianças a berrar loucamente atrás de nós. Um dos companheiros, que tinha ficado atrás, chegou a ser alcançado. Tomado pelo primeiro vigário, detiveram a mula em que ele ia montado, para beijar as botas e beiras do manto ao viajante. Nada compreendendo do que se passava, supôs o nosso amigo que lhe tinham vindo exigir segundo pagamento por uns cigarros que havia comprado. Na indignação de que se achava possuído, distribuiu algumas bordoadas em quantos o seguravam, calcando as esporas e servindo-se de uma linguagem, que receio nada ter tido de canónica. Mas seus perseguidores não eram gente que esmorecesse por tão pouco; dispostos a forçar o bispo a voltar para que lhes benzesse a igreja, recomeçaram a corrida com redobrado entusiasmo. Fui então advertido pelo soldado da escolta do perigo que nos ameaçava, pelo que tocamos a todo galope, deixando atrás e bem longe aqueles bravos compônios, que talvez ainda corressem.

O terreno chato sobre que caminhávamos era formado de xistos argilosos, cobertos por uma camada vermelha e escorregadia. Há muita canga nas camadas superficiais do solo. Nos barrancos do Coxipó, observamos xistos talcosos, *vizinhos do gnaisse e com mergulho 30 a 35 graus* norte. No rio das Pedras, vimos gnaisses muito duros. À direita da estrada avistava-se sempre a Serra Azul, de que muitas ramificações chegavam até perto de nós; à esquerda, do Coxipó para diante e a uma légua de distância, apareciam os morros que ladeiam o rio Cuiabá, de que eram tributários todos os cursos d'água atravessados este dia por nós.

A 22 entramos numa zona de campo, onde começaram a aparecer, disseminadas pelas *margens da estrada, muitas* habitações humanas. Toda essa região é muito insalubre: dizem os moradores que todo o gado morre aí de mordedura de cobras venenosas. Continuamos a marcha até o engenho da Cruz, ou da Boa Vista, distante cinco léguas. Dão aqui o nome pomposo de engenho a um miserável telheiro aberto *aos quatro ventos*, onde os *escravos fabricam* rapadura. Perto, através de uma densa mata virgem, corre o lindo córrego dos Aricurizais. O caminho acompanha quase sempre o curso do Cuiabá, chegando muitas vezes até nós o estrondo de suas cachoeiras. Os xistos argilosos brancos, avermelhados e violáceos constituem a base da formação geológica, *mas* as cangas abundam sempre na superfície. O planalto da Serra Azul havia-se afastado muito da estrada, formando ao longe uma linha azulada, em que todos os acidentes do platô se desenhavam nitidamente. Depois do rio da Forquilha, e a cerca de duas léguas do caminho, vêem-se os morros que flanqueiam o rio Cuiabá. Duas léguas e meia a sudoeste do engenho da Boa Vista, avista-se um povoado conhecido pelo nome de Brotas, a cuja circunscrição pertence o engenho. Este povoado fica à margem do rio Cuiabá.

No dia 23, *atravessamos campos semeados de vegetação arbórea*, vendo-se muitas casas durante a jornada de seis léguas que tivemos de fazer para chegar à margem do rio Cuiabá. Chama-se Passagem o lugar *em que o rio é* atravessado pela estrada; possui uma dúzia de casas e nós nele passamos a noite. O rio aí é largo e forma um cotovelo; suas margens são orladas de mato e, no fundo, avista-se uma bonita montanha.

Durante o trajecto, a formação encontrada foi o xisto argiloso, de cores diversas, destacando-se uma variedade *de colorido violáceo*, que observamos tanto no ribeirão do Engenho, como no ponto em que atravessamos o rio Cuiabá. O rio, cuja largura nesse lugar é de 150 ou 160 metros, corre por cima de xistos argilosos, contornados e cheios de ondulações. Na superfície apresentam-se com frequência as cangas e, uma légua ao sul de Forquilha, vêem-se muitos barreiros; nestes lugares a superfície é de uma terra vermelha, que os animais vêm lamber, por causa do sal nela contido. A cadeia principal dos morros que flanqueiam o Cuiabá fica agora longe, nas proximidades do rio havendo apenas elevações *menores do que as da serra*. Quanto à Serra Azul, parece que ela se conserva sempre mais ou menos à mesma distância da estrada. Os moradores do lugar me informaram que em cinco dias se poderia subir o Cuiabá até as cabeceiras e que em dois dias se faz o trajecto oposto. Ficamos sabendo também que um mês atrás tinham chegado ao povoado uns vinte índios Parecis; estavam inteiramente nus e pareciam muito mansos.

A dona da casa em que estávamos, apesar de não contar mais de dezesseis anos, tinha já um grande papo. Pela primeira vez depois de termos saído de Cuiabá, choveu durante a noite.

No dia 24 atravessamos o rio numa balsa formada por um tablado apoiado sobre três canoas e capaz de transportar cinco animais.

Vimos vários jacarés, que os habitantes do lugar nos disseram ser inofensivos. No decurso de nossa viagem aconteceu-nos encontrar muitas vezes lugares em que a mesma espécie animal, apesar da distância pequena daquela, aqui se apresentava bravia e ali manso. Nunca dei muita importância a estas relações, as quais nada mais provam do que a ocorrência num lugar de acidentes, a que outros são estranhos. E' todavia possível que os animais ferozes, nos lugares em que há abundância de alimento, evitem atacar o homem que sempre lhes inspira algum respeito.

Nas margens do Cuiabá há também ranchos e casas. Ao cabo de cinco léguas, através de campos entrecortados de palmeirais, alcançamos a Serra do Tombador, em meio à qual se vê um monte cortado a pique. O caminho coleia junto à falda, através de belos bosques de coqueiros, penetrando depois por entre as montanhas; ele é bem traçado e foi muitas vezes aberto com esforço entre rochedos e precipícios. Nos trechos mais perigosos é protegido por um parapeito. A paisagem é de notável beleza; avistam-se a cada momento profundos vales cobertos de sombria mata, destacando-se no fundo verde-escuro das florestas que revestem os flancos das montanhas os caules delgados e brancos das imbaúbas (*Cecropia*) e os graciosos leques da palmeira indaiá. Outra cena ainda mais bela ia-nos prender a atenção. O rio Tombador, largo de uns 15 metros e fechado pela magnífica floresta tropical, aí se precipita perpendicularmente de uma altura de 20 metros numa profunda garganta, expandindo-se em baixo da cachoeira numa bonita bacia. O caminho, bastante íngreme, continua a seguir o trajecto do rio, que apresenta ainda diversas cascatas, menos imponentes, é verdade, do que a primeira, mas ainda assim muito pitorescas, graças aos paredões de rocha, aos enormes troncos derrubados e à quantidade de

cipós, que em certos pontos se prendem às árvores, de modo a formar lindos berços naturais.

Fomos, uma légua adiante, dormir numa fábrica de açúcar, conhecida pelo nome de Engenho dos Veados. Ao pôr do sol, vimos um cometa.

Até o Engenho dos Nobres os xistos argilosos se mostram sempre a descoberto; mas, a partir dali, o caminho se mete por entre duas cadeias de morros de variedades diversas de grés, em cuja superfície aparecem grandes massas de um calcário estratificado, de camadas muito delgadas e contornadas. Este calcário é visto principalmente na entrada da garganta. O maciço formado pela montanha, ou melhor, pelo planalto, pertence evidentemente à mesma formação da Serra Azul, de que é um contraforte. Em baixo deste grés fica uma variedade que se transmuda em xisto argiloso e, finalmente, no sopé da cachoeira do Tombador, vêem-se grandes blocos de um grés muito rico em quartzo e muito duro.

O rio Tombador nasce no planalto do Campo dos Veados e desce a serra no ponto mais abrupto em que toca a estrada. Pode-se chegar a este notável altiplano, tanto pelo caminho que tínhamos seguido como por uma outra garganta, que corre para sudoeste e é chamada de Parapitanges, e ainda, finalmente, por uma garganta menor, que se dirige para o sul, e vai entroncar com a precedente. O resto do platô é cercado de altos morros, que lhe emprestam o aspecto de uma bacia raza.

O rio Tombador une-se ao rio dos Nobres *um quarto de légua a nordeste da estrada;* o último despeja no Cuiabá. A casa em que pernoitamos fica situada mesmo no planalto de que falamos acima; ali me mostraram diversas armas, das usadas pelos índios do rio Tapajós.

No dia 25, entramos muito depressa nas extensas planuras que se chamam Campos dos Veados, pela grande quantidade de veados que nelas havia antigamente; hoje

estes animais desapareceram completamente, vítimas de uma doença que em poucos anos os destruiu até a extinção. Contaram-me os filhos da terra que por essa ocasião era comum encontrarem-se à beira da estrada, num só dia, quinze ou vinte daqueles animais mortos.

Depois de passar por várias fazendas, começamos a descer o planalto em que nos achávamos desde a passagem do rio Cuiabá. Dá-se a este lugar o nome de Morro Vermelho; ele dista de Diamantino apenas uma légua e meia. Não tardou que alcançássemos o comandante do destacamento militar e o juiz de paz, que vinham à nossa frente a cavalo. Os meus companheiros, tendo, como de costume, ficado para trás, a estudar o campo, perderam-se, para só aparecerem à tardinha. Até a margem do Parapitingas, que é o formador principal do rio dos Nobres, a formação geológica era semelhante à encontrada no dia anterior; apenas viam-se, na superfície, camadas de grés, que desaparecem do lado oposto do rio. No planalto do alto Paraguai dominavam os xistos argilosos, bem caracterizados. Quanto ao Morro Vermelho, é ele constituído de grés vermelho com veios esbranquiçados, à semelhança do referido planalto; finalmente, no morro em que fica a própria vila de Diamantino, via-se *ainda o grés vermelho.*

O rio Paraguai se precipita do planalto através de uma estreita garganta, situada a um quarto de légua da estrada, da qual ele se aproxima cada vez mais, para costear num dado momento o vale; mais adiante, ele se distancia da estrada, quando esta galga o pequeno morro ao pé do qual fica a vila.

CAPITULO XXI

NASCENTES DO RIO PARAGUAI E DO RIO TAPAJÓS. — MINAS DE DIAMANTES. — REGRESSO A CUIABÁ.

A cidade de Diamantino, ou melhor, a vila de Nossa Senhora da Conceição do Alto Paraguai Diamantino, fica situada a uma légua do rio Paraguai, num vale muito alongado, formado por dois morros, um dos quais corresponde à aresta do planalto onde nascem os rios Arinos, Sant'Ana e Amolar, e o outro é um contraforte, que a nordeste se liga ao primeiro e separa a vila do vale do Paraguai.

Assenta Diamantino em solo muito desigual; suas ruas, mal calçadas, são por conseguinte muito montuosas. As casas orçam mais ou menos em duzentas; são geralmente térreas, com excepção de umas duas ou três, que possuem um andar, e quase todas muito grandes. São cobertas de telhas e construídas de pedras de grés e caiadas de branco, com a cal extraída das margens do rio Paraguai, abaixo do lugar conhecido pelo nome de As Três Barras. Alinham-se elas em duas ruas principais, que vão se encontrar na igreja, cujo edifício tem grandes proporções, mas não pôde ser ainda concluído por falta de recursos. Essa igreja foi fundada por Frei José, antigo prelado de Cuiabá. Passa no meio da vila um riacho cortado por várias pontes, uma das quais é bastante elegante. Esse riacho é chamado ribeirão do Ouro e é obstruído por muitos rochedos de um grés vermelho e muito duro; desemboca no Diaman-

tino, dentro do perímetro da própria cidade. Há no lugar, afóra número avultado de escravos, mil e duzentos habitantes livres, cuja tez é em geral mais clara do que nas cidades e aldeias de Goiás. A população total da freguesia é de cerca de quatro mil pessoas, um quarto das quais escrava. Fundada em 1804, Diamantino foi elevada à categoria de vila vinte anos depois. A pequena guarnição que possui é comandada por um alferes, a que está também subordinado o destacamento de Salto Augusto, no rio Tapajós. As autoridades restantes são o chefe de polícia e o subdelegado.

Gastamos o dia 26 em determinar a posição geográfica da cidade e em obter informações sobre o seu comércio, bem como sobre a navegação pelo Tapajós, que aqui é conhecido ùnicamente pelo nome de Arinos. As cabeceiras deste último acham-se no mesmo planalto que as do rio Paraguai.

Certo homem que havia viajado muito nessa região forneceu-me as seguintes informações sobre as tribos de índios que a povoam:

Os Bacaeris, que habitam as nascentes do Arinos e são de índole muito mansa. Fazem bonitos panciros e artefactos outros, que vendem em Diamantino. Estão constantemente em guerra com os Cajaís.

Os Tapanhunas, tribo hostil, que mora no rio de seu nome, afluente do Arinos. Pintam-se inteiramente de preto e falam a mesma língua que os Bacaeris.

Os Nhambiquaras, ferozes e antropáfagos, que vivem nas florestas do centro.

Os Parabitatas e os Jauaritis-Tapuios, com hábitos análogos aos dos Nhambiquaras. Os Jauaritis-Tapuios não são conhecidos senão pelo que deles contam os outros índios, segundo os quais eles só viajam à noite, por lhes faltar

mal aos olhos a claridade do dia. Daí o nome de Morcegos; que lhes dão os habitantes de Diamantino.

Os Apiacás vivem nas melhores relações com os cristãos, mas mantêm guerra permanente contra os outros índios e devoram os prisioneiros. Deles voltaremos a falar, com mais minúcia.

Os Parintintins moram no interior da mata, ao nível do médio Tapajós; são inimigos declarados dos precedentes e hostilizam muito os viajantes.

Os Mundurucus habitam as porções baixas do rio; foram sempre aliados dos brasileiros contra os outros índios. São guerreiros muito temidos, que se pintam de cores berrantes e se cobrem de ornamentos vistosos, feitos de penas de arara.

Finalmente, os Maués, muito mansos, que habitam o trecho do Tapajós mais vizinho do rio Amazonas e fabricam o guaraná.

Já me referi aos Parecis, nação indígena que vive nos extensos campos situados entre Diamantino e Mato Grosso (Vila Bela). Por algum singular mal-entendido, eles são muito mansos para os moradores da primeira cidade e completamente hostis para os da segunda.

A casa em que estávamos tinha sido ocupada outrora pelo Sr. de Langsdorf, sobre quem muito se falava na região. Fomos visitados pelos principais moradores da vila, entre os quais o guarda-mor e o cura. Este último se mostrou muito hospitaleiro conosco.

A 27, partimos depois do meio-dia, em demanda da casa do alferes Joaquim da Rocha. Fica esta fazenda perto das nascentes do Paraguai, que havia tanto tempo queríamos conhecer. Depois de atravessar o morro que domina a cidade, entramos num comprido vale, formado por duas montanhas de cumes em forma de mesa. Toda a região é coberta de campos. Atravessamos o Paraguai que

aí já tem 13 metros de largura, mas com uma profundidade apenas de dez centímetros. Duas léguas adiante alcançamos a sede da fazenda, tendo feito ao todo três léguas e meia.

Para lá do morro da vila, a formação geológica é o xisto argiloso, variadamente colorido e contornado. O morro do Tamanduá é de grés. Nas margens do Paraguai o cascalho diamantífero descansa sobre o xisto argiloso.

Nosso hospedeiro era um grande caçador de onças, tendo já matado umas quarenta delas em suas terras. Sua fazenda fica situada justamente no sopé do planalto que dá origem a um dos maiores rios do mundo, o famoso Paraguai, cujas águas vão banhar Buenos-Aires; ela fica situada no vale de que já fizemos menção e que nesse ponto tem a aparência de uma profunda garganta, rodeada de enormes rochedos, de aspecto inacessível. Nosso alferes conhecia admiràvelmente toda essa região. Contou-nos que anos antes selvagens barbudos haviam aparecido numa fazenda situada a quatro léguas da sua, praticando devastações; mas que tendo o pessoal da casa lhes feito fogo, matando alguns, os outros fugiram, nunca mais sendo vistos, e sem que se tenha conseguido nunca saber a nação a que pertenciam. Tínhamos grande desejo de partir no dia seguinte, ao despontar o dia; esse foi o motivo pelo qual nosso hospedeiro decidiu nos acordar, com regularidade, cada hora que passava, para nos advertir de que não era ainda o momento de despertarmos. Vendo que sua resolução era não nos deixar dormir, pusemo-nos a ouvir longa declamação sobre o carácter da gente que se ocupa da extracção de diamantes. Disse-nos que ela desconfia até dos próprios filhos pequenos, o que não impedia de serem as pedras mais bonitas roubadas pelos escravos.

Na manhã de 28, grande foi a nossa contrariedade, ao ver que a chuva caía torrencialmente. Sabíamos que a estrada a percorrer era péssima, ficando completamente e-

transitável em circunstâncias semelhantes. Entretanto, às nove horas, como o tempo houvesse melhorado, partimos, guiados pelo nosso fazendeiro.

Atravessamos meia légua de campo, para chegarmos a uma trilha, ou melhor, verdadeira escada, por entre rochedos enormes, que tivemos de escalar com grande dificuldade. Encontramo-nos depois daí no alto de um planalto de grés, com cerca de 150 metros acima do vale. Dessas alturas descortinava-se lindo panorama, vendo-se ao longe o rio Sant'Ana. Depois de *percorrer uma meia légua de* planalto, através de campos descobertos, atingimos a primeira nascente do rio Paraguai, espécie de lagoa circular que não tem mais de 10 metros de diâmetro e é cercada de buritizais. Um pouco mais adiante, deparamos com outra lagoa, de margens lodosas e orlada de idêntica vegetação. Esta é a principal nascente do Paraguai. O rio tem no seu nascedouro uns 100 metros de comprimento por 25 a 30 de largura; *depois, sùbitamente*, ele retoma seu curso, assinalado *por uma linha de buritis*. Recebe logo vários tributários, entre os quais o rio Amolar, o qual, com o nome de Paraguai-Senhor, ganha a borda do planalto e se precipita em numerosas cascatas, até sua foz. Só então, depois de ter feito um cotovelo, toma ele a sua direcção definitiva, para su-sudoeste. A seguir, levou-nos o nosso guia até uma terceira lagoa, que é antes uma espécie de charco, situada a um quarto de légua de distância; aí nasce um córrego, que vai juntar-se ao precedente. O barómetro *nos deu para esse lugar uma altitude de* 305 metros. O tempo continuava chuvoso, sendo para nós felicidade inesperada que o sol aparecesse por alguns instantes ao meio-dia, permitindo-nos determinar com exactidão a posição astronómica do lugar. Não existem, por conseguinte, os sete lagos que pareceria indicar o nome de Sete Lagoas por que é conhecido, mas apenas duas ou, no máximo três, se considerarmos também como lagoa o tal banhado

a que há pouco nos referimos. Seria talvez mais correcto dar como cabeceira do Paraguai os dois buritizais [1] que estão em ligação com as lagoas e convergem para o nordeste, indo reunir-se numa pequena mata, situada a duas ou três léguas mais longe. Todavia, estes buritizais certamente se alimentam das infiltrações das lagoas.

Na planície, correndo já para su-sudoeste, o Paraguai recebe o rio Pari, que nasce no mesmo platô e corre a princípio em sentido contrário, numa estreita garganta.

Fiquei a contemplar longamente esses magros filetes d'água, que estavam destinados a formar o majestoso rio da Prata. As nascentes dos grandes rios sempre despertaram em mim indizível interesse. Há, com efeito, alguma coisa que impressiona o espírito quando reflectimos que tal rio que podemos atravessar de uma passada, está destinado na parte baixa de seu curso a irrigar regiões imensas, e quiçá a permitir navegação a navios e fragatas; que esse modesto regato que corre por entre o capim não tardará a arrastar em suas águas árvores gigantescas. Aqui quase recearíamos secá-lo fazendo dessedentar-se nele o nosso cavalo; acolá, com as suas inundações, ele põe em fuga populações inteiras; tão fácil nos parece desviar as suas nascentes humildes, quão irresistível é a força que adquire no trecho principal de seu curso. Nas partes pouco conhecidas do globo, é em geral de extrema dificuldade alcançar os lugares onde nascem essas grandes artérias; daí o prazer que se experimenta ao contemplá-los possuir um pouco da satisfação que o homem sente ao pensar nos obstáculos vencidos à custa de seu esforço e perseverança.

Como a chuva tivesse ficado mais forte do que [illegible]ca, só com muito trabalho e não sem alguns riscos, é que

---

(1) Conhecem-se por este nome os coqueirais da palmeira buriti, indicadores sempre da presença de água.

alcançamos novamente o vale, onde nos julgamos muito felizes de encontrar asilo na casa hospitaleira de nosso fazendeiro.

A 29 de Dezembro regressei a Diamantino, a fim de por em ordem as minhas notas, enquanto os Srs. d'Osery e Weddell faziam uma excursão a São Pedro, que fica situado no planalto oposto àquele em que tínhamos estado no dia anterior. Eis aqui o resultado desta excursão. O Morro do Tamanduá é de formação idêntica à do planalto em que ficam as nascentes do Paraguai. A aldeia de São Pedro, fundada sòmente para a exploração diamantífera, é constituída de umas sessenta ou setenta casas muito ruins e de, mais ou menos, trezentos habitantes. A extracção se faz até dentro do próprio arraial. A povoação de Buritizal fica meia légua a noroeste de São Pedro; é maior do que esta última e vai até a margem do rio Paraguai.

Em sua volta para Diamantino os nossos companheiros tiveram que utilizar um caminho que a grande quantidade de lama havia tornado muito difícil. Essa estrada corta sempre terreno diamantífero e atravessa, a princípio, o rio Paraguai, depois o Diamantino e, finalmente, o Buriti, *antes de sua junção com o Diamantino.*

E' de notar-se que todas as cadeias desta região correm de les-nordeste para oeste-sudoeste, o que forçou as porções mais altas do Cuiabá e do Paraguai a tomar esta última direcção, visto como ambos circulam em profundas gargantas, formadas pelas serras Azul, do Tombador e do Tamanduá, partes todas de um mesmo sistema.

No dia 29, depois do meio-dia, trouxeram-nos vários índios Apiacás, um dos quais era bastante inteligente e sabia falar um pouco de português. Este homem tinha a pele muito clara e uma fisionomia tão meiga que era difícil imaginar-se que fizesse parte de um povo antropófago. O sinal característico desta tribo consiste em três linhas

horizontais, feitas com o suco do genipapo e localizadas acima e abaixo da boca, de modo a formar uma espécie de quadrilátero. Obtive do índio a que me refiro os seguintes informes: Os Apiacás habitam os rios Arinos e Juruena; cultivam a terra, plantam milho, cará, feijão, mandioca, algodão, etc. Quando fazem derrubadas, os homens põem abaixo as árvores, as mulheres fazendo depois as plantações; uma vez aberto o sítio, os homens se limitam a caçar e pescar, conforme é uso em todas as tribos selvagens. Cada homem possui duas mulheres, só aos chefes sendo permitido ter três. O marido pode mandar embora a mulher; mas se nenhum outro homem a quiser tomar por esposa, o antigo companheiro está na obrigação de matá-la. Os velhos se ocupam em fiar algodão, devendo ser alimentados pelos filhos; no caso de não tê-los, serão sustentados pelos membros moços da tribo.

Estes índios acreditam num Ente Supremo, e parece mesmo que a este dirigem orações. Admitem a imortalidade da alma, pensando que após a morte ela se vai para os campos, onde, sem a necessidade de fazer plantações, medrarão sempre bons frutos. Quando morre alguém, faz-se o enterramento dentro da própria casa. Na guerra, os Apiacás matam todos os inimigos adultos, deste ou daquele sexo; fazem-lhes depois o corpo em pedaços e o assam. As crianças são feitas prisioneiras e levadas para o aldeamento, onde são criadas com as outras e bem tratadas. Fazem-nas todavia trabalhar no campo, amarrando-as duas a duas pelo pescoço, com uma corda. Quando dois ou três desses infelizes chegam aos doze ou catorze anos, faz-se uma grande festa no aldeamento, ouvindo desde a manhã soarem as trompas de todos os lados. Toda a população se veste com os ornatos mais vistosos de penas de arara. Os pequenos prisioneiros são trazidos para o meio de um círculo em que se alinha toda a tribo, ficando atrás deles

os chefes das famílias que os tomaram para criar. Estes, a um sinal dado, fazem-lhes estourar a cabeça a macetadas, os corpos sendo em seguida devorados, por entre diabólicas danças que duram toda a noite. Ocasiões há em que se poupam as raparigas durante cinco ou seis anos, antes de matá-las. Todos quantos não pertençam à tribo serão assim infalivelmente sacrificados. A voz meiga e o sorriso afectuoso do índio que me fornecia estes pormenores constrastava singularmente com o sentido horrível de suas palavras. Contou-me ele que muito havia chorado quando o companheiro de infância fora morto daquela maneira por seu pai. Sua mãe, dizia-me, chorara também; mas era forçoso seguir o costume. Diversas pessoas que tinham visitado a referida tribo confirmaram todos esses factos; uma delas me contou que em circunstâncias semelhantes oferecera aos selvagens objectos de grande valor para salvar a vida a uma dessas pobres crianças, mas inùtilmente. Só conheço exemplo de semelhante crueldade entre os antigos Muyscas, entre os quais a vítima ("guesa") era criada com o maior cuidado até os quinze anos e depois sacrificada no templo de Bochica (o sol), em Sogamogo. Entretanto, na época da descoberta, as tribos da costa oriental do Brasil tinham mais ou menos os mesmos costumes. De resto, os Apiacás matam os inimigos no campo de batalha, mas não os torturam. Asseguraram-me que os Jauaritis-Tapuios procedem de modo diverso, amarrando os prisioneiros numa árvore a cerca de um metro do chão, fazendo depois fogo em baixo deles, para que sejam lentamente consumidos. Contaram ainda que esses índios, bem como os de uma outra tribo chamada dos Guatós, comem carne humana crua, ao passo que duas outras tribos inimigas, a dos Oropiás e a dos Parabitatás, cozinhariam em água as suas vítimas. Os Apiacás mantêm guerra contra os Mutoniucnes e os Sitiúvas, que são por igual antropófagos. O ouro, segundo contam, é abundante nas terras

em que habitam, mas dele não fazem nenhum caso, tendo-o como o deus dos brancos.

Os Apiacás têm os seus feiticeiros, dormem em redes e habitam aldeamentos constituídos de uma única habitação feita de paus e de tamanho bastante grande para abrigar várias centenas de habitantes. Informou-me ainda o mesmo índio que o rio Juruena é habitado por quatro nações indígenas: os Apiacás, os Oropiás, que falam a mesma língua e foram já citados anteriormente, os Bororos e os Cauaívas, que foram repelidos para as margens do rio, pelos Apiacás. As crianças não têm senão as linhas nas bochechas; só durante a puberdade é que são pintadas as que rodeiam a boca. Parece que estas diferenças correspondem a particularidades dos costumes, pois só os indivíduos com linhas à volta da boca podem comer carne humana.

Entre os brasileiros que assistiam a esta conversa, um havia cujas unhas tinham mais de uma polegada de comprimento. Vi em Diamantino pessoas que ostentavam ornamento semelhante, com o único fim de facilitar o uso do violão. E' corrente aqui existirem, dez ou doze léguas a oeste de Sant'Ana, três aldeias de negros fugidos, ou *Quilombos*, como é o nome que a elas se dá em todo Brasil. Afirma-se que é grande a população que nelas habita. A maioria destes negros nunca teria tido contacto com os cristãos, a outra parte se ocupando em desencaminhar os escravos do distrito diamantífero. Diz-se que os quilombolas vivem em boas relações com as diferentes tribos selvagens. Em Diamantino encontramos um francês que havia tomado parte numa malograda expedição, vinda do Rio de Janeiro sob o comando de um velho cego. Essa expedição atravessara o imenso sertão deserto que separa Diamantino daquela capital, transportando consigo complicada aparelhagem, com o fito de buscar no fundo do rio Sant'Ana os diamantes que ali existiriam em abundância.

Compunha-se a comitiva de sete ou oito compatriotas nossos, entre os quais uma mulher que fomos encontrar em Cuiabá, e depois ainda uma segunda vez em Belém. Mal tinha essa gente acabado de chegar ao distrito diamantífero e já a maior parte dela caía vítima da insalubridade do clima. Os dois ou três sobreviventes não perderam porém a coragem, instalando a sua máquina de borracha. O homem que encontramos em Diamantino foi o primeiro a aventurar-se sob uma espécie de sino, dentro do qual pensava dar um agradável passeio pelo fundo do rio; mas antes de ter tido tempo para apanhar todos os diamantes do lugar, verificou decerto que a máquina não era suficientemente impermeável, pois que o retiraram prestes a afogar-se. Depois de haver assim despendido todos os magros haveres nessa incrível especulação, não tendo mais com que fazer a viagem para o litoral, entregou-se ao comércio honesto, o qual, como ele próprio nos contou, consistia em comprar as pedras furtadas pelos escravos. Mais tarde eu soube que ele tinha morrido pouco depois de nossa passagem. Por consequência dos membros da infeliz empresa, só a mulher havia sobrevivido.

As minas de ouro, como, principalmente, as jazidas diamantíferas a que a vila de Diamantino deve a sua fundação e a sua importância, parece terem sido descobertas na época em que os paulistas fizeram os seus primeiros estabelecimentos da província de Mato Grosso. Mas, sob o domínio português a exploração do diamante esteve interdita aos particulares sob pena de incorrerem nas mais severas penalidades. Os terrenos diamantíferos eram fiscalizados por uma guarda militar, a que cabia exercer constante vigilância sobre os escravos da coroa ocupados na extracção do minério. Quem quer que encontrasse uma pedra era obrigado a remetê-la para a superintendência dos diamantes em Cuiabá, onde recebia uma modesta recompensa, ou senão, quando se verificava haver a intenção de

dela se apropriar, era rigorosamente castigado. Por esse tempo, tanto o comércio como a extracção dos diamantes eram inteiramente proibidos em todo o Brasil, com excepção apenas dos agentes especiais que o governo expressamente nomeava. *A partir do governador João Carlos*, de que já falamos, esse comércio passou a ser o princípio mais ou menos tolerado e, mais tarde, perfeitamente livre. Se, como afirmam, não foram ainda revogadas as leis que outrora regulamentaram essa indústria, elas pelo menos caíram em completo esquecimento. Os moradores de Diamantino só lamentam que a interdição lançada sobre o comércio da escravatura os tenha reduzido à impossibilidade de aproveitar as riquezas da região.

Foi em 1746 que pela primeira vez se encontraram diamantes de algum valor na província de Mato Grosso. Pouco tardou que deles se encontrasse no riacho do Ouro tão grande quantidade, que o ouvidor Manuel Antunes Nogueira, querendo apoderar-se de todos esses terrenos em *benefício da coroa, deles fez evacuar todos os habitantes. A* fome fez devastações terríveis entre estes infelizes desterrados.

Dir-se-ia que todos os males haviam desabado sobre a região, pois a uma prolongada seca se seguiu, em 24 de Setembro de 1746, violento terremoto. Só em 13 de Maio de 1805 foi permitido aos moradores voltar às suas antigas propriedades, mas sob a condição de transferir para a coroa, sob pena de pesados castigos, todos os diamantes por eles porventura encontrados. Em 1809, uma ordem régia instituia em Cuiabá uma Junta dos diamantes

O ouro e o diamante, que ali, como em muitos outros lugares, aparecem juntos, são encontrados principalmente nos muitos córregos que sulcam a região e mesmo em to*dos os terrenos* que dela fazem parte. *Contudo, depois* das chuvas, as crianças de Diamantino retiram ouro da terra nas próprias ruas da cidade, ou do ribeirão do Ouro,

que, como dissemos, atravessa o povoado. Não é raro que consigam então o equivalente ao valor de uma ou duas patacas (de oito a quinze grãos, medida brasileira). No que respeita ao diamante, contam que um preto, ao arrancar hortaliças em seu quintal, achou um diamante emaranhado nas raízes. Pouco tempo antes de nossa chegada a Diamantino, dizia-se ainda, um tropeiro, ao plantar uma estaca para amarrar as mulas, achara também um, com o peso de meia oitava (cerca de 9 quilates). Este último facto ter-se-ia dado na chapada de São Pedro. Conta-se, finalmente, que tem acontecido acharem-se diamantes no papo das galinhas.

Os principais cursos d'água em que nesta parte do Brasil o ouro e o diamante têm sido encontrados são:

O rio do Ouro, formado pela união de dois braços, desde as nascentes destes até a sua confluência no Diamantino; o próprio rio Diamantino, desde suas cabeceiras, até a sua união com o Paraguai; o rio Sant'Ana, outro afluente do Paraguai, bem como o rio das Areias, tributário do Sant'Ana, ambos em toda a extensão de seu curso; os rios São Francisco de Paula e São Francisco Xavier, que se unem para despejar no Sant'Ana, também em todo o seu curso; o rio São Francisco de Chagres, outro afluente deste último; por fim, o rio Paraguai, desde a boca do Diamantino, até o ponto chamado Três Barras.

Diz-se ainda que o rio Sumidouro, afluente do Arinos, é muito rico em diamante. As numerosas explorações existentes no próprio terreno das chapadas que o margeiam ficam situadas em torno dos arraiais de São Pedro e Buritizal.

Em todo o distrito de Diamantino a formação geológica em que se encontra o diamante é sempre a mesma, quer sejam observadas nos paredões feitos pela mão do homem, sulcando as chapadas, quer sejam estudadas no leito

das grandes ravinas abertas pelos rios, onde o cascalho aparece a nu, permitindo a maior visibilidade e a extracção mais rápida das pedras preciosas. Damos aqui o fruto de nossas observações a respeito deste assunto. Na superfície encontra-se a princípio uma terra vegetal preta e muito argilosa, cuja espessura varia muito, por isso que a sua própria superfície é cheia de ondulações; vem logo abaixo outra camada de superfície superior perfeitamente horizontal e formada daquilo que os mineiros denominam gorgulho, mistura de pequenos seixos de grés, de quartzo e de sílex rolados, e quase sempre aglutinados por uma argila amarela ou alaranjada da natureza da canga, mas por vezes sem nenhuma aderência entre si. O gorgulho, que é o indicador e um dos principais elementos *da formação diamantífera, não passa evidentemente de um depósito aquoso trazido por uma grande torrente que, em época geológica* recente, percorreu e revolveu o vale do Paraguai. Debaixo do gorgulho, e sob a forma de uma camada perfeitamente horizontal, é que se encontra o cascalho diamantífero; de modo geral seus elementos formadores são os mesmos do gorgulho, com a diferença de os seixos serem maiores e não existir nunca o cimento de canga, que aglutina o último. Por fim, o que caracteriza principalmente o cascalho é a presença de certas pedras de forma e coloração especiais, conhecidas no país pelo nome de *cativos* do diamante. Sempre que se acham estes cativos é certa a existência do diamante, ao passo que, pelo contrário, é inútil qualquer exploração se aqueles não são encontrados. Indicações particulares são fornecidas por três espécies de seixos rolados e perfeitamente polidos, cuja forma anuncia a acção longa do atrito e da água em movimento. O primeiro é um sílex preto ou marmóreo, vizinho da cornalina; quanto mais escuro é ele, diz-se, tanto mais certa a existência do diamante. O segundo é uma pedra conhecida na região pelo nome de *pedra de osso*, cuja aparência

lembra a dos ossos que estiveram enterrados por longo espaço de tempo: é um grés puro, vizinho do itacolumito, e tem ainda valor apreciável como indicador da presença do diamante. O terceiro, finalmente, conhece-se pelo nome de *pedra rósea* e é uma espécie de grés violáceo; vale menos do que os anteriores como anunciador das pedras preciosas, mas ainda assim, dizem os trabalhadores, fornece boas indicações. Nunca existe diamante no gorgulho. O cascalho diamantífero descansa sobre xistos argilosos vermelhos, conhecidos pelos mineradores pelo nome de pissarra. Contudo, é bastante variável a espessura destas diversas camadas. Visitamos, entre muitas outras, uma trincheira na qual a espessura da terra vegetal era aproximadamente de um metro; a do gorgulho, de 60 a 70 centímetros, e a do cascalho de 50 a 75 centímetros. Há ocasiões, embora raras, em que as camadas do cascalho atingem a possança de 1m,25. Os xistos sobre que descansa toda essa formação nunca encerram diamantes. Acontece ainda que nos pontos em que atravessamos o Paraguai falta o cascalho interposto entre o gorgulho e os xistos, as águas do rio correndo sobre estes últimos.

A cata dos diamantes é feita pelos escravos; estes, durante a estação em que as águas estão baixas, mergulham para procurar no fundo dos rios o cascalho, que a seguir é lavado cuidadosamente. Os brancos não resistiriam a trabalho tão rude, ao qual muitos negros também sucumbem. Quando se trata de um rio muito pequeno, prefere-se desviar as suas águas, pondo a seco o leito, cujo cascalho é então tratado como o das chapadas. Parecem já completamente esgotadas as jazidas dos rios Diamantino, do Ouro e Paraguai. O ribeirão Buriti ainda continua a dar boas pedras, ao passo que o Sant'Ana pode ser considerado ainda virgem, pois apesar da quantidade incrível de diamantes que dele já se extraiu, parece nada ter perdido da riqueza primitiva. Não obstante, a extracção do diamante não é

tão produtiva quanto se poderia acreditar, bastando lembrar que na região é apontado como excepcional o resultado obtido por um espanhol de nome D. Simon, que no espaço de quatro anos, trabalhando é bem verdade só na estação seca, *mas com o auxílio de duzentos escravos*, conseguiu juntar quatrocentas oitavas de diamantes (cerca de sete mil quilates). Este personagem viu-se depois forçado a abandonar os trabalhos, porque grande número de seus escravos veio a morrer em conseqüência das febres malignas que infestam toda a região diamantífera e muito particularmente as margens do rio Sant'Ana. Antes porém de partir, ele teria tido o cuidado de fechar o buraco de onde havia extraído tantas pedras. Mais tarde, outro indivíduo extraiu oitenta oitavas de um único ponto do rio.

O maior diamante achado em Sant'Ana pesava, assim dizem, três oitavas (cerca de cinquenta e dois quilates); foi achado já há muitos anos e não se sabe o preço que alcançou. E' opinião corrente *serem as pedras extraídas deste rio mais bonitas do que as das outras localidades diamantíferas*, havendo até pessoas que no comércio sabem distingui-las.

Nas chapadas a exploração se faz por meio de valados a céu aberto; estes valados têm ordinàriamente 4 a 6 metros quadrados e uma profundidade que varia muito, conforme a espessura da camada de terra vegetal. De regra, não é necessário cavar muito para chegar ao cascalho; um metro ou dois são suficientes na maioria dos casos, mas há ocasiões em que se torna indispensável ir mais fundo, como na chapada de Sant'Ana, onde as escavações medem seis metros. Ademais, antes de dar início a qualquer exploração, abrem-se poços de ensaio, o que se dá o nome de *provas*. Os trabalhadores se servem de uma espécie de enxada conhecida pelo nome de *amocafra e formada* por um cabo de 2 pés de comprimento, preso a um ferro pontudo e *recurva*, com 8 polegadas mais ou menos, da base

à ponta. Com este instrumento é feita a remoção das duas [illegible] e o go[illegible]ulho, que se amontoam separadamente. Em seguida é retirado o cascalho, que se acumula num monte à parte. O transporte de todo este material do fundo do [illegible]o para fora é feito com o auxílio de gamelas de madeira; os negros enchem essas gamelas por meio da almocafra e depois as carregam na cabeça para despejá-las no chão, junto à borda. A extracção do cascalho é feita exclusivamente durante a seca, deixando-se a lavagem do cascalho para quando as chuvas tenham enchido as escavações anteriormente praticadas.

Já no momento da extracção tiram-se do cascalho todos os pedaços grandes de quartzo que quase sempre existem nele em grande quantidade. Depois, quando a água das chuvas é suficiente para começar a lavagem, abrem-se junto à beira dos fossos umas espécies de caixas, levemente inclinadas no sentido do comprimento e conhecidas pelo nome de *cuiacas* ou *canoas*. Têm essas canoas 3 metros de comprimento sobre 2 de largura e do pequeno lado que olha para a beira da escavação são fechadas apenas por um baixo rebordo. Na outra extremidade, põe um preto certa quantidade de cascalho, enquanto outro trabalhador, postado junto do lado aberto e metido na água do fosso até meia altura das pernas atira um jacto de água sobre o monte de cascalho, usando para isso um pedaço de gamela. Depois de repetida várias vezes esta operação, cujo fim é arrastar com a água todas as particulas menores e mais leves, fica no fundo da cuiaca apenas a porção terrosa, no meio da qual é fácil reconhecer os diamantes grandes que acaso contenha.

Depois daí o lavador tira do cascalho todos os pedregulhos maiores, lavando-o novamente pelo mesmo processo, se se suspeita de sua riqueza; no caso contrário, o resto da

lavagem é feito em bateias. Por meio desta segunda lavagem o cascalho fica ainda mais concentrado, sendo assim passado para *uma gamela*. *Ele é agora muito ténue*. Finalmente, o cascalho é ainda lavado parceladamente, tendo-se o cuidado de deixar sempre na bateia o último resíduo da operação anterior. Assim, acaba-se tendo no fundo de uma única bateia de dois pés de diâmetro e algumas polegadas de profundidade o resíduo da lavagem de uma *quantidade muitas vezes* bastante grande de cascalho virgem. E' neste último resíduo que o minerador procura os diamantes. Os negros que se ocupam nesse trabalho tomam o cuidado de deixar no fundo da bateia os cativos que nela se acumularam, quando não chegam ao extremo de porem eles próprios alguns dos últimos, para lhes dar sorte, pois acreditam que essas pedras atraem o diamante. Não há superstição *nem prática, por mais* absurdas, que não se observem *entre os infelizes* que se ocupam deste gênero de trabalho. Aliás, é exercida sobre eles severa vigilância, sendo duramente castigados os que desviam alguma pedra. Isso não impede, porém que uma boa parte seja furtada. Aos domingos e dias santificados eles trabalham por conta própria, lavando nas cuiacas de seus senhores o cascalho acumulado na estação seca. Há sempre ouro no cascalho diamantífero; mas, de regra, ninguém se dá ao trabalho de apanhá-lo. A maioria dos senhores chega a proibir aos escravos de perder o tempo nessa pesquisa; mas alguns destes últimos a isso se aplicam quando trabalham para si próprios. Acontece então fazerem num só dia uma pataca ou pataca e meia de ouro.

Examinamos, com muita atenção, o Sr. d'Osery e eu, as regiões diamantíferas, sendo levados a acreditar que os diamantes, tais como são encontrados nos rios e nas chapadas do alto Paraguai, devem ter sido trazidos consecutivamente a um movimento de aluviões modernos, difícil de precisar.

Os seixos, calhaus, cativos, etc., que entram como parte na formação geológica que contém o diamante, denunciam a acção enérgica das águas, durante longo tempo. Quando se pensa em que as rochas que cercam os vales diamantíferos são constituídas pela mesma espécie de grés que forma os extensos platôs (Serra de Taquara) existentes entre os rios Araguaia e Cuiabá, platôs cuja estrutura e cor mudam aqui e ali, conservando porém sempre a mesma composição fundamental, não se é levado a acreditar que os diamantes tenham sido arrancados a estas montanhas de grés? Todavia, seriam eles consequentemente contemporâneos dessa formação em que não existem fósseis, ou pertenceriam às mais remotas épocas de transição? E' essa uma questão que não podemos resolver.

Ademais, tenho motivos para supor que o estudo da rica formação diamantífera da Chapada, na província da Bahia, viria ao encontro desta hipótese, pois ali os diamantes aparecem nas areias seguramente oriundas da desagregação dos grés vermelhos. Finalmente, o corte do terreno diamantífero de Abaeté, publicado por M. Clausen (*Bulletin de l'Academie de Bruxelles*, tomo VIII, n.º 5), apresenta uma formação análoga. Em suma, na América do Sul a existência do diamante parece ligar-se à presença do grés vermelho.

Esse modo de ver tornar-se-á ainda mais verossímil quando for estudada a composição dos cativos, e especialmente a da "pedra de osso", que é no dizer dos mineradores um indício seguro da presença de diamantes, pedra que outra coisa evidentemente não é senão o grés completamente puro. Como se teria depositado o diamante no meio desse grés? Não se é levado a crer que na época da formação destas últimas rochas a atmosfera do Globo era esse invólucro gasoso tão rico em anídrido carbónico, cuja existência é admitida por quase todos os geólogos, e que teria precedido seguramente todos os fenómenos da vida vegetal e

animal? Não teria acontecido que sob a influência de condições particulares de calor e electricidade o ácido carbónico se decompôs, libertando o vapor de carbónio, que depois lentamente se condensou, cristalizando sob a forma de diamante?

Vem em apoio desta teoria um facto a nós contado por um tropeiro da estrada de Goiás. Jogando certa vez numa das mulas uma pedra achada no caminho, esta se teria partido, deixando aparecer um diamante nela engastado. Chegamos mesmo a ver no Rio de Janeiro, na casa de um negociante, uma que estava manifestamente numa rocha daquela especie. Quis muito possuir este precioso exemplar, mas o preço que por ele pediam não me permitiu adquiri-lo ([1]). Em Diamantino, todos os diamantes são rolados e nunca aderentes à rocha.

As idéias que acabo de externar podem ser combatidas por meio de argumentos a que no estado actual da ciência seria difícil responder. O único facto que considero demonstrado é a relação que parece existir, na América do Sul, entre a presença do diamante e a do grés. De resto, esta rocha deveria ser talvez relacionada com uma época relativamente muito moderna, pois Clausen diz haver encontrado uma impressão de concha univalve indeterminável no grés vermelho da província de Minas Gerais (*Bulletin de l'Academie de Bruxelles*), o qual é talvez análogo ao

---

(1) O Sr. Francisco Muniz, da Bahia, possui uma amostra muito curiosa, proveniente da Chapada, e na qual se vê um *cristal de diamante metido numa rocha inteiramente constituída* de fragmentos dos chamados calivos, e muito especialmente dos denominados feijão, ferragem, etc. Há na mesma amostra quartzo e ouro. Muitas das parcelas agregadas *foram visivelmente roladas*, sendo lícito acreditar que a sua reunião ulterior foi devida a *um cimento moderno*, no qual o diamante entrou fortuitamente. Trata-se de verdadeiro poudingue.

do nordeste do Brasil, onde Gardner encontrou impressões de peixes. Com efeito, esta vasta formação de grés vermelho se apresenta em todas as partes em que a observamos sob o mesmo aspecto de platôs ou de *montanhas de vértices* talhados em mesa, e sempre no mesmo nível; ela parece ocupar uma grande extensão de terras nas partes centrais da América do Sul. Observamo-la pela primeira vez no rio Tocantins, mais tarde, e em maior abundância, na estrada de Goiás a Cuiabá. Tornei a observá-la, sempre nas mesmas circunstâncias, no baixo Amazonas.

Ela parece formar uma grande parte desta porção do norte do Brasil que se projecta para o leste. Por fim, tenho todas as razões para acreditar que ela forma o planalto meridional de Mato Grosso. Gardner foi levado a referir à formação cretácea as partes do sistema por ele examinado, sendo conduzido a esta conclusão principalmente pelo estudo dos numerosos peixes fósseis encontrados na região. Parece-me possível que seja efectivamente ao sistema da greda que se deva referir todos estes platôs de grés vermelho, pois em muitos pontos encontramos neles o sílex. Foi assim que nos certificamos da presença deste último nas cachoeiras de Santo Antônio e do Funil, ambas do rio Tocantins, na subida do Tombador, na estrada de Diamantino, etc.

Convém notar que o sílex é, na maioria dos casos, um dos indícios mais seguros da presença do diamante. Se se admite o valor desta prova, ter-se-á de referir à formação cretácea os calcários argilíferos compactos e estratiformes que encontramos em Vila Maria e no rio Jauru, pois ambos continham raspas de sílex esbranquiçado.

Em toda parte estas rochas de grés e calcários se acham apoiadas em xistos argilosos, os quais, por sua vez, cobrem as massas de granito, ou de gnaisse. Nesta hipótese, dever-se-á referir as aludidas argilas ao grupo wealdiano, com que parece terem grande semelhança. O diamante talvez

já existisse antes da formação do grés, tendo sido, por assim dizer, engastado por este último.

Lembram essas rochas desnudas os grés vermelhos da costa setentrional de Ross-Shire, descritas pelo Dr. Mac-Culloch. Todavia, estes são cónicos e não terminam em tábua de mesa, repousando além disso directamente sobre o gnaisse, e não sobre os xistos argilosos, como acontece no Brasil.

Foi-nos muito difícil obter dos moradores de Diamantino informes precisos sobre as quantidades de ouro e de diamante que saem anualmente da zona, pois eles ainda parece se julgarem sob o império das leis portuguesas em tudo quanto diz respeito a esses dois minerais. Não obstante, juntando os dados mais positivos, organizamos o quadro abaixo, onde se registram aproximadamente as quantidades de diamantes extraídos da região desde 1817 até 1845, bem como a oscilação dos preços e o número de escravos empregados no serviço. A isso acrescentamos o valor dos próprios escravos.

Por ocasião de nossa passagem, cerca de duas mil pessoas, das quais oitocentas eram cativas, ocupavam-se nesse género de trabalho.

A n o s	Preço da oitava das pedras extraídas	Oitavas extraídas durante o ano	Número de escravos	Valor do escravo, em média
1817	40$000	600	1.500	250$000
1820	60$000	500 a 600	1.500	250$000
1825	60$000	500 a 600	1.500	250$000
1830	60$000	300	1.500	250$000
1834	120$000	300	1.500	250$000
1838	150$000	300	1.200	300$000
1840	200$000	250	900	400$000
1844	250$ a 300$	200	800	600$000

Em 1817 uma pedra de uma oitava foi vendida por quatrocentos mil réis. O preço do ouro era, por oitava, de mil trezentos e cinquenta réis em 1817; de mil trezentos e cinquenta em 1820; de mil e quinhentos em 1830; de três mil e duzentos em 1840 e de três mil e seiscentos em 1844.

Vê-se por aí que os preços do diamante e do ouro elevaram-se muito a partir de 1817, devendo-se este facto a três causas: 1.ª) a diminuição do número de escravos africanos, consecutiva às leis sobre o tráfico; 2.ª) a diminuição das quantidades encontradas daqueles minerais; 3.ª) a celebridade crescente adquirida pela rica localidade de que nos ocupamos, motivo da afluência grande de pessoas para ela.

O vintém de diamante, em pedrinhas miúdas, vale hoje de nove a dez mil réis no comércio. Uma pedra de meia oitava valeria de quatrocentos a seiscentos mil réis, conforme sua pureza; uma de uma oitava valeria um conto e cem mil réis. Há dois ou três anos, uma pedra de três quartos de oitava foi vendida a oitocentos mil réis, e uma outra, de igual peso, a um conto de réis. Actualmente não se acha por ano mais que cerca de duzentas oitavas de diamantes, e apenas duas ou três pedras de meia oitava ou mais.

A pessoa mais rica de Diamantino, quando por ela passamos, tinha em seu poder duzentas oitavas de diamantes. Os escravos vendem os diamantes que furtam a quatro ou cinco mil réis o vintém, grandes e pequenos, uns pelos outros.

Em resumo, a julgar pelas informações que pude obter *in loco*, parece-me provável que a quantidade de diamantes extraídos em Diamantino e Mato Grosso, desde o descobrimento destes lugares pelos paulistas até o presente (1849), sobe a cerca de sessenta e seis mil oitavas. Convém lembrar estar incluído nesta cifra um número bastante

elevado de pedras grandes. Calculando em duzentos e cinquenta mil réis o valor médio da oitava, obtém-se um total equivalente a cerca de quarenta e seis milhões e duzentos mil francos. *A esse total convém juntar o correspondente aos diamantes extraídos da bacia do rio Claro. Se bem que a extracção destes últimos seja bem pouca coisa em comparação com o que era no tempo do govêrno português, não posso avaliá-la em menos de catorze mil oitavas, valendo mais ou menos nove milhões e oitocentos mil francos. Sendo assim, a soma dos diamantes extraídos da província de Mato Grosso chegaria a cerca de oitenta mil oitavas, no valor de cinquenta e seis milhões de francos. Não tenho dúvida de que essa região venha um dia a fornecer, uma vez que seja convenientemente explorada, uma quantidade muito mais considerável do precioso minério. Infelizmente, porém, como ficou dito, a extracção das pedras é cercada de grandes riscos, estando eu convencido que esses caprichos da vaidade humana já custaram ao Brasil a vida de mais de cem mil criaturas.*

Vamos agora dizer alguma coisa com referência às outras minas de diamantes do Brasil. Durante muito tempo só foram conhecidos os da província de Minas Gerais; mas nestes últimos anos os da Chapada da Bahia conquistaram grande celebridade. Ocupar-nos-emos a princípio com os primeiros.

As minas de Cerro Frio foram descobertas em 1727 por Bernardino Fonseca Lobo, mas a natureza dos cristais achados permaneceu incerta até o momento em que um funcionário da província, que tinha estado nas Índias, a pôs fora de discussão. Mawe parece acreditar que nos vinte primeiros anos foram extraídas em média mil onças, ou oito mil oitavas por ano. Por outro lado, o Sr. Caire (*Science des pierres précieuses*, 1833) diz que em 1732 foram exportados do Brasil para Lisboa cento e sessenta e

cinco mil e vinte e quatro quilates (cerca de nove mil e quatrocentas oitavas).

Foi só a partir de 1772 que a coroa de Portugal começou a explorar as minas por sua conta exclusiva. De acordo com os relatórios oficiais, nos vinte e dois anos decorridos daquela data até 1794, foram encontrados diamantes correspondentes a quarenta e oito mil e quinhentas e quarenta e sete oitavas, ou seja, uma média de duas mil e duzentas e seis oitavas por ano.

De 1801 a 1806 inclusive, foram extraídas seis mil e seiscentas e dez oitavas, ao passo que durante os catorze anos decorridos de 1807 a 1821 extraíram-se doze mil e trezentas e cinquenta oitavas.

Em 1823 as minas produziram quatrocentas e quinze oitavas, e no ano seguinte quinhentas e sessenta e cinco. Esses trabalhos exigiram despesas enormes, as quais, de 1772 a 1794, se elevaram a 6.184:963$810. Deste total deve-se porém deduzir 539:821$612, *correspondentes ao valor* do ouro encontrado, o que reduz o custo da produção a 5.646:142$198. Cada quilate rendia ao governo, no próprio Cerro Frio, 6$644, e cada oitava 116$270.

De 1807 a 1821, os trabalhos de extracção custaram 1.685:831$676, cada quilate rendendo 7$795 e cada oitava 136$412. Em 1825 as despesas subiram a 253:378$987, dedução feita do ouro obtido. Finalmente, de 1 de Setembro de 1832 a 1 de Maio de 1834, as despesas da administração ultrapassaram a receita em 45:197$000. Foi então, isto é, em 25 de Outubro de 1834, que se aboliu a Junta Administrativa dos Diamantes, cessando o monopólio.

Procurando estabelecer com base nos dados que nos foi possível obter um cálculo aproximativo das quantidades de diamantes extraídos da província de Minas Gerais, chegamos aos seguintes resultados:

	Oitavas
De 1727 a 1747	160.000
De 1748 a 1771, ou seja um período de vinte e três anos, para os quais suporemos uma produção anual de um terço da precedente	61.000
De 1772 a 1794 (uma média de 2.206 oitavas por ano)	48.547
De 1795 a 1800 (seis anos, com uma média entre os dois períodos precedentes e seguintes)	9.923
De 1801 a 1806	6.510
1807 a 1821	12.358
1822	250
1823	415
1824	565
Total	299.669

Para os vinte e cinco anos seguintes darei apenas uma média de mil oitavas por ano, aí incluído o contrabando, o que significa um total, até a presente data, de 324.668 oitavas ([1]), ou seja a *importância de* 81.250:000$000, *atribuindo-se à oitava* o valor médio de 250 mil réis. Ao câmbio de 360 réis por 1 franco, isso equivale a 225.700.000 francos. A esta cifra deve acrescentar-se o contrabando feito durante a administração real, contrabando que Mawe, no começo deste século, calculava em mais de 2.000.000 de esterlinos, e *ainda a soma correspondente ao tempo decorrido* desde essa época até a extinção do monopólio. Teremos pois de acrescentar uns 75.000.000 de francos, o que fará ascender o total geral bruto dos diamantes extraídos em Minas Gerais a 300.700.000 francos.

Passemos agora à província da Bahia. Desde 1755 que se haviam descoberto diamantes nas cercanias de Ja-

---

(1) Parte destes dados é extraída da Memória histórica sobre os diamantes, publicada no Rio de Janeiro em 1836, por José Rezende da Costa.

cobiça; mas o marquês de Pombal proibira continuar na sua procura, com receio de que semelhantes trabalhos viessem acarretar o abandono da agricultura. Esta notável providência fala muito alto em favor do ilustre homem de Estado que então administrava Portugal. Parece também que se tinha ideia confusa sobre as minas da província, pois havia de longa data na zona a tradição da existência de um tesouro escondido na direcção em que o diamante veio a ser achado depois em abundância.

As ricas minas de ouro da província da Bahia, conhecidas sob o nome de Chapada, foram descobertas no começo de 1844. Atribui-se a sua descoberta a um escravo da província de Minas Gerais, o qual, levando para o pasto o gado de seu senhor, notou a semelhança que havia entre o solo da região e os terrenos diamantíferos que ele conhecia desde criança. Teve então a curiosidade de procurar na areia a preciosa pedra, de que conseguiu reunir em vinte dias setecentos quilates. O pobre escravo fugiu então, indo oferecer à venda o seu tesouro numa cidade distante; mas as autoridades do lugar, supondo que estes valores eram provenientes de furto, fizeram-no prender. Não foi possível arrancar-lhe o seu segredo, mas tendo-se descoberto a sua condição, restituíram-no ao dono. Nem ameaças, nem castigos, nem promessas puderam lhe arrancar palavra. Usou-se então de um estratagema; reintegraram-no nas suas antigas funções e então, depois de ter conduzido durante algum tempo o gado em várias direcções, ele acabou voltando ao lugar da mina. Readquirindo pouco a pouco a confiança e julgando-se afinal não observado por ninguém, recomeçou ele a trabalhar, aproveitando para isso as noites de luar. Desnecessário é dizer que pessoas destacadas de antemão aí o prenderam, sendo para crer que severos castigos tenham sido a única recompensa que alcançou o pobre escravo, por haver feito uma descoberta que tanto viria enriquecer toda a província.

No ano seguinte, vinte e cinco mil pessoas, provenientes principalmente de Minas Gerais, afluíram para o mencionado lugar. Segundo o Sr. Raybaud, então cônsul francês na Bahia, o preço dos diamantes era em média de 280 a 300 mil réis a oitava; mas as pedras grandes alcançavam até 500 mil réis. Calcula este competente funcionário em mil e quatrocentos e cinquenta quilates a quantidade extraída em média cada dia, desde o descobrimento das minas até 1 de Agosto de 1845, o que dá uma produção total de cerca de quatrocentos mil quilates, valendo 18.300.000 francos.

Em 4 de Janeiro de 1847 o cônsul de França na Bahia pensava que, nos dezoito meses precedentes, tinham sido extraídas 12.500 oitavas de diamantes, valendo cerca de 5.000.000 de francos. Assim, até o princípio do ano passado, o valor dos diamantes extraídos das minas da Chapada atingiria 23.300.000 francos. Dizia ainda o Sr. Raybaud que por esta época a população das minas tinha diminuído, não excedendo a dez ou doze mil almas.

As informações que pude obter não são inteiramente concordantes com as conseguidas pelo Sr. Raybaud. Contudo, tenho razões para acreditar que elas são tão exactas quando podem ser os documentos desta natureza numa terra em que não existe nenhuma estatística oficial, e onde o que mais se pode fazer é tomar a média dos dados fornecidos pelas pessoas que se supõe melhor informadas a respeito do assunto que nos interessa. Deve ainda ter-se em mente que, de modo geral, é mais fácil obter dados precisos sobre períodos decorridos já há vários anos do que sobre o momento mesmo em que se está, pois há muita gente interessada em esconder a verdade na vigência das especulações comerciais.

Tenho motivos para acreditar que nos meses imediatamente consecutivos ao descobrimento das minas, foram extraídas cerca de 5.000 oitavas. O solo era então de ex-

trema riqueza a ponto de numa única lavra (Serviço), acharem-se até 60 oitavas num dia. Também, era então enorme o número de mineradores.

Nos três anos de 1845, 1846 e 1847, extraíram-se mais ou menos 40.000 oitavas; mas em 1848 as minas foram em grande parte abandonadas por causa da situação do comércio, tudo levando a crer que a produção não tenha excedido a 1.600 oitavas. No actual ano de 1849, os trabalhos readquiriram actividade, podendo acreditar-se terem sido extraídas, em média, umas 100 oitavas por semana, ou sejam 5.200 oitavas por ano. De acordo com estes cálculos, ter-se-á para a soma total dos diamantes da Bahia 51.800 oitavas, as quais, no preço de 250.000 réis, que é encarado como a média desde o descobrimento, e ao câmbio médio de 360 réis por franco, representariam até o fim de 1849 um total de 38.750.000 francos.

As principais lavras da Chapada são as de Comércio de Fora, Mucujê (vila de Santa Isabel de Paraguaçu) [1], Cambucás, Chique-Chique, Nagé, Causa Boa, Andaraí, Lençóis e Pedra Cravada.

---

(1) A vila de Santa Isabel é a capital da zona e fica à margem do rio Paraguaçu. Esta improvisada povoação, feita de barro e de palha, apresenta miserável aspecto: é constituída por umas três mil choças espalhadas sem nenhuma regularidade e na sua maioria em ruínas. No começo não havia igreja, nem qualquer serviço policial, de modo que se praticavam todos os dias os crimes mais tenebrosos. Este estado de coisas mudou, havendo hoje no lugar um padre cura e um regimento de linha em carácter permanente. Essa vila é o centro do comércio de diamantes, cuja feira é feita aos sábados e domingos. Os garimpeiros vêm nestes dias trazer o produto dos trabalhos da semana; mas as pedras passam geralmente pelas mãos dos capangueiros, espécie de corretores sempre à cata de compradores. O piquá, espécie de cesta feita com uma casca flexível, é o objecto indispensável para estes negociantes, que neles guardam as suas pedras e não

O número actual (1849) dos trabalhadores variava entre cinco e seis mil, dois mil dos quais são escravos.

O preço dos diamantes foi sensìvelmente afectado pela descoberta destas minas, de modo que a média do preço do diamante bruto, que era de cerca de trezentos mil réis, parecia não ir actualmente além de cento e cinquenta mil réis. Este cálculo me parece muito exacto, porquanto durante a crise de 1848 essa pedra preciosa ficou tão desacreditada, que ela era oferecida na Bahia pelo preço de cinquenta e até mesmo, segundo contam, trinta mil réis a oitava. Parece-me pouco provável que este preço venha a subir, afigurando-se-me evidente o contrário, uma vez que em consequência da diminuição geral das fortunas na Europa, é quase certo que o consumo desta custosa inutilidade só fará decrescer. Penso que só uma quantidade proporcionalmente muito pequena de pedras é lapidada, o que explica a pequena perda de valor dos brilhantes, perda

os largam nunca das mãos. A palavra empenhada basta para firmar os mais importantes negócios. Quem faltasse com a palavra perderia inevitàvelmente a reputação e teria o nome no index. Honesta neste particular, convém todavia desconfiar desta gente, que está longe de adoptar os mesmos escrúpulos com relação a outros artigos. Os diamantes mais bonitos da Chapada procedem de Lençóis, lugar situado a vinte léguas de Santa Isabel. Este povoado deve o nome a um grande córrego que corre apertado numa profunda grota e se precipita de cumes elevados sobre extensas lajes e, depois de percorrer uns trezentos metros, despeja no rio São José, formando uma série de cascatas. Por todos os arredores das minas, montanhas inteiras, blocos enormes compostos em grande parte de seixos rolados e cimentados por uma pasta ferruginosa e quase negra, dão o testemunho de grandes revoluções geológicas.

Em geral, as pedras têm formas muito regulares, fazendo excepção as cuja cristalização obedece ao sistema octaedrico.

A maioria das informações contidas nesta nota foram-me fornecidas pelo Sr. Camille Borel, negociante francês tão hábil quanto inteligente, que havia visitado a Chapada.

que se avalia em 50% e não está de modo nenhum em proporção com a experimentada pelo das pedras brutas. Mas as pedras lapidadas não tardarão certamente a experimentar a natural consequência da baixa destas últimas. Admitindo que as minas da Chapada mantenham a sua produção actual, parece-me provável que no fim deste século os diamantes não valerão mais do que 20% do que alcançavam em 1800.

No momento actual o lugar que se considera mais rico em diamantes é Bicas, que fica situado nas margens do rio São José. Aí trabalha a sociedade Gomes, com cento e vinte escravos.

E' difícil fazer ideia da aplicação dada às enormes somas que as minas de diamante fizeram entrar para a Bahia; parece que a maior quantidade foi dissipada nos excessos das mais baixas paixões, o que não impede que uma certa parte tenha ficado dentro da província. Uma outra parte bastante importante foi gasta em troca com mercadorias europeias, citando-se a este propósito a casa inglesa de Mellor e Russell, a qual tendo vendido em poucos dias todas as mercadorias em estoque, deu um grande banquete em seus vastos armazéns completamente vazios.

Na Chapada a extracção do diamante é inteiramente livre. Qualquer pessoa que queira trabalhar no ramo indica ao magistrado o pedaço de terra vaga por ela escolhido. O terreno é posto logo à venda em proveito do Estado, pelo módico preço de trinta réis (cerca de sete cêntimos) a braça quadrada. Os Srs. Rocha Medrado, proprietários da maior parte da zona, têm como único privilégio entrar na posse das terras pelo preço da adjudicação. Os que pretendam procurar o diamante nos serviços abandonados podem igualmente fazê-lo, mediante o pagamento de dois mil réis (cerca de cinco francos) por ano. Dá-se a estes o nome de faiscadores.

O terreno diamantífero contém cerca de vinte léguas num sentido e dez no outro. Fica ele situado na Chapada da Bahia, cerca de noventa léguas a oeste-sudoeste da capital, e se estende pelos tributários do rio Paraguaçu. Para ela se vai pelo caminho de Cachoeira.

Nessa zona as jazidas de diamantes assemelham-se muito às de Mato Grosso e Minas Gerais; entretanto, em Chique-Chique foi encontrado um cascalho diamantífero à superfície mesmo do solo, por baixo do capim, ao passo que em Andaraí, depois de esgotar o cascalho, chegou-se a uma pissarra onde havia grande quantidade de diamantes. Acho este facto muito curioso.

Desde muito tempo que se considerava o rio dos Lençóis muito rico em diamantes. Há no leito deste rio numerosos poços, escavados pelas águas, alguns deles com vinte e cinco braças de profundidade sobre uma ou duas de diâmetro. Ùltimamente teve-se a lembrança de investigar o fundo destas escavações, achando-se grande quantidade de pedras. Buracos da mesma natureza são encontrados também na Chapada, mas estes não têm geralmente mais do que alguns metros de profundidade. Dá-se-lhes o nome de *caldeirões* e é frequente deles extraírem-se muitos diamantes.

Como acontece em outras regiões diamantíferas, é comum a presença de pedras no tubo digestivo das galinhas, motivo pelo qual nunca se põem fora os intestinos destas aves, antes de lavá-los. Tem-se notado que é quase sempre no papo que os diamantes se encontram. De modo geral, admite-se que os diamantes da Chapada baiana são menos bonitos do que os das outras zonas diamantíferas do Brasil.

Alguém me garantiu que, poucos anos atrás, um morador da Bahia bastante versado em assuntos de histó-

natural, o Sr. Blanchet, achou à superfície mesmo do solo um pequeno diamante, no lugar chamado Engenho do Cabrito, que fica nos arredores da cidade.

Finalmente, conhecem-se ainda jazidas diamantíferas nos seguintes lugares: 1.°) na Serra do Araripe; 2.°) no Caldeirão, que fica na província do Piauí, a trinta léguas do rio São Francisco, no caminho de quem vai à Cachoeira do Roberto; 3.°) na província do Ceará, entre Crato e Icó, num povoado de nome Rio Vermelho, distante um quarto de légua do rio do mesmo nome.

Também têm dado diamantes os rios Tibagi e Verde, na província de São Paulo. Em 1814 o tesouro público recebeu cerca de uma oitava destas localidades, e pouco tempo depois um negociante ofereceu à venda vinte e três oitavas, procedentes da mesma região.

Procurando agora recapitular os dados acima, temos:

	Oitavas	Francos
Província de Minas Gerais	432.977	300.700.000
Província de Mato Grosso	80.000	56.000.000
Província da Bahia	51.800	38.750.000
Província de São Paulo e outras	200	138.888
Totais	564.977	395.588.888

Ter-se-ia extraído assim das minas do Brasil 2.158 quilogramas, 212 gramas e 14 centigramas de diamantes, ou seja mais de duas toneladas e um quarto. Supondo que todas estas pedras tenham sido lapidadas, metade em brilhantes e metade em diamantes rosa, teríamos o valor comercial de aproximadamente um bilhão de francos.

Para termos o valor total da produção diamantífera mundial até hoje, seria necessário acrescentar a esses totais os correspondentes aos diamantes extraídos da Índia.

Há poucos anos descobriu-se nas minas da Chapada um outro minério, a que se deu o nome de *carbonado* (1). Esta substância aproxima-se muito do diamante pela sua dureza e propriedades químicas; tem cor preta, aspecto reluzente e bastante peso, podendo ser reduzida a pó, graças ao qual pode ser lapidado como o diamante. Os fragmentos dela encontrados são irregulares e podem variar desde as parcelas imperceptíveis até, aliás muito raramente, pedaços de meio quilo. Esse mineral acompanha muito frequentemente o diamante nas camadas de areia em que este se extrai.

Na cidade da Bahia o preço do carbonado varia de 1 a 2 francos o quilate.

Os moradores de Diamantino suprem-se de tudo quanto precisam no Pará, utilizando para isso a navegação pelo rio Tapajós, começada aliás há não mais de vinte e oito ou trinta anos (1816). A despeito do curto tempo que têm de inauguradas e dos grandes riscos que as cercam, pois o rio é cheio de saltos e cascatas, às vezes terríveis, essas viagens fazem-se todos os anos, com regularidade. O porto de embarque é no rio Arinos, dez léguas ao nordeste da vila de Diamantino. Para dar uma ideia desse comércio e do custo dos transportes, dou a seguir um quadro, com os preços em moeda brasileira (réis) das principais mercadorias em Belém e daquele a que atingem postas em Santarém e em Diamantino:

---

(1) O Autor escreve carbonate (carbonato). (Nota do trad.).

Mercadorias	Preço em Belém	Preço em Santarém	Preço em Diamantino	Medidas usadas
Sal	700	2 000	20.000	alqueire
Vinho português de 1.ª qualidade	80.000	160.000	720.000	pipa
Ferro	10.000	22.000	51.000	quintal
Aço	10.000	25.000	76 000	"
Machados	500	1.000	2.400	um
Machadinhas	400	800	1.800	uma
Chumbo de caça	10.000	24.000	76.000	quintal
Pólvora de caça	560	900	2.400	lib. portuguesa
Louças				
Pratos	1.000	2.200	5.400	dúzia
Tigelas	1.000	2.200	5.400	"
Xícaras e pires	1.000	2.200	5.400	"
Pratos fundos	450	1.600	4.000	um
Sopeiras	640	3.000	6.000	"
Bules para chá	300	700	1.800	"
Vidraria				
Copos para guaraná	700	1.800	7.200	dúzia
Copos para água (grandes)	700	2.000	7.200	"
Copos para vinho	600	1.600	3.600	"
Mangas de vidro	700	1.800	7.000	uma
Bandejas	5.000	15.000	20.000	"
Folhas de Flandres	14 000	30.000	100.000	caixa de 250 fls. (3 arrobas)
Guaraná	000	50.000	128.000	arroba
Cera	800	1.600	2.500	lib. portuguesa
Espermacete	480	1.280	1.000	"
Manteiga europeia	480	1.000	2.400	"
Farinha de trigo	9.000	25.000	76.000	barrica de 6 arrobas
Cabaças pintadas	4.700	4.000	7.200	dúzia
Queijos flamengos	700	2.000	4.000	"
Chapéus de palha	500	1.600	3.000	"
Vinho Moscatel	5.000	10.500	24.000	12 garrafas
Macarrão	3.000	6.000	21.000	caixa de 20
Aletria	3.000	6.000	21 000	libras
Azeitonas	800	2.000	10.000	caixa
Foices grandes	500	900	2.000	uma
Id. pequenas	300	800	1.000	"

Não se julgue o lucro dos negociantes através da enorme diferença entre os preços de compra e de venda. As despesas de transporte são muito grandes, tanto por causa do custo dos carretos e da trabalhosa passagem das cachoeiras, como porque os carregamentos têm de ser forçosamente muito limitados, uma vez que se tem de utilizar grandes canoas, em vez de botes ou barcos. A viagem de ida e volta pelo Tapajós leva oito meses, a descida sendo feita em cerca de vinte e cinco dias. Gasta-se mais ou menos um mês para fazer o carregamento em Santarém, sendo depois despendidos *nada menos de cinco ou seis meses na* subida do rio. A partida é como ficou dito, no porto do rio Arinos, durante a estação das águas (Dezembro, Janeiro e até Fevereiro); a volta das canoas, em Agosto, Setembro e Outubro. Ao partir levam apenas os mantimentos necessários para a volta. Estes mantimentos são escondidos na mata ao longo do trajecto, debaixo de pequenos ranchos de folhas construídos pelos canoeiros *durante* a descida.

Vamos dar agora um resumo das despesas exigidas por um carregamento completo de Belém ao porto do Arinos, supondo uma canoa de seiscentas arrobas, que é a embarcação geralmente utilizada nestes transportes:

Preço da canoa de seiscentas arrobas	200$000
Salário do piloto	240$000
Salários de sete camaradas a 100$000 cada um	700$000
Sexta parte do salário de 600$000 pago ao prático que serve de guia a seis canoas e é de todo indispensável nestas viagens	100$000
Barraca para a equipagem (vinte côvados de baeta)	20$000
"Pisapé" (vinte varas de pano de algodão para cobrir as mercadorias) e breu	10$000

Mantimentos, calculados por mês e por pessoa:

Um alqueire e meio de farinha	3$600	
Um quarto de alqueire de feijão	1$000	
Meia arroba de toicinho	4$000	
Soma	8$600	
As sete pessoas, durante um mês	60$200	
As sete pessoas, durante oito meses ..	481$600	481$600
Total		1:751$600

Poderá parecer muito elevado o custo dos camaradas; mas é preciso ter em mente que muitos poucos homens se atrevem à penosa e arriscada navegação pelo Arinos, dada a insalubridade do rio. Devo aliás dizer que nem todos percebem cem mil réis, visto como os rapazes que não conhecem ainda o caminho e fazem a viagem pela primeira vez não recebem mais de quarenta a cinquenta mil réis. Em compensação, os marinheiros velhos, com grande experiência do rio, são pagos à razão de noventa e seis mil réis em dinheiro. Além disso, cada homem, velho ou novato, recebe: cinco côvados de baeta para fazer uma barraca, vinte varas de pano de algodão para roupa, um chapéu de palha, uma mantilha de lã para resguardar-se, um facão. Além disso, cada camarada, conforme suas capacidades como trabalhador, tem direito a um certo número de cargas de sal, que o patrão lhe entrega no porto, livres de qualquer despesa. O número destas cargas varia de um a cinco.

Dou aqui, discriminadamente, o carregamento comum de uma canoa destas, com o preço (em réis) das mercadorias em Belém e o de venda, em Santarém:

Mercadoria	Peso em arrobas	Preço em Belém	Em Santarém
150 secas de sal, cada uma com 1½ alqueire	450	180.000	440.000
40 arrobas de ferro	40	100.000	220.000
60 garrafões cheios	60	208.000	440.000
Chumbo	40	100.000	240.000
20 sacas de farinha de mandioca	60	80.000	80.000
4 sacos de feijão	8	6.400	32.000
2 latas de folha	5	28.000	60.000
Totais	663	702.400	1.512.000

Convém notar que os negociantes costumam fazer sempre os seus carregamento em Santarém, para evitar a grande perda de tempo que acarretaria a ida até Belém, o que ainda poderia impedir de fazer no mesmo ano a viagem de volta. Fica aliás subentendido que para ir a Belém e voltar seria necessário aumentar o valor das despesas acima.

Em suma, um carregamento que custa 1.512.000 réis acarreta uma despesa de transporte, até Diamantino, de 1.718.000 réis, de onde se conclui que o seu custo nesta vila passa além do dobro do valor inicial. Actualmente os negociantes de Diamantino não mandam mais para ali, onde eram muito mal vendidos, os seus diamantes; todas as pedras são remetidas para o Rio de Janeiro, onde a concorrência entre os compradores lhes garante preços muito mais vantajosos.

Toda a região circunjacente a Diamantino, onde ficam as cabeceiras dos vários rios que formam o Tapajós, é tida como extremamente insalubre. E' tremendo de medo que os moradores da vila se aventuram a fazer nela raras excursões. Também não nos faltaram avisos, de modo que estávamos certos de contrair as febres da região, as quais, segundo diziam, eram quase sempre fatais aos estrangeiros.

Deveríamos ter-nos por muito felizes se algum de nós escapasse para contar os resultados de nossa aventura aos que se sentissem tentados a nos imitar. Contentamo-nos em rir destas sinistras predições e a 1.º de Janeiro de 1845 partimos para visitar as nascentes do Arinos. Servia-nos de guia um preto, bom conhecedor de todos os lugares. Evitando o Morro Vermelho, passamos numa grande fazenda pertencente ao Guarda-Mor e denominada Macuco; mais adiante, atravessamos um riacho de águas notàvelmente transparentes, o rio Caiti, cujas nascentes pouco depois avistamos num belo buritizal, e que reunido aos dois seguintes forma o rio Amolar: o Buritizinho, agora seco, que sai de uma pequena cadeia de morros, próximo da estrada e a umas quatro léguas da vila; e o Amolarzinho, que dos três é o maior e desce de uma montanha situada três quartos de légua ao norte da estrada e a cerca de seis léguas de Diamantino. Este córrego sai de uma linda mata virgem. Deste ponto goza-se uma vista magnífica do vale, que é cheio de *palmeiras e se estende ao pé da montanha*. O caminho desenvolvia-se até então por sobre a chapada (planalto), cuja formação geral era evidentemente o grés. Na superfície viam-se algumas partes argilosas, principalmente cangas; em baixo do grés ficam as argilas (xistos argilosos). A um quarto de légua mais longe achamos os restos de uma fazenda que tinha sido abandonada por causa da insalubridade do clima. Chegamos depois às nascentes do rio Preto, que sai de um buritizal situado mais ou menos um terço de légua a nordeste da ponta setentrional da lagoa dos Veados. Fica este ao norte da estrada; é um bonito lençol d'água de cerca de meia légua de comprimento, mas sem a cintura de árvores marginais que costuma existir em tais circunstâncias. E' provável que as infiltrações da lagoa alimentem as nascentes do rio Preto, mas o próprio lago não tem seguramente nenhuma ligação directa com ele. No correr desta jornada perderam-se de

mim os meus dois companheiros de viagem, mas o guia estava *em minha companhia*. *A noitinha* levou-me este a um pequeno rancho situado na margem do Arinos, que neste ponto é apenas um grande ribeirão. Meus companheiros foram chegando durante a noite, cada qual de sua vez, com excepção do doutor, que não apareceu. A ausência do último impressionou-me tanto mais quanto eu sabia que toda a região estava cheia de negros fugidos e que poucos dias antes um deles tinha sido devorado por uma onça. Durante toda a noite caiu uma chuva torrencial, acompanhada de grande ventania. No dia 2, depois de esperar sem resultado o nosso companheiro de viagem, e após haver feito uma nova excursão às nascentes do rio Preto, visto que na véspera, com o cair da noite, não nos *tinha sido possível estudar a região* convenientemente, dirigimo-nos para sudoeste, acompanhando o curso do Arinos, que um trecho de mata assinalava. Ao cabo de uma *marcha de légua e meia através de campo húmido*, chegamos às nascentes do rio, as quais ficam situadas perto da sitioca do Estivado.

O rio Preto nasce no vasto platô a que tínhamos chegado na véspera, a mais de meia légua de distância das cabeceiras do Amolar, que são mais elevadas do que as do rio Preto, como claramente o *indicam* as alturas barométricas obtidas durante a jornada [1].

Descobrimos ainda uma outra cabeceira do Amolar, saindo de uma anfractuosidade do planalto e dirigindo-se para o sul. Ela fica a nor-noroeste da primeira e, segundo *dizem*, *em plano mais* elevado. Estas duas correntes

(1) Tinhamos um nivelamento exacto de toda esta interessante região; este trabalho foi todavia perdido, entre muitos outros do mesmo género, com a morte do Sr. d'Osery. Acredito que as altitudes a que me refiro devem variar, no planalto, entre 200 e 220 metros e, na planicie, entre 60 e 70.

quase logo se unem para formar o Amolar, que é atravessado pelo caminho de Quebo [1]. A fazenda do Estivado, onde nos achávamos, fica localizada num dos pontos mais curiosos do continente. Ali, com efeito, a alguns passos uma da outra, ficam as nascentes de dois dos maiores rios do mundo, a saber o rio Amazonas e o rio da Prata. Dia virá em que se poderá estabelecer sem dificuldade comunicação entre estes gigantescos rios, pois, conforme nos informou o próprio dono da casa, com o simples intuito de regar o seu quintal ele tinha feito correrem as águas de um para o leito do outro. As nascentes do rio Estivado, que é o verdadeiro tronco do Arinos, acham-se numa anfractuosidade do planalto, a qual descamba para o norte, 200 metros a leste da sede da fazenda a que deu nome; por outro lado, 84 metros a oeste da última, saem de um buritizal as primeiras águas de um afluente do Tombador, que, como sabemos, é tributário do Cuiabá. O sítio do Estivado acha-se por conseguinte no divisor das águas que correm para o norte e para o sul. Facto semelhante se verifica perto de Macu; aí, por ocasião das cheias, as águas correm por uma barroca, depois da qual, chegando num dado ponto, se dividem, uma parte indo para o Cuiabá e a outra para o Tapajós. Todo o planalto fica no divisor das águas. Contou-me o fazendeiro do Estivado que tempos atrás uma canoa foi transportada do rio Cuiabá ao Arinos através de um varadouro de quatro léguas apenas e que o proprietário de Macu se tinha proposto a restabelecer essa comunicação. Quanto à formação geológica do planalto em si, ela é evidentemente o grés, coberto pelas camadas superficiais de argila de canga. Em vários pontos vê-se que as nascentes que correm para o norte, se entrelaçam, por assim dizer, com as que vão para o sul. E' assim que ao norte de Macuco as águas do Água Fria,

---

(1) No original "Kebo". (Nota do trad.).

afluente do rio Preto, não ficam a mais de meia légua ou três quartos de légua do ribeirão do Morro Vermelho, afluente do rio Paraguai. E' também assim que as nascentes do Quebo, afluente do Cuiabá, ficam na borda do *grande platô que dá nascimento a todos estes cursos d'água* e a apenas 40 ou 50 metros das do Arinos das quais estão todavia 10 metros abaixo, no sentido vertical. Vimos já que no Estivado, uma das nascentes do Tombador, afluente do Cuiabá, fica a cerca de 100 metros do rio Estivado, que é o principal formador do rio Arinos. Finalmente, no sopé mesmo da Serra Azul, o rio Piavas, um dos formadores do Paranaitinga, não nasce a mais de uma légua de distância das cabeceiras do Cuiabá.

Do sítio do Estivado, seguimos através dos campos, guiados pela serra que o Tombador acompanha, até a fazendola do Campo dos Veados, onde tínhamos já passado a noite de 25 do mês anterior. O planalto que deixamos atrás é formado de grés, cujas cristas se prolongam de um lado e de outro da estrada, para irem unir-se, uma ao morro de Parapitangas, e outra aos do Tombador. Na planície deparamos com xistos argilosos e cangas, estas últimas em muitos pontos sob a forma de fragmentos rolados. Recobre aí o solo uma terra vermelha, evidentemente argilosa.

A 3, esperamos até o meio-dia o Dr. Weddell, que ainda não tinha aparecido, apesar de haver mandado pessoas ao seu encalço, em todas as direcções. Prosseguindo não obstante em nossa viagem, fomos acampar nas margens do córrego dos Nobres, onde tomamos chuva a noite toda. No dia 4 fomos alcançados pelo doutor, que vinha acompanhado de um dos soldados mandados à sua procura. Contou-nos que, tendo-se perdido no campo, foi alcançado pela noite nas cabeceiras mesmas do rio *Preto*, esse lugar tão temido pelos miasmas que, segundo contam, se desprendem de suas pantanosas margens. Sua situação tornou-se

ainda mais crítica em consequência de pesado aguaceiro. Depois de procurar em vão o caminho perdido, embrulhou-se no capote e sentou-se em pleno campo, tendo o cuidado de amarrar a um dos braços as rédeas do cavalo. Passou assim uma noite bastante penosa. No dia seguinte ele voltou a Diamantino, onde chegou só à noite, sem ter comido nada desde que dele tinha saído. Foi então que, tendo-se encontrado com um dos *homens enviados à sua* procura, depois do necessário descanso ele se pôs de novo a caminho para nos alcançar.

No dia 7 encontramos uma enorme figueira que nos fez recordar os baobás da costa d'África. Um metro acima do solo seu *tronco tinha perto de dez metros de circunferência*; um dos galhos estendia-se até vinte passos de distância do centro. À tardinha entramos em Cuiabá, onde fomos recebidos com toda cortesia pelo presidente da província, oficial superior engenheiro, que conhecia a França e aí chegara a frequentar a Escola Politécnica. Sob qualquer ponto de vista só temos louvores para o acolhimento que ele nos dispensou; não obstante, e apesar da maneira gentil com que nos tratou, não achamos nele aquele ilimitado apoio que os presidentes de Minas Gerais e de Goiás tinham dado aos nossos trabalhos. Tive a impressão de que ele *ainda compartilhava um* pouco das velhas ideias portuguesas sobre a colonização, de modo que ele não só se opôs a que tirássemos uma cópia da grande carta de Mato Grosso que vimos em suas mãos, como ainda nos deu a perceber que a nossa viagem ao Paraguai lhe despertava desconfiança. Aliás, assim procedendo, era ele, com segurança, movido apenas pelo receio de comprometer-se, pois em tudo mais se mostrou sempre muito solícito em nos servir.

Lamento não ter tido a sorte de encontrar em Cuiabá o capitão de fragata Leverger, distinto oficial que havia

estudado a fundo a parte ocidental do Império. Na ocasião em que passei por aquela cidade ele estava no Rio de Janeiro, onde fora dar conta da viagem que acabava de fazer ao Paraguai, por incumbência oficial. Tive a mesma falta de sorte com relação ao Sr. de Beaurepaire, que, como eu, se achava então em Mato Grosso. Tanto maior foi a contrariedade que com isso tive, quanto, durante a viagem que fiz a Diamantino, ele passou em Cuiabá e teve ocasião de conversar com os meus companheiros que ali tinham ficado. Os dois oficiais a que acabo de me referir têm o maior merecimento e se acham a serviço do Brasil.

CAPITULO XXII

DESCIDA DOS RIOS CUIABÁ E SÃO LOURENÇO.

Logo depois de minha volta de Cuiabá comecei os preparativos para a nossa grande viagem ao Paraguai. Durante este tempo tivemos ocasião de conhecer as principais pessoas da cidade, as quais mostraram sempre por nós um interesse que só tenho a elogiar. O bispo, muito particularmente, homem ainda moço e bastante instruído, mostrou-se de extrema benevolência para conosco.

Dos capitães gerais que governaram a província, só um deixou funda lembrança no espírito do povo. Tamanho é o respeito com que a ele se referem que é raro pronunciarem-lhe o nome sem levar a mão ao chapéu. Chamam-no às mais das vezes Nosso Senhor João Carlos. Antes de assumir ele o governo, era o centro de Mato Grosso o refúgio dos malfeitores vindos de todas as partes. Com sua severidade e espírito justiceiro, pôs ele termo aos assassinatos que a cada passo ali se praticavam; restabeleceu a ordem em todos os ramos da administração, mandou executar grandes obras de saneamento, protegeu o comércio, abriu estradas pelo sertão, construiu edifícios de utilidade pública. Para atingir tão louváveis fins, nunca precisou ordenar uma execução capital; apenas o policiamento era admiràvelmente bem feito, os criminosos sendo castigados com um número de chicotadas proporcional à gravidade do delito. Dele contam a anedota que passo a narrar.

Ao chegar à capital da província, alguns habitantes, acostumados que estavam a governar o governador, pretenderam desde logo lhe traçar normas de proceder, mandando para este fim à sua presença um capitão mata-mouros, de cor escura e conhecido pela sua audácia e petulância. Tinha à cabeça esse mulato um vasto chapéu e arrastava um enorme sabre de cavalaria. Assim paramentado entrou com desenvoltura em casa do governador, ao mesmo tempo que várias pessoas da cidade se esgueiravam pelas primeiras salas, para espiar a cena que se ia passar. Entrou o capitão na sala de audiência de cabeça erguida e *mão no cabo do espadão*, mas, como contra sua expectativa o governador ali não estivesse, teve ele de esperá-lo durante alguns instantes, o que fez com sinais de impaciência, andando pela sala e demonstrando mau humor por meio de expressões as mais descomedidas. A certa hora, achando-se em frente a um espelho, imaginou que a ocasião era própria para verificar o efeito que deveria produzir a sua arenga; pôs-se então a recitar em alta voz a prédica preparada com o intuito de atemorizar o capitão geral, fazendo ao mesmo tempo movimentos ridículos com o chapéu e tilintando o enorme sabre. De repente, porém, estoura atrás dele uma gargalhada geral, aparecendo o Sr. João Carlos em frente do mulato, que, todo desconcertado e cambaleante, deixa cair das mãos trêmulas o chapéu de dois bicos, sem saber articular outras palavras a não ser as que pronunciam, com gesto súplice, os escravos aos seus senhores: *Jesus Cristo*. (1)

Enquanto estivemos ausentes tinha o Sr. Emile Deville feito uma excursão de cerca de doze léguas longe de Cuiabá. No primeiro dia chegou até ao lugar de nome Médi-

---

(1) Vassuncristo (por "louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo"), escreveria um autor melhor informado sobre os hábitos de então. (Nota do trad.).

co, e no segundo alcançou a casa de um amigo nosso, situada perto de uma montanha chamada São Jerónimo. Durante a permanência que ele fez neste sítio, de propriedade do capitão Peixoto, matou algumas bonitas aves e capturou grande número de insectos. Entre os últimos figurava um exemplar deste belo coleóptero de élitros dourados para o qual foi criado o género *Eurysoma*. O Sr. Deville continuou sua viagem, atravessando vários córregos afluentes do rio Aricá, tais cômo o Angico e o Tamanduá. Adiante, depois de atravessar com grande dificuldade o ribeirão das Areias, rumou para o povoado de Santo António, nas proximidades do qual visitou uma fonte de água quente, onde a temperatura era de 35 graus. Voltou para a capital pela mata de Vilamento, atravessando o córrego do mesmo nome, que despeja no Cuiabá.

Poucos objectos interessantes do ponto de vista da história natural achamos nas cercanias da principal cidade da província de Mato Grosso. Não obstante, verificamos a existência de um joão-de-barro diferente do que tínhamos visto com frequência na província de Minas. Este último constrói com o barro ninhos com a forma de forno, muito comuns sobre as grandes cruzes que se vêem erguidas à beira das estradas. A espécie de Mato Grosso constrói ninhos semelhantes, mas com a diferença de serem divididos em dois compartimentos por um tabique. Durante o período da postura, é raro que a fêmea saia do ninho. Contudo, pode-se vê-la de quando em quando voejar nas proximidades, cantando. Pertencem estes dois pássaros ao género *Opetiorhynchus* de Temminck.

Em Cuiabá adquiri um couro de jibóia com mais ou menos 70 centímetros de largura; as pessoas do lugar tinham-no entre os maiores conhecidos na referida espécie. Enquanto viajei pela América, preocupei-me muito em saber qual era a dimensão máxima alcançada por estes animais, cujo comprimento de ordinário oscila entre 3 e 5

metros. Em casos raros têm-se encontrado exemplares de 7 metros e meio ou talvez mesmo 8 metros; mas não creio que nenhum ofídio da América Meridional tenha jamais atingido a 9 metros. O pessoal da terra costuma utilizar o couro destas grandes cobras para fazer botas, bolsas, etc. Aproveitam-lhes muitas vezes também a carne, cujo gosto não é desagradável. O povo, em geral, não as teme e nunca eu soube de nenhum caso de acidente ocasionado por elas. Tudo levado em conta, estas cobras são mais úteis do que nocivas, dada a grande quantidade de ratos que destroem.

A 27 de Janeiro, depois de por em ordem as nossas colecções e de tê-las expedido para o Rio de Janeiro, deixamos Cuiabá em direcção ao sul da província. Desde a véspera estávamos avisados de que tudo estava pronto e que as nossas provisões, os instrumentos, etc., tinham sido levados para o porto, num carro de bois. Contudo, ao lá chegarmos, verificamos que tudo se achava em desordem, ninguém contando sair naquele dia.

Houve por bem o presidente por à nossa disposição duas canoas grandes e bonitas, ambas feitas de um só tronco. Éramos protegidos por uma escolta de seis soldados, comandados por um sargento-furriel, de nome Miguel Pais. Era o melhor piloto para os rios centrais que íamos navegar; também foi esta uma óptima aquisição para nós, pois não pudemos senão elogiar este bravo e honesto companheiro.

Um incidente de todo imprevisto por pouco nos prenderia ainda alguns dias em Cuiabá. Havia eu contratado para remadores uns doze índios Guanás; mas, na hora da partida vimos que todos eles haviam desertado. Aconselharam-me muito a esperar que fossem pegados, coisa que não poderia deixar de acontecer mais dias, menos dias, diziam-me fleugmàticamente os brasileiros. A verdade é que eu não podia atrasar minha viagem, pelo que, depois de

inúteis esforços para conseguir nova equipagem, resolvi tentar a navegação com os poucos recursos que nos restavam. Baseei esta resolução no facto de que, na primeira parte da viagem, não nos era necessário mais do que seguir a correnteza, rio abaixo.

Enquanto concluíam o carregamento das embarcações, divertimo-nos com o espectáculo animado de uma boiada que se fazia atravessar o Cuiabá a nado. Tocavam-na para diante, com altos gritos, homens embarcados em pequenas canoas.

Eram três e meia da tarde quando saímos do porto; numa embarcação íamos o Sr. Deville e eu, e na outra iam os Srs. d'Osery e Weddell.

O rio é muito sinuoso e a correnteza tem a velocidade de dois nós e meio a três nós. Sombreia-lhe as margens espessa vegetação, onde todavia são raras as árvores de alto porte e as palmeiras. Passamos logo em frente de uma aldeia de índios Guanás, situada na margem direita e constituída pela reunião de várias famílias. Anteriormente, já tínhamos visto dois aldeamentos semelhantes. Um pouco mais abaixo fica a boca do Coxipó-Mirim, a qual tem uns vinte metros de largura. Passávamos a cada momento em frente a engenhos de açúcar e íamos encontrando sempre embarcações carregadas de mercadorias ou canoas tripuladas por índios. Às cinco e meia da tarde paramos para o jantar; depois, às oito e meia da noite, continuamos a viagem, até uma e meia da madrugada. O resto da noite passamos num pequeno banco de areia. As praias do rio estavam cobertas pelas águas, que naquela estação inundam as margens até considerável distância, formando banhados temporários, conhecidos pelo nome de pantanais. Nossa marcha tinha sido de uma légua e meia por hora, em média; deste modo, podemos calcular que a jornada total devia ter sido de dez léguas e meia a onze léguas.

No dia 28 partimos às cinco horas da madrugada, só parando às dez da manhã para o almoço, numa casa situada à beira do rio, cujas margens são aí bastante povoadas e cultivadas aqui e ali. Durante a jornada, ainda fizemos duas paradas, continuando a viagem até às onze da noite, quando chegamos à casa do Sr. Anacleto, depois de um percurso total de dezessete léguas. Durante esse trajecto passamos, primeiro, pela embocadura do rio Aricá-Uaçu e depois, pela do Aricá-Mirim. Às três horas da tarde a temperatura era de 28°.5.

A pequena distância do lugar em que paramos para passar a noite ficava a fonte termal que o Sr. Deville tinha visitado, indo por terra. Tinha eu o maior desejo de conhecê-la; mas, para sair da baía do Frade, também chamada de Água Quente, por onde deveríamos seguir para chegar até lá, seria necessário, segundo nos informou o Sr. Pais, pelo menos um dia inteiro de penosíssimo trabalho. Tive receio de tentar a difícil empresa com a reduzida equipagem de que dispunha, abandonando por isso o meu projecto de ver a fonte, não sem bastante pesar.

Como nos tinham prevenido, aumentava cada vez mais a quantidade de mosquitos, não sendo pequeno o mal que eles nos faziam. Estes insectos são de tal modo temidos em toda a zona, que ninguém se atrevia a viajar na estação em que estávamos. Os índios, particularmente, têm deles verdadeiro pavor, pelo que se atribuía a esse flagelo a fuga dos nossos remeiros. Pelo mesmo motivo, todos os Guanás que encontrávamos negavam-se a nos acompanhar. Para nos vermos livres deles durante alguns instantes, o único recurso era nos metermos debaixo dos nossos mosquiteiros, os quais eram feitos para poder ser armados dentro das próprias canoas; mas fazia dentro deles um calor insuportável, de modo que ao despertar nos víamos como que imersos num banho de água morna.

Os homens estavam sempre dispostos a começar a viagem ao raiar do dia, pois é nas primeiras horas que os mosquitos mais atormentam; assim, no dia 29, já às cinco horas da madrugada nos púnhamos a caminho. Às oito horas e meia fizemos uma parada numa capelinha situadada no meio da mata e próxima de uma escola cujo professor nos recebeu o melhor que pôde. Dão a esse lugarejo o nome de Melgaso ([1]). E' ele formado de duas casas cobertas de telha e várias palhoças. Pertinho dali, nas proximidades mesmo das habitações, pendurados das árvores, via-se em grande quantidade os compridos ninhos do lindo japuzinho preto e amarelo ([2]), muito abundante na zona. A vegetação marginal do rio tornava-se cada vez mais exuberante; em alguns pontos a frondosa mata vinha até a beira do rio, permitindo-nos ver de quando em quando bandos de guaribas, ou macacos berradores, a se exercitarem sobre os grossos cipós que amarram as árvores umas às outras. Por baixo desta rede inextricável de caules e de troncos comprimia-se outro matagal, formado de plantas aquáticas, algumas das quais, de enormes folhas como as da bananeira, ostentavam no alto belas inflorescências de cor vermelho-alaranjada. Em certos pontos uma gigantesca gramínea (*Gynerium saccharoides*), substituía qualquer outra vegetação. Esta planta é conhecida pelo nome de ubá; os selvagens se servem de suas hastes para fazer flechas de dois metros de comprimento e extremamente leves.

A certa altura da viagem, avistamos na margem vários índios, que trabalhavam num engenho de açúcar pró-

---

(1) No original "Mergas". Há pouca dúvida em que se trate do nome bem conhecido de um dos mais notáveis administradores da província de Mato Grosso.

(2) E' o "joão-conguinho" dos goianos, "japi-im" dos paraenses e Cacicus cela Lin. dos naturalistas.

ximo. *Veio-me a ideia de convidar alguns a fazer parte da* nosso pessoal, mas o medo da *praga* [1] os impediu de aceitar minha proposta. Estes índios eram Guanás; mas, *no meio deles havia um Guató, acompanhado de suas três* mulheres, que nos vendeu dois bonitos peixes mortos a flechadas. Via-se em sua canoa uma comprida lança, de ponta aguda de ferro, usada pelos de sua tribo no combate contra a onça.

Paramos à noitinha noutro engenho, que ainda estava em construção. *Vimos também aí muitos Guanás, com* suas mulheres e filhos. Neste mesmo lugar vimos pela primeira vez uma ave muito curiosa, a *chaja* de Azara, *Parra chavaria* de Lineu. Tem ela o porte de um peru e é de cor quase preta, com as patas pardas, muito fortes; nos hábitos aproxima-se muito da anhuma, pelo que é conhecida entre os naturais pelo nome de anhuma-poca. Pode considerar-se esta latitude como o limite extremo de sua distribuição para o norte; mas ela habita toda a bacia do Prata e é encontrada a pouca distância de Buenos-Aires.

O *dono da casa era um* velho, que morava em companhia de seus seis filhos; fez-nos ele presente de vários doces feitos com açúcar muito bonito, de sua fabricação. Contou-nos também que, na outra margem do rio, à esquerda, os índios Coroados habitantes do rio São Lourenço faziam às vezes incursões, matando pessoas e animais.

O trajecto total da jornada tinha sido de onze léguas e três quartos.

O rio, que aí era um pouco mais estreito, tinha correnteza mais forte do que no dia anterior e descrevia curvas ainda maiores. Passamos pela boca do ribeirão Cru-

---

(1) Em português, o nome significa o mesmo que peste e é empregado aqui com relação aos mosquitos.

re [1] e em frente à entrada de um braço ou furo do Cuiabá, chamado Piraim e largo de uns trinta metros. O engenho em que passamos a noite tem o nome de Cuiabá Mirim.

A 30, partimos ao raiar o dia. O rio era muito sinuoso; nalguns pontos estreitava-se muito, apresentando em geral uma profundidade de duas braças e meia. Às sete horas passamos diante das últimas casas. As margens do rio estavam cobertas pela água; por todos os lados estendiam-se imensos pantanais, sendo a muito custo que achamos um ponto seco para descer e almoçar. Achávamo-nos então num braço situado do lado direito do rio Cuiabá e conhecido por Braço Acurutuba, do nome da fazenda por ele banhada. Este canal é muito sinuoso e de correnteza muito forte; sua largura varia de vinte e cinco a trinta metros e suas margens são povoadas de aves aquáticas. Mal desembarcamos, veio pousar nas árvores próximas enorme quantidade de urubus; estavam de tal modo esfaimados que parecia querer disputar a nossa comida. Contudo, mantiveram-se a distância até o momento em que partimos, quando se precipitaram em nuvem sobre os restos por nós deixados. Às duas horas avistamos alguns índios Guatós, não tardando virem ao nosso encontro várias canoas. Andam estes índios nus, com um pequeno pedaço de pano amarrado à ilharga; alguns, de chapéu de palha, tinham os cabelos erguidos e amarrados por sobre a cabeça. Vimos diversos com o lábio inferior furado e atravessado por um pedaço de pau. Todos tinham um pequeno penacho atravessado em cada orelha. Os Guatós usam bigode e barba comprida; possuem nariz aquilino e olhos direitos;

---

(1) Não foi possível encontrar este córrego nos mapas, nem tampouco verificar a exactidão do nome, que o Autor escreve Crouare. (Nota do trad.).

seus traços são geralmente muito bonitos e embora tenham a mesma cor dos outros índios, o seu aspecto lembra o dos europeus. Cada homem possui de duas a quatro mulheres, mas alguns há que têm dez e até mesmo doze. São muito hábeis em manejar o arco. O hábito que têm de viver sempre acocorados no fundo das embarcações é sem dúvida a causa de terem as pernas levemente desviadas. Suas canoas são pequenas e estreitas, não cabendo mais do que quatro ou cinco pessoas; para governá-las usam eles, à guisa de remos, varejões muito compridos e de ponta aguçada. Estes índios têm o temperamento muito afável e até mesmo tímido, embora dêem a impressão de possuir grande força muscular; a maioria deles fala o português. Voltaremos a tratar mais longamente desta interessante nação quando tivermos de estudá-la nos grandes lagos do Paraguai.

Passamos por um enorme bando de macacos berradores, cuja voz retumbava em toda a redondeza da mata, lembrando os rugidos do tigre. Nesse trecho do rio começamos a encontrar um número prodigioso de peixes; tinham em geral o tamanho da carpa e pertenciam à espécie designada pelos brasileiros pelo nome de *pacu*. E' excelente a carne deste peixe, de que alguns exemplares alcançam setenta centímetros de comprimento. Para pescá-los isca-se o anzol com alguma fruta, pois qualquer outro engodo seria devorado pelas piranhas, não obstante a abundância destas últimas não ser tão grande como no Araguaia e pertencerem elas a espécie diferente, de colorido cinzento. O pacu pertence ao gênero *Characinus* de Artedi e ao subgênero *Curimate* de Cuvier.

Tinha eu levado comigo um pescador profissional de nome Alexandre, o qual nos foi utilíssimo durante toda essa viagem. Não tardamos a entrar novamente no rio, cuja largura, que em Acurutuba era de cerca de quarenta metros, subiu dentro de pouco a perto de setenta. Pas-

samos nesse dia pela embocadura de alguns ribeirões, percorrendo ao todo uma distância de treze léguas e meia. Às quatro horas e um quarto da tarde, a temperatura da água do rio era de 30°.2, *enquanto a da atmosfera era quatro graus mais elevada*; durante a noite a da água caía a 28 graus. Paramos para dormir na baía do Carandá Grande, situada na margem direita.

No dia seguinte, sendo absolutamente impossível conciliar o sono por causa dos mosquitos, partimos à uma hora da madrugada. Duas horas depois fomos surpreendidos pelo grito de uma sentinela postada na margem do rio; abicamos imediatamente, deparando com uma porção de soldados que vinham de Piquiri. Clareando o dia, começou o ronco dos *guaribas*. De manhã fizemos uma parada para almoço, sempre importunados pelos mosquitos. No lugar em que descansamos de noite, foi morta uma anhuma-poca. O grito desta ave lembra o do pavão; mas há nela algumas notas características, que só podem ser comparadas com o ruído produzido por um velho gonzo enferrujado. Gosta a anhuma-poca de empoleirar-se nos espessos tufos de vegetação, arredondados como berços, que se vêem espalhados pelo pantanal; ela consente que se chegue muito perto, mas tem a plumagem tão fornida que o próprio chumbo só com dificuldade a atravessa. Voa pesadamente e sabe também nadar, embora só o faça raramente. A pele apresenta a singular particularidade de possuir, em toda sua extensão, numerosas vesículas cheias de ar, que a fazem crepitar sob a pressão dos dedos.

Passamos defronte da saída do furo de Piraim, cuja entrada havíamos visto durante a jornada do dia 29. Avistamos igualmente a boca do rio Negrinho, afluente da margem esquerda, bem como as duas extremidades de um furo que fica na margem direita e só existe na estação chuvosa. Ficamos conhecendo também o que chamam Furado do Rio; é um lugar em que o rio, rasgando uma es-

pécie de dique natural, abriu uma passagem directa, entre os dois braços de uma grande curva que ele ali fazia antigamente. Passamos pela barra do rio Macho-Grande (1), indo parar no lugar chamado Cassangê, do nome de uma fazendola situada nas proximidades, a qual só é habitada durante a estação seca.

Viajamos toda a noite, até a manhã do dia 1.º de Fevereiro; íamos todavia muito devagar; pelo que não fizemos ao todo mais de dezoito léguas. Parece que da fazenda de Cassangê à cidade de Poconé não há mais que um dia de caminhada, por terra. Navegamos também toda a noite de 1.º de Fevereiro; o rio de ordinário era muito estreito com muitas árvores derrubadas a atravancar-lhe o curso. Várias anhumas-pocas foram mortas pelos nossos caçadores. A falta de praias, motivada pelas inundações, devia ser a causa da raridade de aves aquáticas; em compensação, nunca em iguais circunstâncias encontramos tão grande quantidade de aves da mata. Não só os jacus, como os mutuns, eram comuníssimos, a carne de uns e outros sendo de alto recurso para os viajantes.

Durante a noite desabou violenta tempestade, retardando a nossa marcha; por isso, até o lugar em que paramos, não tínhamos feito mais de doze léguas. Ao longo do percurso fomos encontrando as bocas de muitos córregos, dos quais o mais importante é o chamado Uaçuzinho. Descansamos um pouco na "tapera" de Bananal antigo pouso dos paulistas; seguimos depois por um braço de igual nome, que tem três léguas e meia de comprimento e uma largura que varia de quarenta a sessenta braças. Quanto ao braço da Forquilha, observamo-lo apenas na entrada e na saída. Como nos dias anteriores, todo o terreno era

---

(1) "Machu-Grande" no original. O rio não aparece nos mapas. (Nota do trad.).

chato e inundadas as duas margens do rio, motivo pelo qual nenhum estudo geológico se tornava possível.

O dia 2 foi de chuva; saímos às cinco da manhã, alcançando às dez horas a confluência do São Lourenço com o Cuiabá, depois de passar pelas bocas de entrada e de saída do Braço dos Três Irmãos. Dos dois rios o mais largo é o São Lourenço; tem ele cerca de cento e sessenta metros, ao passo que o Cuiabá não tem mais de cento e quarenta. Após a junção, o São Lourenço alcança cerca de duzentos metros de largura; sua correnteza todavia diminui, não indo além de duas milhas por hora. A distância entre o nosso ponto de partida pela manhã e a confluência é de seis léguas e meia, mais ou menos. O mau tempo, contrariando nossos planos, não consentiu que determinássemos a posição geográfica da referida embocadura. Começamos em seguida a descer o São Lourenço, não tardando a encontrar uma porção de canoas de índios Guatós, os quais nos acompanharam durante quase toda a jornada. À noite, passamos pela embocadura do rio Negro, rio pequeno que é o único afluente a desaguar no São Lourenço até juntar-se com o Paraguai. Na margem esquerda do São Lourenço fica o pequeno furo chamado da Sepultura. O caminho total percorrido tinha sido de dezessete léguas.

No dia 3 toda a viagem não nos foi mais do que um longo tormento, pois fomos perseguidos sem descanso por miríades de mosquitos. Com estes insectos sofriam horrìvelmente os próprios Guatós. Nossos cães a cada passo davam grandes gritos de dor, a custo conseguindo nós impedir que se atirassem n'água, onde de certo seriam estraçalhados pelas piranhas. Assim que saltávamos em terra, estes pobres animais cavavam na areia um buraco para se enterrar. Não podíamos ficar sossegados um minuto sequer; para comer, precisávamos às mais das vezes andar apressadamente para um lado e outro, parecendo que este

movimento afastava de nós aqueles insectos por alguns minutos. Entretanto, os homens de nossa equipagem, sabedores por experiência longa que a nuvem dos mosquitos *não sobe acima de 5 ou 6 metros do solo*, toda vez que parávamos trepavam logo nas árvores, para lá fazerem a sua refeição.

Passamos pelas bocas de entrada e de saída do Braço do Caracará, situado na margem esquerda do rio principal. Avaliamos em dezessete léguas a distância total percorrida desde as 6 horas do dia 3 até as mesmas horas do dia 4.

À noite fomos visitados por vários índios Guatós. Um deles, chamado João, tinha onze mulheres. Na escuridão da noite, era espectáculo dos mais curiosos o destes índios, em pé na proa de suas canoas, que hàbilmente sabiam manobrar por meio dos compridos varejões. De cabeleira revolta, como se fosse uma crina agitada pelo vento, davam às vezes a impressão de sombras saídas do seio das águas. Destas viagens silenciosas através de uma região quase desconhecida ficaram-me profundas recordações; nosso sono, interrompido por essas inesperadas aparições, era apesar de tudo mais reparador do que costumam ser os que no alarido das cidades nos é imposto pelo simples cansaço.

Ao despontar do dia 4 víamos diante de nós uma linda cadeia de montanhas, ou antes cumes do mais extravagante aspecto, que pareciam dispostos para nos impedir a passagem. Era a Serra Dourada, que serve de limite entre o Brasil e a Bolívia e se estende ao longo da margem direita do rio Paraguai. Ela parece formada de grés, com camadas de calcário interpostas. Esta cadeia assinala o curso do rio Paraguai, com o qual forma ângulo quase recto o rio por onde íamos. Paramos para almoçar em frente a um pequeno braço do Paraguai, que desemboca no São

Lourenço, formando a chamada Barra Antiga. Não tem ele mais de 150 metros de largura e está muito obstruído pela areia. Nesse ponto existem algumas choças de índios Guatós, como também plantações de milho e de cana-de-açúcar. Às dez da manhã alcançamos o rio principal, aliás aqui de largura quase igual à de seu confluente. Logo depois da junção o Paraguai tem cerca de 300 metros de largura; mas não tarda a atingir 400. Tínhamos feito ideia exagerada dos efeitos desta junção, os quais sob qualquer ponto de vista são bem inferiores aos que resultam da união do rio Crixás ao Araguaia.

CAPITULO XXIII

DESCIDA DO RIO PARAGUAI; CORUMBÁ, ALBUQUERQUE E NOVA COIMBRA.

As águas do rio Paraguai sobem até o mês de Março, mantendo-se estacionárias durante os meses de Abril e Maio e começando a descer no curso do mês de Junho. Entramos num pequeno braço de 15 a 20 metros de largura, que se abre na margem direita e tem o nome de Amolar. Ao sair deste braço depara-se com um morro de grês chamado Pedra de Amolar, o qual é banhado em suas faldas pelas águas do rio, cuja direcção muda bruscamente a partir deste ponto, formando um ângulo recto.

A serra, que se havia afastado cada vez mais, abaixando gradualmente, quase desaparecia agora da vista e era apenas representada por alguns contrafortes pouco elevados. Gastamos o dia todo para fazer treze léguas e meia; nossa descida de certos trechos do rio Paraguai tendo sido feita com muita lentidão. Continuamos a viajar durante a noite. Nestas ocasiões os remadores costumavam trabalhar até meia-noite, amarrando depois daí as embarcações umas às outras e deixando-as descer ao sabor da correnteza. Um único homem tomava então conta da direcção, enquanto todos os outros dormiam no fundo do barco. Durante essas viagens pelos rios, muitas vezes tivemos a nossa atenção despertada por um ruído singular, que nos cer-

tificamos depois ser produzido por certos peixes chamados cascudos, abundantes nos pontos em que o rio é mais raso.

No dia 5 só conseguimos fazer nove léguas e meia, deixando muitas vezes o leito principal do rio, para navegar em pequenos braços de 25 a 30 metros de largura. Passamos pela embocadura do Paraguai-Mirim. Todavia, como depois do meio-dia sobreviesse forte tempestade, fomos obrigados a parar, acabando por suspender a viagem, visto continuar o temporal.

À nossa direita via-se sempre a serra, mas agora a distância maior do que no dia anterior. As árvores da mata eram geralmente de pequeno porte e insignificante aparência. O pantanal estava invadido por uma grande *malvácea e uma convolvulácea*, ambas portadoras de flores cor-de-rosa. Flutuava em grande quantidade junto às margens do rio uma *Pontederia*, não sendo raro avistar-se em pleno rio pequenas ilhotas da referida planta, descendo ao *sabor da corrente*. Nessa região era muito pequeno o número das plantas interessantes, ocorrendo-me citar apenas uma aristolóquia de flores róseas, grandes como a palma da mão e de cheiro almiscarado.

A 6 choveu durante todo o dia, caindo ainda sobre nós uma grande tempestade. Como a água da chuva estava em temperatura bem mais baixa do que a do rio, formou-se sobre este denso nevoeiro; também, à tardinha, quando paramos, fazia tanto frio que os nossos homens tiritavam junto ao fogo. Em compensação, esta queda da temperatura valeu-nos o desaparecimento quase completo dos mosquitos, o que era bastante para nos dar por bem pagos do frio que sentíamos. Só os que experimentaram os tormentos ocasionados por aqueles insectos são capazes de avaliar o bem-estar e o repouso que se sente quando qualquer inesperada circunstância atmosférica nos põe a salvo deles. Tínhamos armado nosso acampamento perto de uma enorme figueira chamada pela gente de Cuiabá "figueira

da Falha". Passamos ainda por um outro furo do rio, situado na margem esquerda, o qual forma a ilha de nome Pimenteira. Continuava ainda à vista, sempre do lado direito, a Serra Dourada, porém cada vez mais distante e mais baixa. O rio, cuja largura era mais ou menos de 400 metros, continuava a descrever muitas curvas e tinha muito pouca correnteza. Não obstante, fizemos dezesseis léguas e um quarto antes de chegar à Corumbá, ponto situado no alto de um morro à margem do rio Paraguai, cuja margem direita se expande ali numa espécie de baía.

No dia 7, ao clarear o sol, chegamos ao vilarejo de Corumbá, mais conhecido na zona pelo nome de Povoação. A população orça por uns cem habitantes e é formada de uma mescla de brancos, de índios e de negros, descendentes de indivíduos deportados para esse lugar, que foi outrora um presídio. Havia em Corumbá setenta pessoas adultas, cinquenta das quais eram mulheres, o que significa que a relação entre estas e os indivíduos do sexo masculino é de dois e meio por um. O povoado possui uma igrejinha em ruínas, diante da qual fica o posto militar, composto quando lá estivemos de três soldados apenas. De cada lado fica uma fileira de dez casabres unidos uns aos outros de modo a formar uma casa única e tendo como fecho das portas e janelas um simples couro de boi. E' muito bonita a vista que se descortina do lugar; na vasta planura coberta de mata que se estende aos nossos pés, corre o imponente rio Paraguai, descrevendo grandes meandros e formando uma bacia de tão grande profundidade que se tem a impressão de tratar-se de outro rio. A oeste a paisagem é limitada pela Serra dos Dourados, que se avista no horizonte com os seus contornos extravagantes e a sua coloração violácea. Mais para o fim da estação toda a verdejante planície desaparece submersa num imenso lençol de água.

Corumbá foi fundada em 1776, pouco depois de Nova Coimbra. Actualmente a maioria de seus habitantes mudou-se para Albuquerque. Na margem esquerda do Paraguai fica o caminho que une Corumbá à cidade de Cuiabá, mas apenas utilizável durante os três meses mais secos do ano.

O que há de mais notável em Corumbá é a formação calcária sobre a qual assenta a povoação e que a rodeia de todos os lados. Manda-se deste calcário para Cuiabá, fabricando-se também com ele, no próprio local, uma certa quantidade de cal, que é exportada tanto rio acima como águas abaixo. Esta formação calcária é das mais curiosas e oferece feições muito particulares. A base do terreno, até um ou dois metros acima do nível das águas do rio na ocasião de nossa passagem, é constituída de xistos argilosos, cinzentos e quase horizontais, ou com mergulho muito leve para o norte. A camada superior destes xistos contém nódulos brilhantes que parecem de natureza calcária. Acima dos xistos ergue-se uma muralha de pedra branca, que parece formada de um calcário compacto e silicífero. Na contextura mesma dessa rocha é que se encontra o calcário fétido, em grandes blocos empastados e semelhantes a pedras roladas. Este calcário é por conseguinte um pudingue, podendo afirmar-se que a sua posição não é a mesma em que foi primitivamente depositado. Tem cor prêto e fractura cristalina, afirmando os habitantes do lugar que tanto mais escuro é ele, tanto melhor se presta para o fabrico da cal. Garantiram-nos também que nunca se encontram nele vestígios de fósseis. De resto, tem ele a aparência do mármore negro. A ganga que o contém é formada de elementos muito diferentes no que diz respeito à dureza e à composição; pois sendo exposta ao contacto da água e do ar ela se decompõe, dividindo-se em fragmentos da mais extravagante maneira. Os habitantes de Corumbá utilizaram-se da acção daqueles dois elementos para ex-

plorar o material em apreço. Eles deixam que os blocos desmoronados da colina se fragmentem por si mesmos, esperando que fique fácil a extracção dos nódulos calcários envolvidos pela ganga, os quais são submetidos à acção do fogo em pequenos fornos redondos. Afora o calcário, a ganga encerra ainda pedaços de quartzo e camadas avermelhadas, de mistura com outras mais brancas. Parte da escarpa que domina essa singular formação é recoberta por uma espessa vegetação de piteiras de longas hastes, e por gigantescos cactos, entremeados de arbustos, entre os quais se alçam os caules prateados das imbaúbas. Na ocasião em que fazíamos as nossas observações geológicas vimos na margem do rio uma dúzia de urubus a se disputarem os pedaços de um magnífico peixe, conhecido na terra pelo nome de dourado; das escamas brilhantes, ainda molhadas, partiam verdadeiras cintilações. Com o sol voltaram os mosquitos, pondo-nos num estado de excitação febril, difícil de descrever.

À uma hora da tarde deixamos Corumbá, prosseguindo em nossa viagem. Passamos sucessivamente pelas duas bocas de um pequeno braço situado no lado direito, depois, à esquerda, pelas embocaduras do Paraguai-Mirim e do Formigueiro, que é, este último, o braço do rio Taquari pelo qual os paulistas entravam no rio Paraguai. A margem direita só nos mostrava uma terra constantemente chata, ao passo que a esquerda era acidentada, mostrando uma série de colinas, formadas provàvelmente de grés e subordinadas à Serra Dourada. Nossa jornada foi nesse dia de nove léguas e meia.

No dia 8, como de costume, viajamos rio abaixo a noite toda. Pela manhã, o Sr. d'Osery, tendo saído a caçar na canoinha que tínhamos para esse fim, avistou de repente uma onça, escondida no meio do capinzal alto. O bicho, assim que o viu, levantou-se, fugindo. Nosso piloto, cuja vida se tinha passado toda naquele rio, contou-nos que es-

tando certa noite a pescar sòzinho em sua canoa, saltou certa hora em terra para descansar. Tendo caído no sono, apareceram perto duas onças, que o fizeram dar logo um pulo para a canoa, assustando com isso e fazendo recuar as feras; estas, porém, passado o primeiro susto, voltaram à carga. Contudo, conseguiu nosso homem dar violenta paulada com o remo na cabeça de uma delas e por a canoa a flutuar. As onças, porém, jogaram-se no rio, perseguindo-o a nado, até o momento em que ele conseguiu pegar da espingarda e balear o macho, matando-o. A fêmea achou então melhor voltar para terra. Disseram-me os índios que é frequente serem as canoas atacadas pelas onças, e que nesta espécie a variedade que mais temem é a preta, capaz de alcançar enorme tamanho.

Passando em frente de algumas pequenas ilhas, alcançando às onze horas a barra do rio Taquari, que neste ponto tem quase cento e cinquenta metros de largura. Estávamos ocupados em determinar a posição geográfica do lugar, quando avistamos uma canoa vindo em direcção a nós; viajava nela o cura de Albuquerque, que ia para Cuiabá. Nas proximidades da embocadura do Taquari, vimos nos troncos das árvores a marca das grandes enchentes do ano de 1833. Na ocasião em que passamos, o nível das águas do rio, embora já tivesse subido cerca de um metro, ainda estava quatro metros e meio abaixo da referida marca. Durante aquela enchente, uma das maiores que se tinham visto desde que o rio foi descoberto, os campos da margem esquerda ficaram inundados até uma distância de mais de cinco léguas. Prosseguimos em nossa viagem às três horas e meia da tarde, perlongando a princípio várias ilhotas, passando em seguida pela foz do rio Miranda, ou Mondego, e chegando a Albuquerque às onze horas da noite. Tínhamos feito ao todo, neste dia, quase doze léguas.

Na manhã do dia 9, ao sair dos nossos mosquiteiros, verificamos que estávamos no fundo de uma estreita e pantanosa baía, pois o porto de Albuquerque, que na época das secas fica à margem do próprio rio Paraguai, na estação das águas aproxima-se de mais de um quarto de légua do povoado. Já o nosso excelente furriel tinha ido de noite levar ao comandante de Albuquerque os nossos passaportes e as nossas cartas de recomendação. Assim, mandados por aquele oficial, cedinho já estavam à nossa espera os cavalos que nos levariam ao posto, e bem assim um lugar-tenente, para nos servir de guia. No momento em que íamos partir para a povoação, fomos rodeados por mulheres índias, que em nossa honra entoaram um curioso concerto. Depois de uma meia hora de viagem chegamos a Albuquerque, que fica òptimamente situada no meio de uma bela planície, rodeada de aldeias indígenas. Por cima dos tectos das palhoças víamos erguerem-se de todos os lados as grandes folhas das bananeiras e as copas das elegantes palmeiras, reunidas em grupos. No fundo, víamos altas montanhas, cobertas de vegetação espessa. O capitão comandante era um homem magríssimo, de semblante horrìvelmente triste; estava de luto, pelo facto, segundo nos contaram, de haver contraído pela manhã um casamento *in extremis*. Era aliás boa pessoa, e tratou-nos o melhor que pôde. Levou-nos para a casa que havia mandado arranjar para nós e onde não tardou que fôssemos rodeados por uma multidão de índios, pertencentes às numerosas tribos que habitam a redondeza. Alguns destes índios não tinham visto senão muito poucos homens brancos; nunca haviam saído do Grão-Chaco e tinham chegado ao povoado poucos dias antes. Contaram-nos ainda que tinham massacrado a população de uma aldeia espanhola e que, sentindo-se perseguidos, vieram pôr-se sob a protecção da guarnição brasileira. Pertenciam esses índios à raça dos Guaicurus,

nação cavaleira, que leva vida errante nas vastas planícies da região.

Albuquerque, que até 1810 não era mais do que uma fazenda real, guardada por quatro soldados comandados por um cabo, passou a povoação em 1826, e a freguesia em 1833. Possui cerca de setenta casas, quase todas de barro. Algumas são caiadas e duas ou três são cobertas de telhas. Estão quase todas alinhadas dos dois lados de uma rua muito larga. que é antes uma praça, com uma capela *numa das extremidades. No meio do largo fica* uma grande cruz e, debaixo de um barracão, vêem-se dois canhões. O número de moradores brasileiros é apenas de setenta e seis. incluída a guarnição. que é de quarenta soldados. Vêm todavia visitar constantemente a cidade mais de dois mil índios moradores das cercanias; alguns fixaram até residência no povoado. Albuquerque fica encostada aos morros do mesmo nome, os quais são provàvelmente ramificações da Serra Dourada, fazendo embora parte da cadeia chamada pelos bolivianos de Santa Luzia. Albuquerque centraliza o comando da defesa fronteira do Brasil com o Paraguai, ficando a ela subordinados os comandantes de Nova Coimbra e de Miranda. Esses três pontos, como aliás todos os estabelecimentos militares de fronteira, são presídios para onde se mandam os condenados.

O aldeamento mais próximo de Albuquerque fica situado perto de uma linda montanha, no meio de um grande bananal; é habitado por uma tribo de índios Guaicurus, conhecida pelo nome de Uaitiadeus. Toda indústria destes índios resume-se em redes e tangas de tecido de algodão, cuja fabricação aprenderam com os brancos. Os tecidos que fazem são tingidos de pardo, ou de cinza, por meio da casca de certas árvores, e as plantas que cultivam são as mesmas dos brasileiros. Na sua maioria, acham-se êstes índios convertidos ao catolicismo; andam quase nus,

usando apenas, à volta do corpo, um pedaço de pano de algodão. Há nesse aldeamento vinte e cinco casas, todas em forma de barracões sem paredes laterais e cobertas de palha. Estão dispostas em semicírculo, em cujo centro se vê uma cruz, junto à qual são enterrados os defuntos, envoltos numa esteira. As palhoças têm mais ou menos dez metros de comprido e são sustentadas por troncos de palmeira; há no seu interior e estendido ao longo de todo o seu comprimento, uma espécie de tablado, alto de um *metro acima* do solo. Este tablado serve de cama e é forrado com esteiras. Pendurados aos esteios do barracão, vêem-se as armas pertencentes aos moradores, tais como lanças, arcos, flechas, bordunas, etc., além de grandes balaios de vime e cabaças. A cozinha resume-se num fogão feito de algumas pedras amontoadas no meio da casa. Vimos a pastar nos arredores os cavalos pertencentes à tribo, aliás magríssimos.

Quando chegamos a Albuquerque, achava-se aí de passagem uma outra tribo da mesma nação de que estamos tratando, a dos Cadiueus, muito mais selvagem do que a precedente. Tinha ela vindo pouco antes do Grão-Chaco, fugindo à perseguição dos Inimás, tribo contra a qual haviam praticado alguns actos de hostilidade. Os Cadiueus pintam o corpo com genipapo, desenhando nele figuras muito regulares, feitas de linhas concêntricas e de bonitos arabescos. Por singular capricho, os Cadiueus nunca pintam da mesma cor os dois lados do corpo, sendo muito comum verem-se indivíduos com um lado vermelho e o outro branco. Isso lhes dá uma aparência diabólica. E' também frequente pintarem as mãos de preto, dando a impressão de estarem de luvas. As mulheres usam mais ou menos os mesmos desenhos, mas as tatuagens de sua pele são indeléveis, nunca mais podendo ser removidas.

A mulher do principal da tribo, chamada Etacadauana (a agulhinha) tinha o rosto enfeitado de figuras regulares, mas não incrustadas; o corpo era todo malhado como o da pantera e usava os cabelos presos com um pente muito parecido com os das mulheres espanholas, mas encimado de uma cabeça de cavalo. A maioria das mulheres ostentava no peito um desenho muito curioso, que também era visto, com grande espanto de nossa parte, nas ancas dos cavalos e nos lados do corpo dos cachorros. Soubemos depois que se tratava da *insígnia do chefe da família, o qual a imprime* em tudo quanto lhe pertença. Todos os índios dessa tribo traziam no pescoço colares de prata, feitos de cilindros enfiados e produto de roubos cometidos sobre os espanhóis.

Os *Guaicurus são óptimos cavaleiros*, acostumados à vida errante no Grão-Chaco, e refractários à fixação em qualquer morada permanente. Na vastidão do deserto estão eles em contínua movimentação, um minuto bastando para montarem nos cavalos as mulheres e crianças, juntamente com as esteiras, os couros e os próprios cães, e partir logo todo o bando a galope. Não vivem senão do saque e dos assaltos que praticam, cometendo não raro espantosos morticínios. Nas épocas de abundância desperdiçam em poucos dias o que lhes poderia servir para meses inteiros. Acontece-lhes às vezes não ter outra coisa para comer senão reptis e insectos, sendo muito felizes quando em suas extensas excursões encontram nos matos alguns frutos agrestes e algumas gotas d'água escondidas da evaporação na concavidade de certas folhas coriáceas.

Subsiste entre os dessa tribo tradição muito curiosa. Quando criou o mundo, o grande espírito deu a cada povo uma certa particularidade, cabendo aos brancos o génio comercial e a outros o instinto da agricultura. Os Guaicurus, sentindo-se esquecidos, procuraram então o grande

espírito, para levar-lhe as suas queixas; percorreram assim as vastas solidões do Grão-Chaco, interpelando todos os animais e plantas que encontravam pelo caminho. Encontraram finalmente o Caracará, que dirigindo-se a um deles, disse: Tu te queixas, e entretanto recebeste o *melhor quinhão*; pois uma vez que nada te coube na partilha, tens o *direito de tomar tudo quanto tiverem os outros; foste esquecido*, e portanto poderás matar todos que encontrares. Não esperou o Guaicuru para seguir essas instruções, pegando logo de uma pedra e com ela matando o Caracará. Gabam-se os Guaicurus de ter depois daí seguido fielmente aquela lição. Parece que estes índios tiveram sempre a crença na imortalidade da alma: acreditam que a *dos chefes, como a dos feiticeiros, uma* vez desprendida do corpo, passa a voltear em torno da lua, ao passo que a das outras pessoas fica vagando pelas planícies e campos.

Vimos no meio desses selvagens alguns escravos feitos por eles entre os índios Caioás. Era fácil reconhecer estes *últimos pela cor comparativamente* mais clara; muitos tinham até cabelos louros, embora fossem, segundo nos disseram, de sangue puro.

Os Caioás, que, como já dissemos, habitam a região das cabeceiras do rio Branco, são inofensivos; falam *língua completamente diversa da* dos Guanás e dos Guaicurus; vivem nus, dormem no chão e andam a pé.

Alguns Guaicurus possuíam rédeas muito curiosas, feitas com o cabelo das mulheres. Não demonstravam nenhuma estima por estes objectos, vendendo-os *em* troca de facas.

Há na imediata vizinhança de Albuquerque um outro aldeamento, que pertence aos Guanás ou Uanás. Compõe-se de sessenta casas dispostas em quadrado e contíguas umas às outras, de modo que cada lado do quadrilátero forma uma só *construção. No meio do quadrado* ergue-se uma

cruz. As casas, de paredes de barro e tecto de palha, são entretanto bem feitas; copiam na forma a dos brasileiros e contêm razoável mobiliário, como sejam camas feitas de um couro esticado entre paus, cabaças, utensílios de tecelagem, armas, etc. Os Guanás são trabalhadores e ocupam-se da agricultura; plantam cana-de-açúcar, arroz, algodão, mandioca, feijão, banana, milho, cará e batata doce; constroem engenhocas para moer cana, fabricam rapadura e distilam aguardente em alambiques de barro, com um cano de espingarda servindo de pescoço. Fabricam também vasilhas de barro. As mulheres fiam o algodão, com que fazem lindos ponchos, tingidos com anil ou curcuma. Utilizam ainda uma tinta parda, que tiram da casca de uma árvore chamada maiquê. As outras cores que às vezes se vêem nos seus tecidos provêm de panos europeus, desmanchados especialmente para esse fim. Todos os Uanás sabem falar o português. Estando desde muito tempo em contacto com os brancos, perderam o velho costume de arrancar as pestanas, como fazem várias outras tribos; também deixaram de borrar o corpo com pinturas e tatuagens. Dão inúmeras aplicações ao couro de boi. Muitos possuem escravos, que aliás tratam geralmente com doçura; são prisioneiros de guerra feitos aos Xamacocos, tribo selvagem que habita mais abaixo a margem direita do rio. O casamento é de uso corrente entre estas diferentes nações; mas, se porventura algum homem se cansa de viver com uma mulher, ele pode abandoná-la, sob a condição de não ter mais de uma ao mesmo tempo.

Não cremos que nenhuma destas nações seja antropófaga; entretanto, os outros índios acusam os Inimás de se entregarem às vezes a essa horrível espécie de banquete.

Desde que esses índios se tornaram cristãos e fixaram moradia junto dos brasileiros, os seus costumes se modificaram muito, aproximando-se bastante dos destes últimos.

Houve também muito cruzamento entre as duas raças; mas como os mestiços preferem geralmente acompanhar os pais a ficar com as suas mães índias, não é por isso menos puro o sangue que corre nas veias dos moradores dos aldeamentos.

Têm os Guanás o costume de usar, afora o pedaço de pano passado à volta da cintura um poncho muito curto sobre os ombros; além disso, muitos deles usam camisa. Trazem o cabelo amarrado atrás da cabeça, como se fosse uma cauda, e usam um chapéu de palha, alto e pontudo. Suas armas são a seta pequena e a flecha; muitos têm espingarda. Perto do aldeamento ficava o cemitério, onde os defuntos são enterrados na superfície da terra, completamente vestidos e deitados numa esteira. Fecham a sepultura com uma coberta de madeira, erguendo sobre ela uma cruz quando o morto era cristão, como é o caso mais frequente.

As pequenas lavouras que há em torno das habitações não são mais do que jardins, as grandes plantações ficando distantes da aldeia. E' grande a criação de carneiros. Os Guanás não cristianizados têm muito respeito pelo deus que dizem existir por trás do sol, incumbido de fazê-lo andar; bem maior entretanto é o que têm pela pequena constelação que eles chamam das sete estrelas e cuja aparição em determinado ponto do céu é motivo de uma festa anual.

Três léguas a nordeste de Albuquerque fica a aldeia dos Quiniquinaus, tribo pertencente à mesma nação dos Guanás, porém menos civilizada do que a destes últimos. Esta aldeia fica assente na borda de uma baía formada pelo Paraguai e é bastante grande; é ela rodeada de dois lados por lindas montanhas e disposta em quadrado, como a dos Guanás. No meio do largo fica um espaçoso barracão, que serve de sala de conselho.

O aldeamento dos Quiniquinaus é composto de setecentas ou oitocentas pessoas. Estes índios são muito labo-

riosos e entretêm com os brasileiros um grande comércio de farinha de mandioca e de arroz. Suas lavouras são extensas e muito bem plantadas.

Os terrenos de Albuquerque pertencem evidentemente aos mesmos calcários pardos e pretos muito ricos em sílex e entremeados de grés cristalizado, que dão origem à curiosa formação encontrada em Corumbá e já referida por nós. Todos estes calcários, depois de se formarem, experimentaram, seguramente. transformações. Encontram-se fragmentos deles com geodes de quartzo.

CAPITULO XXIV

VIAGEM AO PARAGUAI — FORTE BOURBON.

Enquanto estivemos em Albuquerque ocupamo-nos activamente com a organização de nossa viagem ao Paraguai. Tamanho é o zelo com que as autoridades brasileiras guardam esta fronteira, que nos víamos obrigados a guardar o maior sigilo sobre as nossas intenções. Proclamando embora que a nossa excursão não iria além do forte Bourbon, eu estava decidido a prolongá-la até Assunção, *assim encontrasse franca a passagem*. A mais leve indiscrição seria capaz de impedir a realização de meu projecto. Ficamos assim muito contentes quando soubemos que o capitão Jacinto, chefe do aldeamento dos Guanás, vinha desde muito desejando visitar uma aldeia de índios de sua nação situada no interior da república paraguaia, sem todavia ter para isso conseguido a autorização do comandante de Albuquerque. Oferecendo-se para nos acompanhar com mais quatro parentes seus, ele começou logo os preparativos para a viagem, aprestando o seu uniforme de gala, que lembrava singularmente o de um guarda campestre.

Para não comprometer as embarcações que o governo brasileiro nos tinha confiado, aluguei *uma canoa, deixando* para trás a do Império, bem como um dos companheiros de viagem, o Sr. Deville, a quem forneci os meios de voltar à costa e reclamar em nosso favor junto às autoridades

francesas, caso o governo do Paraguai resolvesse prender-nos, para fazer companhia a Bompland. Às cinco da tarde reuniu-se todo o mundo no porto, fazendo os índios as suas despedidas das mulheres e das filhas. Para impedir alguma indiscrição, mandei que todos os soldados ficassem na minha canoa, enquanto a equipagem dos Srs. d'Osery e Weddell era constituída exclusivamente de índios. Breve punham-se em movimento os varejões e, com um tempo magnífico, começávamos a navegar. Progredimos com rapidez a noite toda, de modo que às seis da manhã já nos achávamos a nove léguas e um quarto de Albuquerque. Às três e meia da tarde do dia 11 chegávamos ao Forte de Coimbra, depois de um trajecto de sete léguas. Tomamos pelo chamado Braço de Cima, que não tem mais de 15 a 20 metros de largura, deixando à nossa direita o Braço de Baixo, cujo comprimento é apenas de um quarto de légua. Antes de chegar ao forte, que fica numa encosta, vêem-se as altas montanhas da serra, cobertas de mata. Ao desembarcar fomos recebidos pelo alferes comandante, que nos disse ter ordem para não permitir que visitássemos a praça e nos levou para uma das cinco ou seis miseráveis choupanas de barro existentes à beira do rio. Pouco acostumados ao luxo, contentamo-nos com o que nos deram, acomodando-nos como era possível dentro de nosso rancho, de onde aliás se descortinava uma vista magnífica. Aos nossos pés corria o rio Paraguai, que aqui era estreitado por uma língua de terra onde os índios Guaicurus haviam construído uma quinzena de casas temporárias, e defronte da qual se erguia elevada montanha, vestida da mais luxuriante vegetação. As canoas dos índios, passando incessantemente para cima e para baixo, dão animação ao quadro.

O forte de Nova Coimbra foi construído na margem direita do rio, para servir de barreira contra os espanhóis do Paraguai. Várias pessoas nos garantiram que é por um

erro que ele ocupa a posição onde está actualmente; o lugar escolhido pelo governo de Portugal tinha sido o Fecho dos Morros, que fica abaixo de Bourbon. Ao que parece, o engenheiro incumbido da construção, mal informado a esse respeito, não desceu o rio quanto devera, dando assim tempo aos espanhóis para ocupar a região. O forte está construído regularmente a uns quinze metros acima do nível do rio, que domina completamente, sendo capaz de resistir a um ataque em que não fossem empregados outros meios além dos que o país pode fornecer no estado actual. Não obstante ele necessitaria de reparos consideráveis, pois de todos os lados as paredes ameaçam cair. Começado em 1775, o forte só foi concluído em 1801, tendo sido a partir deste ano atacado doze vezes pelos espanhóis, sem nenhum resultado. Em frente ao forte o rio Paraguai não tem mais de 350 metros de largura. Por ocasião de nossa passagem, a guarnição era de vinte e seis soldados. No que toca ao material de guerra, pareceu-nos ver apenas dois ou três canhões pequenos no alto dos muros.

Cumprem pena em Nova Coimbra uns tantos condenados.

Informou-nos o comandante que existia um caminho directo de Nova Coimbra a Miranda, povoação e posto militar situado vinte e seis minutos de latitude ao sul do ponto em que nos achávamos. A direcção geral desta estrada é mais ou menos de este-sudoeste, sendo necessários uns três dias para cobrir a distância que separa os dois estabelecimentos.

Pode-se ir também por terra a Albuquerque, seguindo uma estrada que acompanha a margem direita do Paraguai; dizem que a distância por este caminho é de dez léguas. Informou-nos ainda o mesmo oficial que ele tinha ido em dez dias de Miranda a Camapuã, lugar situado na rota fluvial entre São Paulo e Cuiabá. Todos estes caminhos ficam péssimos na estação das chuvas.

Depois do meio-dia fomos visitar o aldeamento dos Guaicurus, o qual é formado simplesmente de palhoças cobertas com esteiras e abertas dos lados. Os índios, em sinal de cortesia, fizeram para nós uma representação de sua maneira de guerrear. Os homens, quase nus, com o corpo pintado de preto e branco, armaram-se de longas lanças com ponta aguda de ferro, ou senão de fuzis, montando céleres nos cavalos tão selvagens quanto eles próprios e que partiram a todo galope, governados apenas por meio de uma corda presa ao lábio inferior. As mulheres, de seu lado, se reuniram, juntando as mãos e pulando, por entre cantigas tristes e monótonas. Os cavaleiros, depois de terem percorrido certa distância, deram meia volta, carregando para frente aos tiros e flechadas; depois, alcançando o largo do aldeamento, apearam com agilidade, precipitando-se sobre os homens que ali se encontravam, derrubando-os no chão e fazendo menção de lhes cortar o pescoço. Esta cena era acompanhada de urros horrorosos e gelava o sangue pela sua selvageria. Os índios que representaram esta cena pertenciam à tribo dos Cadiueus; suas fisionomias e seus modos eram ainda mais terrificantes do que os de seus irmãos de Albuquerque. A aparência das mulheres Guaicurus é das mais desagradáveis, o que em grande parte se deve atribuir ao sentimento de repulsa que produz o enorme pedaço de fumo que nunca tiram da boca, segurando-o por detrás do lábio inferior e deixando-o em parte à mostra, em cima dos dentes. Não é preciso mais para impedir que um sorriso possa ter qualquer encanto. A este hábito, que, digam o que disserem, é mais uma faceirice do que uma necessidade, aliam elas outros indícios de uma grande depravação de costumes, especialmente o de praticarem o aborto até a idade de trinta anos, favorecendo desta maneira o desaparecimento de sua própria raça. O fim visado é conservarem a aparência de juventude durante mais tempo. O meio usado pelas raparigas para chegar a

tal fim é, desde o momento em que se apercebem de seu estado, comprimir o gérmen através das paredes do ventre, até a sua final expulsão.

O sábio geógrafo Ricardo Franco de Almeida Serra distribuía da seguinte maneira as nações indígenas que em seu tempo habitavam as cercanias de Nova Coimbra (*Revista trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*): "Em 1799 havia oitocentos Guaicurus ou Uaicurus e quatrocentos Guanás, num total de mil e duzentos indivíduos. Em 1803 este número tinha-se elevado a dois mil e seiscentos, quatrocentos dos quais pertenciam à nação dos Xamacocos. A maior parte dos outros imigrantes procediam das terras espanholas (1). Ricardo dividia os Guaicurus *nas três grandes tribos dos* Uatedeus, Ejuens e Cadiueus, e em várias tribos menores, tais como os Pacajudeus, Cotogudeus, Xaguteus, Oleus, etc."

Informou-nos o comandante que os Xamacocos visitavam o forte com muita frequência. Estes índios andam geralmente nus; só alguns passam à volta da cintura um tecido feito de casca de árvore; habitam as margens do rio Preto, andam a pé e, de armas, usam só o arco e a flecha.

Entre o *forte* e os *estabelecimentos* da Bolívia fica uma extensa mata, muito espessa e sem água, que os próprios Guaicurus não tinham conseguido atravessar.

Em Cuiabá tínhamos ouvido falar numa gruta muito curiosa existente nas proximidades de Nova Coimbra. Assim, *desde que aí chegamos*, procuramos obter as *informações* necessárias para ir conhecê-la. Disse-nos o comandante que a empresa era inexequível naquela estação, pois

---

(1) Há no tomo XIII da Revista do Inst. Histórico Brasileiro, págs. 348 a 395, longa dissertação sobre os índios, da autoria de Ricardo Franco de A. Serra; não me foi possível todavia encontrar ali a passagem citada. (Nota do trad.)

a gruta devia estar debaixo d'água. Entretanto, como fossem contraditórias as informações dadas por várias pessoas presentes, tomamos a resolução de, fosse como fosse, fazer na manhã do dia seguinte uma tentativa. O comandante, depois de esgotar todos os meios para nos demover do nosso intento, ofereceu-se para ser ele próprio o nosso guia.

No dia 12, às seis da manhã já nos achávamos a caminho, montados em pequenos cavalos índios e acompanhados por uma dúzia de soldados. Com essa escolta, marchamos ràpidamente em direcção ao Buraco do Inferno, nome que dão na zona à caverna que nos ocupa e que não fica mais de meia légua a nor-noroeste de Coimbra. Chegando a poucas centenas de metros da entrada, deixamos os cavalos e galgamos uma colina de muito difícil acesso e coberta de mata virgem, onde se destacavam muitos cactos espinhosos. A entrada da gruta fica a meia encosta da colina e a um tiro de canhão do rio. Logo acima dela, uma figueira intrometeu pelas pedras as suas raízes possantes. Este outeiro faz parte da serra que desde a boca do rio São Lourenço até o Forte de Coimbra se vê acompanhando a margem direita do rio Paraguai, a maior ou menor distância. A pedra em que se abre a gruta é um calcário de grande dureza, fétido, sedimentar de grãos salinos, e contendo traços de ferro e de quartzo. Tem cor vermelho-escura e a aparência do grés. O local era bem conhecido de muitos dos homens que nos acompanhavam. Traziam quase todos fachos que antes de entrar foram logo acesos, enquanto alguns empunhavam armas, para a defesa contra as onças que às vezes procuram refugiar-se na escuridão da gruta, como nô-lo atestavam os rastos existentes na areia. Entra-se na gruta por um buraco quadrado que tem pouco mais de um metro de lado. Achamo-nos imediatamente debaixo de uma abóbada muito irregular; o solo nesta parte é muito inclinado, a ponto de ser ne-

cessário nos agarrarmos às anfractuosidades das rochas e às pedras que juncam o chão. Tem-se de evitar com cuidado um profundo buraco existente à esquerda da entrada; mais adiante a passagem se alarga, mas o chão se torna muito escorregadio. ao mesmo tempo que o calor e a humidade produzem uma sensação muito incómoda. A uns trinta metros de *profundidade*. ou- seja mais ou menos ao mesmo nível dos campos que ladeiam o Paraguai. entramos numa galeria espaçosa, alta, e decorada de estalactites do mais extravagante aspecto. Estendiam-se estas estalactites em lençóis denteados. umas com a forma de imensos *cogumelos, outras direitas e lisas*. semelhantes a *grandes* círios. Aqui eram colunas caneladas e carregadas de enfeites parecidos com os das nossas igrejas medievais; acolá *eram* lindos pingentes, que faziam lembrar ainda mais a arquitectura elegante e caprichosa destes templos. Segurando sempre nas pedras, em certo lugar passa-se por uma abertura estreita em baixo de uma magnífica cortina de estalactites, que dir-se-ia imitar, em posição invertida. estas imensas pias baptismais de alabastro encontradas em muitas velhas catedrais. Do chão escabroso do salão das colunas erguem-se estalagmites, cujos topes ameaçam unir-se às águas da abóbada, as quais, sob a luz dos fachos. brilhavam com todas as cores do arco-íris. Arrastando-nos sobre enormes blocos de pedra. ou escorregando por cima de superfícies lisas, muitas vezes sem conseguir, no meio da escuridão, encontrar apoio nas pedras que cediam *sob o nosso* esforço, é que chegamos finalmente a outro salão, ainda maior do que o anterior: Estendia-se aqui à nossa frente uma cortina de estalactites magnificamente recortadas, enquanto por toda parte se erguiam do solo troncos de colunas e mamilos. *No* fundo, entre gigantescos blocos *de* rocha, estende-se um lençol de água pura e límpida, onde entraram logo muitos de nossos homens. Queixaram-se todos do frio que sentiam; mas. conforme verificamos mer-

gulhando na água o termómetro, a temperatura ali era apenas de 3 graus abaixo da da caverna (temperatura da água 23°,8: *do ar ambiente 27 graus*).

Nunca esquecerei a curiosa cena que representavam os nossos soldados pretos a se debaterem nessas águas subterrâneas, nadando com um dos braços e suspendendo com o outro as tochas acesas. A completa escuridão que não nos permitia ver senão pequena parte da tenebrosa galeria, os trechos que surgiam à nossa vista iluminados pelo clarão dos archotes, os gritos que ecoavam por aqueles corredores desconhecidos, o ruído que ali ouvíamos, tudo isso evocava os quadros concebidos pela imaginação para representar as regiões infernais. A profundidade do lago subterrâneo parece ser bastante grande, mas varia muito, obedecendo ao nível das águas no rio Paraguai, de modo a fazer que estas águas subterrâneas sejam alimentadas por canais subterrâneos provenientes das infiltrações do rio. Elas continuam por entre as rochas, cobrindo o chão de uma galeria que parece muito extensa, mas cuja entrada é interceptada pela cortina de estalactites, que desce até abaixo do nível da água. Ligadas a esse salão há ainda outras galerias, mas estas se achavam inundadas na ocasião de nossa visita. Há na gruta vários buracos onde nunca ninguém entrou, mas que parece serem bastante fundos, a julgar pelo tempo que gastam as pedras para chegar ao fundo.

A direcção geral dessa caverna parece-me norte e noroeste. Os guias nos contaram que na água da lagoa uma vez foi encontrado um pequeno jacaré. Quanto a nós, só vimos dentro da gruta uma perereca, alguns morcegos e muitos mosquitos.

Nesse mesmo dia, à uma hora da tarde, deixamos Nova Coimbra. Quase logo abaixo do forte o rio se divide, formando uma ilha, que deixamos à nossa direita. As margens aqui são muito baixas e quase sem árvores. Campinas se vêem de um lado e de outro do rio Paraguai, que

se torna muito mais largo. Durante a noite, aliás deliciosa e sem mosquitos, passamos pela boca do rio Preto. Descíamos agora velozmente, de maneira que às 6 horas da manhã de 13 já nos achávamos a dez léguas e meia do forte. A princípio a Serra dos Dourados nos acompanhava sempre, na margem direita; a partir de dado momento porém ela se afastou para o interior, acabando por desaparecer completamente.

Nesta latitude a vegetação muda a olhos vistos. Vêem-se de todos os lados extensas planícies cobertas de palmeiras, todas da espécie chamada carandá (*Copernicia cerifera*), que tem o porte do buriti, mas cujo tronco é mais delgado, e cujas folhas são menores e de cor cinzenta. E' a custo que se pode ver moitas de qualquer outra planta no meio destes carandàzais. A esta região natural, e muito principalmente à que se estende a oeste do rio, é que se dá o nome de Grão-Chaco. Estas vastas planuras são incessantemente percorridas pelas hordas dos índios cavaleiros, que votam ódio de morte aos espanhóis. Também, é com pavor que se lhes pronuncia o nome em qualquer parte da América do Sul. Assim como os Pampas del Sacramento nessa parte do Chaco não se vê outra coisa senão indícios de devastação e das cenas de carnificina.

Durante a jornada vimos ainda várias ilhas, fazendo ao todo, até às 6 horas da manhã de 14, um percurso de dezesseis léguas e meia. Às duas horas e três quartos a temperatura da água do rio era de 29°,7; mais tarde, às cinco e um quarto, ela era de 29°,8, ao mesmo tempo que a do ar, à sombra, era de 31°,2 e, ao sol, de 33 graus.

De ontem para hoje o Paraguai tinha-se alargado muito, parecendo haver um quarto de légua de uma margem à outra. Tivemos à tardinha magnífico pôr do sol; estendiam-se ao longe, admiràvelmente tranquilas, as águas do grande rio, e o céu, cuja cor acima de nossas cabeças era

perfeitamente azul, à medida que se aproximava do horizonte ia adquirindo tonalidades violáceas, amarelas e alaranjadas, sobre as quais se projectavam magnìficamente os últimos raios vermelho-alaranjados do sol poente. Dentro de pouco tudo se perdia na escuridão, vendo-se apenas os graciosos leques das palmeiras a se destacarem sobre um fundo pàlidamente iluminado pelo astro que acabava de desaparecer. Da canoinha de pesca foram vistas nesse dia duas onças pintadas.

No dia 14, pela manhã, pastando em liberdade, avistamos muitos bandos de cavalos pertencentes aos selvagens. Havia já dias que se não via mais nenhuma ave. Pelo meio-dia passamos em frente à embocadura do rio Branco, que é antes um córrego de 5 ou 6 metros de largura, mas bastante fundo. Este ribeiro deságua na margem direita do Paraguai; não tem mais de catorze ou quinze léguas de curso e nasce numa serra situada ao sul de Miranda e habitada pelos índios Caioás. Tem havido muitas vezes confusão entre este rio e o que serve de limite entre o Brasil e o Paraguai. Este último, também conhecido por rio Branco entre os brasileiros, recebeu dos espanhóis o nome de rio Apa e é muito maior do que o precedente. As patrulhas de Miranda têm muitas vezes encontrado espanhóis por estas alturas; parece contudo que ùltimamente eles desistiram de chegar até aí. O governo do Paraguai reconhece como limites incontestáveis o rio Paraguai e o rio Apa, seu afluente pela margem esquerda; mas do lado da margem direita ele reclama não só Nova Coimbra, como até Albuquerque. Desde as primeiras horas do dia avistávamos um morro coberto de mata; é num dos contrafortes deste montículo que está edificada a fortaleza de Bourbon ou Olimpo. O doutor tinha ido na frente, para avisar o comandante de minha chegada, que se deu à uma hora da tarde, após uma jornada de seis léguas. Encontramos o forte no mais absoluto silêncio; ninguém nos veio receber,

parecendo até não ser habitado por ninguém. Finalmente porém descobrimos um soldado que estava a lavar roupa no meio do capinzal e nem ao menos se dignava voltar a cabeça para o nosso lado. Só quando nos viu pôr o pé em terra é que resolveu dar-se conta de nossa presença, perguntando-nos com ar carrancudo se sabíamos lavar a nossa. Como não aparecesse ninguém que nos pudesse servir de guia, procuramos durante algum tempo o caminho para chegar à curiosa praça de guerra. Minha emoção era grande ao pensar que estávamos em terras do Paraguai, essa China americana onde não havia penetrado nenhum europeu, ou de onde, pelo menos, nenhum havia conseguido sair, sem ter sofrido longa detenção. Alimentava assim mesmo a esperança de chegar à capital dentro de poucos dias. Neste ínterim encontramo-nos com o doutor, que nos contou ter sido recebido por um incrível comandante, quase mudo, pois não pôde arrancar dele nenhuma resposta sobre aquilo que mais precisávamos saber, isto é, se podíamos prosseguir em nossa viagem. Enquanto atordoávamos o nosso companheiro de perguntas que ele nem tempo tinha de responder, subimos uma tosca escadaria talhada na rocha, alcançando a plataforma em que o edifício está construído. Subimos por uma porta estreita, perto da qual havia duas cruzes, chegando depois a um espaçoso pátio cercado por quatro ou cinco compridas palhoças e tendo no meio destes um barracão, onde se viam amontoados muitos balázios. Dos esteios do barracão pendiam muitos arreios. Vários soldados andavam para aqui e para acolá sem nos prestarem a mínima atenção; eram homenzarrões de bela aparência, fisionomia aberta e expressiva. Quase todos vestiam ponchos de lã tingidos de cores berrantes sobre calças brancas e largas, muito curtas e providas de franjas. Tinham na cabeça curioso chapéu de palha, de forma cônica e desmedida altura, com o vértice um pouco alargado e as beiras excessivamente estreitas.

Morava o comandante no casebre mais próximo da porta, ocupando nele um cômodo de aspecto singularíssimo, pois se nele escasseavam mesas e cadeiras, havia em compensação uma enorme quantidade de carne-seca pendurada pelas paredes. Apoiados num comprido girau viam-se os fuzis da guarnição, os quais, verdade seja dita, estavam em bem melhores condições do que quantos vínhamos vendo desde muito tempo. O ocupante deste suntuoso comodo era um velho sargento de cara medonhamente enrugada e maneiras bruscas, mas alto de estatura e semelhante a algum tambor mal alimentado de regimento. Este personagem a muito custo fez menção de levantar-se quando entramos; mas dignou-se apesar de tudo a nos estender a mão. Como única resposta às nossas perguntas, mandou ele vir *mate* em pequenas cabaças, oferecendo-nos ao mesmo tempo uns objectos de prata para aspirá-lo: eram uns pequenos canudos, com a extremidade inferior dilatada e cheia de orifícios, à maneira de um crivo. Tal era o meu desejo de conquistar as boas graças do comandante que ao aspirar a detestável bebida fiz quando muito uma careta, levando até a minha amabilidade ao ponto de dizer que o tinha achado excelente. Parece-me que ele ficou bastante sensibilizado com este gesto de polidez, esboçando um sorriso, que não foi todavia capaz de desenrugar-lhe a fisionomia. Tendo o momento como oportuno, tratei de lhe fazer a minha principal pergunta: — Dar-nos-á o senhor licença de entrar? De sua garganta escapou então um grunhido surdo; depois, fechando os olhos, deixou-se inclinar para trás e permaneceu imóvel. Com o olhar e na maior ansiedade nos interrogávamos uns aos outros sobre o significado daquele grunhido. Seria ele amistoso ou demonstraria hostilidade? Nossa sorte estava na dependência da resposta a esta pergunta. Foi então que eu descobri um outro personagem no escuro recinto: era um homenzinho de maneiras simples e afáveis, olhos azuis e ca-

belos claros, com que entrei logo em conversação, para disfarçar a ansiedade de que me achava possuído. Com o mais puro sotaque de Frankfurt, disse-me ser espanhol. Soube mais tarde que se tratava de Dom Maurício Bach, ou melhor Mauritz, cidadão adoptivo da Bolívia, o qual, na qualidade de secretário do consulado desta república no Paraguai, vinha desde muito tempo solicitando a sua admissão no país. Enquanto isso ia eu observando os trajes do nosso hospedeiro. As calças, de pano azul-claro, com largos riscos, estavam amarradas na cintura por uma corda vermelha; por cima, da camisa de grosseiro pano azul não havia nenhum paletó. A gravata que usava era também azul. Estava de pés descalços e de barba por fazer, havia muitos meses; as espantosas suíças concorriam para realçar a simplicidade dessa vestimenta. Além disso trazia ao pescoço uma cruz grande de cobre, semelhante às que se viam em todos os seus soldados. Tomou nas mãos os documentos que lhe apresentamos a título de passaportes, inclusive papéis sem importância, que juntamos para aumentar-lhes o número, na persuasão de que ele não seria muito versado no conhecimento da língua francesa. Percebi com satisfação que ele os segurava de cabeça para baixo, demonstrando portanto não saber ler. Com efeito, dando um grande gemido, ele mos restituiu, declarando que estavam perfeitamente em ordem, mas que não nos era possível ir mais adiante sem ordem expressa do presidente da ilustre República. Ficamos todos chocados com a notícia, mas era inútil nos insurgirmos contra ela. O mais que pude obter foi a promessa de que ele mandaria imediatamente um portador à capital para tratar do assunto. "Não havendo nenhum contratempo, os senhores terão a resposta dentro de dois meses", acrescentou o comandante, caindo outra vez no sono. Resolvi então mandar de volta para Albuquerque a canoa e os soldados brasileiros, deixando comigo sòmente os índios e a canoa que eu tinha

adquirido naquele estabelecimento. Passei parte da noite a escrever *ao presidente da república* do Paraguai e aos meus amigos do Brasil. Ficamos sabendo que enquanto estivéssemos no forte seríamos hospedados à custa dos cofres da República, pois a hospitalidade era uma das virtudes de que era mais cioso o governo do Paraguai. Fomos então levados para o nosso quarto, um cubículo, ladrilhado, mais parecido com uma estrebaria e iluminado apenas por uma porta. O comandante nô-lo apresentou como sendo muito agradável e isento de mosquitos, contanto que mantivéssemos a porta sempre fechada, pois aqueles incômodos insectos são mantidos a distância pela escuridão. No cômodo não existia nenhum móvel; armamos nele as nossas redes, dispusemos os caixões vazios para nos servirem de armários e transformamos as malas em mesas e cadeiras. À noite os soldados se reuniram, dançando fandangos, ao som da harpa e do violino. Havia uma graça particular nos movimentos dos homens, que indicavam um grande senso da medida. Era grande o interesse com que contemplávamos estas cenas, novas para nós. Desde o momento em que fomos admitidos como hóspedes do forte, toda aquela gente demonstrava a melhor boa vontade para conosco, tratando-nos com benevolência e delicadeza, e demonstrando a propósito de tudo uma ingenuidade de criança. No dia seguinte ao de nossa chegada descarregaram o nosso barco; os índios, que não podiam ser recolhidos na fortaleza, armaram o seu acampamento perto da margem do rio. Tivemos nesse mesmo dia a satisfação de ver descer o rio Paraguai uma canoa com sete soldados vigorosos armados de lanças e fuzis, que iam levar minha carta ao presidente da República.

Todas as manhãs, muito cedo, vinha o cozinheiro, de nome Mendoza, buscar entre os nossos mantimentos feijão, arroz, toicinho, farinha, etc., pois, conforme logo verificamos, tirando a carne-seca, o mate e a sua boa vontade, na-

da possuía o comandante em matéria de provisões. Desde então éramos nós que o alimentávamos, como também uma parte da guarnição.

Ocupamo-nos, eu e o Sr. d'Osery, com trabalhos de geografia, ao passo que o Sr. Weddell, a despeito do muito propalado perigo dos índios percorria sem descanso os arredores, à procura de plantas e animais. Conseguiu assim coleccionar algumas lindas aves de rapina, tais como águias, falcões, gaviões, caracarás, etc.

À noite, reunidos no interior do forte, distraíamo-nos em discutir com o Sr. Mauritz, nosso companheiro de infortúnio. que se enchia de singular entusiasmo ao exprimir o seu horror pelos conquistadores do passado, do presente e do futuro. Alexandre, César, Luís XIV e Napoleão eram indistintamente confundidos num mesmo sentimento de execração. *Afirmava que só os médicos e dentistas deveriam* ser os marechais de França. Seu espírito exaltado queria *revestir desta dignidade, antes de qualquer outro, um cé*lebre oculista. Ninguém admira mais do que eu a capacidade do Dr. Sichell, pois nunca me hei de esquecer a dedicação e desinteresse com que me tratou da terrível doença de olhos que sofri depois de minha volta da viagem; *mas* não posso furtar-me à convicção de que esse hábil profissional se sentirá muito melhor na chefia de um hospital do que à frente de um exército, sendo-lhe certamente muito mais agradável curar os males da humanidade do que contribuir para aumentá-los. Afora estes pequenos ridículos e uma dose realmente exagerada de liberalismo voltaireano, o Sr. Mauritz era pessoa muito estimável, dotada de boa instrução e bastante viajada.

Quando as nuvens de mosquitos nos tangiam do alto dos muros, onde gozávamos de esplêndida vista da paisagem, íamos assistir aos divertimentos da guarnição, que entremeava o brinquedo de grandes gargalhadas, tais como as que só se podem ouvir no Paraguai em pessoas de qual-

quer idade, ou em qualquer outro país entre as crianças de dez anos. A algazarra de alegria era depois abafada pelo ruído ensurdecedor de um enorme tambor pintado de três cores, cuja função habitual era despertar-nos todos às primeiras horas da manhã.

Esqueci-me de dizer que pela ave-maria toda a guarnição se punha em linha, não cessando de fazer o "pelo sinal" enquanto não desaparecia o último rufo do tambor.

Não se pode deixar de admirar a mansidão desta boa gente; nunca se ouvia a menor discussão ou palavra de cólera. Atribuo esta harmonia perfeita à falta de mulheres. Todos falavam com tocante ênfase em sua capital, que, segundo pensavam, possuía todas as maravilhas do mundo. Quando se lhes falava sobre qualquer objecto, diziam logo ser abundante naquela cidade. Certa vez perguntei ao comandante se havia lobos na redondeza; ele me respondeu que existiam alguns, mas que eram muito mais abundantes na capital.

Tínhamos vontade de aprender um pouco de língua espanhola; mas o lugar era mal escolhido para este fim, porque a maioria das pessoas, embora de puro sangue castelhano, só falavam a *língua geral*, isto é, a língua dos Guaranis, a qual é no Paraguai a única usada pelo povo.

O forte Olimpo, chamado no começo Bourbon ou Borbon, foi construído em 1798 ou 1799, por ordem do rei da Espanha. Tinha como fim proteger a fronteira do Paraguai contra os ataques dos portugueses de Mato Grosso e dos índios do Grão-Chaco. O forte é formado de um vasto quadrado, com um bastião em cada ângulo. As muralhas têm quatro metros e meio de altura e 82 centímetros de grossura; são construídas de uma pedra dura, tirada do próprio lugar e igual à de que é formado o contraforte em que está situada a fortaleza. Esta iminência se prende a três pequenos morros escalonados ao longo

da margem direita do Paraguai e conhecidos pelo nome de Três Irmãos. À volta destes últimos há uma muralha de 1 metro e 80 centímetros de altura e 82 de grossura, mandada construir pelo ditador Francia. *A área fechada* por esse muro tem um perímetro de mais de três quartos *de légua* e tinha como fim defender o gado das depredações dos Guaicurus; mas de nada tinha servido a construção do muro, que aliás estava em bom estado.

Em cada um dos quatro bastiões do forte, os quais coincidem com os quatro pontos cardeais, há um canhão, em tão bom estado quanto o das armas que acima mencionamos. Consta que as peças correspondentes ao norte e ao ocidente têm o calibre quatro; mas, da medida do diâmetro tomada pelo Sr. d'Osery resulta que as balas pesam nada menos de 2 quilos e 645 gramas (ou seja, em medida francesa antiga, 5 libras, 6 onças, 5 oitavas e 13 grãos), o que faz crer que as peças são de seis, calibre espanhol. Quanto à *peça que olha para o sul, dizia o comandante* que ela era de calibre três, mas o peso da bala, calculado pelo mesmo processo usado com as primeiras, é de 2 quilos. Há ainda um canhãozinho de emboscada, cujo calibre parece ser de dois. Todas estas peças ali estão desde os primeiros tempos da dominação espanhola. No interior do forte, ao longo de três lados, vêem-se pequenos ranchos de barro e folha-de-flandres, cobertos de palha de coqueiro. Os soldados dormem nestes ranchos, deitados em redes feitas de tiras de couro cru dispostas em losangos, para maior elasticidade. A guarnição era de cinquenta e uma pessoas, a saber, dois sargentos, um dos quais é o comandante, cinco cabos e quarenta e quatro soldados. Um dos cabos e cinco soldados pertenciam à artilharia; os outros eram da infantaria. Dentro do forte ninguém usa uniforme. Como já dissemos, a vestimenta comum desta gente consiste em calças largas, de bainha franjada, e camisa, tudo de lã, ou de algodão. Só usam o fuzil quando estão de sen-

janela. No forte Olimpo a guarda é muito bem feita, tanto de dia, como de noite. Durante toda a noite, de quarto em quarto de hora, as sentinelas dão sinal umas às outras, a fim de se manterem despertas. Os soldados se levantam às quatro e meia ou cinco da madrugada, fazem uma sesta durante o dia e se deitam às nove da noite; são muito obedientes aos chefes e vivem em boa harmonia uns com os outros. Portam-se com alegria e parecem felizes, despendendo em trabalhos de agricultura os lazeres deixados pelo serviço na guarnição. Perto dos muros do forte viam-se pequenas plantações de milho, de feijão e, principalmente, de fumo.

Foi-nos muito difícil obter informes precisos sobre o montante do soldo recebido pelas tropas e bem assim sobre o modo de pagamento das quantias a isso destinadas. Dou a seguir os dados que me parecem mais exactos. Nos tempos do ditador Francia os soldados recebiam onze piastras em cada dois meses; mas só as tropas sediadas na capital recebiam o seu soldo com regularidade. Hoje há mais ordem nesse pagamento, que obedece às seguintes normas: os soldados recebem doze piastras, os cabos treze, os sargentos dezesseis a dezoito e os capitães cinquenta, todos de dois em dois meses. Como, pelo menos no forte Olimpo, os soldados se alimentam e vestem à custa deste dinheiro, vejamos agora como se arranjam eles para atender a essas necessidades. Metade do soldo, ou sejam seis piastras cada dois meses, é deixada em mãos de um administrador nomeado pelo governo e chamado ministro ou tesoureiro, que reside em Assunção. Mediante esta delegação encarrega-se esse funcionário de atender às despesas com a alimentação e vestuário da tropa. Uma vez em cada dois meses sobe da capital ao forte Olimpo uma falua (grande embarcação a vela), trazendo para a guarnição os artigos de primeira necessidade, como sejam, no que se refere à alimentação, carne-seca, arroz, feijão, raízes secas

de mandioca e mate, e no que toca ao vestuário, camisas, calças de lã e de algodão, e ponchos de lã. Além destes artigos principais, vêm ainda muitas miudezas, como lamparinas. Cada homem consome por dia cinco onças de carne-seca e uma boa porção de raiz seca de mandioca, a que frequentemente se acrescenta feijão cozido, abóbora d'água e angu de milho. Enorme é o consumo de mate, artigo de que, de dois em dois meses, é trazido um carregamento de dezesseis arrobas, as quais são inteiramente gastas nesse curto intervalo. A distribuição do mate entre os soldados é feita de doze em doze dias. No fim do ano, se sobra algum saldo na caixa militar, ele deve ser recolhido ao tesouro. Em compensação, parece que no caso de haver dívidas provenientes da penúria de alimentos ou de qualquer outra razão, o Estado vem em socorro dos soldados. Dizem que no tempo do doutor Frância o exército se compunha de cinco ou seis mil homens, comandados por quatro capitães, pois no Paraguai não havia patente mais elevada. Hoje, todavia, parece que essas forças estão reduzidas a dois mil homens, sob as ordens de um único capitão. A metade destas tropas é constituída pela cavalaria, arma sob que preferem servir os paraguaios, que são sempre bons cavaleiros. Há casos em que os soldados permanecem catorze ou quinze anos destacados numa mesma fortaleza; mas, depois da morte do primeiro ditador, parece que a permanência dos soldados em cada posto foi fixada em três anos, aproximadamente. Os paraguaios gostam de servir como soldados, ficando contentes quando são escolhidos para o futuro. O exército pode considerar-se como sendo inteiramente formado de voluntários. Os soldados nunca sabem quanto tempo ficarão engajados; acreditam que seja de sete ou oito anos, mas parece não ser raro que tenham de servir durante toda a vida. Existem na república cinco regimentos de cavalaria, os quais são chamados de hussardos, lanceiros, etc., mas que só se po-

dem diferenciar pelo fardamento. O regimento de lanceiros é formado exclusivamente de mulatos. Os habitantes do Paraguai se distribuem de maneira a não poderem ser confundidos uns com os outros; os índios moram em povoados (pueblos), onde cultivam o mate e o algodão, ou tecem panos grosseiros de lã, muito usados no país. A cidade de Tevego ou San Salvador é habitada exclusivamente por negros e mulatos. São proibidos os casamentos entre indivíduos das três principais cores.

Há no Paraguai escravos africanos, mas custam muito barato (cinquenta a cem piastras) e sua importação é proibida; além disso, uma lei, datada de 1843, estabeleceu a liberdade de todas as crianças por nascer.

Darei agora os informes que enquanto estive no forte Olimpo pude obter sobre a história do Paraguai, desde que é nação independente. Quando, em 1810, os espanhóis foram expulsos de Buenos Aires, as tropas que ocupavam o Paraguai, sentindo-se isoladas, abandonaram o país. A guerra estalou quase imediatamente entre os habitantes daquela cidade e os do Paraguai, que havia instituído como governo uma junta de cinco membros. Este governo não durou mais do que um ano, consumando-se em 1811 a separação entre os dois países.

Em 1812, um congresso depôs a referida junta, nomeando para sucedê-la dois magistrados, um dos quais era o doutor Frância. Este último, em começos de 1814, com o título de ditador, apossou-se do poder, governando da maneira mais despótica e mandando fuzilar todos os inimigos que lhe caíam nas mãos. Começou também por fechar de modo absoluto o país aos estrangeiros, proscrevendo em toda a república o uso do título espanhol de Dom, que ainda hoje nenhum paraguaio se atreve a empregar. O único título admitido era o de Excelência, usado para com o presidente. Quis também Frância impedir o uso da lín-

gua guarani, não o conseguindo todavia. Esta é a língua falada no Paraguai por toda gente, havendo não poucas pessoas de vinte e cinco ou trinta anos que desconhecem qualquer outra. Parece que no interior do país as mulheres em geral não sabem falar nem entender o castelhano. Francia manteve-se no poder até sua morte, em 25 de dezembro de 1840. Tal era o terror que infundia que ninguém o chamava senão *el Supremo* ou *el Perpetuo*; também, nos campos do interior, todos tiravam o chapéu ao pronunciar o seu nome. Actualmente é conhecido apenas por *el Defunto*. Parecia haver soldados que não acreditavam que ele tivesse de facto morrido, pois ao se referirem a ele nunca se esqueciam de correr os olhos em torno, como para se certificarem de que não havia por ali algum agente secreto capaz de denunciá-los ao terrível ditador. Uma palavra, por pouco imprudente que fosse, podia custar a vida a qualquer pessoa.

Desde 1824 os brasileiros do Rio Grande do Sul vinham em Itapuã trocar com os paraguaios café, açúcar e diversos artigos europeus, por mate, burros e tabaco; este comércio era porém uma simples troca, pois o ditador proibira a saída do ouro e da prata, para fora do país. Itapuã era o único lugar onde podiam os paraguaios receber mercadorias européias.

Com a morte do ditador, tomou conta do governo uma junta provisória, composta de cinco membros, a saber o alcaide da cidade e os comandantes dos quatro quartéis (um tenente e três subtenentes). Essa junta governou durante os quatro primeiros meses de 1841; passado esse tempo, como ela tivesse sido instalada sòmente para convocar um congresso e entretanto desse mostras de querer conservar-se no poder sem se preocupar com o desempenho de seus compromissos, o povo levantou-se de armas na mão, marchando sobre o palácio e forçando-a a evacuá-lo. Os comandantes das tropas nomearam então outra junta, for-

mada agora apenas de dois membros, que eram o alcaide e um secretário. Ao cabo de dez dias, reuniu-se um congresso extraordinário composto de quatrocentos membros. Um dos actos desta assembléia foi a nomeação de dois cônsules, Carlo Solano Lopez, primeiro cônsul, e Mariano Roque Alonzo, segundo cônsul. Esses dois magistrados entraram em função em 1841. Outro congresso, instalado em Novembro de 1842, aprovou todos os actos emanados desses cônsules, cujos honorários foram fixados em quatro mil piastras fortes anuais para o primeiro e três mil para o segundo. Foi-lhes concedido também o título de *Excelentíssimo Senhor*. Estabeleceu o mesmo congresso que a bandeira da República seria formada de três faixas horizontais de cores azul, branca e vermelha, ficando num dos lados as armas nacionais, representadas por uma palmeira e uma oliveira entrelaçadas, de modo a circunscrever uma estrela, com a seguinte inscrição — *Republica del Paraguay*; no outro lado ficava um círculo, com a inscrição — *Paz y Justicia*; finalmente, no centro, um leão, tendo em cima o símbolo da liberdade. Foi também decidido qual seria o selo da República. O dia 25 de Dezembro foi escolhido para celebrar o aniversário da independência do país, determinando-se que no mencionado dia do ano de 1842 seria prestado em toda a República o solene juramento de defender para sempre a sua integridade e independência.

Em Março de 1845, novo congresso decidiu que o governo consular seria substituído pelo de um presidente nomeado por um número determinado de anos. O primeiro cônsul, Carlos António Lopes, subiu então à presidência, sendo empossado a 13 de Março, com os subsídios correspondentes a oito mil piastras. O mandato do presidente ficou fixado em dez anos, devendo o congresso reunir-se cada cinco anos.

Tal era o sistema de governo existente no Paraguai na época em que nele estivemos. Tinha-se a impressão de que a administração do presidente era branda e humana. A julgar pelas circulares por ele enviadas às potências vizinhas, dir-se-ia que era desejo seu entabolar com elas boas relações; entretanto, até o presente, só o Brasil possui ministro reconhecido em Assunção. O país continua fechado aos estrangeiros, sendo necessária uma autorização especial para nele ingressar. Contaram-nos que o governo paraguaio tinha instalado na fronteira com o Brasil, dos lados de Miranda, um forte chamado São Carlos; todavia, os soldados do forte Olimpo nos garantiram que a referida fortaleza está quarenta léguas a su-sudoeste do referido ponto.

Já vimos que a guarda do forte se mantinha sempre alerta, acompanhando atentamente os movimentos dos Guaicurus, cujos bandos chegam às vezes à distância de um tiro de canhão. Nestas ocasiões, também nunca se deixa de lhes enviar alguns tiros de peça. Ficamos sabendo, com grande espanto, que já por duas vezes aqueles índios se tinham apoderado do forte, trucidando-lhe toda a guarnição. Da primeira vez eles abandonaram logo a conquista; mas, da segunda, aí se fixaram, só a entregando à guarnição portuguesa de Coimbra, que a restituiu aos espanhóis. Dá-se aqui à nação dos Inimás o nome de Línguas. Estes índios habitam as margens do Paraguai, do lado direito, abaixo de Bourbon e, particularmente, nos arredores de São Salvador. São considerados como os mais valentes de toda a região.

No forte Olimpo o tempo para nós custava muito a passar, custando-nos enormemente vencer o tédio que nos acabrunhava. Por meio de jóias falsas e quinquilharias que muito apreciavam, consegui interessar os soldados da guarnição na procura de reptis, peixes, etc., aumentando assim as nossas colecções. Mais de uma vez assistimos a

um facto que muita admiração nos causou. As emas atravessavam a nado o rio Paraguai, sendo então perseguidas pelas canoas do forte, que a custo conseguiam alcançá-las. Sete foram assim mortas em nossa presença, sendo logo depenadas e preparadas para a mesa. A carne delas é preta e coriácea. Logo abaixo do forte, observamos na superfície do rio fenómeno bastante curioso. Por influência da correnteza e do redemoinho dela resultante, girava em círculo uma grande ilha de plantas flutuantes. No forte a temperatura média era de 28 graus; o máximo de temperatura era verificado entre duas e três da tarde, quando o termómetro à sombra subia às vezes a 40 graus e exposto ao sol chegava a 49 graus.

Embora fossem bastante inteligentes, o pessoal do forte era de uma ignorância inacreditável, coisa de que são prova as curiosas perguntas que a nós formulavam. O comandante nunca tinha ouvido falar em Napoleão, vulto a respeito do qual muito conosco conversaram os índios do Lago Superior. A existência da França só lhes era conhecida pelo facto de Bompland ser filho deste país. Quase todos os soldados me perguntavam se a França não ficava do lado das cabeceiras do rio Paraguai, de cuja direcção nos tinham visto chegar. Houve um que quis saber se nosso soberano não era o imperador da China. Dos ingleses tinham ouvido falar que não eram cristãos e espalhavam forte cheiro de enxofre. Certo dia, vendo-me a manejar o teodolito, aproximou-se de mim o comandante, pedindo-me permissão para mandar que um soldado desenhasse para ele o referido instrumento. Pois, disse-me, ele tinha ordem do governo para dar parte de tudo quanto lhe parecesse extraordinário e nunca lhe havia acontecido pôr os olhos em coisa mais singular do que aquela máquina. O artista pôs imediatamente mãos à obra, conseguindo com muita felicidade figurar uma roda de carro na ponta de uma régua quadrada. Nosso sargento tinha tal medo de

comprometer-se que quando pela *primeira* vez lhe perguntei quais eram as cores da República, ele me disse que não se julgava autorizado a mostrá-la a estrangeiros, visto não ter recebido do governo nenhuma ordem neste sentido. Foi *a muito custo que consegui satisfazer a* este respeito minha curiosidade. Era comum que se referisse à autoridade como se se tratasse de uma pessoa. Assim, quando nos mostrávamos sem esperanças de receber resposta da capital, ele nos dizia: "A respósta não tardareis a recebê-la, pois o meu governo é um homem muito educado" (*un hombre muy politico*).

No Grão-Chaco, no meio dos lindos coqueirais, viam-se alguns amontoados de pedras, cobertos de cactos gigantescos, de 5 a 6 metros de altura. Pouco tempo porém depois de nossa chegada, o aspecto da região mudou completamente em consequência do fogo ateado no capim alto que a cobria. Durante longas horas via-se uma extensa linha de fogueira, caminhando para longe e deixando atrás de si uma superfície desolada, cheia de destroços e de troncos carbonizados. Acompanhando esta cena de destruição era curioso ver-se a quantidade prodigiosa de gaviões que rodopiavam nos ares por sobre o incêndio, ora pousando nos galhos das árvores circunjacentes, ora se lançando por entre as labaredas para pegar reptis e insectos expulsos de seus esconderijos pelo calor. Como sempre acontece nestas circunstâncias, abundavam entre eles os caracarás, de parceria com um outro gavião, grande e pardo, que é conhecido entre os brasileiros por gavião-da-queimada.

Finalmente, a 5 de Março, depois do meio-dia, avistamos uma canoa que vinha em direcção ao forte. Sabendo que com ela devia vir a resposta ao nosso pedido, corremos todos ansiosos para o parapeito, à espera que a embarcação atracasse, coisa que aconteceu dentro de alguns minutos. Vimos logo pular do barco um soldado vestido com um gibão escarlate e trazendo um grande sabre: era

um mensageiro do governo. Sem dizer palavra, fez entrega de um despacho ao sargento, que o mandou ler ali mesmo; a seguir, no mesmo silêncio, passou-me às mãos outro despacho, a mim endereçado. Este era assinado pelo primeiro ministro da República, e continha uma absoluta recusa ao nosso pedido de descer até a capital. Eis aqui o teor da aludida carta:

"Por ordem do excelentíssimo senhor presidente da república, tenho a honra de vos comunicar que Sua Excelência recebeu com prazer a vossa carta datada de Olimpo a 15 do corrente, e na qual comunicais que sois encarregado pelo governo francês de dirigir uma comissão científica, destinada a explorar as partes centrais da América do Sul, e que, por esse motivo, solicitais a permissão de vir, com vossa comitiva, até a capital desta república.

E' muito a contragosto que Sua Excelência deu-me a ordem de vos informar que o nosso país se acha em circunstâncias tais, que não seria possível vos oferecer as comodidades e *facilidades necessárias* à execução dos trabalhos da comissão, visto o miserável estado de nossos campos, estado devido a uma peste que foi introduzida do exterior, atacando o gado cornígero e todos os outros animais, e que começava apenas a desaparecer quando fomos atormentados por uma seca de mais de doze meses. Por outro lado, não seria praticável o vosso regresso pelo rio Paraná, visto como o governo de Buenos Aires tomou a deliberação de suspender a navegação por aquele rio, fechando os seus portos no Paraguai, e tomando como pretexto a guerra de Corrientes contra a Confederação. Diante de tal estado de coisas, o governo supremo da república, coerente com a declaração feita relativamente à abertura dos portos ao comércio estrangeiro, julgou não ser oportuno revogar ordens existentes e abrir caminho do forte Olimpo, a menos que se trate de agentes diplomáticos estrangeiros, os quais podem tentar abrir a todas as nações

a navegação pelo Paraná, garantindo assim as relações políticas e comerciais. Sua Excelência, o senhor presidente, está convencido de que havereis de compreender a gravidade de todas estas razões, as quais, desta vez, o impedem de satisfazer o vosso pedido. O abaixo assinado aproveita a ocasião para saudar-vos com respeito e consideração.

Deus vos guarde por muitos anos.

Assunção, 22 de Fevereiro de 1845.

Assinado ANDREAS GILL."

Durante a leitura desta missiva nossas fisionomias se transformavam da mais cómica maneira; o mais curioso porém era o ar de triunfo de nosso amigo Mauritz, que não só tinha entendido que a nossa entrada havia sido negada, como ainda se supunha incluído no número dos agentes diplomáticos mencionados na carta, e assim antegozava a sua entrada triunfal na capital. Por consequência, foi com um movimento de altivez que ele pediu ao comandante que lhe dissesse o que constava ao seu respeito. Fitando-o então do alto de sua importância, respondeu-lhe o comandante, ao cabo de alguns minutos: "O supremo deu-me ordem para mandá-lo ir-se embora daqui dentro do prazo de três dias". Desconcertados embora à vista deste quiproquó diplomático, não pudemos sufocar uma risada.

O comandante nos pintou como honra extraordinária a ordem que tinha de nos fazer acompanhar de uma escolta até a fronteira do Brasil, com o fim de nos defender contra os Guaicurus. Para nós, havia nisso apenas o desejo muito sincero de ter a certeza de que estávamos de facto longe dos limites da república. Resolvi partir logo no dia imediato pela manhã, e não foi sem pesar que nos separamos daqueles bons soldados paraguaios, os quais, quase todos, ao se despedirem de nós tinham lágrimas nos olhos.

CAPITULO XXV

VOLTA PARA ALBUQUERQUE. — MIRANDA

Deixamos o forte Olimpo na manhã de 6 de Março de 1845. Iam em nossa embarcação, afora os índios da equipagem, o Sr. *Mauritz, o seu filho e as monstruosas bagagens* de ambos. Queria o nosso companheiro por também no barco um carregamento de quinhentas ou seiscentas libras de mate, que contava vender na Bolívia; mas, como a embarcação estava prestes a soçobrar de peso, fomos forçados a deixar na praia aquele interessante artigo de comércio. Nossa escolta se compunha de cinco soldados e um cabo, que viajavam numa canoa pertencente ao forte. Não podia essa brava gente imaginar que fosse realmente sair das fronteiras da república, motivo pelo qual estava tomada de uma extrema curiosidade, muito embora outra coisa não fossem ver senão matas em tudo semelhantes às da vizinhança do forte. Desde a implantação da ditadura, era esta a segunda vez que uma embarcação paraguaia passava além dos limites da república. Desta feita não passamos pela foz do rio Branco; tomamos por um braço de cerca de duas léguas de comprimento, o qual começava logo abaixo do forte e cortava o cotovelo do rio em que fica a referida embocadura. Este trajecto nos fazia encurtar enormemente o caminho, com a vantagem de ser o rio aí menos profundo, facilitando assim o trabalho dos varejões utilizados para vencer a força da correnteza.

Era já noite quando fizemos alto, após uma viagem de *quatro léguas.* A despeito de todo o esforço despendido, não tínhamos conseguido fazer mais do que meia légua *por hora, ou seja mais ou menos a metade do que fazíamos na descida.* Espectáculo curioso era o dos soldados paraguaios, os quais acampavam separadamente e, como nunca haviam dormido senão ao abrigo das muralhas do forte, sempre se imaginavam ameaçados de grandes perigos. Por isso, destacou o cabo dois soldados para fazer sentinela, encarregando-se ele próprio de preparar a comida enquanto os outros dois dormiam, sem nunca tirar o sabre da mão. A cada momento davam sinal de alerta e em cada moita de capim do Chaco, parecia-lhes ver um Guiacuru pronto para o ataque. A perfeita tranquilidade dos nossos índios Guanás, que dormiam profundamente, formava singular contraste, aliás bem pouco lisongeiro para a raça branca.

No dia seguinte antes mesmo de amanhecer, retomamos a marcha, conseguindo fazer sete léguas. Depois do meio-dia, avistamos uma canoa que, mal nos viu, ficou hesitante em prosseguir, a princípio parando, e voltando depois caminho atrás, para decidir-se finalmente a vir em direcção a nós. A canoa dos paraguaios encostou-se imediatamente na nossa, vindo ao meu encontro o cabo, para me comunicar, presa de grande agitação, que era ordem secreta voltar ele para o forte com os seus soldados, assim que pressentisse qualquer perigo. Por este motivo, sem mais demora, ia deixar-nos. Com o óculo de alcance, verifiquei que na terrível máquina lançada em nossa direcção não vinham mais de três homens. Procurei então sossegar o nosso cabo, fazendo-o reflectir que éramos quinze homens bem armados; mas ele só se tranquilizou um pouco quando viu que os três canoeiros vinham vestidos e pertenciam à nossa raça. Alcançou-nos finalmente a canoa, onde não tardamos a avistar um nosso conhecido de Cuia-

lá: era um coronel colombiano, que tinha estado ao serviço de uma meia dúzia de repúblicas e que se dizia nessa ocasião agente da Bolívia no Paraguai. Tinha ele, por sinal, acompanhado o *libertador* em todas as suas campanhas, passado por mil aventuras, uma das quais lhe custara a perda de seus papéis, que caíram num rio de nome ignorado. Esta última circunstância fez com que o presidente de Cuiabá não lhe pudesse dar o passaporte. Contudo, ele não parecia homem capaz de embaraçar-se com dificuldades desta ordem, o que de facto não duvido, pois fiquei mais tarde sabendo que ele havia passado pelo forte de Coimbra sem ser visto. Esperava certamente fazer o mesmo no forte Bourbon. Tinha por equipagem um alfaiate e um sapateiro, ambos muito queixosos de que, desde a saída da Bolívia, se tivesse esquecido o pagamento de seus ordenados.

No dia 8 fizemos seis léguas, parando às três da tarde em frente à embocadura da baía dos Xamacocos, situada na margem direita e larga de 600 metros. Tem esta baía umas dez léguas de extensão e apresenta muito pequena correnteza na estação das águas. Ela avança para o interior do Grão-Chaco e durante muito tempo foi tida como a embocadura do rio Otuquis, da província boliviana do mesmo nome.

No dia 9 o trajecto percorrido foi de seis léguas e meia, findas as quais chegamos à Baía Negra, assim chamada pela cor escura de suas águas. Acompanhados da canoa dos paraguaios, enfiamos por esta baía, afundando nela mais ou menos uma légua. Também se pensava que nela desaguasse algum rio, mas nada vimos que pudesse justificar esta suposição. No ponto até onde subimos, as águas eram divididas em dois braços por uma ilha; mas, destes braços, um pelo menos não parecia ter grande extensão. Alguns moradores de Coimbra, que numa excur-

são a cavalo pelo Grão-Chaco tinham chegado muito ao sul desse ponto, nenhum rio também encontraram.

Aqui vão alguns pormenores a respeito dessa expedição, conforme a narrativa do nosso furriel, que dela tinha tomado parte. Em 1830, a convite de um dos caciques dos Terenos, partiram do forte de Coimbra oito soldados, a fim de visitar os aldeamentos daqueles índios. Passaram pelo forte Olimpo e depois viajaram durante sete dias através do Grão-Chaco. Imagino que deverão ter chegado até 22 graus de latitude sul, visto que faziam umas sete ou oito léguas por dia, percorrendo extensas planícies cobertas de carandàzais. Chegaram depois a uma mata muito fechada, onde só a muito custo conseguiram penetrar. Dentro desta mata estava situado o aldeamento, onde foram bem recebidos. *Duas léguas adiante, dentro ainda da mesma mata*, havia um outro aldeamento, muito maior que o *primeiro* e cujo *chefe mandara* presentes *aos excursionistas*, com o convite para que fossem até lá. Durante a noite, porém, foram traiçoeiramente atacados, havendo um morto e dois gravemente feridos. Os outros foram salvos pelo cacique da primeira aldeia; mas foram desarmados e despojados de tudo quanto possuíam, só com muita dificuldade lhes sendo possível retornar a Coimbra. Entretanto, como pouco depois da sua chegada, tivesse vindo descansar nas proximidades do forte um grande bando de índios Guaicurus, os cinco soldados brasileiros imaginaram um plano para se vingarem e arrancarem do cativeiro dois de seus companheiros. Tendo obtido a permissão do comandante, não lhes foi difícil arrastar os Guaicurus a tomar parte numa outra expedição semelhante à primeira. Atravessaram então de novo o Chaco, cercando durante a noite, escondidos nos matos, o aldeamento dos Terenos e investindo contra ele às primeiras horas da madrugada, para *praticar horrível massacre* em todos os seus *habitantes*. Nenhum prisioneiro foi poupado, com excepção ape-

nas do capitão, que tinha protegido os soldados brasileiros. Os poucos Terenos que conseguiram escapar foram buscar asilo entre os Inimás, que os reduziram ao cativeiro. Voltaram os valentes soldados ao forte em companhia dos índios seus aliados, reconduzindo os dois companheiros e trazendo consigo enorme presa de guerra. Soubemos depois que os Guaicurus nos tinham espreitado por ocasião de nossa passagem pela Baía Negra e que, como nos disseram em Albuquerque, só por causa de nossa presença os soldados do Paraguai não foram por eles então atacados a flechadas. O certo é que o comandante do posto acima referido, antes mesmo de nossa volta, estava inteiramente a par de todos os pormenores de nossa viagem. Os Guaicurus atravessam o rio Paraguai a nado, agarrados à cauda dos cavalos.

Às três horas da madrugada a temperatura do ar era de 35°,2 e a da água era de 31°,1. Exposto ao sol marcava o termômetro 39 graus.

No dia 10 fizemos seis léguas e um quarto, ultrapassando a zona dos carandàzais. A região era agora completamente desnuda e era já noite quando armamos o nosso acampamento. No momento em que eu ia saltar em terra, fui vivamente empurrado para dentro da canoa pelo nosso velho chefe índio; estive por alguns momentos sem atinar com a significação daquele gesto, mas depois fiquei sabendo que, graças a singular instinto. aquele homem tinha acabado de pressentir, com o olfacto, a presença de alguma cobra venenosa perto de nós. De facto, lançando fogo no capim, descobrimos sem tardança um grande trigonocéfalo, da espécie chamada jararaca.

No dia 11, ao raiar o dia, deixaram-nos os paraguaios, alegando que íamos avistar o forte. Fiz tudo para retê-los conosco, persuadidos que estávamos de que seriam bem recebidos pelos brasileiros, mas tudo foi em vão, diante das ordens que traziam em contrário.

Durante a subida do Paraguai passamos por muitos pontos em que as barrancas do rio estavam desmoronadas, deixando a descoberto ninhadas de jacarés em que se viam juntos de dez a quinze indivíduos. Às nove da manhã alcançamos Coimbra, onde estivemos parados umas duas horas, a fim de tomar dois soldados que reforçassem a nossa equipagem, insuficiente para subirmos o rio com facilidade. Vamos dar alguns informes sobre o trecho do rio Paraguai compreendido entre Bourbon e o ponto em que estamos.

Em Coimbra o rio passa apertado entre dois morros e não tem mais do que 500 metros de largura. À medida porém que, na descida, nos distanciamos deste ponto, a largura do rio aumenta ràpidamente, a ponto de alcançar 1.800 metros na Guarda Velha. A partir daí a largura varia muito até o forte Bourbon; mas raramente fica abaixo de 1.000 metros. Quando subimos o Paraguai, ele nos pareceu muito mais cheio, ao mesmo tempo que maior era a sua correnteza, por nós calculada em três milhas por hora. Aliás, como a largura se mantivesse a mesma, era só através desta maior velocidade da corrente e do aumento de profundidade que nos apercebemos da enchente, só notada por nós a partir dos primeiros dias de Março.

A temperatura das águas do Paraguai é ordinàriamente muito alta, pois, em diversas observações, acusou o termómetro as temperaturas de 29, 30 e até 31 graus centígrados.

Em Coimbra a formação geológica parece ser a mesma do forte Olimpo. Embora as barrancas do rio só nos apresentassem cortes muito imperfeitos, pudemos verificar que ela é geralmente constituída de um lençol pouco espesso (10 a 12 centímetros de espessura) de terra vegetal fofa na superfície, superposto a uma camada de areia amarela, de espessura variável, mas nunca superior a 1 metro e meio. Por fim, logo abaixo da camada de areia,

encontram-se argilas pardas e brancas, com inclusões de sílex.

Não há nenhum monte em todo esse espaço, excepção feita dos que lhe ficam nos dois pontos extremos, como já referimos. A formação geológica de ambos não é a mesma, mas haverá talvez transição de uma rocha a outra.

No trecho de que estamos tratando, nenhum afluente possui o Paraguai em sua margem direita. O rio Negro e o dos Xamacocos são, como já dissemos, verdadeiras baías. Duas léguas abaixo de Bourbon, abre-se na margem direita larga embocadura que se diria pertencer a algum grande rio; todavia, conforme informações que nos foi dado colher, trata-se ainda aqui de uma vasta baía, a qual afunda pelas matas de carandás. Pela margem esquerda, o Paraguai recebe apenas o rio Branco.

Partimos de Coimbra às duas horas da tarde, depois de fazer algumas observações. À noite, violento temporal fez cair no rio a mala onde ia tudo que era meu e que não pôde mais ser encontrada. Só conseguimos fazer duas léguas e meia.

Nas duas margens do rio viam-se morros, de formação idêntica aos de Albuquerque; os da margem direita ficavam todavia mais próximos do rio do que os da esquerda.

Gastamos boa parte do dia 12 em contornar um grande outeiro chamado Morro do Conselho e não avistado por nós na descida do rio, por causa da escuridão. O sopé deste morro fica no Paraguai. A formação geológica é a mesma de Albuquerque, sendo constituídas, nas partes planas, de argilas recobertas por uma camada de areia. Os morros, estes, são formados de calcário branco, o qual constitui o grosso da formação entre Albuquerque e Coimbra.

A 13, pelo meio-dia, após uma jornada de três léguas e meia, entrávamos pela segunda vez no porto de Albuquerque. Nesta ocasião, estavam de saída três grandes canoas cheias de índios Guanás, que iam em busca de ipecacuanha. As embarcações sobem o Paraguai até Vila Maria, seguindo daí para os rios em cujas margens cresce a referida planta. Momentos depois fomos recebidos pelo capitão Rufo, indo ocupar o nosso antigo domicílio.

Aos Guaicurus moradores dos arredores de Albuquerque vieram juntar-se os que tínhamos encontrado em Coimbra. Preparavam-se todos para celebrar no dia seguinte uma festa solene. De facto, já na manhã de 14 o grande lago da aldeia estava coalhado de índios, indo nós tomar os lugares que nos tinham sido reservados. Os Guaicurus fizeram um grande círculo em torno de nós. Ao cabo de poucos minutos, vimos duas mulheres saír de extremos opostos e se aproximarem uma da outra de punhos fechados e com os braços colados de encontro ao corpo; caminhavam lentamente, com os olhos enfurecidos e, de repente, atracaram-se violentamente, aos socos. Como não tardasse a correr sangue do rosto de uma das contendoras, um dos chefes se interpôs com uma vareta na mão, separando-as e dando a cada qual, com uma cabaça, um trago de cachaça. Vieram então os maridos consolar suas esposas, bebendo por sua vez. Sucederam-se vários combates semelhantes, ficando nós sabedores de que surgindo alguma disputa entre as mulheres do aldeamento, a solução do caso era deixada para a ocasião destas festas. Enquanto isso outras mulheres assumiram ares belicosos, entrando também na liça. Depois, dir-se-ia que o gosto pelos murros se tinha tornado epidémico, a ponto de vermos meninos de sete anos realizarem façanhas capazes de fazer inveja aos jogadores de box ingleses. Os festejos continuaram no dia seguinte, talvez com menos originalidade, porém com maior graça do que no dia anterior. Um bando de índios

montados a cavalo, quase nus e enfeitados de penas, tentavam arrebatar no galope com uma espécie de sabre de pau, um anel pendurado a três metros de altura, na ponta de uma corda. Os que conseguiam triunfar nesse exercício eram ruidosamente saudados pelos companheiros, vindo receber, vitoriosos, o seu prémio em aguardente. Os menos felizes fugiam para o mato, por entre os apupos da assembleia. Enquanto tudo isso se passava, veio sentar-se ao nosso lado um personagem muito singular, que outro não era senão o chefe principal dos Guaicurus. Trazia sobre a guedelhuda cabeça, cobrindo o rosto pintado, um chapéu de três bicos; envergava um fato preto que pertencera ao avô do capitão Rufo e que só havia perdido um pano em seu século de serviço. Outra peça de seu vestuário, as calças brancas com atilhos nos pés, parece-me ter pertencido a algum dos membros da expedição. Pouco habituado aos trajes dos europeus, seu actual dono os tinha vestido com as costas voltadas para a frente. Desnecessário dizer que não usava nenhuma espécie de calçado. Via-se, pela gravidade de sua fisionomia, como o chefe estava satisfeito de usar tão imponente vestimenta.

Empregamos todos os esforços para arranjar uma equipagem para subir o rio Paraguai. Mas, como a maioria dos índios Guanás estava ocupada na extracção da ipecacuanha, nada pudemos conseguir. Resolvemos então, como era nosso desejo, fazer uma excursão a Miranda e lá procurar, entre os índios da região, os homens de que necessitávamos. Ao empreender essa viagem, movia-me principalmente o desejo de estudar a região habitada mais próxima da fronteira do Brasil com o Paraguai.

Resta-me agora dizer alguma coisa com referência a certos produtos manufacturados pelos moradores da zona, a começar pelo azeite de peixe, em cuja extracção muitos braços se ocupam durante a estação das secas, e especialmente no mês de Setembro. O referido óleo é extraído

principalmente de duas espécies de peixes, o piquiri e o lambari, ambos de tamanho nunca maior que o do dedo. A pequenez do porte é todavia compensada neles pela riqueza e abundância de óleo, que é obtido mediante simples cozimento na água. Quando chega a época da pesca, os fabricantes de azeite se instalam nas praias em pequenas barracas, com as suas panelas. Assim que cai a noite, todos se dispersam pelo rio, em canoinhas cuja borda fica rente quase com a água e em cuja parte dianteira vai um fogareiro. Tudo estando sossegado, milhares de peixes se reunem em torno das canoas; o pescador bate então devagar na borda da canoa, e instantâneamente ela se enche de piquiris e lambaris que são levados depressa para terra. Esta pesca singular é praticada no rio Paraguai e seus grandes afluentes, tais como o São Lourenço e, principalmente, o Cuiabá. Em certos lugares extrai-se também o óleo de jacaré, à semelhança do que se observa em várias partes da América do Norte. Finalmente, em quase todo o Brasil o povo da roça extrai o óleo de certas cobras, atribuindo a ele grandes virtudes medicinais.

O sabão é fabricado na terra adicionando gordura de ossos de boi e de porco a um soluto quente de cinzas de mamoeiro.

Deixamos Albuquerque na manhã de 16; tivemos porém que esperar no porto até o meio-dia, a fim de serem carregadas as embarcações onde iam os soldados a nós concedidos pelo comandante Rufo.

Continuamos a subir o Paraguai, passando quase a seguir pela embocadura da Baía Grande, onde fica o aldeamento dos Quiniquinaus, já por nós referido. Fica este aldeamento três léguas a nordeste de Albuquerque e a igual distância do Paraguai, em linha recta. Depois de navegar mais uma légua e meia, entramos no rio Mondego, chamado pelos índios Mbotetei ou Mbotetin e muitas vezes conhecido por rio Miranda, nome do posto fundado em

1797 na sua margem direita. A correnteza era grande e a marcha das embarcações por isso muito vagarosa. Tão cheio estava o rio que os varejões não alcançavam mais o fundo, o que nos levou a lançar mão das longas varas com ganchos na ponta chamadas forquilhas e destinadas a utilizar como ponto de apoio as árvores marginais. O rio Miranda, que desemboca na margem esquerda do Paraguai, tem nesse ponto cerca de 150 metros de largura. Vimos no fundo do rio raias de enormes dimensões; mas, como *sempre, mostraram os brasileiros a maior repugnância pela* carne deste peixe, cuja picada é extraordinàriamente temida. Subimos mais uma légua de rio, indo acampar no meio de uma verdadeira nuvem de mosquitos. Num enorme tronco de árvore existente neste lugar descobrimos lindos insectos da família dos carábidas, entre os quais grandes Helluos pretos e Galeritas da mesma cor.

No dia seguinte, trabalhando porfiadamente o dia todo, conseguimos fazer quatro léguas e um quarto. No dia 18. não fizemos mais do que isso. Ao meio-dia o termómetro marcava 34 graus ao sol; uma hora mais tarde acusava 32 graus à sombra. Nesta ocasião a temperatura da água era de 30°,8. À noite caiu uma violenta tempestade, que começou à meia-noite e continuou com a mesma fúria, até às nove da manhã. Em poucos instantes a água varou a rala coberta de nossa embarcação, deixando-nos encharcados e tiritantes durante a noite toda. No dia 19 o trajecto do rio ficou tão tortuoso que tínhamos de dar voltas continuamente em torno de nós mesmos, a ponto muitas vezes de, em dois dias de viagem, não conseguirmos distanciar-nos mais de uma légua do ponto de partida. Fizemos neste dia quatro léguas e meia. A mata era sempre espessa, mas as aves pouco numerosas. Entre estas últimas, a que se via com *mais frequência era uma espécie de tântalo* preto, pousado não raro nos arbustos dos brejos. Nossa alimentação era em grande parte constituída pelo peixe

chamado pacu. A vegetação era representada quase sempre de matas mais ou menos fechadas, mas pouco notáveis do ponto de vista da beleza ou da variedade dos produtos vegetais. Atravessávamos às vezes grandes brejos cobertos de espessa trama de arbustos entrelaçados e de plantas trepadeiras. Estas últimas avançavam às vezes sobre a superfície do rio, formando cortinas ou berços arredondados entre os galhos das árvores a que se prendiam. No meio destas verdadeiras muralhas de vegetação destacavam-se as flores brilhantes de muitas espécies de convolvuláceas. Nos dois dias seguintes *não fizemos mais do que cinco léguas* e um quarto.

No dia 20, passamos finalmente o Morro do Azeite, que vínhamos contornando, havia quatro dias. E' um pequeno monte coberto de mata, situado na margem esquerda.

A 22, passamos pela barra do rio Aquidauana, que vem de leste. O nosso furriel piloto já o havia subido até as nascentes, gastando nesta viagem um mês, desde Albuquerque. Ele parece ter a mesma largura do Mondego, o qual, acima da confluência com o Aquidauana, tem cerca de 45 metros. O rio de repente ficou mais baixo, perdendo também a correnteza, o que tornou a nossa marcha mais rápida e nos permitiu fazer cinco léguas. À tardinha caiu forte temporal e tão forte era a chuva no momento em que paramos para pernoitar, que o nosso pessoal não conseguiu acender fogo. Não tivemos outro remédio senão nos deitarmos *no fundo das canoas, renunciando à* refeição da tarde e procurando esquecer a fome, a despeito da chuva que caía de todos os lados sobre nós. Era cerca de onze horas da noite quando nos vieram avisar de que um de nossos homens tinha sido picado por uma serpente venenosa. Ao descer em terra um dos soldados se afastou do grupo. Como ele tardasse a voltar, os companheiros se puseram a chamá-lo, mas sem resultado. Aflitos com isso, trataram de ir em sua procura e apesar da completa

escuridão conseguiram descobri-lo, a uns doze passos apenas do lugar onde se tinham deitado, mas apoiado a uma árvore e imóvel. Às perguntas que lhe fizeram pôde apenas responder mostrando o pé, em que se via uma pequena ferida. O homem dava mostras de sofrer horrìvelmente, tendo perdido o uso da palavra. Indo imediatamente em seu socorro, o doutor Weddell cauterizou o ferimento com a ponta de uma baioneta aquecida ao rubro no fogo que finalmente se tinha conseguido acender. Duas horas depois, as violentas dores que sofria o doente haviam já diminuído consideràvelmente e dentro de dois dias o paciente apresentava apenas certa rigidez numa das pernas. Ficamos sem saber qual o animal de que havia ele quase sido vítima. Contou-nos ele que de repente sentiu uma picada no pé, e que a dor sentida foi tão instantânea, que não pôde chamar os companheiros, nem tampouco ir ao encontro deles. Pertenceria o animal à classe dos Reptis, ou dos Aracnóides? Seja como for é difícil explicar que um veneno tão subtil não tenha acarretado consequências mais graves.

No dia 23 fizemos cinco léguas. Às duas horas da tarde chegamos a uma ilha, que divide o rio em dois braços, dos quais subimos o esquerdo. Neste ponto, moradores de Miranda tinham acabado de fundar um pequeno sítio, com a primeira habitação humana encontrada desde que começamos a subida do rio. Na ocasião não havia nele moradores. Tornaram-se mais comuns as aves; o martim-pescador grande era visto a cada passo. Ele voa com rapidez, mas empoleira-se muito a miúdo. Tem um grito agudo, que lembra muito o do francelho europeu. Coleccionamos também uns lindos periquitos. Vimos ainda alguns sabacus. Assim como no Araguaia, essa ave parece viver aqui em sociedade com duas espécies de garças. Avistavam-se de quando em quando araras vermelhas e azuis. Foi aqui também que vimos pela primeira vez, voando em

grandes bandos, o papagaio amazona, que levam frequentemente para a Europa e existe em grande abundância no Pará. A vegetação das margens adquiria um aspecto cada vez *mais tropical*; as matas eram fechadas e cheias de palmeiras e bambus. Encontramos algumas pequenas praias cuja areia está cheia de monédulas, insectos que se viam também voar, em quantidade, à luz do sol. Nos galhos das árvores, observei muitas vezes macacos das duas espécies mais comuns, que são o guariba preto e o saí de topete. O primeiro é conhecido na região por bugio. Tanto tem ele de triste e bravio, quanto o último de engraçado, com as suas caretas e cambalhotas. Esses bandos de macacos eram o que mais nos distraía durante a longa monotonia da viagem fluvial.

Como acabamos de ver, a fauna sùbitamente se tornou mais numerosa. Nas noites de luar então, era-nos impossível conciliar o sono. Em contraste com o absoluto silêncio do crepúsculo, toda a natureza parecia animar-se. Os animais nocturnos, uma vez certos de que se haviam recolhido os que só aparecem à luz do dia, saíam de seus esconderijos, ensurdecendo-nos com os seus gritos. De cada árvore e de cada moita de capim partiam os sons mais desencontrados, enquanto do fundo das águas brotava o grunhido esquisito dos acarás. As rãs e os sapos faziam retinir nos ares as mais curiosas e variadas notas. Ora era como se ouvíssemos as pancadas de um martelo sobre a bigorna, ora eram assobios ou coaxados longos. Mas, sobressaindo a estas vozes da solidão, ouvia-se a voz forte das aves nocturnas e, principalmente, o grito triste do tântalo, muito parecido com o vagido de uma criança recém--nascida. A este vozerio juntava-se o zumbido dos insectos, ao mesmo tempo que não era raro ouvir-se o rugido distante da onça, o mugido do jacaré, ou as pancadas, semelhantes a descargas de mosquetaria, que davam estes grandes brutos, ao se precipitarem do alto das barrancas

no leito tranquilo do rio. Milhões de insectos fosforescentes aumentavam ainda mais a claridade dessas lindas noites. O concerto só cessava aos primeiros albores do dia, cujo despontar era saudado pelos berros retumbantes dos bugios.

A 24 fizemos cinco léguas e um quarto, e no dia seguinte quatro léguas e meia. A jornada do dia imediato foi de três léguas e três quartos, e a do dia 27 foi de cinco. Foram feitas neste dia as observações termométricas que passo a relatar. Às oito horas da manhã, a temperatura ao ar livre era de 29 graus e a das águas do rio era de 27; ao meio-dia o termómetro marcava 28°,8 no ar e 27°, na água; às duas da tarde, 32° no ar e 27°,2 na água; às três horas, 31°,7 no ar e 27°,2 na água; às quatro 28°,4 no ar e 27°,2 na água; às cinco e meia, 27°,8 no ar e 27°,1 na água; finalmente, às seis e meia da tarde, 26° no ar e 27° na água.

Passamos a noite de 27 num pequeno sítio chamado Porto Salubre, e no dia 28 chegávamos a Miranda, depois de uma jornada de quatro léguas e meia. Pode-se avaliar em cinquenta e três léguas a distância total percorrida na subida do rio. Fomos recebidos pelo comandante, moço muito alto, que nos conduziu ao povoado, ou melhor, ao forte, como aqui é chamado. A pequena praça foi construída a alguma distância do rio, para evitar as inundações e também os mosquitos. Ao nos aproximarmos, fomos saudados a tiros de canhão, indo logo ocupar uma casinha bastante limpa, onde nos cercaram de todas as atenções.

Foi em 1797, sob o governo do general Caetano Pinto de Miranda, que os portugueses lançaram na margem direita do Mondego os fundamentos do primeiro forte. Mas, como este fortim foi anos depois arrasado por uma enchente extraordinária, reconstruíram-no no lugar em que está, a um tiro de canhão das margens do rio.

O povoado, cuja maior extensão é perpendicular ao curso do Mondego, contém cerca de duzentos moradores brasileiros. As casas são quase todas cobertas de palha, mas separadas umas das outras por quintais cheios de laranjeiras e cercados com estacas de taquaruçu. Isso torna bastante grande a área habitada, cujo tamanho aliás é difícil de apreciar à primeira vista porque o campo visual é limitado em todas as direcções pelos verdejantes pomares a que acabo de me referir. O forte é constituído de um cercado feito de estacas, dito de pau-a-pique. As estacas são fincadas no chão pela ponta aguda, umas ao lado das outras, de maneira a formar uma paliçada de 2 a 3 metros de altura. Esta espécie de fortificação era outrora protegida exteriormente por um fosso e tinha no seu interior um espaldão de cerca de 0m,80 de altura, feito de terra. Não teve nunca alguma utilidade senão contra os ataques dos índios selvagens, cuja arte guerreira ainda se acha na infância. Hoje ele não aguentaria a investida de qualquer inimigo; as estacas caíram quase todas, o fosso está cheio de terra e o espaldão quase inteiramente destruído. No interior estão os alojamentos da guarnição e dos oficiais, além de uma capela servida por um cura, o qual, como a maioria de seus colegas brasileiros, é muito dado aos prazeres deste mundo. E' no entanto excelente caçador e a ele ficamos devendo alguns espécimes interessantes de História Natural. Debaixo de um alpendre há duas pequenas peças calibre três, ao passo que no armazém geral do forte existem duas de seis, afora grande número de fuzis e de sabres, de todos os modelos possíveis.

Até pouco tempo atrás a guarnição de Miranda era constituída de setenta homens, comandados por um major; na época de nossa passagem, porém, ela não contava mais de quarenta soldados, sem falar no estado-maior, composto de um tenente, um subtenente e três cadetes com funções de sargento. O restante da guarnição tinha sido distribuí-

do para diversos pontos. Havia ainda no forte, cumprindo pena, uns quinze galés. Na estação das secas, o comandante do forte de Miranda envia mensalmente uma patrulha até as fronteiras do Paraguai. Estes destacamentos gastam quinze a vinte dias na viagem de ida e volta, e são constituídos de sete soldados, comandados por um sub-oficial (cadete ou sargento). Os homens vão a cavalo e levam consigo animais de carga, sendo o rio Apa o ponto extremo da jornada.

Estas patrulhas *não têm* por objectivo, *como* se seria levado a crer, observar os espanhóis do Paraguai, mas sim defender a região contra os ataques dos índios. Em apoio desta asserção, que poderia parecer um pouco arriscada, vou citar um trecho do roteiro de uma destas expedições, a qual, tendo-se perdido nos campos em Julho de 1814, foi dar ao posto espanhol de Bustos:

"O segundo cadete, José da Silva Albuquerque, acompanhado de um guia e sete soldados, irá percorrer os campos até a margem do rio Apa; durante o trajecto, observará se os índios que residem nos limites de nosso território se acham presentes nos referidos campos. Se no desempenho desta incumbência verificar a possibilidade de encontrar fàcilmente os nossos vizinhos da república limítrofe, deverá por-se em comunicação com eles. Havendo por parte de alguns súbditos da mesma república o desejo de vir visitar o Presídio, deverá acompanhá-los, defendendo-os e auxiliando-os de todos os modos e, em qualquer circunstância, tratando-os com polidez e da maneira mais amical.

Quartel do Comando de Miranda, 3 de Julho de 1844.
Assinado Feliciano Pereira Guimarães".

A tão benévolo documento o chefe do posto espanhol respondeu lançando em baixo o seu visto no tom desafiador e seco que aqui transcrevo:

"O oficial brasileiro voltará com os seus homens, sendo-lhe fornecidos os socorros necessários até o rio Apa, em direcção ao qual deverá seguir o mesmo caminho utilizado na vinda. Previne-se que nenhuma excursão desta espécie poderá repetir-se deste lado do rio Apa, até que sejam definitivamente resolvidas as relações da república com o império.

Posto de Bustos Aquadabanigi, 26 de Julho de 1844.

Assinado MANUEL CONCHA.
Comandante militar de Concepción."

Há em Miranda, para o serviço destas patrulhas, cerca de quarenta cavalos e umas vinte selas.

Em 1801, quando os espanhóis vieram, segundo nos contaram, com duzentos homens armados e canhões, atacar o forte de Coimbra, cuja guarnição era apenas de vinte e oito soldados, o comandante de Miranda, tendo sabido dessa *expedição, partiu imediatamente por terra em direcção* ao Paraguai, transpondo a fronteira e arrasando o forte de São José, que ficava a dois dias de viagem mais a leste do que o actual forte de São Carlos. Sabe-se, de resto, que os espanhóis foram batidos em Coimbra. Eram eles comandados por um tal D. Lázaro, provàvelmente o governador do Paraguai, sob o reinado de Carlos IV. De Miranda irradiam várias estradas, destinadas a atravessar as zonas mais desconhecidas do Brasil. Vamos dizer algo com respeito às mais importantes.

A primeira é a estrada directa para Cuiabá. Ela atravessa os pantanais da margem esquerda do Paraguai, costeando os pontos em que eles são intransponíveis; dá uma ramificação, que passando pelo povoado de Piquiri, vai entroncar com a estrada de Goiás a Cuiabá, pouco antes do rio Aricá. Este caminho é bom no tempo da seca, e continua a ser praticável, embora com dificuldade, mesmo

na estação das águas. Não havendo animais cargueiros, a distância entre Miranda e Cuiabá pode ser percorrida em doze ou treze dias; mas havendo animais de carga é necessário o dobro deste tempo. Na passagem dos rios mais importantes, como o Aquidauana, o Negro, o Taquari e o São Lourenço, há sempre fazendas em que se encontram canoas para o transbordo das mercadorias.

A segunda é a estrada de Miranda a Camapuã, sede de uma fazenda a que já nos referimos, como sendo o porto de embarque na rota fluvial de Cuiabá a São Paulo. Depois de atravessar os pantanais que ladeiam o rio Paraguai, essa estrada galga o planalto de Camapuã, passando abaixo das nascentes do Aquidauana. E' péssima durante os meses de chuva, parecendo até que em qualquer estação o transporte nela só pode ser feito em lombo de burro. Uma tropa carrregada gasta dez dias para ir de Miranda a Camapuã; mas, viajando sòzinho, um cavaleiro pode fazer o mesmo trajecto em seis dias, constando até que alguns o têm conseguido fazer em quatro.

A terceira estrada liga os mesmos pontos extremos que a anterior, com a diferença de ser muito mais longa. No começo ela segue francamente para leste, acompanhando o curso do Aquidauana, até o pequeno povoado de São João. Neste ponto ela se volta bruscamente para o norte, tomando pela crista do alto platô de onde saem os rios Aquidauana, Anhanduí e Sanguessuga. Esse caminho tem a grande vantagem de ser utilizável em qualquer tempo, mesmo pelos carros de boi.

A quarta é o caminho de Miranda para São Paulo. Passa a princípio pela antiga sede de uma fazenda do governo (fazenda da nação), situada umas duas léguas e meia a sudeste de Miranda, e depois pelo sítio da Vacaria. Para chegar a este ponto, o caminho ruma a princípio para su-

deste e passa geralmente pela crista de um planalto. Neste primeiro trecho o caminho é muito bom e praticável em todas as estações pelos animais de carga. A partir do pequeno povoado de que acabamos de falar, o caminho costeia quase sempre o rio Paraná, dirigindo-se para o arraial de Sant'Ana, cuja importância parece ter aumentado de algum tempo para cá e que é o último lugar habitado de Mato Grosso, do lado de Minas Gerais. Entre os dois pontos precitados, o caminho segue por um planalto de crista bastante elevada, afastando-se pouco do divisor das águas. Também, excepção feita dos rios Anhanduí e Pardo, a estrada só atravessa córregos insignificantes. Depois de Sant'Ana, a estrada atravessa o Paranaíba, cortando a pequena porção da província de Minas Gerais que se intromete entre Mato Grosso e São Paulo. Entra então nesta última província, atravessando para isso o rio Paraná. As regiões que atravessa a partir daí são cada vez mais habitadas até Vila-Franca, que é já uma localidade importante de São Paulo. Depois desta localidade, a estrada passa pela cidade de Campinas, atravessa a vila de Jundiaí e daí segue para a capital da província. Desde Vacaria até a cidade de São Paulo a estrada é boa, até para os carros de boi.

A quinta é a estrada que vai de Miranda à fronteira do Paraguai, e daí a Assunção. Bem defronte do forte de Miranda, depois de atravessar o rio Mondego, entra-se num caminho que segue para o sul e leva em cinco dias às margens do rio Apa, limite entre o Brasil e o Paraguai. Atravessado o Apa, passa-se perto do lugar em que ficava o forte de São José, destruído pelos portugueses em 1801; com mais dois dias de marcha, chega-se ao posto de Bustos, que também dista apenas dois dias de Concepción, de onde se têm ainda três dias de viagem para chegar a Assunção.

Assim, uma vez restabelecidas as relações comerciais entre o Brasil e o Paraguai, elas poderiam fàcilmente se desenvolver através desta estrada.

De Miranda a Albuquerque existe ainda um último caminho, aliás muito ruim durante o tempo das águas. Ele acompanha a princípio a margem esquerda do Mondego, atravessa depois este rio a um quarto de légua da embocadura do Aquidauana, rumando a partir daí directamente para Albuquerque, através dos pantanais da margem esquerda do primeiro destes rios. O rio Paraguai é então atravessado a nado.

Quando os paulistas procuravam, pela primeira vez, uma comunicação fluvial entre São Paulo e Mato Grosso, subiram o Anhanduí e depois transportaram por terra suas canoas para o Aquidauana. Mas esta rota foi abandonada depois da abertura da estrada de Camapuã, donde quase nada se sabe a seu respeito. Tentaram reabri-la em 1838, quando o major João José Gomes, comandante de Miranda, subiu em canoa o braço grande do Anhanduí, arrastando depois as embarcações através de um varadouro de oito léguas, para alcançar o Aquidauana no lugar de nome São João, situado no caminho de Miranda a Camapuã. Por ocasião de nossa passagem, pensava-se na abertura de um varadouro de apenas três léguas, entre o braço pequeno do Anhanduí e um afluente do Aquidauana, ambos procedentes do planalto que se estende entre São João e Vacaria. Isso, porém, estava ainda apenas em projecto. Pode-se ir directamente de São João a Vacaria fazendo três a quatro léguas pela estrada do varadouro do Anhanduí, e deixando-a depois para seguir pelo platô existente entre aqueles dois pontos. Esta estrada é boa em qualquer estação e acompanha o espigão que divide as águas que vão para o Anhanduí das que correm para o Aquidauana. Entre Vacaria e São João há cerca de trinta léguas.

Ultimamente foi aberto um caminho de Camapuã à estrada de São Paulo a Cuiabá pelo Piquiri. Pode-se assim ir de Camapuã a Cuiabá por terra.

Finalmente, há vinte anos que alguns soldados de Goiás, com destino a Miranda, fizeram em cerca de dez dias a viagem desta cidade a Camapuã, sem encontrar dificuldades. Se se abrisse uma estrada ao longo do trajecto feito por aqueles milicianos, coisa aliás fácil porque toda a região é de campos, poder-se-ia muito còmodamente fazer a viagem de Miranda a Goiás.

Como as cercanias de Miranda são em geral pentanosas ou alagadas, foi muito difícil estudar a estrutura geológica do terreno. Contudo, vou dar o resumo do que penso a respeito deste assunto, com base no resultado de algumas observações. A formação fundamental parece ser o calcário muito rico em sílica, já encontrado em Corumbá e Albuquerque. Podemos observá-lo muito distintamente em dois lugares, a começar pelo caminho que vai de Miranda à grande aldeia dos Terenos, a que teremos de voltar, quando nos referirmos ao ponto em que a estrada atravessa umas pequenas colinas. O calcário forma ali pequenas massas arredondadas, atravessadas de veios pretos e brancos muito contornados, a ponto de parecer que estas rochas sofreram uma remodelação posterior à época em que tiveram origem. Vimo-la de novo numa outra localidade, muito próxima de Miranda. Ainda aqui, podemos estudá-la nos flancos de pequenos morros. O calcário tinha neste lugar a aparência de camadas solevadas, ao contrário do que acontece no caminho da referida aldeia, onde ele é antes amorfo. Este calcário se parte fàcilmente em placas, de superfície muito unida; tem cor preta, com veios brancos, e contém, evidentemente, uma boa porção de silex. As camadas parecem correr de norte a sul, com mergulho de 42° para leste; mas é provável, embora não o possamos assegurar, que na outra vertente dos morros o mer-

gulho seja em sentido contrário. Nas anfractuosidades apresentadas por estes calcários encontram-se pequenas camadas de uma espécie de grés muito vizinho do itacolumito e extremamente friável. Na superfície de todos estes terrenos encontram-se geralmente cangas, as quais, como sempre, formam intumescências rugosas, particularmente visíveis no tope dos morros. Há lugares em que esta canga contém quartzo, em grossos fragmentos. Nos campos dos arredores de Miranda, às vezes mesmo muito perto desta localidade, encontram-se pequenas lagoas cujo fundo é formado de uma terra argilosa, de cor avermelhada. Durante a seca esta terra se cobre de eflorescências salinas, muito alvas, de onde extraem o sal os habitantes da zona. Salinas deste gênero são encontradas também perto de Albuquerque, na Baía Negra, abaixo de Coimbra e no Grão-Chaco, quase junto de Bourbon.

Os habitantes de Miranda são na sua maioria mulatos ou caburés; os restantes são negros, com excepção talvez de uns dois ou três brancos muito duvidosos. O que constitui porém o grosso da população são os índios, que em número de quatro ou cinco mil vivem espalhados pela redondeza. Parece que os primitivos moradores das margens do Mondego e do lugar em que está situada Miranda foram os índios chamados Guaxis, hoje quase completamente extintos, em consequência do costume que tinham de destruir a prole. Vimos atrás que entre os Guaicurus havia o mesmo hábito. Hoje não resta daquela nação mais do que algumas famílias dispersas, entre as quais se poderá contar os Guatós, apesar da incerteza que temos desto parentesco. A julgar pelo que dizem os Guaxis, os seus antepassados ocupavam essa região desde o mais remoto passado quando dela vieram apossar-se os Guaicurus; só muito posteriormente é que, por sua vez, vieram os Guanás ou Uanás bater-se contra estes últimos. Ainda pudemos ver em Miranda o último chefe dos Guaxis; era um

mancebo de aproximadamente vinte e cinco anos e notável pela inteligência. Interessei-me vivamente pela sorte deste índio, que havia mais de um ano que fora preso e estava à espera de ser levado para responder a júri em Cuiabá. Teria ele assassinado um soldado brasileiro, mas em tais circunstâncias que me pareceu de justiça interceder em seu favor junto ao presidente da província. Estava certa tarde sentado tranquilamente com suas mulheres à porta da cabana, quando repentinamente lhe entrou pela casa a dentro um soldado bêbado, que se pôs a destruir tudo que ia encontrando. O índio conseguiu expulsá-lo mas o soldado voltou à carga e maltratou uma das mulheres. Entraram então os dois em luta, até que num dado momento o índio, sentindo-se ferido com o sabre, tomou de um cacete, matando com ele o negro. Toda a população de índios se interessava grandemente pelo Guaxi, pedindo-me por intermédio de seus chefes para interceder em seu favor. Senti-me no dever de atender a essas instâncias.

Quando em Miranda, fizemos várias excursões às aldeias de índios que existem espalhadas pelos arredores. A primeira foi ao aldeamento dos Laianos, situado a menos de meia légua de Miranda e composto de umas doze ou quinze casas alinhadas em círculo. Estas casas, ou melhor, estas choças são muito grandes e cobertas de enormes tectos de coqueiro, cujas beiras encostam às vezes quase no chão e são sustentados por esteios tirados da mesma planta. Estes tectos se elevam a 5 metros de altura. Há em volta grandes plantações e no momento em que lá estivemos quase todos os índios se ocupavam no fabrico da farinha de mandioca. Viam-se, dentro das casas, lindas peles de onça e de gato do mato. Distraimo-nos vendo o brinquedo de alguns meninos a andar com grandes pernas de pau, feitas de bambu, e tendo um pedaço de madeira pregado como suporte para os pés. São os Laianos uma tribo da nação dos Guanás; montam a cavalo e andam em

nudez quase completa, cobrindo apenas as partes inferiores do corpo com um pedaço de pano, conforme é de uso em todas as tribos da zona. Sòmente algumas mulheres traziam o rosto pintado. Esse aldeamento está lindamente situado numa extensa planície; cercam-no vários palmeirais e corre não muito longe uma cadeia de morros pouco elevados.

A 5 de abril fomos visitar o aldeamento dos Terenos, índios que pertencem à mesma nação dos precedentes, mas que até aqui têm tido muito poucas relações com os brancos. E' uma nação guerreira que conserva em toda integridade os costumes de seus antepassados. Partimos às sete da manhã, escoltados por uma dúzia de soldados e de vários moradores, entre os quais se achava o cura da povoação, montado como os outros a cavalo e bem armado. O aldeamento que íamos visitar *fica, em linha recta, duas* léguas e um terço a nordeste de Miranda. Passamos pelo aldeamento dos Laianos, onde já tínhamos estado na véspera. Fizemos uma parada aí, a fim de ver se era possível contratar alguns dos moradores para subir conosco o rio Paraguai. Nada conseguimos, entretanto. Prosseguimos a nossa viagem através de um belo trecho de campo e, uma légua mais adiante, alcançamos uma pequena aldeia de Guaicurus, composta de umas oito ou dez casas, mas que nada nos ofereceu de interessante a observar. Depois de uns momentos de descanso, cavalgamos de novo, fazendo mais uma hora de marcha para chegar a uma mata fechada à beira de uma grande lagoa, por trás da qual ficava um aldeamento indígena de vastas proporções. Era grande a animação do quadro com que nos defrontávamos; algumas centenas de homens, mulheres e crianças, completamente nus, brincavam dentro d'água; com a aproximação dos cavaleiros, fugiram todos, aos gritos. Pouco depois, porém, os homens vieram ter conosco, saudando-nos com um "adeus", palavra que pronunciavam com extrema

doçura. Compõe-se o aldeamento de umas cem ou cento e dez casas, unidas umas às outras. Estas palhoças formam um imenso rancho coberto de folhas de palmeira e estão dispostas em círculo, à volta de uma grande praça central. Toda a população, constituída de mil e quinhentos a mil e oitocentos habitantes, ocupava-se activamente nos preparativos de uma grande festa. Não têm estes índios por vestuário mais do que o pedaço de pano amarrado na cintura. Trazem os cabelos levantados sobre a cabeça e amarrados atrás, como se fosse uma cauda. Os indivíduos de ambos os sexos costumam pintar o corpo, à semelhança dos Guaicurus. Os desenhos que fazem na pele são de extraordinária delicadeza e é impossível dar ideia perfeita da harmonia de seus traços. As armas usadas por estes índios são a lança com ponta de ferro, a borduna, o arco e a flecha, e o bodoque. Este último tem a aparência de um arco, mas com duas cordas, ligadas no meio por um pedaço de couro, onde é colocada a pedra que se deve arremessar. Dentro de cada casa há uma espécie de cama ou tablado, feito de bambu e sustentado por quatro esteios.

Por cima estendem um couro de boi. Na próxima vizinhança deste aldeamento, há três outros menores, formados havia pouco tempo por índios vindos do sertão. Traziam estes últimos ainda consigo os objectos pilhados aos espanhóis que haviam massacrado. A população total destas quatro aldeias é de cerca de três mil índios.

Essa gente é bastante industriosa; cria muito gado e possui muitos cavalos. Fazem grandes lavouras de cana-de-açúcar, de milho, de feijão e de mandioca. Cultivam também bastante algodão, com que as mulheres fazem lindos tecidos, para vender aos brasileiros. Finalmente, sabem fabricar bonita louça de barro. Assim que chegamos, os chefes nos receberam num grande alpendre, que faz as vezes de sala do conselho. A cena desta recepção era digna do pincel de um hábil pintor. Enquanto estávamos sen-

tados em esteiras, mais de mil índios se comprimiam em torno de nós, ostentando no corpo as pinturas mais berrantes. Do outro lado, veio acocorar-se uma longa fila de caciques, ao mesmo tempo que as crianças se esgueiravam entre as pernas dos espectadores, procurando acercar-se de nós o mais possível, com o fim de tocar as nossas roupas e satisfazer assim a sua ávida curiosidade. Não tardou também que as mulheres, que se haviam escondido por ocasião de nossa chegada, não resistissem ao desejo de conhecer os estrangeiros, aparecendo em multidão compacta, umas debaixo do alpendre, outras nas suas proximidades.

Tínhamos arranjado intérpretes em Miranda, pelo que nos foi fácil explicar aos chefes indígenas o fim principal de nossa visita e que outro não era senão arranjar remadores para as nossas embarcações. O semblante destes selvagens era frio e circunspecto; suas maneiras, cheias de dignidade. Durante dez minutos conservaram-se silenciosos; depois, começaram a confabular uns com os outros. Um velho, tomando a palavra, fez uma proclamação, explicando em voz alta o que desejávamos e convidando os índios que quisessem nos acompanhar a se apresentarem. A princípio ninguém se animou, mas, depois, tomaram a frente dois ou três rapazes que, depois de muito hesitar, disseram que estavam dispostos a nos acompanhar. Não tardou muito porém a que se desdissessem, ficando patente que seus chefes não tinham nenhuma vontade de deixá-los partir. Desfez-se então o conselho, indo nós percorrer o aldeamento para apreciar os preparativos da festa, a qual deveria começar no dia seguinte e prolongar-se por três dias. Fazia um mês que os homens tinham batido a mata à procura do mel com que todas as famílias agora se ocupavam em fabricar um licor espirituoso, alma de todas estas festas. A este licor dão o nome de chichi, que lembra a palavra chicha, usada pelos Quichuas para

designar também uma bebida fermentada. As mulheres preparam o referido licor da seguinte maneira. Começam por esmagar os favos de mel dentro de uma certa quantidade de água, de modo a fazer uma espécie de calda. Esta é colocada em grandes vasilhas bem fechadas e mantida numa temperatura moderada, com o auxílio do fogo. Desenvolve-se então no líquido uma fermentação ácida e alcoólica, que se completa pela adição de aguardente. Quando fica pronta para ser usada, a bebida tem uma cor amarelo-opaca, e gosto parecido com o da cerveja azeda. À porta de todas as casas viam-se as mulheres, ocupadas nos trabalhos mais diversos, mas sempre tendentes ao mesmo fim. Umas cosem pequenas contas de vidro em panos raiados de algodão; outras cortam e arranjam as penas vermelhas com que fazem os ornatos para cabeça; outras ainda desenham no corpo de seus maridos delicadas pinturas, quando eles próprios não se encarregam de se sarapintar. Nesta operação utilizam pauzinhos molhados numa mistura de carvão e suco de genipapo; às vezes, porém, servem-se de verdadeiros carimbos, com que imprimem na pele uma figura qualquer. Entre os nossos companheiros houve um que não pôde resistir à insistência das índias, que, segundo elas diziam, queriam fazer dele um índio. Em pouco tempo vimo-lo com o braço enfeitado de lindos desenhos triangulares, reunidos em quadrados de tamanho decrescente. Os homens, por sua vez, penteavam o cabelo, arranjavam as armas ou se ocupavam na construção de uma porção de barracões de palha, cujo piso era guarnecido de uma esteira. Em alguns destes ranchos já concluídos, aparecia de vez em quando um singular personagem, homem ou mulher, porém sempre mais vistosamente pintado do que os outros índios. Estes, ora tinham o corpo inteiramente coberto de garatujas brancas, ora apresentavam o aspecto suposto dos animais mais ferozes. Havia alguns com o corpo literalmente revestido de vidraria, ao passo que todos

empunhavam numa das mãos o maracá, espécie de cabaça enfeitada de contas e de penas, e contendo uma porção de seixos. Os índios agitavam muito sérios este instrumento, fazendo com ele grande ruído e obedecendo a uma cadência especial. Com a outra mão, seguravam um grande feixe de penas de ema, descrevendo com ele no espaço figuras regulares. Ficamos sabendo que estes indivíduos eram feiticeiros e que para se apresentarem naquela cerimónia são obrigados a guardar completo jejum durante vários dias. Pareceu-nos contudo não lhes ser interdito o uso de bebidas, visto como nos davam a impressão de ter feito largo consumo de sua beberagem predilecta. Os trejeitos que faziam com o corpo eram acompanhados de lúgubres cantilenas. As representações duravam cerca de meia hora, recomeçando depois noutra direcção. Conseguimos curiosos informes sobre a posição que desfrutam na comunhão estes feiticeiros, ficando cientes de que é geral o respeito que lhes votam. Absorvidos inteiramente nos seus colóquios com o grande Espírito, admitem todos que não lhes sobra tempo para os afazeres comuns, razão pela qual cabe aos outros índios atender às suas necessidades. Ouvem-nos como a oráculos e seguem invariàvelmente os seus conselhos. Assim, não se empreende a menor expedição, sem prévia consulta a eles. Desgraçadamente, porém, vida tão suave tem também o seu lado mau. Obrigados que são a tratar os doentes, quando acontece que algum destes lhes morra nas mãos, podem os pais do defunto reclamar o médico, que lhes é entregue pelo povo, sob fundamento de que era um falso feiticeiro. E' então muito difícil que escapem de ser mortos, a golpes de tacape, mormente se o finado era algum dos chefes da tribo. Em Miranda tivemos o ensejo de ver um desses infelizes, que ali havia procurado refugiar-se; mas ele tratou logo de deixar o lugar, sabendo que a sua vida ali estaria sempre em perigo. Vimos numa das choças um homem que tinha sido picado

por uma serpente venenosa e ao qual um daqueles bruxos cercava de solícitos cuidados. O tratamento, aliás muito racional, por ele empregado, consistira em praticar uma forte sucção no lugar do ferimento. Tal método é largamente empregado na medicina dos índios; reconhecida a necessidade de uma sangria fazem-se na pele algumas incisões com a ponta de uma faca, e depois aplica-se no lugar a boca, como uma ventosa, para extrair a quantidade de sangue desejada. O sentimento da vaidade deve estar muito profundamente arraigado no coração dos homens, para que eles venham em busca de honrarias tão perigosas. Segundo nos disseram, esses medicos morrem todos de morte violenta.

Para felicidade deles, porém, os índios gozam geralmente muito boa saúde, muitos deles alcançando a idade de cem anos. E' notável a perfeição de seus dentes. Como os outros Guanás não têm eles mais que uma mulher de cada vez, mas podem trocar de esposa quando queiram. Acreditam na existência de um grande espírito encarregado de mover o sol.

No aldeamento grande o Sr. Weddell observou o cultivo de várias plantas provenientes de sementes trazidas de excursões feitas contra os Inimás, seus inimigos. Uma delas, chamada Nicaiá, é uma árvore de elegante porte, parecendo pertencer, segundo o nosso botânico, ao gênero Cássia; seu fruto, dizem os índios, tem forma alongada e encerra uma polpa adocicada, de que eles são muito gulosos. Outra é uma Arácea de folhas compridas, chamada Uajaré e cuja raiz é comida depois de cozimento em várias águas, com o fim de lhe tirar a acidez. Depois de termos passado várias horas no aldeamento, voltamos a Miranda. Ao atravessar a mata de Taquaral, próxima da aldeia vimos uma grande árvore que o raio havia reduzido a uma espécie de estopa.

No dia 6 alguns de nossos companheiros voltaram à aldeia, na esperança de assistir à festa; mas tiveram a decepção de saber que ela tinha sido adiada, sob o pretexto de não ter a bebida ficado pronta a tempo. Todavia, é crível que os chefes, suspeitando a visita de estrangeiros, houvessem preferido aguardar nossa saída de Miranda.

Em todas essas tribos há o hábito de acender à noite uma grande fogueira em frente da cabana dos chefes, a fim de que seja fácil reconhecê-la de longe. Nossa última excursão foi ao aldeamento dos Quiniquinaus, situado um terço de légua a leste de Miranda. Verificamos que ele se assemelhava aos outros, sendo formado de vários ranchos grandes de palha, dispostos em círculo em torno de uma praça, sem apresentar mais nada de notável.

Antes de sair de Miranda, vamos dizer algo sobre o grupo de tribos localizadas na região.

Os Guaicurus e os Guanás são duas grandes nações que, anteriormente à vinda dos portugueses, se haviam apoderado, como já dissemos, das margens do Mondego, travando guerra com os Guaxis, seus primitivos habitantes.

Embora falem línguas distintas, parece que os últimos pertencem à mesma raça dos primeiros; uns e outros são bons cavaleiros e procedem das planícies do Grão-Chaco. Os hábitos, as pinturas que usam, as festas que celebram, são ainda hoje exactamente semelhantes.

Os Guaicurus, ou Uaicurus, repartem-se nas seis grandes tribos que abaixo enumeramos.

Os Uaitiadeus, que, como já foi dito, moram nas imediações de Albuquerque. Os Cadiueus, que habitam ordinàriamente o Grão-Chaco, onde estão em guerra constante com os espanhóis do Paraguai e da Bolívia; fugindo aos Inimás, seus inimigos, se tinham retirado de sua residência habitual, refugiando-se nas proximidades de Albuquerque. Os Apacatchudeus, que moravam a princípio nas proximi-

dades de Miranda, e depois se transferiram para as terras do Paraguai, não se sabe bem onde. Os Echocudeus, ou Cotogeus, habitantes do Grão-Chaco, de onde só raramente parece *sairem*. Os Edjieus, *que povoam várias aldeolas* em torno de Miranda. Os Beaquiechós, que moram na fronteira do Paraguai, mas ùltimamente se passaram para as proximidades de Miranda, na direcção do caminho de São Carlos, com o fim de se porem sob a protecção dos *Inimás*.

De todas essas tribos, só a dos Edjieus e a dos Uaitiadeus são agricultoras.

Não é sem espanto que na obra dos Srs. Rengger e Longchamp sobre o Paraguai (pág. 72), lê-se que a tribo dos Guaicurus se acha extinta desde muito tempo, em consequência das contínuas guerras com as suas vizinhas. *Nada exprime melhor o pouco que se conhece sobre a região* de que nos estamos ocupando.

Os Guanás ou Uanás dividem-se em quatro tribos principais:

1.°) Os Guanás pròpriamente ditos, ou Chualas, os quais, em sua maioria, residem perto de Albuquerque, mas possuem uma pequena ramificação nas proximidades de Miranda.

2.°) Os Terenos, que possuem quatro aldeias perto de Miranda, uma das quais, como vimos antes, muito grande. São índios cavaleiros, agricultores e hábeis canoeiros.

3.°) Os Laianos, instalados com três ou quatro aldeamentos nas vizinhanças de Miranda e com hábitos muito parecidos com os dos precedentes.

4.°) Finalmente, os Quiniquinaus, cuja principal taba, nas proximidades de Albuquerque, foi visitada por nós. Possuem eles ainda um aldeamento perto de Miranda.

Parece que todos os índios dessa parte da América têm o costume de praticar o infanticídio. Nos Guaxis essa horrorosa praxe parece provir de um preconceito religioso e uma vontade deliberada de extinguir a própria tribo; mas, entre os Guaicurus, os Guanás e principalmente entre os Terenos, dir-se-ia resultar da faceirice das mulheres, empenhadas em fugir ao sacrifício da amamentação e conservar, pelo maior tempo possível, a aparência de juventude. As crianças são geralmente mortas antes de nascer; mas é também frequente matarem-nas depois. Entre os Guaicurus, muito particularmente, haveria o hábito de abandonar os recém-nascidos à sua própria sorte, quando estes os estorvam em suas longínquas excursões.

A permanência em Miranda deu-nos a oportunidade de enriquecer muito as colecções zoológicas. Figuram entre os animais aí coleccionados várias espécies curiosas de morcegos; uma delas, completamente preta, singulariza-se pela presença de um feixe de pelos brancos, formando uma nódoa, debaixo de cada asa; outra é um morcego orelhudo de porte gigantesco. Merece reparo o facto de que quase todos os animais dessa ordem têm cor escura. E' muito raro, por exemplo, que haja quaisquer cambiantes no colorido das asas; entretanto, em época ulterior, encontrei nos arredores da Bahia uma espécie inteiramente alva, e outra com as pontas das asas dessa mesma cor.

Entre as aves, contavam-se várias espécies de jaçanãs, alguns mergulhões, narcejas, maçaricos, garças. Conseguimos também vários exemplares de uma linda ararinha de coleira amarela. Observamos muitas vezes duas espécies de cucos, aliás comuníssimos em quase todo Brasil. Sabe-se que a espécie europeia deste grupo possui o hábito singular de por os ovos nos ninhos de outras aves insectívoras; o guira, ou anum branco, e o alma-de-gato, pelo contrário, constroem eles próprios o seu ninho e choeam os ovos, cujo número é em geral de três. A última espé-

cie é tida entre todas as tribos, desde o Paraguai até a Guiana, como ave de mau agouro. Por isso, os vários nomes que lhe têm dado as diferentes línguas têm relação com os do Espírito Mau.

Tínhamos visto já, mais de uma vez, estas enormes aranhas correntemente chamadas Mygales, mas foi só em Miranda que as vi aparecer frequentemente no interior das habitações. As picadas deste animal são em geral pouco temidas, não obstante ocasionarem acessos de febre alta.

Há na região, em enorme quantidade, o pau roxo e o jacarandá, ambos utilizados como combustível. Uma tábua do primeiro, medindo dois a três metros de comprimento, meio metro de largura e dois a três centímetros de grossura, vale cerca de dois francos e cinquenta cêntimos; mas o transporte destas pranchas, cujo peso médio é de duas arrobas e meia, custa cerca de quarenta e oito francos.

O preço do jacarandá não vai além de três francos por tábua de quatro a cinco metros de comprimento, por um metro, quase, de largura e cinco ou seis centímetros de grossura. Essa madeira pode ser embarcada no Aquidauana e viajar por água até Porto Feliz, na província de São Paulo.

A 12 de Abril deixamos o posto de Miranda, voltando para Albuquerque. A descida do Mondego foi feita em cinco dias. Nos lugares descampados vimos várias vezes emas; é costume porem algumas fêmeas os ovos no mesmo ninho, escondido no capim alto. E' assim frequente acharem-se ninhadas de vinte ou vinte e cinco ovos; na generalidade dos casos, porém, o número de ovos varia de doze a quinze. Avistamos muitos bandos de araras e quantidade notável da espécie pequena de juburu, a qual é conhecida localmente pelo nome de cabeça-seca. Quando voam, estas aves se alinham em duas filas convergentes, formando um ângulo. O Sr. Deville matou a fêmea do um grande veado, que atravessava o rio a nado. De seu

lado, o Sr. d'Osery, quando fazia uma caçada no pantanal, deu um tiro numa onça que lhe apareceu de repente no caminho; mas o animal conseguiu fugir, embrenhando-se no mato, onde não foi mais possível persegui-lo. Ao armar um dos nossos acampamentos, de tarde, encontrei no capim grande quantidade de lindos cassídidas azuis, que faziam o efeito de flores; observei também várias espécies de *Darnis* recentemente saídas do invólucro ninfal e rodeadas de grandes formigas, que sugavam com avidez o líquido viscoso por elas secretado. Surpreendidos pela noite no meio do pantanal, fomos muitas vezes forçados a dormir nas próprias embarcações, e sem jantar. Não era possível nestas ocasiões prosseguir a viagem, pois a carta que tínhamos do rio só nos permitia navegar à luz do dia. Um belo dia fui vítima de um acidente que, por felicidade, não teve outra consequência afora momentos desagradáveis. Estávamos dormindo em terra, nas nossas redes quando, pela madrugada, eu quis ir para o nosso barco. Como, por causa de seu tamanho, ele tivesse, como sempre, ficado um pouco longe da margem, utilizei-me, para embarcar, de nossa canoinha de caça. Para não incomodar ninguém, resolvi pegar eu mesmo do remo; mas, como estivesse ainda estremunhado, no momento de subir na embarcação meu pé resvalou e eu caí em cheio no rio. Penso já ter falado na minha completa ignorância na arte da natação; é portanto fácil de calcular o meu susto ao dar este involuntário mergulho, sabendo que todos dormiam e não havia assim nenhuma probabilidade de que alguém viesse em meu socorro. Por sorte, porém, houve quem ouvisse o barulho de minha queda, de maneira que, quando me debatia na água, agora mais desperto, senti-me seguro por um homem, que me içou a bordo, já meio asfixiado.

Em Miranda, o Mondego é muito sinuoso, estreito e de forte correnteza. Sua largura não excede a quinze ou dezesseis metros. Durante a cheia, como aconteceu na oca-

são em que o subimos, ele é bastante profundo e corre com a velocidade de três milhas por hora; varas de seis a oito metros nem sempre lhe atingem o fundo. Por ocasião da nossa descida as águas tinham *baixado* e a *correnteza* oscilava entre uma milha e uma *milha e meia*. As enchentes dão-se quase bruscamente, outro tanto acontecendo com a vasante, de modo que no espaço de dois ou três dias vemo-lo extravasar do leito e a este voltar novamente. Quase todos os afluentes do Mondego, desde Miranda até a foz, são apenas córregos sujeitos a secar em certa fase do *ano*. Fazem, todavia, excepção o rio Sabba, próximo à embocadura do qual há uma fazenda de igual nome, e o rio Aquidauana.

O estudo geológico do Mondego era impraticável, por falta de cortes; na superfície vêem-se apenas terrenos argilosos, mas devemos admitir que há calcário por baixo. No lugar chamado Barranco Vermelho observam-se, quase à flor da terra, xistos argilosos, vermelhos, veiados de branco. Finalmente, quase por toda parte, sobre o chão, encontram-se grandes blocos de quartzo leitoso, às vezes impregnados de pirita ferruginosa.

CAPITULO XXVI

SUBIDA DO RIO PARAGUAI, ATÉ VILA MARIA. — MAR DE XARAIES.

No dia 17 chegamos a Albuquerque. Enquanto estivemos ausentes, a aldeia dos Guaicurus Cadiueus tinha aumentado de modo considerável, à custa de índios vindos das regiões mais longínquas do sertão. Espectáculo deveras interessante era o dessa gente, que, acostumada à vida errante, se esforçava agora por imitar as construções grosseiras, mas permanentes, das outras tribos; infelizmente, porém, já a paixão pela aguardente dela se havia apoderado, chegando ao ponto de fazer com que esses índios vendessem até os cavalos e as armas para saciar a sua funesta inclinação. Só os ministros da religião são capazes de civilizar os povos selvagens sem recorrer ao engodo ilusório da desmoralização. As paredes das choças e os troncos das árvores da redondeza estavam cheios de inscrições singulares, semelhantes a hieroglifos de formas muito curiosas. Foi-nos impossível saber se eles formavam uma espécie de escritura mística, ou se, como nô-lo garantiram, significavam apenas as marcas encontradas na pele dos animais que tinham roubado. Viam-se sempre índios ocupados em desenhar estas imagens com a ponta das facas. Já tivemos ocasião de dizer que a anhuma é objecto de uma superstição entre os grosseiros habitantes das regiões em que é encontrada; mas especialmente em Miranda lhe atribuem as

mais singulares virtudes, dando até lugar a que dela se faça um comércio regular. Extraio do diário do Sr. Weddell os seguintes informes, obtidos do subdelegado: "A ave inteira vale trinta mil réis (cerca de noventa francos), podendo apurar-se muito mais na venda a retalho, de tal modo são preciosas certas partes, não só para a cura das febres mais violentas, como ainda de uma infinidade de doenças outras. O chifre é de todas as partes a mais activa, vindo em segundo lugar a unha da asa esquerda, e depois, em terceiro, a unha da asa direita. A banha e as penas, embora igualmente prestadias, têm valor muito secundário".

O bom magistrado acrescentava ainda um traço da vida da anhuma muito digno de referência; vem a ser o hábito que tem ela de nunca beber qualquer água antes de benzê-la.

Quando íamos sair de Miranda, mandei na frente uma canoa, com o furriel Pais; assim, quando chegamos encontramos tudo arranjado, inclusive uma bonita equipagem de índios. Graças a isso, a 18 podíamos já partir de Albuquerque. Como fosse intenção minha subir o Paraguai até a passagem da estrada de Mato Grosso, e explorar também os grandes pântanos denominados nas velhas cartas Xaraies, fiz preparativos para uma viagem de quarenta dias. Sabíamos que o perigo mais real que nos ameaçava eram as febres endémicas na região, as quais não só se estendem por todo o alto Paraguai, mas ainda fazem sentir os seus efeitos até em Albuquerque. Procuravam-nos amedrontar com a dificuldade que teríamos para achar o verdadeiro leito do rio no meio da vasta região inundada. Fizemos nesse dia quatro léguas e três quartos, acampando em frente à embocadura do rio Negro, que é o mesmo que se atravessa no caminho de Miranda a Cuiabá, e que, depois de perder-se nos banhados da região, deles sai para

derramar no rio Paraguai. No cimo das árvores, vimos muitos ninhos do grande jaburu.

No dia 19, nossa jornada foi de seis léguas. O rio *tinha 500 a 600 metros de largura e a correnteza era de* uma milha e um terço a uma milha e meia por hora.

A 20 fizemos marcha semelhante, mas a 21 não conseguimos fazer mais de quatro léguas e meia, *ao* cabo das quais chegamos a Corumbá. A praga dos mosquitos tinha-se tornado insuportável; conseguimos, porém, até certo ponto, nos defendermos dela por meio de grandes chumaços de penas de ema, que nos emprestaram os índios.

A 22 fizemos um trajecto de cinco léguas e meia. As *margens do rio estavam completamente inundadas.* Vimos, atravessando o rio a nado. uma cobra de 6 a 7 pés de comprimento; ao passar pela canoa, acelerou a marcha, mantendo fora d'água apenas a cabeça. No dia seguinte a jornada foi um pouco mais curta. A largura do rio continuava a ser, *mais ou menos, 600 metros.*

A 24, com tempo muito bom, fizemos *cerca* de cinco léguas. Em certo lugar o Paraguai passa entre morros calcários, semelhantes aos de Corumbá. Nesta formação, escavou o rio sua passagem, apertado entre paredões a pique. Os pacus, que entravam como parte importante de nossa alimentação, desde alguns dias se tinham tornado muito ressequidos e magros; segundo os índios, isso decorria do facto de não haver ainda no pantanal profundidade suficiente para que aqueles peixes pudessem buscar ali o necessário sustento. Os mosquitos que tanto nos molestavam pertenciam a cinco ou seis espécies diferentes. Um deles tem as patas de cor azul-celeste e, ao pousar, mantém sempre verticalmente levantadas as patas do segundo par; *a picada desta espécie deixa um prurido in*suportável. Outro, conhecido pelo nome popular de mosquito branco, tem o corpo muito alongado; é cinzento, ou sarapintado de pardo; sua ferroada é bastante incómoda,

produzindo dor aguda, semelhante à de uma picada de agulha, mas de efeito muito passageiro. Uma terceira espécie singulariza-se pelo seu porte avantajado e colorido escuro, ao passo que a quarta é muito pequena e quase preta. A última, finalmente, difere apenas da primeira pela sua cor pardacenta. Na noite deste dia, acampamos junto à entrada de uma pequena baía cheia de espesso ervaçal, onde dois jacarés dir-se-ia estarem montando guarda. Estes animais esperaram calmamente que nos aproximássemos, abrindo então a goela desmedida. Viam-se por toda parte rastos de onça e, espalhados aqui e ali, os ossos de suas vítimas. Com a nossa chegada, levantou voo um bando de urubus que se aproveitavam destes restos sanguinolentos, indo pousar nas árvores da vizinhança. Parecia abundarem neste lugar toda espécie de animais, pois no curto espaço de tempo em que fazíamos a nossa refeição, vimos passar uma cobra sobre o couro de boi que nos servia de mesa. Durante toda a noite ouvimos do outro lado do rio os roncos das onças.

No dia 25, detivemo-nos na entrada do rio Paraguai-Mirim, com o fito de determinar a posição geográfica do lugar. Este rio é muito sinuoso e tem sòmente 20 a 25 metros de largura na foz; mas é bastante fundo e de grande correnteza. O furriel Miguel Pais, que já o tinha subido, disse-nos que ele é navegável até boa distância da embocadura. Ao fazer as nossas observações verificamos que muitas bolhas de ar tinham penetrado no barómetro, tornando-se assim necessário ferver o mercúrio, operação relativamente fácil para nós, que dispúnhamos dos instrumentos de Ernst. Apesar de tudo, não nos foi possível concluir a operação no mesmo dia, pelo que, após diversas tentativas infrutíferas, resolvemos prosseguir a viagem sem barómetro, deixando o resto para a primeira oportunidade favorável. Por culpa deste atraso, só conseguimos fazer três léguas e um quarto.

A 26 soprou um golpe de vento tão forte que espantou quase completamente os mosquitos. Vimos, mais de uma vez, cobras atravessando o rio; de uma das embarcações foi morta uma serpente venenosa com 6 pés de comprimento. *Acompanhamos, do lado de oeste,* lindas montanhas pertencentes à Serra dos Dourados, indo, à tardinha, acampar em frente de dois picos, conhecidos entre os índios pelo nome de Chané. O trajecto percorrido foi de cinco léguas.

No dia 27 passamos pelas primeiras moradas de índios Guatós, situadas pitorescamente no sopé de colinas cobertas de mata. Dentro da floresta, viam-se colunas de fumaça ganhando as alturas. O trajecto feito foi de quatro léguas e três quartos.

A 28, fomos escoltados durante toda a manhã pelas canoas dos Guatós, circunstância que aproveitamos para aprender uma parte do vocabulário daqueles índios. Às três e meia, passamos em frente do primeiro braço do rio São Lourenço, e, meia hora depois, fomos acampar na entrada do segundo, para fazer as nossas observações. À nossa frente estendia-se a cadeia dos montes Dourados, chamados pelos índios de Marapó. Esta serra, que na porção baixa do rio é constituída de montes isolados e geralmente truncados em platôs, e que, depois, nos Chanés, apresenta-se sob a forma de picos arredondados, toma aqui o aspecto de uma cordilheira contínua e de encostas talhadas a pique do lado do rio. Fizemos neste dia quatro léguas e um quarto.

A 29, depois de termos passado toda a manhã em consertar o barómetro, operação que nos custou dois tubos, quebrados um depois do outro, partimos à uma hora da tarde, tendo tomado antes as alturas circum-meridianas. Ficamos sabendo, pelas informações dadas pelo furriel, que o rio Paraguai entrava outrora no São Lourenço por um braço único, chamado hoje Barra Velha, e que só de uns

quarenta anos a esta parte tinha ele rasgado o segundo braço. Continuando a subir o rio, alcançamos a cerca de uma légua do acampamento um ponto em que o Paraguai adquire enorme largura. Aí, o leito do rio é obstruído por uma quantidade de ilhas submersas, reconhecíveis apenas pelos topes das árvores que ultrapassavam a superfície das águas. Formava uma linda paisagem este imenso lençol líquido, perfeitamente tranquilo e semeado de bosquetes virentes. Depois de passarmos alguns trechos muito difíceis, em que o rio era obstruído por um sem número de árvores tombadas e de espessos ervaçais, alcançamos ao cabo de quatro horas de navegação as fraldas dos montes Dourados, sem que pudéssemos descobrir qualquer passagem. Verificamos então que nos tínhamos perdido numa dessas mil baías que forma o rio Paraguai na época das enchentes, espraiando-se até onde a vista alcança. Achávamo-nos finalmente nos pantanais de Xaraies. Tinha eu trazido de Albuquerque um guia, que dizia conhecer bem a região. Por muito tempo ele nos garantiu que estávamos no caminho certo; mas, por fim, vendo que para sair do lago não havia outro caminho senão aquele mesmo por onde tínhamos entrado, não teve outro remédio senão confessar que nos tínhamos perdido. Sabendo que só os índios Guatós seriam capazes de nos indicar a boa trilha, mandei tocar a busina e dar tiros de espingarda. Mas toda a redondeza se manteve no silêncio mais profundo. Por fim, vendo que os nossos esforços não faziam outra coisa senão nos afundarmos cada vez mais no emaranhado de lagos e baías desconhecidos, tomei a resolução de voltar para o acampamento de onde tínhamos partido pela manhã. A muito custo conseguimos alcançá-lo, já noite alta. Mandei incontinenti o furriel, numa canoa, à procura das choças de índios Guatós avistadas na véspera, a fim de tudo fazer com que eles viessem servir-nos de pilotos. Era meia-noite quando partiu aquele companheiro.

Gastamos a manhã do dia seguinte em fazer novos reparos no barómetro, com que não estávamos ainda satisfeitos. Tínhamo-nos aproximado da confluência do Paraguai e do São Lourenço *o bastante para nos certificarmos* de que a formação aí é a mesma do Morro de Amolar. Depois do meio-dia, voltava o furriel com duas canoas de índios Guatós, cada uma com um homem, uma mulher e algumas crianças. Sabedor da fama de que gozam estes índios como manejadores do arco, apontei-lhes um urubu, pedindo que o derrubassem. Entretanto, estas aves, que para conosco se mostravam tão familiares, pareciam conhecer os índios, visto como voaram assim que um dos últimos deles se aproximou; mas o projectil já fora lançado, atingindo com a sua ponta de osso a ave no peito, e fazendo-a vir abaixo em poucos segundos. Partimos à tardinha, concordando os Guatós em nos guiar até o lago Guaíva, em troca de algumas facas. Disseram-nos que aí procurariam outros guias para nos conduzirem adiante. Estávamos dentro de pouco rodeados de sete ou oito canoas, cada uma com um remador à proa, e uma mulher acocorada à popa, no governo.

A nação a que pertenciam os novos convivas, já referida ràpidamente por nós, merece mais alguma atenção da nossa parte. Ela parece descender de um tipo bastante diferente do dos outros índios. Os homens tem barba, por vezes espessa, e o corpo não raro cabeludo; possuem olhos grandes, de aspecto caucasico, nariz aquilino e traços singularmente perfeitos. Andam nus, com excepção do pequeno pedaço de pano que trazem pendurado à cintura. Segundo observei, a inteligência neles é maior do que a comum entre os indígenas. Crêem em Deus, e pensam que vão até este as almas dos que foram bons, ao passo que a dos maus é aniquilada. O sistema de numeração que usam é bem ordenado e muito semelhante ao nosso. Os selvagens, em sua maioria, não contam além de cinco ou dez,

servindo-se dos dedos; a partir daí dizem *muito*, expressão que se aplica a qualquer quantidade. Só algumas nações têm o costume de alongar a última ou a penúltima sílaba, em proporção com a quantidade maior ou menor que se tem em vista. E' assim que entre os Xavantes a palavra *ka-oki* significa mais de cinco, enquanto *ka-oooo-ki* quer dizer *muito*. Os Botocudos, por outro lado, dão igual sentido à palavra *uruju*, que, *para exprimir um número muito* elevado, pronunciam como que cantando a última sílaba. Muitos selvagens empregam o mesmo sistema para exprimir a distância; assim é que entre esse mesmo povo a palavra *amaronê* designa um objecto distante, enquanto que *amarô-ô-ône* significa um afastamento ainda maior, dando-se a essa palavra uma espécie de cadência difícil de imitar. Quando *falam de um caminho ou do curso de um* rio, as curvas e os acidentes são expressados imprimindo a algumas dessas vogais repetidas um movimento brusco que traduz fielmente o pensamento neles contido. Ouvi os Carajaís descreverem-me assim, numa única palavra e com a maior clareza, o curso do Araguaia, com as suas cachoeiras. Os Xerentes contam apenas até cinco; depois daí mostram com os dedos os números suplementares. Todavia, têm de repetir tantas vezes a palavra *nicrapcu* (cinco) quantas estiver o número cinco contido no que desejam exprimir. Por curiosa excepção, os Apinajés não contam além de quatro (*cgoutad-acroudo*), dizendo depois quatro e um, quatro e dois, quatro e três, quatro e quatro. Assim, para exprimir o número doze, dirão quatro, quatro, quatro. Os Craós, que *não são senão um* desmembramento da referida nação, adoptam o mesmo sistema, com a diferença de usarem nomes outros para os números. Os Apiacás do rio Arinos vão até seis (*coivete*), dizendo depois daí simplesmente muito (*cporimo*). Os Caioás parece-me que não contam senão até três; mas esta informação foi colhida de alguns indivíduos escravizados pelos Guai-

curus desde muito tempo, e talvez já esquecidos da língua própria. Não obstante, o facto se observa entre os Bororos. A maioria dos outros índios sabe contar até cinco. Acostumado com a imperfeição dos sistemas de numeração usados pelos indígenas, esperava ver também os Guatós parar no mesmo número; mas, com espanto, vimos que eles continuam a contar indefinidamente. Analisando as palavras que eles me davam para exprimir os números, vi que a partir de cinco eles recomeçavam a empregar as mesmas palavras, acrescentando-lhes porém um segundo vocábulo, sempre invariável. Assim, um diz-se *tchenai;* dois, *duuni;* cinco, *tocrá.* Já seis se dirá *tchenai-caicaira;* sete, *duuni-caicaira.* E' preciso porém notar que neste sistema quinário as palavras correspondentes aos números 5, 10, 15, 20, 25, etc., não se repetem, usando um termo novo para exprimir a série que a eles se segue. Portanto, para exprimir 6, não se dirá *tchenai tocrá,* como seria se tal se desse.

Os Guatós apresentam exemplo raro de um povo sem nenhum liame nacional e que nunca se concentra em povoados; cada família leva vida isolada e constrói a sua moradia nos lugares mais inacessíveis. No meio de vastos pantanais ou de terras inundadas, avista-se uma pequena clareira *em plena mata.* Ali, sob tosco *barracão,* instala o Guató a sua morada; por mobiliário apenas algumas cabaças e peles de onça, animal que abunda na região e é alvo de encarniçada guerra. Não conhecem outra diversão afora a caça deste terrível animal, que é atacado corpo a corpo, por meio de uma comprida lança, que o índio nunca abandona. Passam quase toda a vida em suas canoas, onde se refugiam com a família inteira quando as enchentes lhes alagam os *ranchos,* forçando-os a passar semanas inteiras sem descer em terra. O ciúme é a paixão que mais atormenta esses selvagens, que vivem constantemente

absorvidos com a guarda de suas muitas mulheres. Também, nunca existe mais do que um homem em cada casa, e assim que o filho atinge a puberdade, procura as mulheres com quem passará a levar vida independente. Duas vezes por ano, em época certa, os homens se reúnem em lugares prèviamente indicados pelos chefes; porque estes republicanos por excelência não deixam de ter os seus caciques *hereditários*. *Essas reuniões não duram mais de dois* dias e ocorrem geralmente em sítios particulares, a que parece votarem respeito religioso, tais como certos picos da Serra dos Dourados e a entrada da lagoa de Uberava. A força física destes índios pode ser avaliada pela fortaleza e peso das armas que usam. Principalmente os arcos, têm dimensões enormes; o lenho de que são feitos aparece muitas vezes revestido pelos restos da casca. As flechas têm dois metros e meio de comprimento e as lanças chegam a ter quatro. As várias peças de que é formada a flecha são coladas umas às outras com cola de peixe [1], ao passo que *as cordas dos arcos são feitas com a* tripa dos bugios ou das fibras da palmeira tucum.

A língua destes índios é extremamente doce, principalmente nos lábios das mulheres. Já vimos que estas estão muito longe de possuir com exclusividade o amor de seus maridos, visto como cada homem possui várias esposas. O número delas em cada família varia de três a doze. São muito bonitas de feições, e é impossível deixar de admirar os longos cabelos pretos que lhes caem livremente sobre os ombros. Há porém em seu semblante uma profunda expressão de melancolia; uma escrava não seria mais triste do que elas. Quase todos estes índios trazem à volta

(1) *Há erro provável do Autor neste pormenor. Não é* crível usassem os índios cola animal, que é muito sensível à humidade; alguma resina vegetal seria o material indicado e muito mais acessível ao índio. (Nota do trad.)

do pescoço colares de dentes deste ou daquele animal, e mais particularmente de jacaré.

No dia 30 não fizemos mais do que duas léguas, e se não fosse o conhecimento da região por parte dos selvagens, certamente não encontraríamos no meio do pantanal um lugar onde pudéssemos acampar. Nossos homens se instalaram nos ramos de uma dúzia de figueiras gigantescas, muito comuns em toda essa região inundada, e conhecidas pelo nome de gameleiras. Os Guatós tiveram o cuidado de ficar o mais longe possível uns dos outros. Uma das famílias se acomodou nos seus couros de onça, de um lado e de outro do acampamento; as outras foram amarrar as canoas em árvores distantes.

No dia 1.º de Maio de 1845, fizemos quatro léguas e três quartos para subir o trecho do rio Paraguai que nos separava do lago Guaíva, na boca do qual acampamos. Os pantanais em volta estavam cheios de vegetação, dando a aparência de uma campina salpicada de flores. O rio passa mesmo junto à base da serra, a qual, neste ponto, é constituída de rochas talcosas, com veios de quartzito. As montanhas eram todas cobertas de vegetação viçosa. Os índios Guatós não saíam de junto de nós; dos largos canais que cortam o imenso banhado surgiam a cada momento novas canoas, para vir em nossa direcção. A brandura e a infantil curiosidade destes índios faziam-me lembrar sempre dos Caraíbas, tais como os descreveram os primeiros viajantes. Havia no meio deles uma criança doente, a quem os pais prodigalizavam os cuidados mais solícitos. Tinham amarrado à volta de seu pescoço guizos de cascavel e uma garganta seca de guariba.

A 2, deixamos à nossa direita o rio Paraguai, penetrando na lagoa de Guaíva, a qual, em rigor, não é senão uma grande baía formada pelo rio, que nesse lugar forma um cotovelo. Tem esta laguna cerca de duas léguas e meia de comprimento e um terço de légua de largura. No fun-

do, ela se estende muito nesta última dimensão. Sua direcção geral é para sudoeste, mas a forma é arqueada. Obstruindo-lhe a entrada, há uma ilha, dividida em duas por um braço do rio. Este braço, que representa o caminho mais curto, está sujeito a secar-se durante os meses de Outubro, Novembro e Dezembro, que são aqueles em que o rio está mais baixo. Por esta razão, os tiradores de ipecacuanha se vêem então forçados a seguir pelo braço principal e fazer uma curta travessia de um quarto de légua no Guaíva. Esta passagem é extremamente temida, porque é sempre possível serem surpreendidos no largo por alguma ventania. Gastamos o dia quase todo a contornar a lagoa e estudar-lhe a configuração. Nossos olhos deleitavam-se a cada passo com os cenários mais arrebatadores. Na espessa mataria que sombreava todas as margens, viam-se as palmeiras *carandá* e *acuri*, bem como *mandacarus* de formas as mais extravagantes. Por trás destas lindas árvores, erguiam-se formosas montanhas cobertas de mata, de modo a fechar o lago numa vasta ferradura, mas, no fundo, deixando sempre um espaço considerável entre as suas abas e o Guaíva. O solo é completamente plano, coberto de sarças e pontilhado de carandás. Nesta parte há uma laguna de pequenas dimensões, que comunica com o lago.

Enquanto costeávamos de canoa estas belas margens, avistamos uma pequena pintada, provàvelmente tirada ao sono por nós; o animal se levantou espantado, desaparecendo num relance pela floresta a dentro. A leste, as montanhas de que falamos chegavam mesmo até a borda do lago; a oeste, porém, elas ficam muito mais distantes e são também mais baixas. No fundo, a serra se intromete pelo interior da Bolivia. E' pela extremidade desta baía que brasileiros e bolivianos parece concordarem em fazer passar a fronteira entre os dois países.

Da fala dos selvagens pudemos compreender que existia um braço ligando o Guaíva ao grande lago de Uberava.

Com efeito eles nos fizeram entrar nele e seguir viagem até uma hora antes do por do sol, quando armamos o nosso acampamento, junto a uma mata fechada, cheia de cipós entrelaçados. Vimos aí uma árvore, que o Sr. Weddell reconheceu como pertencente à família das rubiáceas. O lenho desta planta, cortado de fresco, lembra o do choupo; mas, depois da exposição à luz, adquire a princípio uma cambiante rósea e passa depois a carmim intenso. Há tanto mais razão para se supor que ela teria utilidade em tinturaria, quanto faz parte da mesma família da garança. A distância, em linha recta, entre o acampamento de hoje e o de ontem é de légua e meia.

A largura do canal em que estávamos variava entre 200 e 300 metros; seu trajecto era sinuoso e com ele se comunicavam muitas baías. De cada lado corria uma cadeia de montanhas. A vegetação das margens era muito densa e viam-se no meio da mata várias choças de índios Guatós. Esse braço não seca nunca, e, durante a estação pluviosa, ele corre lentamente do lago Uberava para o Guaíva.

Passada uma ilha, o rio adquire 500 metros de largura, voltando adiante à sua largura ordinária. Depois, em certos pontos onde ele é estreitado por pontas de terra, sua largura não excede a 60 metros. Ladeiam-no, à direita e à esquerda, pantanais imensos. Dão os selvagens a este curso d'água o nome de Jequié. Como não o encontrássemos mencionado em nenhuma carta geográfica, felicitei-me por achar uma oportunidade para testemunhar meu reconhecimento à Sua Majestade o Imperador do Brasil, dando-lhe o nome de rio Pedro Segundo. Estava longe de esperar que essa homenagem tão natural viesse motivar críticas amargas da parte de um coronel brasileiro, através do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro. Nesta folha, declara o referido oficial que o curso d'água de que tratamos se acha indicado num manuscrito existente nos arquivos de Cuiabá. O autor do artigo estava todavia no

dever de saber que só os factos publicados se têm como adquiridos pela ciência, verificando assim que, por meio de alegações daquela espécie, ele vinha demonstrar a toda evidência que o rio era de facto até aqui desconhecido. Não foi sem espanto que vi um homem sério dirigir sarcasmos sobre estrangeiros que outra coisa não queriam senão se instruírem, e cujas pretensões nunca chegaram ao ponto de querer conhecer melhor o Brasil do que os brasileiros. Visto que aquele oficial se ocupa de geografia, não poderá ignorar que pelo menos um quarto do país é ainda hoje completamente desconhecido e que quase todas as descobertas que nele se têm feito são devidas aos europeus. A verdade é que toda a documentação que se possui sobre essa bela região foi fornecida por alemães, como Spix e Martius, Eschwege e Neuwied; por franceses, como La Condamine e Auguste Saint-Hilaire; por ingleses, como Mawe, Smith e Lowe, e finalmente pelos ilustres astrónomos portugueses encarregados da demarcação dos limites.

Às três da tarde chegamos na entrada do lago Uberava, que se nos afigurou um oceano sem limites. Até o limite último da visão nada mais aparecia senão a imensa superfície das águas tranquilas, a se confundir com as nuvens na linha do horizonte. A direcção geral do lago parecia ser para oeste; durante algum tempo, avistava-se uma parte da margem norte-ocidental, mas não tardou que ela também desaparecesse. Tínhamos o maior desejo de levantar a carta desta enorme lagoa, mas nada foi capaz de induzir os índios a nos acompanhar; nem mesmo o oferecimento que lhes fizemos de nossas espingardas, tão cobiçadas por eles. Falavam no perigo dos grandes temporais que parece varrerem frequentemente o vasto lençol líquido. De mais a mais acrescentavam, no fundo não existe nenhuma praia. Um dos índios contava ter navegado três dias sempre na mesma direcção, sem chegar à outra extremidade. Contaram-nos também que às vezes se viam ao

longe colunas de fumaça, e a nós nos pareceu ver de facto uma a noroeste do ponto em que nos encontrávamos. Estas fogueiras eram acendidas, diziam, *por homens de outra raça, que só raramente eram vistos, e tinham aparência muito diferente da deles.* Calculamos que devia tratar-se dos índios Chiquitos.

Ficamos sabendo depois que um distinto engenheiro português, o coronel Ricardo Franco, tinha enviado uma expedição para explorar a Uberava, mas que ao chegar a uma ponta de terra, ela se vira detida por grandes vagalhões, sendo forçada a abandonar as canoas e seguir por terra, rompendo mato. Nesta caminhada os infelizes membros expedicionários acabaram por se perder, ficando a *errar sem direcção por campos e banhados durante noventa* dias, ao cabo dos quais alcançaram um sítio em terras espanholas. Bem recebidos, e depois de fazer o necessário descanso, foram reconduzidos em oito dias pelos índios Chiquitos *ao ponto onde haviam deixado as suas canoas.* E' provável que a povoação boliviana de Santo Corazón fique a pequena distância do fundo da lagoa.

Bem à nossa frente e na entrada mesmo do lago, erguia-se uma ilhota, formada por um morro coberto de magnífica vegetação. Vendo não ser possível fazer com que os índios obedecessem à nossa vontade, resolvemos partir antes que caísse a noite. Penetramos então num canal que estabelece comunicação com o rio Paraguai. Na entrada, por trás da ilha a que há pouco nos referimos, tinha ele uma meia légua de largura; mas, pouco além ele ficava tão estreito, a ponto de não medir mais do que 30, ou mesmo 20 metros de largura. No meio do pantanal, por causa das inúmeras baías, é muito difícil de seguir o curso principal; há *mesmo lugares em* que a passagem fica inteiramente interrompida pelas aglomerações densas de plantas aquáticas. Foi assim preciso muito esforço para conseguirmos passar com as nossas canoas. Ao por do sol

contemplamos espectáculo inesquecível; milhares de garças alvejavam a copa de uma floresta magnífica de magnólias, em plena floração por esta época. À medida que nos aproximávamos, espantadas com o barulho dos remos, aquelas lindas aves voavam em bandos numerosos, que giravam durante algum tempo em nuvem por cima de nossas cabeças, soltando gritos ensurdecedores. Todas estas águas se acham de tal modo infestadas de piranhas, que muitos Guatós, conforme eles próprios nos contaram, já tinham sido devorados por esses peixes. Passamos em frente de muitas moradas de índios, os quais, despertados pelo latido dos cães, vinham ao nosso encontro, em suas canoas. Eram nove da manhã quando armamos o acampamento, no meio do mato. As plantas que nos trancavam a passagem eram aguapés (*Pontederia*) e várias espécies do gênero *Polygonium*. Em certos lugares havia uma grande e interessante gramínea, muito semelhante ao arroz e conhecida entre os brasileiros pela denominação de arroz do pantanal (*Oryza paraguayensis* Wedd., manuscr.). À noite, ouvimos o ronco das onças. Como desabasse violento temporal, os nossos guias se felicitaram ruidosamente pelo facto de se acharem longe da grande lagoa. Disseram-nos os Guatós que em sua língua o lago Uberava tinha o nome de Torequê-Bacô. O percurso total, neste dia, foi de cinco léguas e meia.

No dia seguinte, 4 de Maio, depois de fazermos três quartos de légua no canal onde tínhamos entrado na véspera, alcançamos o rio Paraguai; a custo podíamos acreditar que o curso d'água em que agora nos encontrávamos, de largura não excedente a 60 ou 80 metros, era aquele mesmo rio imponente que vimos em Coimbra e em Bourbon. Aqui nos despedimos dos nossos bons Guatós; com os pequenos presentes que todos lhes distribuímos, voltaram eles muito contentes para os misteriosos páramos em que residem. E' provável que a nossa passagem lhes fi-

que para todo sempre na lembrança, como uma variante à monotonia da existência que levam. Nossa jornada de hoje foi de cinco léguas. Durante todo o trajecto o rio se mostrou muito tortuoso. Desde algum tempo, o Sr. Deville estava atacado de um reumatismo articular que quase lhe tinha paralisado uma perna. Seu estado nos inspirava cada dia mais cuidados e motivava apreensões.

No dia 5, conseguimos fazer maior percurso do que no anterior. Toda a região estava de tal maneira alagada, que nos foi impossível descobrir um canto para instalar nossa cozinha. À noite, amarramos as embarcações às árvores próximas e ali mesmo dormimos; todavia, o pessoal da equipagem preferia armar as suas redes nos galhos suspensos sobre a superfície do rio. A lembrança provou, porém, pouco feliz, pois à noite desabou violenta tempestade, acompanhada de chuva torrencial.

No dia 6, fizemos três léguas e três quartos. Estávamos ainda no meio de florestas inundadas, de modo que os nossos homens, não achando terreno enxuto, tiveram de mergulhar para buscar a lama do fundo e fazer com ela, depois de secada ao sol, um fogão, dentro das próprias canoas. Em muitos pontos a vegetação marginal era constituída da palmeira espinhosa conhecida pelo nome de tucum. O rio aqui tinha-se tornado um pouco mais largo.

A 7, fizemos um trajecto de cinco léguas e no dia seguinte meia légua menos. Este era o dia da passagem de Mercúrio. Tínhamos enorme interesse em observar este fenómeno, uma vez que ele nos seria de muita utilidade na determinação da longitude do ponto; mas, tal como nos dias anteriores, foi-nos de todo impossível descobrir um ponto para instalar os instrumentos. Perdemos assim a oportunidade com que contávamos de fazer uma observação importante. Havia tempo que era projecto meu aproveitar o primeiro ensejo para ir a Vila Maria; vendo a impossibilidade de fazê-lo, pensei em esperar por esse dia na

boca da Uberava; mas as doenças que começaram a surgir entre os nossos, e o receio de ficar sem mantimentos fizeram-me muito a contragosto renunciar àquele projecto.

Fizemos cinco léguas e três quartos no dia 9 e cinco léguas e meia no dia 10. Em todo esse percurso, o Paraguai manteve uma largura de 200 metros; mas a região continuava inundada como dantes e cheia de ilhotas flutuantes. Nas árvores eram comuns os guaribas, tendo sido morta uma fêmea, com um filhote nos braços. A mãe tinha as costas pardas, ao passo que o filho tinha uma cor cinzento-clara, com a cara e as extremidades pretas. Na testa deste último via-se uma nódoa escura. Tinha o pêlo sedoso e longo, orelhas longas e membros enormemente compridos. Embora só tivesse 16 centímetros de longura, trazia os olhos abertos e possuía já quase todos os dentes. Seus movimentos eram vivos e seus gritos, não muito fortes, pareciam mais às vezes pequenos urros. Num lugar em que a profundidade da água não passava de meio metro, vimos choças de índios Guatós, feitas de folha de bananeiras. À noitinha vimos certa fosforescência em alguns galhos de árvore, sem contudo descobrir nenhum insecto a que ela pudesse ser atribuída; ao contacto das mãos, eles conservam a luminosidade ainda por algum tempo, mas logo a perdiam se eram atritados um contra o outro. Encontramo-nos com algumas canoas de índios Guatós. Dois deles traziam guitarras de sua própria fabricação e copiadas provàvelmente dos civilizados. Os sons que produziam com estes instrumentos não eram mais desagradáveis do que os que conseguem os brasileiros com os seus. Como sempre, as canoas eram providas de couros de onça e das duas espécies de lontra. Entre estes índios havia um rapaz de dezessete ou dezoito anos que nos disse não haver ainda se casado porque lhe faltava matar onças. Tivemos ocasião de observar um enorme ninho feito de gravetos e com quatro ou cinco entradas; morava nele um pequeno

bando do lindo periquito de barriga cinzenta que é comum em toda a região inundada e é conhecido entre o povo de Albuquerque *pelo nome de periquito do pantanal.* As pobres avezitas mantinham-se aconchegadas umas às outras, como se estivessem fascinadas pela presença de um grande gavião pardo que, sobre o galho de uma árvore próxima, nelas tinha os olhos fitos e de quando em quando soltava balidos semelhantes aos de um cordeirinho. Quando alguns dos periquitos, vindos de fora, faziam menção de entrar no ninho, o rapineiro dava um voo, perseguindo-os durante alguns instantes, para voltar ao seu posto de observação. Derrubamos esse gavião com certeiro tiro, libertando assim a indefesa colónia de um vizinho temeroso. *Na noite do dia 9* desabou uma tempestade tão violenta, que foi preciso arrastar as canoas sobre a lama, para evitar que fossem arrastadas pela torrente.

A 10, fizemos cinco léguas e meia, sempre através de florestas inundadas.

No *correr do dia 11, em que fizemos cinco léguas, o* rio continuou a alargar-se, chegando a 300 metros. Encontrando-se sempre no meio de pantanais, a comitiva não achou nada melhor do que passar a noite em cima de uma grande figueira. Convém notar que no lugar em que estávamos, os ventos que trazem chuva são os de oeste, ao passo que até Goiás as nuvens pluviosas provinham de leste.

Vimos grande quantidade de bugios, dependurados nos ramos e nos cipós; à noitinha, quando paramos, estávamos rodeados de grandes jacarés da espécie preta, que apontavam para fora da água as cabeças e uma parte do corpo. Soltavam mugidos semelhantes ao de um touro, porém mais breves e mais fortes. Um cardume de dourados andava à perseguição dos peixes pequenos, dando saltos incríveis fora d'água, e fazendo tal barulho que era impossível dormir. Só os do rio Miranda têm boa carne. Pescou-se nes-

se dia um enorme peixe da família dos Silurídeos, conhecido pelo nome de jaú; vive no fundo dos grandes rios.

No dia 12 fizemos uma jornada igual à da véspera, chegando finalmente a colinas de pequeno porte, mas que já há vários dias vínhamos avistando, tão plano é o chão em *toda a zona*. Aí, com grande alegria, esperávamos nos ver livres dos pantanais. De facto, o chão era agora muito mais firme e não tardou que avistássemos na margem esquerda sinais de gado. Supunha nossa gente tratar-se de animais transviados dos rebanhos de Poconé. As colinas verdejantes que sombreiam as duas margens do rio parece correrem de NNO para SSE. Vimos outros jacarés gigantescos, os quais, como na noite passada, nos impediram de *dormir com seus berros, junto com os das onças*. Encontrei numa árvore um insecto hemíptero muito comum nas colecções; refiro-me a uma *Flata* de cor branco-amarelada, com pequeninas manchas pretas na base das asas. Muitos indivíduos tinham acabado de experimentar a metamorfose, sendo inteiramente brancos aqueles em que o fenómeno era de data mais recente. Os galhos estavam ainda cheios de larvas, que muito se assemelham às fêmeas de *Dorthesia* e são, *como estas, recobertas por uma penugem branca*, alongada na parte de trás à maneira de cauda; no corselete possuem como que dois chifres. As plantas dos arredores estavam cheias da penugem amiantóide desprendida dos insectos perfeitos.

A 13 de Maio saímos finalmente dos pantanais. As margens do rio tinham ficado mais altas e viam-se alguns morros de pedra. Embora a vegetação não houvesse mudado pròpriamente, já alguns cactos apareciam na anfractuosidade das pedras. Encontramos várias vezes com colhereiros cor-de-rosa, jaburus e gaivotas. A jornada foi ainda desta vez de cinco léguas.

No dia 14 não víamos mais o rio espraiar-se em vastos alagados. Seu leito, porém, adquiriu considerável lar-

gura, chegando a ter em alguns pontos 500 ou 600 metros. Viam-se, de quando em quando, margens com um metro, metro e meio, ou mesmo dois metros de altura; ao longo da margem esquerda avistava-se uma serra, que, conforme nos disseram, começa em Vila Maria.

Alcançamos este dia um ponto *interessante: o marco de* Jauru, que assinala a fronteira que outrora separava as terras pertencentes à coroa da Espanha, das de Portugal. Esse monumento, perdido no deserto, é um bloco de mármore branco talhado na Europa; tem a forma de uma pirâmide de quatro lados, truncada; é suportado por um pedestal e termina numa cruz. O lado brasileiro olha para nordeste e traz as armas de Portugal, menos a coroa, que tinha sido tirada, e mais a seguinte inscrição: "*Sub Ioanne V Lusitanorum rege fidelissimo*". A face espanhola, dirigida para o Paraguai e para as demais possessões da Espanha, mostra as armas deste país, ao lado da legenda: "*Sub Ferdinando VI rege catholico*". Os outros lados são divididos por uma linha vertical; no que olha para o rio lê-se: "*Justitia ex pax osculatae sunt*"; no outro: "*Ex pactis finium regendorum conventis Madriti. Ibid. Januar. MDCCL*". A *altura total do monumento é de cinco metros*. Como o rio Paraguai avança incessantemente em sua direcção, é provável que um dia ele venha a derrubar o elegante marco divisório, o qual, originàriamente, fora construído a uns dez metros da margem e agora só dista desta última uns três ou quatro. Convém notar que nenhuma das duas potências reconheceu jamais os limites assim demarcados, mas que, pelo contrário, se os brasileiros estão sempre a invadir terras da Bolívia, por outro lado os descendentes de espanhóis chegam a reclamar até a própria cidade de Mato Grosso. Fomos acampar a um tiro de canhão rio acima, junto à foz do Jauru. Este rio é estreito, mas de grande correnteza; é ladeado de florestas e consta que de trajecto muito sinuoso; na sua junção com o Para-

guai mede 80 metros de largura. Matamos uma iguana, cuja cabeça, inclusive a papada, bem como a crista dorsal, apresentavam, em vida do animal, um colorido azul claro.

Gastamos a manhã do dia 15 em fazer as observações necessárias à determinação da posição geográfica da foz do Jauru, trabalho que foi feito com grande dificuldade por causa da densidade da mata, cujas copas tapavam o sol. Só às quatro da tarde pudemos estar de partida, indo acampar depois de duas léguas de percurso em plena floresta.

Durante a noite surgiu entre nós uma anta que vinha certamente dessedentar-se no rio. O alerta foi geral, mas ela conseguiu ainda assim por-se a salvo.

O lindo pavãozinho-do-pará é bastante comum nessa região; seu grito é um silvo agudo, mas bastante melodioso. Vive aos casais e mora dentro da mata fechada, perto dos brejos. Certa formiga, chamada "novato" pelo povo *da terra*, era aí muito abundante; sua picada era mais dolorosa do que a do maribondo. Vive sempre essa formiga no caule de uma árvore, que por isso é conhecida pelo nome de formigueira (1).

A 16, fizemos cinco léguas. Em certos lugares o rio está encaixado entre margens a prumo, semelhantes a um cais. Tínhamos entrado na zona dos campos. Passamos a noite na primeira habitação que víamos desde muito tempo. O dono da casa, que estava completamente despido quando chegamos, pôs uma camisa para nos receber. Dis-

---

(1) Pau-de-novato é como costumam chamar hoje os matogrossenses à planta em cujo caule fistuloso vive a formiga referida pelo Autor. O nome faz alusão ao engano em que frequentemente incorrem os recém-vindos no lugar, quando procuram utilizar como estacas a haste direita e lisa em que moram os terríveis insectos. (Nota do trad.)

se-nos ele que, por terra, estávamos apenas a três léguas de Vila Maria.

Os homens da nossa comitiva mataram nesse dia uma espécie de porco-espinho, que é conhecida na região pelo nome de ouriço (*Hystrix preensilis*, Linn.). Este animal vive sobre as árvores, onde se agarra fortemente aos ramos. Em certos lugares, as barrancas do rio apareciam cheias de buracos, feitos, segundo nos contaram, pelos martins-pescadores.

Vimos mais de uma vez os índios fazer fogo atritando dois paus secos, um no outro; nossos canoeiros nos deram até uma lição a respeito deste processo. A única dificuldade real está em procurar o pau que sirva. Usam de preferência o pedúnculo dos grandes cachos do acuri. Cortam-se dois pedaços, talhando um em ponta e desbastando o outro em quatro faces, numa das quais se abre um furo pouco fundo. Apoia-se na cavidade deste buraco a ponta do outro pau e de uma ranhura que desce verticalmente ao longo de uma das faces laterais, fazendo comunicar a borda do orifício com a lâmina de uma faca ou qualquer outra matéria dura, que se coloca em baixo, durante a operação. Terminados estes preparos, basta, para obter fogo, fazer girar ràpidamente entre as mãos o pau de ponta, apoiando esta última no buraco existente no outro. Ao cabo de um ou dois minutos, o pó desprendido ao longo da ranhura sobre a lâmina da faca começa a fumegar, pegando fogo.

No dia 17 fizemos uma jornada de cinco léguas, e a 18, depois de um percurso de uma légua e um quarto, chegamos finalmente a Vila Maria.

CAPITULO XXVII

DE VILA MARIA A MATO GROSSO (VILA BELA)

Chegamos a Vila Maria a 18 de Maio de 1845 desembarcando no sopé de uma barranca íngreme, onde o rio Paraguai descreve um grande cotovelo. Fomos muito bem recebidos pelo velho comandante da praça, o qual era veterano das guerras de Espanha e Portugal. Aqui estava à nossa espera a tropa que nos deveria levar a Mato Grosso, juntamente com a escolta militar, comandada por um tenente. Muitos animais tinham morrido, ou se perderam pelos campos; dois haviam sucumbido à mordedura de serpentes venenosas. Examinando a bagagem, logo verificamos que ela tinha sido saqueada. Ao sair de Cuiabá, tomando o conselho do presidente, nós a tínhamos confiado a um mulato, espécie de grande capitão, que desempenhava as funções de chefe de polícia municipal. Conforme pudemos averiguar, assim que partíramos, esse digno magistrado abrira as nossas malas, apropriando-se de uma grande parte do conteúdo e vendendo uma porção de objectos aos mercadores da cidade. O Sr. Weddell tomou a peito não deixar impune tal abuso de confiança, pelo que resolveu voltar a Cuiabá, a fim de proceder contra o culpado. Imaginava também o nosso botânico que os seus estudos tirariam algum proveito dessa excursão por itinerário diferente do que eu pretendia seguir, ficando então *assentado que haveríamos novamente de nos encontrar em*

Lima. Chegando a Cuiabá, pôde reunir todas as provas do roubo. Os nossos objectos foram encontrados em várias lojas, garantindo os negociantes tê-los adquirido de pessoas chegadas ao capitão; mas *não* foi possível obter a punição do responsável pelo crime.

Quando passamos por Vila Maria estavam sendo celebradas as festas do Pentecoste. Afora as cerimónias religiosas, houve espectáculo, em que foi representada a *Inês de Castro* e algumas outras peças mais ou menos interessantes. O fim da festa foi assinalado por uma grande representação, de que fez parte, entre outras coisas dignas de nota, uma pantomima em que Caim desancava Abel a cacetadas, invocando contudo a cada momento o nome de Nosso Senhor.

Toda a população do lugar corria a ver essas coisas, o que nos deu ensejo de apreciar a enorme desproporção existente entre o numero de pessoas dos dois sexos. Havia nada menos de duas mulheres para cada homem.

Vila Maria tomou este nome por ter sido fundada sob o reinado de D. Maria I. A cidade parece destinada a rápido crescimento; mas o descaso do governo, e também dos próprios habitantes, de par com a falta de comunicação com o baixo Paraguai, tem impedido que ela se desenvolva como era de esperar. Sua população não vai além de quinhentas ou seiscentas pessoas e toda a freguesia de que é ela centro não possui mais de mil e oitocentos habitantes de todos os matizes, inclusive cerca de duzentos escravos. Contam-se entre os habitantes uns seiscentos índios, descendentes, diz-se, dos Chiquitos da Bolívia. Vila Maria está situada na margem esquerda do rio Paraguai, num lugar em que a barranca não tem menos de uns dez metros de altura. Apesar da situação em que está, toda a região em volta não raro se acha inundada, pois o Paraguai, *recuando sempre para o lado esquerdo*, tende a destruir o terreno em que está construída a cidade Já várias

casas desabaram no rio, enquanto outras se acham de tal modo em risco de cair, que foi preciso abandoná-las. Vila Maria é a principal cidade de Mato Grosso, do lado da fronteira boliviana. O comandante da praça, como já dissemos, é um capitão, que tem debaixo de suas ordens de setenta a oitenta soldados. O destacamento de Jauru, composto de oitenta e quatro homens comandados por um alferes, está subordinado ao posto de Vila Maria, bem como o das Onças, que é constituído de uma quinzena de soldados, comandados por um sargento e um cabo. Vêem-se na caserna quatro peças de artilharia, duas de calibre dezoito e as outras de doze. Estes canhões foram trazidos até Diamantino pelo rio Arinos, em 1825. O actual comandante de Vila Maria, que naquele tempo estava empregado em Diamantino, fê-los arrastar por terra até Buriti, de onde foram transportados rio Paraguai abaixo até o seu destino, onde chegaram em 1827. As autoridades deste estabelecimento são um subdelegado e um juiz de paz. O principal, para não dizer o único comércio do lugar, é o da ipecacuanha, planta que cresce em abundância nas margens do alto Paraguai, do Vermelho, do Sepotuba e do Cabaçal. A colheita desta planta é praticada geralmente durante os meses de seca, ou seja desde Março até Setembro; mas há ocasiões em que ela é igualmente praticada mesmo na estação das águas, por isso que é muito mais fácil arrancar a planta quando o chão está amolecido pela humidade. As canoas que saem de Cuiabá, descem o rio do mesmo nome e sobem o Paraguai, entretendo assim um comércio que atinge por ano milhares de arrobas do produto a que nos estamos referindo. Foi em 1814 que o Desembargador José Francisco Leal anunciou a existência da ipecacuanha nessa região, onde tinha sido enviado pelo governo, com o fito de procurar terrenos auríferos no distrito de Vila Maria e nas margens do rio Cabaçal. Estes, apesar de não serem nada raros, lhe pareceram muito menos ricos em

mineral do que havia calculado. Durante muitos anos ninguém se importou de utilizar a descoberta; mas, em 1830, um negociante de nome José da Costa Leite, tendo conseguido juntar duas arrobas da planta, remeteu-as para o Rio de Janeiro, onde a acharam de boa qualidade e a pagaram à razão de 1.600 réis a libra. Negócio tão vantajoso deu logo origem a uma exploração considerável do produto, que continuou até 1837, quando a sua cotação começou a baixar, em consequência da enorme quantidade que dele se oferecia no mercado. Avalia-se em nada menos de vinte e cinco mil arrobas a quantidade de ipecacuanha lançada no comércio entre os anos de 1830 e 1837. Por fim, a extracção da planta foi abandonada, até o ano de 1844. Por esta época, tendo sido vendidas no Rio de Janeiro algumas arrobas de ipeca à razão de 850 e 900 réis, preço que embora muito inferior ao que ela alcançava no princípio ainda deixava boa margem de lucro, voltou-se a explorá-la regularmente, com a probabilidade de que não mais se terão de temer as bruscas oscilações de preço verificadas no começo. A ipecacuanha, a julgar pelo que dizem os nativos, só ao cabo de dezesseis anos atinge completo desenvolvimento; sendo assim, não é crível que os mercados fiquem jamais tão abarrotados que o preço do produto venha a baixar demasiadamente.

A ipecacuanha cresce naturalmente nos lugares de mata fechada e húmida, onde o solo é arenoso e horizontal. E' fácil de achar, visto como nas matas em que é encontrada não há outra planta que se lhe assemelhe. A região de onde tem sido extraída mede umas doze léguas no sentido norte-sul e se estende até trinta léguas a oeste de Vila Maria. Além das pessoas necessárias à navegação, as canoas dos poaieiros levam um certo número de indivíduos, contratados à razão de 6 a 7 mil réis por mês, com direito à comida; são os chamados *camaradas*, nome que no interior se dá a todos os assalariados. Estas expedições levam

ainda um ou dois práticos, pessoas experimentadas neste gênero de trabalho e que fazem jus a maior ordenado. Assim que a canoa chega ao ponto em que devem começar os trabalhos, o prático desce à terra em companhia de um ou dois camaradas, armados de foice e facão, para abrir uma picada, cujo comprimento atinge às vezes légua e meia. Outras picadas menores são abertas depois, a partir da trilha principal e em todas as direcções, a fim de facilitar a volta dos trabalhadores que por acaso se percam. E' costume exigir de cada homem, como tarefa diária, doze libras de planta, que, uma vez secas, se reduzem a cinco. E' fácil juntar esta quantidade, visto não ser necessário muita força para executar o trabalho, que só se torna verdadeiramente penoso por causa da perseguição incessante movida pelos insectos. Uma vez levadas ao Rio de Janeiro, as cinco libras de ipecacuanha garantem ao chefe da expedição um lucro líquido de 4.000 réis por dia e por trabalhador. Apesar do pouco cuidado com que é praticada a extracção, não é provável que a planta venha a escassear, visto como de cada pé arrancado nascem outras plantinhas, provenientes das raízes que ficaram no solo.

A baunilha é abundante nos arredores de Vila Maria; mas só se começou a tirar partido de sua existência em 1843. Por ocasião de nossa passagem ela era vendida à razão de 3 francos a libra.

Várias estradas saem de Vila Maria, ligando-a a Mato Grosso, ao *destacamento* das Onças, a Chiquitos, a Diamantino, a Cuiabá e a Poconé. Nas imediações de Vila Maria, nos lugares em que não existe pântano, aparece a canga com o seu aspecto ordinário. A serra que se avista a leste, a cerca de uma légua e meia, tem provàvelmente a mesma composição que o Morro Vermelho, de Diamantino; pois é esta a mesma cadeia que acompanha a estrada que vai de Vila Maria a Diamantino, e que se tem também sempre à vista quando se sobe o Paraguai.

Vamos dar aqui algumas observações termométricas feitas durante a nossa subida do alto Paraguai:

Horas das observações	Temperatura da água	Temperatura do ar
A 3 de Maio (no canal de comunicação entre o Gualva e o Uberava)		
11 hs. e 40 m. da manhã	30°,3	29°,5
3 hs. da tarde	33°,5 - 32°,6 - 31°,7 (conforme a profundidade da água e a distância das margens)	30°,6
4 hs. da tarde	33°	30°,4
A 4 de Maio (no rio Paraguai)		
7 hs. ½ da manhã	29°,8 (no ponto em que o canal do Uberava entra no Paraguai)	29°
6 hs. da tarde	29°,95	28°,9
A 6 de Maio (no rio Paraguai)		
9 hs. ½ da manhã	29° (depois de uma tempestade)	25°,15
A 10 de Maio (rio Paraguai)		
6 hs. e 15 m. da manhã	28°,2	24°
9 hs. da manhã	28°	27°,1
11 hs. ½ da manhã	28°,2	29°,4
A 11 de Maio (rio Paraguai)		
6 hs. da manhã	27°,7	25°,9
7 hs. da manhã	27°,7	26°
8 hs. ½ da manhã	27°,7	27°,2
9 hs. ½ da manhã	28°	28°,2
Meio-dia	28°,2	31°,3
1 h. da tarde	28°,3	27°,7 (nuvens e ventania)
2 hs. 15 m. da tarde ..	28°,4	31°,8
3 hs. da tarde	28°,35 a 28°,4	32°,1

4 hs. da tarde	28°,4	29°,7
5 hs. da tarde	28°,2	28°,4
6 hs. da tarde	28°,1	27°,9
A 12 de Maio (rio Paraguai)		
6 hs. ½ da manhã	27°	24°
8 hs. da manhã	27°	25°,8
A 17 de Maio (rio Paraguai)		
6 hs. da manhã	26°,8	22°,2
7 hs. da manhã	26°,8	23°
8 hs. da manhã	26°,9	26°,4
9 hs. da manhã	26°,9	26°,3
11 hs. ½ da manhã	27°,1	26°,4
5 hs. da tarde	27°,3	26°,4
A 18 de Maio (rio Paraguai)		
6 hs. da manhã	26°,8	21°,8
9 hs. da manhã	26°,8	24°,7

Na península formada entre os rios Cuiabá, São Lourenço e Paraguai, à beira de uma das estradas que vão para Mato Grosso, há uma povoação bastante digna de nota: é a vila de Poconé, lugar mais importante do que Vila Maria e habitado por uma das populações mais ricas do interior do Brasil. Moram aí os grandes criadores de gado, quase todos abastados e donos, segundo dizem, de oito a dez mil cabeças cada um. Suas pastagens se estendem por todo o espaço compreendido entre os três rios que acabamos de mencionar. Possui Poconé um delegado, um juiz de direito, um juiz de paz e uma guarnição composta de vinte homens, comandados por um alferes.

A 27 de Maio, depois de alguns dias de permanência utilizados em observar o magnetismo terrestre, determinar a posição do lugar e colher as informações dadas há pouco, saímos de Vila Maria, com destino a Mato Grosso. Tinha sido necessário reorganizar a tropa, comprar novos animais

para preencher o claro deixado pelos que tinham morrido, ou que íamos deixar para o Dr. Weddell, de acordo com o que havíamos combinado. Aproveitei a volta das embarcações para enviar a Cuiabá as colecções feitas durante a viagem pelo rio Paraguai, endereçando-as ao bispo, que tomou a seu cargo despachá-las para o Rio de Janeiro, de onde elas afinal seguiram para a França.

O estado de saúde do Sr. Deville continuava dos piores. Entretanto, embora lhe fosse muito difícil montar a cavalo, não quis ele motivar qualquer atraso ou embaraço para a expedição. Diante disso, deixamos Vila Maria, rumando directamente para a fazenda Caiçara. Em lugar de escolher a via terrestre, que atravessa o pantanal e só é praticável na estação da seca, seguimos por água, utilizando uma balsa feita de um estrado de madeira apoiado sobre duas canoas. Descemos assim o rio Paraguai, até a boca do braço chamado da Caiçara, a qual fica distante da vila uma légua e um quarto. Fizemos depois daí um meio quarto de légua por aquele braço, cuja largura é de uns 50 metros, através de plantas altas que nos obstruíam a passagem e debaixo das quais estavam escondidos muitos bandos de capivaras. Nosso pessoal conseguiu derrubar alguns destes animais. Prosseguindo, entramos numa baía a que dão o mesmo nome da fazenda e cuja largura oscila entre 200 e 250 metros.

A fazenda Caiçara pertence ao Governo e serve para a criação de cavalos para a cavalaria, e de bois que se vendem aos habitantes da zona. Durante o domínio português ela chegou a possuir doze mil cabeças de gado vacum; hoje, porém, não tem ela mais de dois mil, enquanto o número de cavalos ascende a cerca de trezentos. O director da fazenda é um alferes idoso, que tem sob suas ordens uns vinte empregados, todos livres. As pastagens deste estabelecimento se estendem pelo espaço compreendido entre os rios Jauru e o Paraguai. Em toda essa redondeza há

grande quantidade de onças, sendo rara a semana em que não se matam algumas.

A fazenda fica situada um tiro de canhão a noroeste da baía. Conhecemos aí uma negra albina, *de pele cor-de-rosa* e cabelos louros como os de uma européia, muito embora fosse filha de um negro da Costa d'África, com uma preta da terra. Fenômenos desta espécie não são raros no Brasil.

Partimos a 28, às onze horas da manhã, acompanhados pelo alferes, diretor da fazenda, chegando depois de uma caminhada de quatro léguas e meia a outro estabelecimento do governo, chamado Pau-Seco e hoje quase completamente abandonado. O terreno chato em que viajávamos não nos mostrava outra coisa senão areias brancas, provàvelmente superpostas à canga que começávamos já a encontrar nos arredores de Pau-Seco. O alferes, que resolvera vir na frente, teve a amabilidade de mandar pre*parar um aposento para nós. À boca da noite, como fi*zesse muito frio, acendeu-se dentro mesmo do quarto uma fogueira. Apesar da grossa fumaça que dela se desprendia, nós nos felicitávamos pela ideia, quando fortes e numerosas picadas nos advertiram da presença de um enorme ninho de maribondos preso a um dos caibros do tecto. Incomodados com esta atmosfera para eles tão estranha, os insectos tinham saído em enxame, para se vingarem dos culpados pelo seu mal-estar. Fomos forçados a deixar a sala, e a ela só pudemos voltar depois de apagado o fogo.

Às dez da manhã do dia 29 deixamos a fazenda, caminhando duas léguas e meia através de areões semelhantes aos do dia anterior, para chegar no lugar chamado Cachimbo, onde paramos para descansar os animais e dar-lhes de beber, *pois restava-nos ainda para percorrer uma distância* de quatro léguas, através de cerrado espesso, e já sabíamos que não íamos achar água no ponto onde tínhamos de parar para passar a noite. A última légua é feita numa es-

treita garganta ladeada por duas filas de morros, situadas uma à direita outra à esquerda do caminho. Aparece aqui a descoberto a formação geral de toda a zona: camadas calcárias em lâminas chatas e, nas elevações que cobrem o calcário, massas de rochas destacadas. O caminho é juncado de detritos calcários e quartzosos.

No dia 30 fizemos uma jornada de quatro léguas e um quarto, e a 31 três léguas, sempre sobre terreno montuoso. Da formação geológica viam-se apenas uma crosta superficial de canga e, em alguns pontos, fragmentos de quartzo, sob a forma de seixos. Os principais cursos d'água que se atravessam nos campos cortados pela estrada desde Caiçara, são afluentes do rio Jauru; deles os mais importantes são o Caeté e o das Pitas. A largura de ambos é de uns oito metros, e a profundidade apenas de alguns *centímetros*; parece, *todavia*, que durante a estação das águas eles se convertem em verdadeiras torrentes, ocasionando inundações. O Caeté nasce cinco ou seis léguas ao norte da estrada e despeja no Jauru ao sul do mesmo caminho. O ribeirão das Pitas, este, parece nascer nas mesmas vertentes e possuia análoga direcção, tendo havido erro em supor que ele nascesse no mesmo lugar de onde sai o rio Cabaçal, nos campos de Tapirapuã. Depois de acompanhar o rio Jauru pelo espaço mais ou menos de uma légua, chegamos no dia 31 ao ponto chamado Registro do Jauru. Há um posto militar na margem direita do rio, que neste ponto deve medir uns 150 metros de largura, sendo necessário canoa para atravessá-lo. Esse lugar, que noutros tempos era habitado por cerca de seiscentos brasileiros, hoje não tem mais do que setenta moradores, isso por culpa dos ataques repetidos dos índios Cabaçais, que são uma tribo de Bororos. Convém saber que o Registro nunca chegou a constituir uma povoação regular; mesmo no tempo de sua maior prosperidade, as casas estavam espalhadas numa extensão de um quarto de légua,

ao longo da margem do rio. O destacamento existente no local é comandado por um alferes. Outrora era ele formado de vinte a vinte e cinco homens; por ocasião porém de nossa passagem, não havia ali mais do que nove.

Os índios Cabaçais habitavam antigamente as margens do rio do mesmo nome, ou as de seus principais afluentes, o que tornava muito perigoso o caminho de Vila Maria a Mato Grosso. Há porém cerca de cinco anos o cônego José da Silva Fraga veio de Mato Grosso para catequizá-los, começando por congregá-los num aldeamento à margem esquerda do Jauru, em situação maravilhosa e no meio de um grande bananeiral. Este estabelecimento foi oficialmente reconhecido pelo governo provincial de Mato Grosso em 1845, sendo estipulados os fundos necessários à continuação dos trabalhos iniciados pelo padre, director da missão. Contam-se cerca de cento e dez índios, distribuídos por umas vinte casinhas de palha, dispostas em quadrado, e muitas delas agora em ruínas. Estes índios são bem *constituídos, mas ninguém pode calcular até que ponto vai* a sua sordície; pintam-se de vermelho por meio do urucum e vivem cheios de feridas e outras doenças repugnantes. Os homens andam nus, excepção feita de um cordel de acuri passado à volta da cintura [1]. As armas que usam são pesadas e consistem num arco de mais de dois metros de comprimento e flechas de tamanho quase equivalente, terminadas em agudíssima ponta, feita de bambu. As mulheres trazem geralmente um pequeno pedaço de pau no lábio inferior e, como única vestimenta, usam em torno dos rins uma espécie de colete, feito de jatobá. Essa peça é pintada de preto, com excepção de uma faixa muito es-

---

(1) *Indigenae, cognomine Bororos, mentulam inserunt in* annulum ligneum, qui eorum caulem sustinet et tenet semper erectum; quo fit ut appellentur vulgo Porrudos, id est, mentulati.

treita, que passa debaixo das pernas, e à qual se conserva a cor natural. Quando o Sr. Weddell os visitou pouco tempo depois (em Agosto), encontrou o aldeamento assolado pela fome. "Ao afastar, diz ele, as folhas que fechavam a entrada de uma das choças que formam o aldeamento, penetrei no seu interior, descortinando o mais lancinante espectáculo que jamais viram meus olhos. Nunca tinha imaginado que a miséria pudesse chegar àquele ponto; miséria tenebrosa, de fazer tremer. No chão cheio de lixo, de pedaços de osso, de cocos e raízes, via-se deitada uma rapariga ainda moça, mas reduzida a um estado de magreza que é impossível imaginar; todo seu corpo estava na mais espantosa sujeira; as pernas não tinham mais movimento, mas ela ergueu um pouco a cabeça quando ao entrar eu lhe dirigi o *adeus* do costume, palavra portuguesa que os índios aprendem antes de qualquer outra. Movendo o braço, como que aos estremeções, ela ergueu uma das pontas da esteira para me mostrar o estado em que estava; depois, quis juntar os tições de um pequeno fogo, de onde saía a fumaça que eu tinha visto de fora e cuja necessidade era premente com o frio que fazia. Só então é que me apercebi de que em cima da palha existia ainda outro ser vivo: era uma criancinha, acocorada por trás de um rolo de casca, imóvel e de olhos postos no chão.

Houve um instante em que reflecti com espanto sobre o contraste representado por aquelas duas criaturas, mãe e filha, uma tão acabada, e a outra tão florescente; mas foi só um instante, porque logo me apercebi de que o que se me afigurara robustez não passava de inchação doentia. Uma e outra estavam a morrer de fome. "Comer não tem", articulou a desventurosa mulher; "marido já morreu, columi já morreu, columi morreu, comer não tem" (não existe nada para comer; meu marido já morreu e morreram dois de meus filhos, por falta de que comer). Depois, como o vento e a chuva entrassem pela porta que eu

tinha deixado aberta, ela se encolheu toda debaixo da esteira, para se proteger.

Entrei numa segunda cabana, para presenciar cena semelhante. Agora era um homem em plena flor da idade, a lutar também contra o inimigo comum. Seu estado físico era o mesmo. Tinha acabado de quebrar uma porção de cocos e de moer-lhes a amêndoa em cima de uma pedra, para fazer a farinha com que procurava matar a fome de uma criança, cuja alimentação, pelo que se via, desde muito tempo não podia ser outra. Este homem e essa criança eram tudo quanto restava de uma numerosa família dizimada pela fome. Cheguei à choça do capitão Imi, que morrera dois dias antes, deparando à sua soleira com o mesmo espectro. Entretanto, apesar da situação de miséria em que se encontrava, a gente moça da casa vestira-se de penas para chorar a morte do pai. No rancho vizinho outro capitão tinha morrido na véspera; mas aqui não haveria outra vítima, pois com a morte do chefe a casa ficara vazia. Dentro de pouco tempo, talvez mesmo de alguns dias, da aldeia dos Cabaçais não restará mais que o nome'.

Entre as feridas de que eram portadores esses infelizes índios, reconhecemos os tumores produzidos por uma espécie de mosca do gênero *Oestrus*. As larvas destes dípteros desenvolvem-se frequentemente no corpo dos cães e de outros quadrúpedes; mas, embora só raramente ataquem as pessoas, tivemos ocasião de observar vários casos durante a viagem, especialmente em velhos pertencentes à raça negra. Estas larvas alcançam quatro centímetros de comprimento; têm forma navicular e cor branco-amarelada; o corpo mole, contráctil, é composto de doze segmentos, dos quais os oito primeiros possuem espinhos recurvos. Esses bichos produzem fortes picadas por meio de dois ferrões divergentes, que lhes saem da boca; começam a crescer a partir do dia seguinte àquele em que o ovo foi posto nos tecidos, mas são necessários dois meses para atin-

girem pleno desenvolvimento. A extracção deste parasito é de regra muito dolorosa, a ponto de, segundo me informaram, alguns infelizes por ele atacados preferirem deixar-se morrer, a se sujeitar àquela operação (1).

Soubemos da existência, no caminho de Vila Maria para Salinas, de outro aldeamento de Cabaçais; este se encontraria em situação próspera, pois de Vila Maria vão lá adquirir produtos das culturas feitas pelos seus habitantes.

Observamos nas cercanias de Registro um calcário pardacento, usado no fabrico da cal com que pintam as casas da região. Em Registro, a formação no meio da qual corre o rio Jauru é composta de xistos talcosos pertencentes à época dos xistos micáceos, e outras de transição antiga. Foi no meio deste terreno, uma légua mais ou menos a oeste-sudoeste de Registro, que se descobriu, andando à busca de ouro, uma mina de carbonato de cobre verde. O metal acha-se ali quase sempre misturado numa pasta talcosa e só raramente se apresenta sob a forma de lâminas transparentes, de bela cor verde.

O filão metálico não tem mais do que uma polegada de espessura nos pontos em que pudemos observá-lo; há porém lugares em que ele adquire maior possança. Sua direcção é de nordeste para sudoeste e sua posição faz com a vertical um ângulo de 18 graus, com mergulho para noroeste. As paredes do filão são de xisto talcoso, que neste lugar é esbranquiçado e dividido em lâminas paralelas ao plano do veio. Há ainda, na massa xistosa, veios de

---

(1) O berne, uma das pragas mais molestas com que se defronta a criação em muitas zonas, ataca de preferência o gado bovino. E' a larva de uma mosca do gênero Dermatobia, comum nas matas e regiões recentemente desbravadas. Sua curiosa biologia é hoje bem conhecida, graças em parte aos estudos de distintos médicos e biologistas brasileiros.

talco puro, contendo prismas de anfibólio cruzados uns sobre os outros. No sopé da colina em que fica o filão corre um regato, que pode ser utilizado para a lavagem do minério, no caso de ser tentada a sua exploração. Entretanto, para que o trabalho fosse lucrativo, seria necessário que a jazida aumentasse de espessura à medida que se distancia da superfície do solo. Tem-se já, segundo se conta, feito alguns ensaios de exploração nesta mina, conseguindo-se retirar cobre de boa qualidade. Para ir do Registro à mina anda-se meia légua pela estrada de Mato Grosso; toma-se depois para sudoeste, transpondo uma série de morros que se estendem entre a estrada e a mina.

Passamos em Registro os dias 1.° e 2 de Junho aproveitando este tempo para fazer observações astronomicas, recolher os vocabulários dos índios, tomar medidas craniométricas, etc. Aliás, o estado de saúde do Sr. Deville estava a exigir um pouco de repouso. Também de minha parte, com o auxílio do referido companheiro, prossegui no preparo de um grande trabalho sobre os órgãos digestivos das aves, trabalho em que me ocupei durante todo o curso da viagem, de modo que tenho actualmente nas mãos os desenhos e as descrições do tubo gastrintestinal de várias espécies pertencentes a cada um dos gêneros que representam aquela classe na América tropical. A temperatura das águas do rio Jauru era de 24°,2 na manhã do dia 1.° de Junho de 1845.

A 3 de Junho deixamos Registro, gratos ao seu excelente comandante, o qual durante o tempo que ali passamos tudo fez para nos ser agradável. Fizemos quatro léguas e três quartos de marcha, encontrando durante este trajecto apenas uma fazenda, chamada Pindaíba e composta de cinco ou seis casas. Essa jornada nos levou às margens do ribeirão do Santíssimo, afluente do Jauru, e a cuja margem esquerda acampamos. Possui a fazenda Pindaíba alguns escravos. O terreno percorrido é cheio de

ondulações e coberto de cerrados espessos. A formação geral era sempre o xisto talcoso, muito revolvido; via-se, porém, à superfície do solo, grande quantidade de seixos de quartzo leitoso, veiado de róseo.

No dia 4 a jornada foi de quatro léguas. Atravessamos um lindo bosque de palmeiras em que a maioria das plantas se achava coberto de parasitos. A zona era toda de campo, e o terreno levemente ondulado. Armamos o acampamento na margem de um riacho chamado córrego Fundo, ladeado de matas e onde, no dizer dos moradores, costuma aparecer um espírito. Nas margens do ribeirão das Laginhas vêem-se granitos de fina granulação e colorido róseo, os quais provàvelmente formam a base de todos os morros encontrados depois do Jauru. E' de crer que a estes granitos se deve o solevamento dos xistos talcosos observados no dia anterior. Os morros a que nos referimos há pouco prendem-se à crista divisora das águas do Guaporé das do Jauru. Os riachos das *Laginhas* e dos Poços d'Água despejam no ribeirão do Santíssimo. Os outros ribeiros atravessados por nós até Lages derramam no córrego deste nome, ou então no das Areias, o qual, além disso, recebe o das Lages, antes de entrar no Jauru, um pouco acima de Registro.

No dia 5 a formação geológica encontrada era a mesma da véspera. O caminho continuava a cortar zonas de campo, com espessos capões de mato espalhados aqui e ali. O terreno, de resto, conservava também o mesmo aspecto. Logo ao sair atravessamos *o córrego* Fundo, afluente do Jauru; ele, conforme soubemos, se presta à navegação nos períodos de cheia. Assim sendo, poder-se-ia estabelecer uma comunicação entre o Jauru e o Guaporé, utilizando apenas, além do caminho fluvial, um pequeno varadouro.

Nesse trajecto de cinco léguas e um quarto, o curso d'água mais importante que encontramos foi o córrego da

Estiva. A estrada corta dois braços deste rio, captando as águas de todos os filetes existentes no caminho, até o lugar chamado Estiva Velha. O riacho da Estiva é ainda um afluente do Jauru, onde desemboca acima do córrego Fundo. O ribeirão que corre na Estiva Velha, e em cujas proximidades armamos o nosso acampamento, é o formador principal do rio Cágado, que é o primeiro afluente do Guaporé encontrado no caminho por onde viajávamos. Estiva Velha fica, por conseguinte, no divisor entre as águas que vão para o norte e as que correm para o sul.

No dia 6, após uma meia légua de marcha através do campo, entramos numa magnífica mata virgem, de que só sairíamos a cerca de oito léguas de Mato Grosso. Foi essa mata que deu nome à província. Com mais seis léguas e um quarto chegávamos a Lavrinhas, onde houve noutros tempos uma próspera exploração aurifera. E' bom o traçado desta estrada, mas ela é estreita e muitas vezes obstruida por troncos de árvores caídas, o que obriga o viajante a pequenos rodeios. Durante o trajecto o terreno ia baixando sempre. O caminho dá a impressão de seguir uma garganta e é acompanhado a pequena distância, do lado esquerdo, ou do norte, por uma cadeia de montanhas. A formação, durante aproximadamente os primeiros dois terços da viagem, é o mesmo granito cor-de-rosa observado na véspera. A partir daí, começa a aparecer um grés branco talcífero, que se apresenta às vezes sob a forma de grandes placas verticais. Este grés, que parecer ser o itacolumito, forma provàvelmente a massa da cadeia há pouco mencionada. Não é improvável que o granito observado no primeiro trecho da jornada também se encontre em baixo desse grés. Nas proximidades de Lavrinhas, e dentro do próprio arsenal, o que por toda parte se vê é a canga, parecida com a de Cuiabá. Ela encerra, empastados, fragmentos grossos de quartzo, os quais contras-

tam nitidamente com a cor pardo-avermelhada da massa de pudingue.

Todas as águas que atravessamos durante o trajecto do dia 6 correm *para o rio Guaporé*. O ribeirão do Cágado, que, como ficou dito atrás, nasce perto da Estiva Velha, corre sempre ao sul da estrada. O ribeirão das Pedras, que recebe o das Pitas e o de Lavrinhas, passa a noroeste do caminho, e entra no Guaporé mais ou menos uma légua acima da ponte da estrada de Mato Grosso. Lavrinhas é uma aldeola formada de casinhas esparsas à beira da estrada, numa extensão de um quarto de légua, ao longo das margens do córrego do mesmo nome. Em tempos passados, esta aldeia era muito populosa, graças ao ouro que se extraía dos riachos da redondeza; hoje, porém, visto que os trabalhos de mineração, apesar da abundância do mineral, tiveram de ser suspensos por falta de escravos, ela está em completa decadência. Faz uns cento e quatro anos que o ouro foi descoberto na região, dando lugar à fundação do povoado, o qual é o centro da freguesia a que pertence o Registro do Jauru. Tem Lavrinhas cerca de quarenta e cinco casas e cento e vinte moradores; possui também uma capela, mas sem padre. A autoridade civil é representada por um delegado do juiz de paz, chamado inspector. Em toda a freguesia, conforme nos contaram, não há mais do que uns duzentos e quarenta habitantes.

Tínhamos acabado de montar o teodolito e começávamos a fazer as nossas observações, quando, de repente, um dos mulatos que nos rodeavam gritou que tínhamos parte com o demónio, fazendo com que todo o mundo corresse para longe aos berros.

Como já o dissemos, a formação geológica em que assenta o arraial é a canga com granulações grosseiras de quartzo.

A gente de Lavrinhas distingue no ouro três qualidades, conforme o lugar de onde o extraem. Assim, temos em primeiro lugar o ouro de córrego, que é tirado de um cascalho que margeia os riachos e vem misturado com seixos de quartzo ou de grés. A profundidade em que se encontra a camada de cascalho varia de doze a trinta palmos. Temos em segundo lugar o ouro de guapiara, que vem misturado com a terra vermelha, ou mais raramente preta, da superfície. A extracção deste ouro, por ser muito fácil, deu a princípio grandes lucros; hoje, todavia, a terra está quase completamente esgotada. Em terceiro lugar fica o ouro de pedreiro, que é extraído da serra situada ao sul do arraial; o metal está contido nos pequenos veios ramificados de certa rocha que, conforme a descrição que dela nos fizeram, parece ser um grés. Os filões em que está o ouro são provàvelmente de quartzo. A mina, segundo dizem, é bastante rica, mas para ser explorada exigiria muitos braços e água em grande quantidade.

Vamos dar algumas informações geográficas colhidas durante o tempo que passamos em Lavrinhas.

O rio Aguapeí tem suas nascentes mais ou menos dezoito léguas ao sul de Lavrinhas. O ponto em que ele mais se aproxima do povoado fica a sudoeste e dista ainda onze léguas deste último. As nascentes do rio Alegre ficam muito para sudoeste. As cabeceiras do rio Aguapeí distam apenas uma légua do rio Alegre; mas os dois rios não tardam em rumar para direcções muito diferentes. Contaram-nos que uns sessenta anos atrás tentou-se fazer passar canoas de um destes rios para o outro. O varadouro era de quatro léguas, e não de 1.200 metros, como dão a supor as cartas; todavia, essa via de comunicação não foi utilizada depois, por causa da pouca água que tem o Aguapeí.

As nascentes, tanto do Jauru, como do Guaporé, ficam nos campos dos Parecis, cerca de vinte léguas a les-nor-

deste de Lavrinhas. Os *pontos em que estes dois rios estão* mais próximos distam quatro léguas um do outro.

À 7 saímos de Lavrinhas, entrando de novo em grandes matas; aqui vimos pela primeira vez muitas palmeiras, algumas bastante curiosas, como a que é conhecida na região pelo nome de castiçal ([1]). O caule desta palmeira, a dois metros do chão, divide-se numa porção de ramificações, dando a impressão de ser sustentado por escoras. O palmito mole é outra espécie peculiar à região. Existe também o indaiá-açu e um ou outro pé de ipecacuanha. Pela manhã, como me achasse muito na dianteira da caravana, seguindo em silêncio o estreito caminho que *ondeia pela mata*, avistei um animal muito parecido em seus movimentos com um macaco, e que desceu de uma árvore, para atravessar a estrada. Estaquei imediatamente; o bicho, que era um coati, vendo-me imóvel, não teve medo e se aproximou de mim. Daí a pouco apareceu outro, e mais outro, até que se reunissem no meio da estrada mais de quarenta, a contemplar o que seguramente era para eles *coisa inteiramente nova. Aconteceu porém que meu* cavalo fez de repente um pequeno movimento, que espantou o bando, fazendo-o desaparecer num ápice por entre o cipoal. Passamos pelo Engenho do Gama, outrora muito florescente. Este estabelecimento foi fundado há uma centena de anos e hoje se acha quase completamente arruinado. Entretanto, possui ainda sessenta escravos. Os Srs. d'Osery e Deville, tendo feito aí uma parada à instância dos proprietários, que também encontramos pela ocasião de nossa passagem, perderam-se no mato. Era grande a minha vontade de alcançar o Guaporé antes da noite. Este rio, que é o principal formador do Madeira, de muito vinha exci-

---

(1) Trata-se da palmeira mais geralmente chamada paxiúba (Irlartea exorrhiza, Mart.), que se apóia ao solo por meio de um feixe de raízes adventícias. (Nota do trad.)

tando a minha curiosidade. Tomei por isso a dianteira, seguindo na frente só com o meu índio Catama. O mato por onde íamos estava cheio de reptis, vendo-se a cada passo cobras atravessarem a estrada. Uma delas mordeu o meu cavalo; mas, por felicidade, os dentes só alcançaram o casco do animal, que assim não sofreu o menor prejuízo. Ao anoitecer viam-se nas árvores bandos de macacos, ao mesmo tempo que as nuvens dos periquitos, recolhendo das peregrinações do dia, quase nos ensurdeciam com o seu vozerio estridente. A mata era muito fechada, havendo lugares em que as touceiras de bambus trancavam completamente a passagem; mas a vista de meu índiozinho era bastante aguda para descobrir a trilha no meio da escuridão. Íamos andando muito devagar, até que, por fim, tive a alegria de avistar a clareira que denunciava o rio. Em poucos instantes, a ele efectivamente chegamos. À nossa frente estava uma ponte de madeira. Chegados ao meio dela apeamos, debruçando-nos sobre o parapeito, para contemplar o rio que corria pacìficamente aos nossos pés, levando as suas águas através de regiões desconhecidas até o Amazonas, esse rio gigantesco que era então o objecto de nossos sonhos constantes. Reinava em tudo a mais completa quietude; o calor era abafadiço e nem o mais leve sopro movia os ramos da sombria mata que nos cercava. De súbito, por cima das copas alterosas surgiu o disco da lua, para alterar com a claridade de seus raios o aspecto da paisagem. Do meio dos ervaçais, à beira do rio, começaram logo a ecoar as vozes mais variadas dos sapos e pererecas; do fundo da mata, os grandes felinos faziam ouvir os seus roncos, ao mesmo tempo que, dentro da água, os jacarés soltavam grandes urros, perseguindo os cardumes de peixes; os vagalumes iluminavam a cena, e a superfície do rio, que até então mal se destacava pela sua brancura, dourou-se repentinamente, reflectindo os raios oblíquos da lua. Enquanto isso, entoavam as aves noctur-

nas o seu concerto e enormes morcegos voejavam em torno de nossas cabeças. O mundo animado, que por um momento silenciara ao por do sol, punha-se de novo em movimento, celebrando a aparição do astro da noite. Alguma coisa impressionante havia nessa súbita transformação. E' diante de cenas como essa que o homem se compenetra de sua mesquinhez em face das maravilhas infinitas da natureza. Estávamos a sós nessa região selvagem e os sons que ouvíamos de tal modo nos pareciam estranhos, que os nossos próprios cavalos relincharam, dando mostras de desassossego; o menino, amedrontado, pôs-se a chorar, chegando-se estreitamente a mim. Passada uma hora, ouvimos os gritos dos tropeiros que se aproximavam; então, no quadro que tanta impressão nos tinha causado, não víamos mais do que uma dessas cenas comuns da vida nos sertões.

A formação geral é a canga e, por cima, camadas de areia branca. A ponte sobre o Guaporé tem 40 metros de comprimento e três de largura; é de madeira e muito bem construída. E' grande a correnteza do rio. Há na margem esquerda um barracão com quatro bonitos canhões de bronze; foram trazidos de Portugal nos fins do século passado e eram destinados ao forte de Coimbra. De Belém, foram transportados águas acima, através do Amazonas, do Madeira e do Guaporé, de onde deveriam seguir por terra até o Jauru. Na culatra destas peças lê-se a seguinte inscrição: *Arsenal real do Exército*. 1797. Uma delas traz o nome de Maria I, com as armas de Portugal.

Existem ainda na extremidade ocidental da ponte dois barracões; tomamos conta de um para passar a noite.

No dia 8 continuamos a nossa viagem por dentro da mata; o caminho era muito bom, bastante seco, e por conseguinte muito diferente do que deve ser durante a estação das águas, quando as viagens por aí se tornam impossíveis, ou pelo menos muito demoradas e penosas. Nestas oca-

siões a cada momento se depara com trechos inundados, que só é possível transpor a nado ou de pelota, espécie de barquinha feita de um couro de boi amarrado nas duas pontas. O viajante se senta no fundo, enquanto um homem a nado vai puxando a frágil embarcação. Adiante, a estrada se mete por uma garganta, atravessando uma serra formada de grés quartzoso muito duro. Esta serra parece correr de sudeste para noroeste (¹). Passado o desfiladeiro, deixa-se a floresta, mas um dos galhos da serra continua a acompanhar de longe a estrada, que corre para o norte. Na planície só o que se vê são cangas, tendo por cima camadas de areia branca. Nossa marcha foi de oito léguas e o nosso acampamento armou-se à beira de uma lagoa, chamada *do Buriti*.

No dia 9 fizemos quatro léguas e meia, e a 10 três léguas e um quarto, para chegar finalmente em Mato Grosso. O terreno era sempre constituído de cangas cobertas de areias. Durante a caminhada encontramos diversas lagoas; os campos, em que entramos no dia 8, depois de sair da garganta a que nos referimos, continuaram até uma meia légua além do nosso acampamento do dia 9, depois do que, com mais uma caminhada de três quartos de légua, chegamos a uma casa, chamada Sítio do Craveiro. Conheci aí um preto muito velho, mas que nos deu provas de possuir conhecimentos que eu nunca imaginei encontrar num morador daquele recanto. Esse homem era filho de Angola e havia acompanhado, quando moço, um missionário português numa grande viagem através da África meridional. Contou-me ele que todos tinham passado por muitas privações; mas ao mesmo tempo me disse que os negros costumavam fazer com muita frequência essa viagem. Do que ele me disse eu depreendi que depois de

---

(1) "Cette chaine paraît courir sud-est et nord-est", diz o Autor, provàvelmente por descuido na redacção.

terem atravessado vasta região desértica, embarcaram num grande rio que os levou à costa oriental. Esse homem foi depois com o seu patrão para Portugal, onde foi conferida ao último a ordem de Cristo.

Essa viagem deveria ter ocorrido entre 1785 e 1790.

Tempos depois encontrei no Brasil uma pessoa que durante muito tempo se havia ocupado no comércio de escravos da Costa d'África; informou-me ele ter muitas vezes comprado no Congo, para levá-los a Havana, negros de Moçambique, que eram levados por terra para Angola.

Como eu tinha remetido por intermédio do Sr. Deville cartas para as autoridades de Mato Grosso, fomos recebidos pelo filho do comandante da praça e logo conduzidos à casa que nos tinham preparado.

CAPÍTULO XXVIII

DA VILA DE MATO GROSSO A FRONTEIRA DA BOLÍVIA.

Mato Grosso, também chamada Vila Bela, foi fundada em 1754 pelo conde de Azambuja, primeiro governador da província. Sua situação é tão próxima das margens do Guaporé que algumas de suas casas chegam à beira mesmo do rio.

As ruas de Vila Bela são muito mais bem alinhadas do que as de Cuiabá; mas *nenhuma* delas é calçada nem iluminada. Entre os edifícios mais notáveis conta-se o palácio dos antigos governadores, hoje ocupado pelo tenente-coronel, comandante superior da fronteira; é uma grande casa térrea, bem construída, e onde ainda se vêem os restos do antigo esplendor. No largo do palácio ficam ainda as casernas, e a câmara municipal, pegada à cadeia. Outros edifícios importantes são: a catedral da Santíssima Trindade, traçada sob largo plano, porém inacabada; a pequena igreja do Carmo, que é a menor da cidade e fica num quarteirão quase abandonado; a antiga Casa de Fundição, onde se faziam lingotes com o ouro extraído das minas; finalmente, a casa da pólvora, situada na margem do Guaporé, não longe da bonita capela de Santo Antônio, de cujo terraço tem-se uma vista magnífica dos arredores. Do outro lado do rio, em frente do povoado, ergue-se o morro de Grão Pará.

As casas de Mato Grosso não têm mais que um andar térreo; uma única possui um segundo piso, mas que não passa de um sótão. Conta-se que nos tempos do domínio português, certo morador rico, de nome Manuel Alves, quis mandar construir um sobrado no largo do palácio, mas que fora impedido de fazê-lo por uma ordem do presidente, a quem não parecia admissível que um particular tivesse uma habitação mais alta do que o palácio governamental. Tal construção ainda existe, no seu estado incompleto.

Tendo gozado durante algum tempo de grande prosperidade por causa da extracção do ouro, esta cidade não tardou a entrar em decadência, por causa da insalubridade do clima. Já a havia abandonado uma parte da população quando, em 1820, o presidente Francisco de Paula Magessi Tavares lhe deu o tiro de misericórdia transferindo para Cuiabá a sede do governo, com todas as dependências. Em Mato Grosso ficou desde então apenas o comandante superior da fronteira.

Hoje, embora tenha diminuído muito a frequência e a intensidade das doenças epidêmicas que despovoaram a cidade, é muito pouco provável, segundo dizem as pessoas mais velhas da zona, que ela venha gozar de melhor situação em próximo futuro. Pois o ouro já se tornou mais raro nos arredores e não há braços para entreter a exploração. No período de maior prosperidade trabalhavam na vila cerca de mil e duzentos escravos; hoje sua população não excede a oitocentos ou mil habitantes livres e quase não há mais escravos. O comandante superior da fronteira hoje não tem sob suas ordens mais do que trezentos e dez homens, um capitão e um tenente. Havia outrora em Vila Bela mais de oitocentos soldados. Os dois destacamentos que dependem imediatamente de Mato Grosso são: o do Forte do Príncipe da Beira, situado no Guaporé e composto de trinta soldados, comandados por um tenente, e

o de Casalvasco, constituído de cinquenta homens, sob as ordens de um capitão.

Sempre tinha ouvido falar nos arquivos desta antiga capital como repositório de documentos geográficos de grande interesse. Por isso, eu esperava encontrar ali os roteiros dos ousados aventureiros de São Paulo, aqueles que *penetraram na região antes* de quaisquer outros, e arrostando com perigos incríveis. Eu sabia, por exemplo, que Ricardo Franco, Lacerda e Almeida e os outros sábios portugueses que formaram a comissão de limites tinham depositado ali uma cópia de seus belos trabalhos.

Não foi sem dificuldade que obtive a autorização para fazer um estudo aprofundado dos documentos contídos naqueles arquivos; quando finalmente me dirigi ao lugar em que estavam guardados, muito me custou descobrir a pessoa por eles responsável. Disseram-me depois que as chaves tinham sido perdidas e que desde muitos anos ninguém ali havia penetrado. Afinal, quando conseguimos entrar, estava-me reservada a decepção de verificar que os ratos e os cupins haviam destruído todos os papéis, e que as pastas se desfaziam em pó mal eram tocadas. Achei vários fragmentos de trabalhos geográficos, mas eles na sua maioria estavam imprestáveis. Soube mais tarde que por ocasião da transferência da sede do governo para Cuiabá, para lá tinham sido levados todos os documentos administrativos, ficando todavia em Mato Grosso tudo quanto se referia especialmente a essa parte da província.

Conhecendo há longo tempo a insalubridade da zona, e sabedor de que quase todos os brancos que nela quiseram permanecer muito tempo tinham sido atacados pelas doenças reinantes, resolvi não permanecer naquela cidade pestífera mais do que o tempo absolutamente necessário. Tratamos assim de montar quanto antes o nosso observatório magnético e de determinar a posição geográfica de Vila Bela. Neste trabalho fomos, aliás, favorecidos pelo tempo.

Tive numa visita à catedral uma nova prova do risco que correm os europeus nessa região. Lá estavam, com efeito, nas lájeas em que nos ajoelhamos, os nomes dos altos funcionários que, mandados pela corte de Lisboa, ali foram encontrar morte prematura, muitas vezes poucos dias após a chegada. Entre eles estava o do ilustre Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, um dos engenheiros portugueses incumbidos da delimitação das fronteiras. Este sábio, depois de ter passado grande parte da vida nos sertões mais inóspitos, voltou a Mato Grosso para fazer os preparativos da volta para a Europa, onde pensava ir gozar das recompensas a que tinha feito jus, quando foi atacado pela febre e em poucas horas morreu. Esta doença, diz o Sr. Weddell, que é conhecida na zona pelo nome de corrupção, é uma febre ataxo-adinâmica. Manifesta-se principalmente no começo e no fim da estação chuvosa, atacando de preferência a classe miserável da população; passa por um período de incubação longo de oito a quinze dias, após o qual sùbitamente se manifesta, pelos seguintes caracteres: forte dor na região occipital, febre contínua, pulso duro e cheio, sintomas a que finalmente se segue uma profunda letargia que pode ir até à perda dos sentidos e de qualquer capacidade de movimento. Durante esta fase final o esfíncter anal se relaxa de tal maneira, que é possível introduzir a mão dentro do intestino. Nos casos fatais estes sintomas persistem, sobrevindo a morte do paciente geralmente no terceiro dia de moléstia.

O tratamento usado é exclusivamente local, consistindo em introduzir no recto excitantes enérgicos. Se durante a aplicação destes últimos, o doente não dá mostras de sensibilidade, tem-se a morte como certa; mas, se, pelo contrário, durante uma das três primeiras aplicações, o paciente mostra algum sinal de dor, pode-se garantir a sua cura. Começa-se por administrar um clister de cozimento de erva de bicho (*Polygonum hydropiper*), a que se adi-

cionou um pouco de pimenta esmagada, suco de limão e açúcar; introduzem-se depois pela mesma via vários quartos de limão mergulhados numa mistura de pólvora e cachaça. Os negros e mulatos resistem muito melhor do que os brancos a esta moléstia epidêmica. Também não havia então em Mato Grosso mais do que umas três ou quatro pessoas que não eram de cor, e todas elas funcionários públicos. Atribuem a existência deste flagelo aos pantanais que rodeiam a cidade.

Diante da exposição que acabamos de fazer sobre o estado sanitário da região, não causará admiração que eu me tivesse contrariado com o convite oficial para tomar parte na procissão do dia de Santo Antônio. Nos países tropicais é uso celebrar estas festas depois do sol posto; em Mato Grosso, porém, por singular excepção, escolhia-se para tais cerimônias as horas justamente em que o sol é mais quente. Assim, fomos logo cedinho despertados pelo tremendo barulho de sinos, tambores, cornetas, bombas, etc., acompanhamento infalível de todas as festas brasileiras. Pouco depois vieram buscar-nos para almoçar em palácio e daí seguir para a capela de Santo Antônio, que é pequena, mas, pelo menos, despida da infinidade de ornamentos de péssimo gosto, que atravancam geralmente as igrejas da terra. Quatro eram os padres, dois brancos, um preto e um mulato. A capela estava cheia de mulheres, pretas na sua grande maioria; de tudo porém o que me pareceu mais extraordinário era a música, mais parecida com a que fazem os gatos nas suas expansões amorosas. A procissão saiu da igreja ao meio-dia. Por uma fatal distinção, tínhamos sido, eu e o Sr. d'Osery, escolhidos para carregar o pálio, segurando cada qual um enorme pé de prata maciça. Tão grande era o peso destes últimos que só com as duas mãos conseguíamos suportá-los.

De tudo, porém, o que nos causava maior medo era termos de andar de cabeça descoberta, sob o sol quente, pelas ruas da cidade mais insalubre do mundo. O povo da terra chegava a dizer, falando sério, que bastava só um raio daquele sol para matar um branco nos dias comuns, mas que graças à intervenção de Santo António poderíamos estar certos de que nada nos aconteceria. Sentimos muito magro consolo com esta prédica, tanto mais quanto já começávamos a sentir dor de cabeça. Tínhamos era pressa de dar conta de nossa tarefa, reprimindo a muito custo os movimentos de impaciência que nos provocavam as frequentes paradas da procissão, aliás para nós muito necessárias, à vista do cansaço. Nestas paradas, uma menina, vestida de alvo, subia numa cadeirinha trazida por um negro, e recitava versos em honra ao santo, por entre o barulho dos tambores e das trombetas. Ia à nossa frente o Sr. Deville, levando nas mãos, com toda gravidade, um enorme facho, enquanto a multidão de pretos entoava em volta os cânticos próprios do dia. Só depois de duas horas de marcha pudemos ir para a casa, quase contrariados por não estarmos doentes. Às quatro horas da tarde fomos à procura do comandante-chefe, onde tinha sido preparado um jantar de gala. Uns após outros vinham chegando os convidados ao salão do palácio; quase todos estavam de uniforme e variavam na cor entre o negro retinto ao chocolate claro. Nossa atenção foi atraída particularmente por um negro, já velho e de movimentos inteiramente parecidos com os de um macaco; seus olhos sanguíneos faziam tenebroso contraste com a cor da pele; alguns raros dentes, de enorme tamanho, acentuavam-lhe ainda mais a proeminência dos lábios; nas maçãs do rosto viam-se-lhe os restos da tatuagem que trouxera da terra natal e nas mãos enormes notava-se aquela contracção par-

ticular que se encontra muitas vezes nas dos *babuínos* [1]. Esta curiosa personagem trazia o uniforme de capitão; era de resto um homem bastante devotado, e que em várias circunstâncias tinha dado provas notáveis de bravura. Isso lhe valera o comando da cidade fronteiriça de Casalvasco. Era bem difícil ficar sério diante das genuflexões e das demonstrações de extraordinário respeito que ele tinha para com um subtenente branco, seu subordinado. Tínhamos sabido que, por uma consideração muito especial do nosso hospedeiro, deveríamos jantar ao lado das principais damas da localidade. Esta excepção aos costumes dos brasileiros era em parte também devida ao facto de ser a esposa do comandante, homem superior sob todos os pontos de vista, natural de Buenos Aires. Estávamos bastante impacientes pelo momento de sermos apresentados às senhoras, quando o dono da casa, tomando-me pelo braço, disse-me que o jantar estava na mesa. Levou-nos então para uma grande sala de refeições, onde, em cima de uma comprida mesa, estavam todos os produtos da zona. Num dos lados da mesa estavam agrupadas umas doze mulheres muito bem vestidas, quase todas mulatas e com a aparência de grande acanhamento em face dos estrangeiros. Os convidados tomaram os seus lugares, depois de ter mudado de roupa; mas não havia proporção entre o número deles e o das cadeiras e pratos, de modo que muitos tiveram de ficar de pé, enquanto outros se sentavam dois no mesmo assento. A parte feminina da assembléia era neste particular a mais desprotegida; às vezes três mulheres sentavam-se numa mesma cadeira, ao passo que outras se utilizavam dos joelhos de suas companheiras. Três e até mesmo quatro comiam no mesmo prato, ao mesmo tempo que os mesmos copos tinham de fazer a volta e servir a várias

---

(1) Nome aplicado aos macacos africanos do gênero Cynocephalus e afins.

pessoas. No que se refere aos garfos, os que não logravam possuí-los sabiam arranjar-se muito bem com os próprios dedos. Espectáculo curioso foi o da sobremesa. Em cima da mesa foram postas enormes melancias, cortadas simplesmente em duas metades; cada conviva tomava conta de um desses enormes pedaços, que lhes tapava a cara como uma máscara e de cujo fundo saíam estranhos ruídos produzidos pela sucção. Finda a refeição, todos pareciam ressentir-se ainda dessa manobra, visto como o ar ingerido escapava então violentamente do estômago dos que nela haviam tomado parte. As damas tinham-se conservado em silêncio durante toda a refeição e, esta acabada, desapareceram para não mais voltar. Foi a única vez, desde que tínhamos saído do Rio de Janeiro, que vimos as mulheres tomarem lugar à mesa.

Na viagem que fizemos de Vila Maria a Mato Grosso tínhamos sido acompanhados de um oficial que ia assumir o comando do Forte da Beira. Levava em sua companhia a esposa, uma jovem com quem se casara havia pouco e que, segundo se dizia, ele só conhecera no dia mesmo do casamento. Todos os dias ele armava o seu acampamento um pouco longe do nosso e assim que saíamos o marido vinha para a nossa companhia, deixando sempre a mulher de lado, cercada dos escravos. Durante toda a viagem não tivemos o ensejo de lhe dirigir uma única palavra, não obstante ser ele um mancebo bastante instruído e capaz de falar correntemente várias línguas da Europa. Era o primeiro a rir-se dos costumes da terra, mas não parecia disposto a sair deles. Por ele soubemos que nestas regiões do país tomava-se como insulto qualquer pergunta referente às mulheres, ainda que fosse sobre sua saúde.

Mato Grosso está situada numa planície cuja superfície é formada quase exclusivamente de canga, rocha utilizada nas construções.

Além de Lavrinhos, há nas proximidades de Mato Grosso duas outras localidades de onde se extrai ouro; são elas São Vicente e Pilar, aldeolas de que vamos dizer algumas palavras.

São Vicente tem uma população de cerca de quatrocentas pessoas, das quais apenas vinte são escravas. Não há um só branco neste meio. Há no povoado umas cento e cinquenta a cento e sessenta casinhas de palha, e uma capela. As minas de ouro que atraíram esta gente para o lugar foram descobertas pouco depois da fundação de Mato Grosso. O arraial foi fundado no lugar chamado Chapada, que está abandonado desde uns vinte anos por falta de braços para a exploração. O ouro extraído desta chapada é contido em filões de quartzo existentes no meio de um grés muito duro e quartzoso, semelhante ao que observáramos no dia 8, na floresta do rio Guaporé. No actual arraial de São Vicente há duas minas em exploração. O terreno das lavras parece formado, a julgar pelas informações que obtivemos, de uma crosta superficial de canga, espessa mais ou menos de 12 metros; de uma camada sotoposta de cascalho formado de seixos de quartzo e de grés itacolumítico, camada que tem uns 3 metros de possança e onde já existe um pouco de ouro, muito disseminado; finalmente, em baixo do cascalho, a piçarra, argila de três cores (violeta, amarelo e branco), contendo ouro em maior quantidade, sob a forma de palhetas. Destas argilas a mais rica é a violeta; em segundo lugar vem a amarela e em terceiro a branca. Deve ainda notar-se que foi no cascalho que se encontraram as maiores pepitas. A água surge a um metro de profundidade, na argila. Na exploração começa-se por remover a canga, depois o cascalho e finalmente a argila, que se lava com todo cuidado. Nas colinas próximas a São Vicente existem ricos veios de cascalho aurífero, mas eles se metem pela montanha, acompanhando o curso de um antigo córrego. A dificuldade que há

em escavar o solo ali fez com que se abandonasse a exploração. São Vicente fica quinze léguas a nor-noroeste da cidade de Mato Grosso.

A duas léguas desta última, a estrada corta o rio Sararé, que deságua no Guaporé duas léguas abaixo da cidade; cinco léguas mais adiante passa-se o ribeirão da Graça, afluente do mesmo rio; por fim, três léguas e meia para lá do ribeirão da Graça, o caminho atravessa o córrego da Lapa, que também corre para o Guaporé, a que chega depois de haver confundido as suas águas com as de uma pequena baía.

A três léguas de São Vicente, na direcção de Pilar, abriu-se no cascalho uma lavra de ouro; hoje está porém abandonada.

Pilar fica onze léguas a leste de Mato Grosso e igual distância a sudeste de São Vicente. Este povoado possui uma capelinha e é formado de umas cem casinhas miseráveis, habitadas por cerca de duzentas pessoas, das quais sòmente seis são escravos. Também neste lugar não vive uma só pessoa de cor branca. O terreno é o mesmo de São Vicente e o processo utilizado na exploração das lavras também não difere; apenas merece reparo o facto de ser o solo nos arredores de Pilar ligeiramente montuoso, o que torna a espessura da camada superficial de canga bastante variável. Hoje há muito pouca actividade nas minas de Pilar, a custo sendo extraídas delas umas duzentas oitavas de ouro, ao passo que em São Vicente são tiradas nada menos de quinhentas durante o mesmo período. Esse ouro é vendido em Mato Grosso à razão de três mil réis a oitava.

Essas duas povoações são continuamente fustigadas pelos índios Parecis e Cabixis, cujos aldeamentos demoram nos planaltos que tiraram os seus nomes daquelas duas tribos. Nos campos que vestem aqueles planaltos é que estão as cabeceiras dos rios Juruena e Sumidouro. Os ín-

dios Parecis fazem em cinco ou seis dias a viagem de São Vicente à Vila Diamantino, por terra. Afirmam eles que durante esta viagem só têm necessidade de atravessar dois rios importantes. Serão provàvelmente os mesmos de que *há pouco nos ocupamos*. *O caminho seguido pelos índios* passa acima das cabeceiras dos rios Jauru, Cabaçal e Sepotuba. O comércio de Mato Grosso é muito pequeno; várias caravanas fazem todavia permanentemente viagens de ida e volta a Cuiabá, e é por meio delas que vêm quase todos os artigos europeus. Outrora fizeram-se muitas expedições *pelo rio Madeira*; *mas*, *depois* que foi aberta a navegação pelo Arinos, que não é mais perigosa do que a por aquele, e encurta muito a distância, a antiga rota foi quase completamente abandonada. Passam-se hoje anos inteiros sem que uma só embarcação apareça no rio Madeira, por onde em média não transitam mais de duas canoas por ano, se tanto. São também quase nulas as relações comerciais com a Bolívia; entretanto, importa-se das províncias *de Moxos* e *de Chiquitos* uma pequena quantidade de sal, farinha de trigo, açúcar, além de algumas boiadas pequenas. *A região chegou a tal estado de abandono que*, a despeito da extraordinária fertilidade de seu solo, ela não faz mais do que exportar uma pequena quantidade de pó de ouro e alguns couros de onça. O que nela se produz chega apenas para o consumo dos habitantes.

Quando estávamos em Pilar recebemos a visita de um homem que havia adquirido no Brasil uma certa celebridade; refiro-me ao revolucionário de nome Sabino, chefe de uma conspiração cujo resultado foi a revolta da Bahia e o estabelecimento nesta cidade, durante algum tempo, *de um governo republicano, com ele à frente*. Era um mulato bem constituído, baixote e cabeçudo, com uma funda cicatriz na testa. Sabino tinha-se deixado arrebatar por uma imaginação ardente; tudo nele denunciava pendores sanguinários, e a exaltação a que chegou com os sofrimen-

tos experimentados depois que se sentiu isolado avizinhava-se da loucura. Esse homem, cuja morte se deu faz pouco tempo, não deixava de ter o seu merecimento; possuía notável instrução e passava por ser muito bom médico; tinha até sido professor na Faculdade de Medicina da Bahia.

Meu plano era descer o Guaporé até o Forte da Beira e dirigir-me daí para Cuzco, atravessando a província de Moxos, via San Juan del Oro e Paucartambo. Mas o comandante da fronteira me informou que a única via de comunicação com a Bolívia *deixada aberta pelo governo* era por Casalvasco. Vi-me por conseguinte na contingência de tomar o caminho de Chiquitos, embora fosse ele muito menos interessante do ponto de vista geográfico.

Até 17 de Junho estivemos ocupados nos preparativos para a viagem. No momento de fazer os pagamentos surgiu séria dificuldade: havia-se esgotado a nossa provisão de papel-moeda brasileiro e, para meu grande espanto, ninguém queria receber em piastras espanholas, ainda que fosse em ouro. Foi preciso grande luta para conseguir que recebessem espécies metálicas, e assim mesmo com uma majoração de quarenta por cento. Em consequência disso, quando, alguns meses depois, o Sr. Weddell passou pela cidade, foi-lhe fácil obter, por muito menos do que o seu valor real, as piastras que eu me vira forçado a sacrificar. Nada poderá exprimir melhor o atraso em que estão as ideias comerciais do país. Só as moedas de cobre são objecto de grande procura.

Há duas vias para ir de Mato Grosso a Casalvasco: uma era a estrada por onde tinha de seguir a nossa tropa, e a outra era o caminho fluvial, escolhido pelo pessoal da expedição. Indo-se pela estrada, depois de atravessar o Guaporé em canoa no porto mesmo de Mato Grosso acompanha-se *a margem esquerda, ou ocidental, do rio,* numa extensão de duas léguas e meia; chega-se então à barra do

rio Alegre, que se atravessa de canoa; segue-se depois pela margem direita do último rio, até o Sítio do Bastos, distante mais ou menos uma légua; daí, uma caminhada de três léguas e meia na direcção sudeste leva de novo às margens do rio Alegre, que se atravessa ainda uma vez. Deste ponto até Casalvasco há umas duas léguas, visto como a distância total entre Mato Grosso e a última localidade é de oito léguas e meia a nove.

Embarcamos numa grande canoa tripulada por soldados, que nos tinham sido cedidos pelo comandante da fronteira, o tenente-coronel Anselmo Barros, assim como uma canoinha de caça.

Depois de subir mais ou menos uma légua e um quarto pelo Guaporé, entramos no rio Alegre, que tem pouca largura e é de aspecto muito pitoresco, com a sua infinidade de plantas aquáticas e o número sem conta de troncos derrubados que lhe obstruem a passagem. Em certos pontos os cipós atravessam por cima do rio de um para o outro lado, de modo que era preciso nos curvarmos todos dentro do barco, para passar. Isso era particularmente notável junto à foz do rio, que seria impossível descobrir sem o auxílio de guias experimentados. Havia já bastante tempo que andávamos à procura de um pássaro daquelas regiões, o curioso Cefalóptero. Ele se parece muito com o corvo; mas tem as penas do alto da cabeça dispostas à maneira de um verdadeiro guarda-chuva natural. Várias vezes nos tinham falado dele em Vila Maria, onde é conhecido pelo nome de "pavão preto". E' encontrado no rio Cabaçal e em alguns outros afluentes do alto Paraguai. Em Vila Bela de Mato Grosso todos o conheciam, dizendo que era quase certo o encontrarmos no rio Alegre. Com efeito, certa tarde, ouvimos um grito forte, comparável ao mugido de um boi, e não tardou que víssemos passar pelo rio o pássaro que tanto procurávamos; mas ele entrou logo dentro do mato, pondo-se a salvo dos nossos caçadores.

Mais tarde fomos encontrar esta espécie no Alto Amazonas, ficando também sabedores de que ali os índios lhe dão o nome que significa em *quichua* pássaro-touro [1]. Durante minha permanência em La Paz, disseram-me que ele não era raro em Yungas, ou sejam nos vales quentes que se estendem a leste do Ilimani. Vimos também fragmentos da ave nos enfeites usados pelos selvagens do Ucaiale. Posso pois dizer, com toda segurança, que ele habita toda a região tropical situada entre o sexagésimo grau de longitude e a cordilheira dos Andes; em latitude ele parece habitar entre o segundo e o décimo sexto graus sul.

Depois de subir o rio Alegre numa extensão de três léguas, paramos para passar a noite no Sítio do Bastos. No dia 18, fizemos uma jornada de cinco léguas, para atingirmos a boca do rio dos Barbados. Neste trecho o rio Alegre varia muito de largura ora alcançando 150 metros, ora descendo a menos de 10. As mesmas variações na largura e o mesmo aspecto apresenta o rio Barbados, em que agora navegávamos. Ao cabo de uma jornada de cinco léguas e meia rio acima chegamos a Casalvasco, onde fomos muito bem recebidos pelo nosso amigo, o comandante preto, que tinha viajado a noite toda para chegar ao posto antes de nós. Pouco depois avistamos a nossa tropa, verificando que ela estava desfalcada de três cargueiros, os quais se haviam afogado nos vários rios atravessados pela estrada. O pouco caso de nosso arrieiro era de tal maneira evidente que tomei a resolução de despedi-lo,

---

(1) O pássaro a que se refere Castelnau, Toropichi dos índios, é hoje bastante raro em qualquer parte; não obstante, tive testemunho recente de sua ocorrência ainda no próprio rio Cabaçal (V. Pinto, "Catálogo das Aves do Brasil", 2.ª parte, pág. 57, nota 1). O primeiro a descrevê-lo foi Et. Geoffroy Saint-Hilaire, em 1809, sob o nome de *Cephalopterus ornatus*. (Nota do trad.)

confiando as suas funções a um tropeiro preto, de nome Alexandre, nosso companheiro fazia mais de *um ano*. O pessoal do lugar achou que eu agira com muita severidade, dizendo-me ser frequente o naufrágio de animais no rio Guaporé, mesmo tomando-se o *cuidado de manter-lhe a* cabeça fora d'água; todos achavam que *para matá-los* bastava o pouco de água que lhes *entrava pelas vias* posteriores. Tinham até *inventado um* nome para exprimir essa causa de asfixia. De resto, o Guaporé fora fatal a um viajante francês, cuja prematura morte é das mais lamentáveis; refiro-me ao Sr. Taunay ([1]), irmão de nosso excelente cônsul no Rio de Janeiro, e companheiro então do Sr. Barão de Langsdorff na viagem que este fez no interior do Brasil.

Casalvasco é apenas um posto militar; foi fundado por Luís de Albuquerque, governador da província, e ainda hoje todas as suas construções pertencem ao Estado. A guarnição, que outrora se compunha de quinhentos homens, está hoje reduzida a cinquenta. Destina-se à defesa da *fronteira* e a proteger o gado pertencente à nação. A fazenda nacional de Casalvasco, cujo administrador é o próprio comandante militar do posto, tem duas dependências: uma é o retiro de São Luís e a outra é o chamado Mangueiral, situados duas léguas a leste de Casalvasco. Em ambos não existe hoje mais do que duas mil cabeças de gado; mas, até 1831, havia ainda oito a nove mil. Esses rebanhos destinavam-se a atender às necessidades da guarnição de Mato Grosso.

---

(1) Amado Adriano Taunay fazia parte da Expedição do Barão de Langsdorff como desenhista naturalista. Morreu afogado na tarde do dia 5 de Março de 1828, quando de volta de Casalvasco, e sob violenta tempestade, pretendia atravessar as águas torrentosas do Guaporé, para alcançar a cidade de Mato Grosso. Seu companheiro L. Riedel deixou-nos em carta patética narrativa da trágica ocorrência. (Nota do trad.)

Mangueiral e São Luís possuem cada um cinco soldados, comandados por um cabo. Há ainda dois postos da mesma categoria, um em Salinas, que é a última localidade brasileira existente na estrada da Bolívia, e outra em Ramada, cerca de duas léguas a oeste de Salinas. Todos estes destacamentos estão sob as ordens do comandante de Casalvasco.

O estabelecimento de Casalvasco é constituído por um vasto quadrado, um de cujos lados é fechado pelo rio Barbados e os outros por edifícios bem construídos, cobertos de telhas, mas já em começo de ruína, por falta de conservação.

No lado sul do quadrado ficam o alojamento do comandante, bonita casinha de dois andares com uma varanda em volta, uma igreja grande demais para o tamanho do povoado, e a caserna. No lado oposto está situada a chamada Missão, onde se concentram os índios Chiquitos convertidos ao cristianismo. A parte de leste é ocupada pelos soldados e por várias famílias de índios da mesma nação. Por trás desta última construção vê-se um grupo de cerca de vinte cabanas, habitadas por mulatos e índios. Cifra-se nisso a população de Casalvasco, que orça por duzentos habitantes pretos ou mulatos e número aproximadamente igual de índios. Não existe em Casalvasco outra autoridade além da militar. O rio dos Barbados tem no lugar cerca de 150 metros de largura; suas nascentes ficam no Morro Alegre, a umas oito léguas, segundo dizem, das do rio Alegre.

O Sr. Weddell, alguns meses depois de nossa passagem, teve a ocasião de ver nos arredores do posto a magnífica *Victoria regia*, que é a mais esplêndida das plantas aquáticas. Na estação das águas ela cobre com as suas folhas enormes as baías formadas pelo rio, fazendo ver de longe suas grandes flores cor-de-rosa. Essa planta é en-

contrada na maioria dos rios da região; ela difere talvez especìficamente da que Schomburgk descobriu na Guiana Inglesa.

A 20 partimos de Casalvasco, acompanhados de uma escolta incumbida de nos levar ao primeiro posto espanhol. O terreno por nós percorrido era perfeitamente plano; também, na estação das águas ele fica inteiramente inundado. Por ocasião de nossa passagem, viam-se ainda à direita e à esquerda da estrada pequenas lagoas, restos das últimas chuvas.

A formação geológica acha-se invariàvelmente oculta aos olhos do observador; na superfície só se vêem terras argilosas. Com uma légua e meia de marcha chegamos ao rio Barbados, que atravessamos numa barquinha. Sua largura é neste ponto de cerca de 80 metros. Durante a seca sobe-se o rio até um pouco mais além, e atravessa-se a vau.

A vegetação destes campos varia pouco; predominavam nela as Tuívas, árvores que se carregam de flores cor-de-rosa claro. Em quantidade quase igual vêem-se também Caraíbas, cujas flores são amarelas, e uma outra bignoniácea de flores alvas, notáveis pelo perfume delicioso que exalam. Finalmente, os Uauaçus balouçam o elegante penacho acima das ilhas de mato que se vêem espalhadas pelo campo.

Esta região, parcialmente inundada, alimenta grande quantidade de animais; eram muito abundantes as aves palmípedes, bem como várias conchas fluviais e alguns crustáceos. O lobo vermelho (*Canis jubatus*) parece ser muito abundante na zona; avistei-me certa vez com um, mas foi inútil o tiro que lhe dei com a minha pistola, única arma de que no momento dispunha. Esse carnívoro tem o tamanho de um lobo pequeno; é de cor ruiva e tem uma crina escura. E' muito temido pelos naturais e parece ha-

bitar quase todo o Brasil, sem ser comum em parte alguma. Falaram-me também de uma outra espécie de cachorro selvagem, cujo tamanho seria igual ao de um cão de pastor pequeno. Parece provável tratar-se de uma raposa.

À noite chegamos ao retiro de São Luís, que é construído sobre uma elevação formada de canga, estando assim a salvo das inundações. Essa colina é coberta de mato. O percurso feito durante o dia foi de cinco léguas e meia.

A 21 fizemos três léguas e um quarto, para chegar a Salinas, último ponto pertencente ao Brasil. O terreno era o mesmo do dia anterior. Atravessamos o córrego de São Luís, que despeja numa baía situada a oeste da estrada. O rio Barbados só comunica com a baía na época das águas.

Houve antigamente um posto fortificado por uma paliçada; hoje porém esta fortificação está destruída, nada mais existindo do que uma pequena guarnição de cinco homens, que aí estão, segundo nos contaram, para impedir que o gado do governo seja roubado pelos índios.

O nome Salinas parece indicar que houve outrora no lugar eflorescências salinas aproveitadas pelos habitantes, como é de costume em outros pontos do Brasil; mas se isso aqui também se deu, não há mais do facto nenhuma recordação.

O dia 22 de Junho tornou-se memorável para nós. Depois de havermos percorrido o interior do Brasil durante mais de dezessete meses, devíamos, usando a expressão dos naturais, *penetrar na Espanha*. A fronteira fica a duas léguas de Salinas e é indicada por dois pontos, situados de um e de outro lado da estrada. No tempo do domínio espanhol havia nas proximidades um posto, de cuja paliçada ainda se vêem restos. O solo da região é constituído de areia branca. Na superfície vêem-se, esparsos, capões

de mato. Ao sul da estrada avista-se, correndo para leste até o Jauru, uma cadeia de morros. Paramos alguns instantes nesse interessante lugar, seguindo depois, através de uma mata fechada, para o sítio de Purubio, situado a três léguas e meia da fronteira. E' o primeiro estabelecimento boliviano existente naquela direcção. Pertence ao Estado e é constituido por uma casa coberta de palha, mas de boa construção. Aí vive apenas uma familia de índios Chiquitos, encarregados de administrar, por conta da nação.